

98A



# Através da Bahia

1536

98A  
B223  
v. 111

# BRASILIANA

5.ª SERIE DA

## BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECCÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

### VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Baptista Pereira: Figuras do Imperio e outros ensaios — 2.ª edição.
- 2 — Pandiá Calogeras: O Marquez de Barbacena — 2.ª edição.
- 3 — Alcides Gentil: As Idéas de Alberto Torres (synthese com indice remissivo).
- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação — 3.ª edição (augmentada).
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822) — Trad. e pref. de Affonso de E. Taunay.
- 6 — Baptista Pereira: Vultos e episodios do Brasil.
- 7 — Baptista Pereira: Directrizes de Ruy Barbosa — (Segundo textos escolhidos).
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil — 4.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 2.ª edição (illustrada).
- 11 — Luiz da Camera Cascudo: O Conde d'Eu — Vol. illustrado.
- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão da Coteção — Vol. illustrado.
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: A margem da História do Brasil.
- 14 — Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira — 2.ª edição.
- 15 — Pandiá Calogeras: Da Regencia á queda de Rozas — 3.º volume (da serie "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
- 17 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 18 — Visconde de Taunay: Pedro II.
- 19 — Affonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria: Maná (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — Baptista Pereira: Pelo Brasil Maior.
- 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaes da Anthropologia Brasileira.
- 23 — Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — Pandiá Calogeras: Problemas de Administração.
- 25 — Mario Marroquim: A lingua do Nordeste.
- 26 — Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.
- 28 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaya — 4.ª edição.
- 29 — Josué de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central — Ed. illustrada.
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. de Mello-Leitão: Visitantes do Primeiro Imperio — Ed. illustrada (com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 34 — Angyone Costa: Introdução á Archeologia Brasileira — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. Sampaio: Phytogeographia do Brasil — Ed. illustrada.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil — (Ed. illustrada).
- 38 — Ruy Barbosa: Mocidade e Exilio (Cartas Ineditas. Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe) — Ed. illustrada.
- 39 — E. Roquette-Pinto: Rondonia — 3.ª edição (augmentada e illustrada).
- 40 — Pedro Calmon: Historia Social do Brasil — 1.º Tomo — Espirito da Sociedade Colonial — 2.ª edição illustrada (com 13 gravuras).
- 41 — José-Maria Bello: A intelligencia do Brasil.
- 42 — Pandiá Calogeras: Formação Historica de Brasil — 3.ª edição (com 3 mappas fora do texto).
- 43 — A. Saboya Lima: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — Estevão Pinto: Os Indigenas do Nordeste (com 15 gravuras e mappas) — 1.º volume.
- 45 — Basilio de Magalhães: Expansão Geographica do Brasil Colonial.

- 46 — Renato Mendonça: A Influência africana no português do Brasil — Ed. ilustrada.
- 47 — Manoel Bomfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Vianna: Bandeiras e sertanistas bahianos.
- 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil — Ed. ilustrada (com 50 gravuras e mappas).
- 50 — Mario Travassos: Projecção Continental do Brasil — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.<sup>a</sup> edição ampliada.
- 51 — Octavio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.<sup>a</sup> edição completa, com parte original Tupy-guarany.
- 53 — A. J. de Sampaio: Biogeographia dynamica.
- 54 — Antonio Gontijo de Carvalho — Calogeras.
- 55 — Hildebrando Accioly: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — Charles Expilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Traducção, prefacio e notas de Gastão Penalva.
- 57 — Flausino Rodrigues Valle: Elementos do Folk-lore musical Brasileiro.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — Emilio Rivasseau: A vida dos Indios Guaycurús — Edição ilustrada.
- 61 — Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleuss) — Edição ilustrada.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição ilustrada.
- 63 — Raymundo Moraes: Na Planicie Amazonica — 4.<sup>a</sup> edição.
- 64 — Gilberto Freyre: Sobrados e Mucambos — Decadencia patriarcal rural no Brasil — Edição ilustrada.
- 65 — João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 66 — Primitivo Moacyr: A Instrucção e o Imperio (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1823-1853 — 1.<sup>o</sup> volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: Problemas de Governo — 2.<sup>a</sup> edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 1.<sup>o</sup> tomo — Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
- 69 — Prado Maia: Atravez da Historia Naval Brasileira.
- 70 — Affonso Arinos de Mello Franco: Conceito de Civilização Brasileira.
- 71 — F. C. Hoehne — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espirito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira — Machado de Assis — (Estudo Critico-Biographico) — Edição ilustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — Estudos Historicos e Politicos — (Res Nostra...) — 2.<sup>a</sup> edição.
- 75 — Affonso A. de Freitas: Vocabulario Nheengatú (vernaculizado pelo português falado em S. Paulo) — Língua Tupy-guarany. (com 3 illustrações fóra do texto).
- 76 — Gustavo Barroso: Historia secreta do Brasil — 1.<sup>a</sup> parte: "Do descobrimento a abdicação de Pedro I" — Edição ilustrada.
- 77 — C. de Mello-Leitão: Zoologia do Brasil — Edição ilustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 2.<sup>o</sup> tomo — Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
- 79 — Craveiro Costa: O Visconde de Sinimbu — Sua vida e sua actuação na politica nacional — 1840-1899.
- 80 — Oswaldo R. Cabral: Santa Catharina — Edição ilustrada.
- 81 — Lemos Brito: A Gloriosa Botaina do Primeiro Imperio — Frei Caneca — Ed. ilustrada.
- 82 — C. de Mello-Leitão: O Brasil Visto Pelos Ingleses.
- 83 — Pedro Calmon: Historia Social do Brasil — 2.<sup>o</sup> Tomo — Espirito da Sociedade Imperial.
- 84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentaes do Municipio — Edição ilustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: Cotegipe e seu Tempo — Ed. ilustrada.
- 86 — Aurelio Pinheiro: A Margem do Amazonas — Ed. ilustrada.
- 87 — Primitivo Moacyr: A Instrucção e o Imperio — (Subsidios para a Historia da Educação no Brasil) — 2.<sup>o</sup> volume — Reformas do ensino 1854-1888.
- 88 — Helio Lobo: Um Varão da Republica: Fernando Lobo.

- 89 — Coronel A. Lourival de Moura: **As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.**
- 90 — Alfredo Ellis Junior: **A Evolução da Economia Paulista e suas Causas** — Edição ilustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: **O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco.**
- 92 — Almirante Antonio Alves Camara: **Ensaio Sobre as Construções Navas Indigenas do Brasil** — 2.<sup>a</sup> edição ilustrada.
- 93 — Seraphim Leite: **Páginas de Historia do Brasil.**
- 94 — Salomão de Vasconcellos: **O Fico — Minas e os Mineiros da Independencia** — Edição ilustrada.
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: **Viagem ao Brasil — 1865-1866** — Trad. de Edgard Süsssekind de Mendonça — Edição ilustrada.
- 96 — Osorio da Rocha Diniz: **A Política que convem ao Brasil.**
- 97 — Lima Figueiredo: **Oeste Paranaense** — Edição ilustrada.
- 98 — Fernando de Azevedo: **A Educação Publica em São Paulo — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).**
- 99 — C. de Mello-Leitão: **A Biologia no Brasil.**
- 100 — Roberto Simonsen: **Historia Economica do Brasil** — Ed. ilustrada em 2 tomos — 100 e 100-A.
- 101 — Herbert Baldus: **Ensaio de Ethnologia Brasileira.** — Edição ilustrada.
- 102 — S. Froes Abreu: **A riqueza mineral do Brasil** — Edição ilustrada.
- 103 — Souza Carneiro: **Mythos Africanos no Brasil.** — Edição ilustrada.
- 104 — Araujo Lima — **Amazonia — A Terra e o Homem** — (Introdução á Anthropogeographia) — 2.<sup>a</sup> edição.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: **A Provincia** — 2.<sup>a</sup> edição.
- 106 — A. C. Tavares Bastos: **O Valle do Amazonas** — 2.<sup>a</sup> edição.
- 107 — Luis da Camara Cascudo: **O Marquez de Olinda e seu tempo (1793-1870)** — Edição ilustrada.
- 108 — Padre Antonio Vieira: **Por Brasil e Portugal** — Sermões comentados por Pedro Calmon.
- 109 — Georges Raeders: **D. Pedro II e o Conde de Gobineau (Correspondencia inedita).**
- 110 — Nina Rodrigues: **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.
- 111 — Washington Luis: **Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes** — 2.<sup>a</sup> edição.
- 112 — Estevão Pinto: **Os Indigenas do Nordeste** — 2.<sup>o</sup> Tomo (Organização e estrutura social dos indigenas do nordeste brasileiro).
- 113 — Gastão Cruis: **A Amazonia que eu vi** — Obidos-Tumuc-Umac — Prefacio de Roquette Pinto — Ilustrado. 2.<sup>a</sup> edição.
- 114 — Carlos Süsssekind de Mendonça: **Sylvio Romero — Sua Formação Intellectual — 1851-1860** — Com uma introdução bibliographica — edição ilustrada.
- 115 — A. C. Tavares Bastos — **Cartas do Solitario** — 3.<sup>a</sup> edição.
- 116 — Agenor Augusto de Miranda — **Estudos Piauhyenses** — Edição ilustrada.
- 117 — Gabriel Soares de Souza: **Tratado Descriptivo do Brasil em 1587** — Commentarios de Francisco Adolpho Varnhagem — 3.<sup>a</sup> Edição.
- 118 — Von Spix e Von Martius: **Através da Bahia** — Excerptos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 119 — Sud Mennucci: **O Precursor do Abolicionismo** — Luiz Gama — Edição ilustrada.
- 120 — Pedro Calmon: **O Rei Philosofo** — Vida de D. Pedro II.

VON SPIX E VON MARTIUS

# Através da Bahia

Excerptos da obra *Reise in Brasilien*

Trasladados a português pelos  
Drs. Pirajá da Silva e Paulo Wolf

Trabalho apresentado ao 1.º Con-  
gresso Brasileiro de Geogra-  
phia e approved com louvor.

Terceira edição



1938

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio — Recife — Porto Alegre

**A' GLORIOSA BAHIA**

**HOMENAGEM**

*Pirajá da Silva*

## INDICE

<i>Introducção</i> . . . . .	9
<i>Preambulo.</i> . . . . .	15
<i>Preambulo á 2.<sup>a</sup> edição</i> . . . . .	21
Viagem de Malhada pelo interior da Pro- vincia da Bahia á Capital, Bahia de Todos os Santos . . . . .	25
Estada na Cidade do Salvador ou Bahia	88
Viagem á Comarca dos Ilhéos e volta á Bahia . . . . .	163
Viagem pelo sertão da Bahia a Joazeiro, á margem do S. Francisco . . . . .	227
Estada em Joazeiro . . . . .	288
Opiniões a respeito deste livro . . . . .	322

## INTRODUÇÃO

*Dizer quem foi Carlos Frederico Philippe von Martius, entre os batalhadores da sciencia e os que melhor e mais providamente a serviram, é cousa a que me não abalçarei aqui sem injuria a brasileiros, ainda aos da mais mediana cultura.*

*Von Martius que, por campo de suas notabilissimas investigações scientificas, elegeu o nosso Brasil. acabou amando-o tão profundamente, porque também tão a fundo o conheceu, como ninguem, que ao serviço inestimavel, que nos prestou, divulgando, encarecendo os thesouros da nossa natureza incomparavel, quiz, na previsão do nosso futuro nacional, traçar-nos a trajetoria que a sua visão clara das cousas antevia.*

*Viajou largamente através do nosso paiz e o fez n'uma época (1817-1820) em que a terra virgem, em sua mór parte ainda não devassada pelo cultivador rude, offerencia ao viajante todos os encantos e galas da intacta natureza. O sabio profundamente se deixou impressionar dessa natureza seductora e subiu ainda mais na escala dos affectos e de sincera sympathia por esta terra que elle tanto amou.*

*Von Martius, o botanico eminente, autor de um dos mais extraordinarios monumentos de que a sciencia se orgulha, tinha tão apurado o sentimento do justo e do honesto que, nos seus escriptos, tudo respira sympathia, tudo é estudado e exposto com aquelle respeito sincero, aquella medida de ponderação, que jamais degenera em*

*uma censura ou queixa ou se deixa exceder em conceitos pejorativos ante o aspecto descaravel das coisas.*

*A sua sciencia, profunda n'um animo bem equilibrado e sempre aberto á sympathia, torna summamente agradavel a leitura das suas relações de viagem. Von Martius é cscriptor elegante, e, porque se compenetra, intimo, das scenas da natureza, descreve-as com mestria que, por vezes, arrebatá.*

*O seu contacto forçado com os índios, onde, não raro, era elle o unico homem branco da equipagem nas canôas no Alto-Amazonas longe de lhe dar tedio ou despertar desconfiança, ascende, ao contrario, em sympathia por esses aborigenes em extrema rudeza" . . . e a cada passo, de dia e de noite, diz elle, pude fazer delles objecto de observação, cujo interesse scintifico se augmentava pela sympathia que o homem deve ao homem."*

*Von Martius viajou pelos sertões da Bahia, e essa parte das suas relações de viagem, que tanto nos interessa, jamais se verteu para o portuguez, ou para lingua mais accessivel ao nosso meio latino.*

*Poucos entre nós a conhecem. Eu mesmo, que em 1878 fiz quasi o mesmo trajecto do sabio bavaro e o descrevi, não a tinha lido e lhe ignorava o valor que a traducção, tão elegantemente feita agora pelo Dr. Pirajá da Silva, me depara.*

*O que era o sertão da Bahia, na segunda década do século XIX, descreve-o o sabio viajante com tão grande copia de informações, com tão vivas côres do verdadeiro que, quasi sessenta annos depois, ainda o quadro da natureza não tinha desmerecido. Encontrei-o o mesmo,*

*nos aspectos physicos, o mesmo, quasi identico, nos aspectos moraes, tão imperceptivel a alteração que o evoluir normal das cousas lhe teria produzido.*

*Lê-se ainda hoje com prazer essa descripção do sertão do S. Francisco e do Alto Rio de Contas, com trajecto da Cariahanha, por Monte Alto, Caetitê e Villa Velha; a do Bom Jesus sobre os montes da Itubira; a das luvras diamantinas, com os seus poços e grunas no turvo Paraguassú: a das mattas virgens dentre o Sincorá e a chapada de Maracás. Com prazer, que a bella traducção ainda faz avultar, pois que com tanto amor e escrupulosa lealdade a fez o Dr. Pirajá, se acompanha a narrativa do illustre viajante na parte que mais directamente affecta á nossa cidade do Salvador, de há um seculo atraz, as suas construcções, os seus costumes e os seus aspectos naturaes, tão pittorescos e tão variados.*

*O autor sente-se animado de uma real e nunca desmentida sympathia. Vê o lado bom e prospero das cousas e o aponta e o descreve com tanto escrupulo e minudencia quanto é o seu tacto e o seu modo cavalheiro de ver e de referir o que, por ventura, o tenha chocado ou se torne passivel de reparo.*

*Nesse periodo da nossa historia, quando o Brasil-Reino, refugio da dynastia de Bragança e cabeça da monarchia portugueza, ensaia os primeiros passos para independencia nacional, a cidade do Salvador, com deixar de ser o centro do Governo, não perdera, comtudo, ainda a sua importancia de porto commercial de primeira ordem, como emporio que era, a esse tempo, da exportação do assucar. A ascendencia economica, que dahi lhe vi-*

*nha, dava-lhe tambem a preeminencia, a hegemonia politica entre as diversas partes do paiz. Os filhos da Bahia, notaveis pelo seu saber e illustração, influíam nos conselhos da monarchia e a nossa cidade chegou a disputar ao Rio de Janeiro a volta da séde do Governo para o seu regaço.*

*Von Martius nos descreve a cidade desse tempo; os seus costumes e riquezas, os seus homcns de prestigio social e de saber. Nota, com real admiração, a cultura litteraria de individuos eximios na latinidade; a distincção de maneira da gente da classe alta; o apuro no trajar de certos fidalgos; os meios de transporte por cadeirinhas de arruar, algumas de certo gosto e luxo, conduzidas por escravos pittorescamente trajados. Nota, com recato, os descuidos do aceio publico e as deficiencias de commodidades no aparelhamento sanitario domestico.*

*O aspecto da bahia, nas primeiras horas da manhã, quando de todos os recantos della despontam no horizonte longinquo, as velas brancas dos barcos do Reconcavo, que demandam o porto e investem como uma immensa frota, que se avisinha para o assalto, lhe arrancu expressões de verdadeiro poeta, embevecido ante a belleza do espectaculo. Von Martius descreve com verdadeiro sentimento esse quadro da nossa formosa bahia, pondo, como que a proposito, em destaque, tudo o que entre nós é bello e digno e concorre para nos distinguir.*

*Não é um escriptor atreito a lisonjas, mas um observador em quem o saber aguça a sympathia.*

*Lê-se com satisfação não menor a descripção da sua viagem a Ilhéos, das suas excursões através da matta*

virgem, da lagôa de Almada e das terras banhadas pelas aguas do Itaype; as suas observações a proposito de um ensaio de colonisação, ahí tentado por alguns dos seus compatriotas; o seu regresso, a pé, ao longo da costa, á falta de barco que o transportasse a esta capital.

Von Martius, deixando a Bahia torrou de novo aos nossos sertões, agora da Cachoeira para o Noroeste a rumo da Itiúba, de Monte Santo e das terras das cabeceiras do Vasa Barris, onde, nas margens de um sub-affluente deste, o Bendegó, examinou e tirou amostras do celebre meteorito desse nome, ora exposto no Museu Nacional do Rio de Janeiro, aos esforços de Orville Derby e da Sociedade de Geographia. Atravessou o S. Francisco em Joazeiro e deixou o territorio bahiano, pela estrada que o levou aos sertões do Piahy e do Parnahyba.

Esta relação de viagem de Von Martius, traduzida agora, é um bello serviço que o Dr Pirajá da Silva presta ás letras patrias. Andam de ha muito, amortecidos entre nós, estudos como esses que Von Martius e o seu illustre companheiro, o Dr. Spix, então realisaram, e, não obstante, ha ainda tanto a colher e não somente respigar, nesse campo immenso em que a prodiga natureza se nos offerece, bemfazeja, em possibilidades sem conta.

Na sciencia militante, de que é dos mais brilhantes exemplos e um modelo o proprio Von Martius, muito nos resta a fazer a nós brasileiros. A contribuição directa, nossa, nesse terreno, ainda não attingiu ao que mui honestamente é licito esperar de nós. Os trabalhos do Coronel Candido Mariano Rondon ahí estão a attes-

*tar que o que já podíamos ter realizado, com honra para nós, com sciencia nossa e prova de energia consciente, só tardiamente o estamos agora realizando.*

*Possa essa obra de Von Martius, ora tão elegantemente vertida para o portuguez, despertar nos nossos homens cultos, com ideal que as desillusões ainda não crestaram, o gosto pelas viagens scientificas e o desejo de as emprehender e incutir nos nossos governos o pensamento salutar de as promover e estimular, de as sustentar, com persistencia, até consecução de resultados tangiveis.*

*Oxalá seja este o destino dessa obra de Von Martius que, aos esforços do illustre scientista, Dr. Pirajá da Silva, ora se offerece ao publico brasileiro.*

**THEODORO SAMPAIO.**

**Bahia, 22 de Agosto de 1916.**

## PREAMBULO

Quelque pauvre qu'on soit, on  
laisse toujours quelque chose en mou-  
rant.

PASCAL.

Depois da brilhante "Introdução", feita pelo emi-  
nente Dr. Theodoro Sampaio, poderíamos entrar em  
assumpto, não fôra precisarmos dar ao leitor uma expli-  
cação desta arriscada empresa.

De ha muito que nos dominava o vivo desejo de  
vermos trasladada a vernaculo a celebre obra de VON  
MARTIUS e VON SPIX — *Reise in Brasilien* —, precioso  
escriinio, onde, ha quasi um seculo, se acham guardadas  
valiosas observações, inestimaveis joias, recolhidas em  
terras do Brasil por aquelles sabios allemães.

Na impossibilidade de trasladar a portuguez toda  
a obra, verdadeiro monumento erguido á nossa Patria,  
contentamo-nos de fazel-o na parte que diz respeito á  
Bahia (Volume 2.º, de paginas 594 a 736), a outros dei-  
xando o restante da tarefa por nos não sobrarem lazeres.

Indesculpavel é a nossa desidia, permittindo ficas-  
sem até hoje desconhecidas do grande publico tantas  
preciosidades, tantas bellezas!

Que verdadeiros patriotas e bem intencionados em-  
preendedores, rumando o batel da vida para outros  
ideaes mais nobres, e, agora conhecedores dos in calcula-  
veis thesouros encerrados no solo bahiano, possam, scien-

tes da sua natureza, séde e extensão, exploral-os para maior beneficio deste grandioso Estado e da Nação Brasileira.

E são, os nossos sinceros votos que, se realizados, fartamente nos recompensarão o espirito, por esse afanoso trabalho, que nos consumiu grande copia de esforço, tempo e hõa vontade.

Montanhas de ferro, grandes moles de marmore e de alabastro, ricos filões do nobre metal, que sulcam as entranhas da terra, poderosas jazidas, tudo, emfim. não mais quedará na impassibilidade improductiva e latente.

Mais acção, menos verbalismo.

Façamos nossas as palavras do genial Ruy Barbosa: "E' o dominio absoluto do "verbalismo", esse vicio atrophizador da energia mental das gerações nascentes, que uma das maiores auctoridades de França nestes assumptos accusava, depois da catastrophe nacional de 1870, como a chaga de que mais soffria a educação naquelle paiz. (Preambulo ás Primeiras lições de coisas — Calkins).

O brasileiro, sob pena de ingratição ou ignorancia, não tem o direito de desprezar o concurso, que as outras nações cultas lhe têm prestado para o conhecimento e engrandecimento do seu paiz.

Muito devemos á França, representada por seus sabios: Saint Hilaire, Bompland, Liais e outros; á Allemanha pela sua constellação de sabios: Martius, Spix, Humboldt, von der Steinen, Koch Grünberg; á Austria pelo seu nobre sabio, o Principe von Wied, por Natterer, Pohl, Kollar; á Inglaterra pelo seu notavel sabio Bates; á Hollanda, por Barleus, Piso Maregraf; aos Estados Unidos, por Branner, Hartt, Orville Derby; á Suissa por Agassiz, Goeldi, o benemerito organisador do Museu Goeldi no Pará, e a Portugal, representado por seus illustres filhos: Pero Vaz Caminha, Gabriel Soares, Simão de Vasconcellos, Anchieta, Vieira, etc.

Somos o primeiro a reconhecer muitas falhas existentes neste nosso trabalho, do que desde já nos penitenciamos, impetrando dos doutos a benevolencia e a conscienciosa collaboração. Entretanto, a nosso favor fica a só desculpa de que, se taes faltas existem, devem ser abonadas, pois que, ao emprendermos esta traducção, fizemol-o dominado unicamente pelas mais sinceras intenções e com absoluta despreoccupação de alardear erudição.

Nem sempre foi possível dar á phrase portugûesa o mesmo meneio do original, em virtude da grande diversidade de indole dos dous idiomas.

Procurámos ater-nos, tanto quanto possível, ao maximo de fidelidade, evitando entretanto o disforme e por vezes o contra senso, como soe acontecer, quando exaggerada é a escravisação á traducção juxta linear.

Empregámos os verbos na primeira pessoa do plural, e se algumas vezes o fizemos na primeira do singular, foi tão somente em obediencia ao que praticou o autor.

Era intento nosso fazer acompanhar a traducção do texto todas as notas do autor, isto porém viria dificultar a feitura deste livro, tornando-o por demais dispendioso.

Todavia, não nos pudemos furtar ao desejo de traduzir muitas dellas e na escolha presidiu sempre o criterio da maior importancia e valor pratico, bem que todas o sejam, no que justamente estava a difficuldade da selecção.

Julgámos de interesse juntar notas explicativas e outras de valor historico, colhidas em trabalhos antigos sobre a Bahia.

Foram por nós organizadas e devem correr por nossa conta, bem assim a redacção portugûesa da traducção.

Agradecemos ao illustre amigo Dr. Paulo Wolf a proficiente collaboração, que nos prestou na versão desta

obra, por todos os titulos digna de ser conhecida e divulgada no Brasil.

Impõe-se-nos o dever de, aproveitando o ensejo, manifestar o nosso reconhecimento ao bom amigo e conhecido cientista o Prof. Oscar Freire. O concurso que nos prestou auxiliando-nos, com gentil espontaneidade na revisão das provas deste modesto trabalho, constituiu-se novo penhor de amizade e gratidão, já de ha muito conquistadas, quando sua dedicação e affecto foram postos em prova que o coração não olvida.

A 15 de Setembro de 1914 foi apresentada ao Primeiro Congresso de Historia Nacional, reunido no Rio de Janeiro, uma proposta, "porque o Instituto Geographico Brasileiro mandasse traduzir para o vernaculo e publicar as seguintes obras: de von Spix und von Martius — Reise in Brasilien; de Pohl — Reise in Brasilien; de von der Steinen — Unter den Naturvölkern Zentral Brasiliens; de Max Schmidt — Indianerstudien in Zentral Brasilien; de Th. Koch Grünberg — Zwei Jahre unter den Indianern; de von Martius — Beiträge zur Ethnographie America's; de Ehrenreich — Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens."

Esta proposta está firmada por cientistas de grande e real valor: Roquete Pinto, Ramiz Galvão, Miguel Arrojado Lisboa, Fleiuss, Calogeras, Barão de Studart e Homero Baptista.

E, para terminar, só nos resta tributar um preito de homenagem á memoria do grande sabio — Carl von Martius — verdadeiro amigo e admirador do Brasil e do maior dos brasileiros — D. Pedro II.

Martius escreveu sobre o Brasil muitos trabalhos e todos elles do maximo valor scientifico.

Aqui viveu por algum tempo, sempre encantado e fanatizado pelas grandiosidades do Brasil, por elle amado como sua segunda Patria, "er hat es aber auch

geliebt, wie sein zweites Vaterland", erigindo-lhe na sua genial "*Flora brasiliensis*", assombrosa maravilha da mentalidade humana, um monumento *aere perennius*.

Ainda como revelação da sua genial lucidez de espirito, era a excellente escolha dos collaboradores.

Assim escreveu o sabio Alfonse de Candolle: "Si l'on objecte le nombre de ses collaborateurs, je dirai que la part de M. de Martius est très considérable dans ses ouvrages, qu'elle est bien la plus grande, et qu'après tout c'est aussi un talent et un mérite de bien choisir ses aides et de marcher de bonne harmonie avec eux."

Que primor sua "*Historia naturalis palmarum!*"

Jamais será esquecido o nome de Martius, emquanto existirem palmeiras, disse Humboldt.

Proclamemos eviterna gratidão á memoria do grande benemerito — Carl Friederich Philipp von Martius, amigo do Brasil, que precisa, apenas, do patriotismo de seus filhos, para alcançar todas as glorias que merece.

Curvemo-nos ante o Criador que, por sua infinita munificencia, nos mimoseou com o que de melhor na partilha da Terra.

DR. PIRAJA' DA SILVA

Bahia, 24 de Agosto de 1916.

## PREAMBULO À 2.ª EDIÇÃO

Porém, enquanto me animar o peito  
Este sopro de vida, que inda dura,  
O nome da Bahia, *agradecido*  
Repetirei com jubilo

JOSE' BONIFACIO

"Ode aos bahianos"

Mais de dois lustros decorreram após a publicação desta obra, honrada com o voto de louvor pelo 5.º Congresso de Geographia, que a recommendou servisse de premio nas escolas.

Valendo-lhe o justo renome de excellente propaganda do Estado da Bahia, teve grande acolhida e logo se esgotou.

Insistentes pedidos, assim do estrangeiro que do paiz, levaram o Governo a pedir nova edição.

E' o que acabo de realizar, cuidadosamente.

Offereço ao publico um trabalho completo, depois de ter traduzido e ajuntado todas as extensas e preciosas notas do autor, que não puderam figurar na primeira edição.

Este só acrescimo vale por mais de metade do texto descriptivo.

Em abono do que estou a affirmar basta, summariamente, enunciar alguns assumptos: flora medicinal e industrial do Rio S. Francisco; fauna, geologia e paleonthologia; do salitre e do carvão de pedra; historia,

considerações geognosticas locais e analyse chimica do meteorito *Bendegó*; do trafico africano, estudo ethnographico, ethologico, nosologico, psychologico e moral; da nosologia bahiana; considerações economicas, syntelologicas referentes aos principaes generos de producção e exportação, acompanhadas de estatisticas e mapas; da agricultura em suas varias modalidades; esboço de estatistica demographica, etc. Não sei de relatorio mais completo e superior a este, escripto pelo sabio VON MARTIUS; pena foi permaneesse ignorado dos bahianos, durante quasi um seculo.

Livros magnificos, antigos e modernos, escriptos por scientistas estrangeiros, exclusivamente sobre cousas uteis e preciosas do Brasil, dariam para se criar copiosa bibliotheca; entretanto, diminuta parcella tem sido traduzida para o vernaculo e poucos são os brasileiros conhecedores de tão rica e, por vezes, rara litteratura.

Resta-me a esperança, que, a sadia brasilidade das gerações porvindoiras, argutas e apercebidas de taes thesouros, melhor os aproveite.

Não é destituído de razão lembrar a publicação das obras, ainda ineditas, do naturalista bahiano, Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, a quem o Visconde de Porto Seguro cognominou de "*Humboldt brasileiro*". Varias monographias do assombroso espolio scientifico daquelle desditoso sabio se extraviaram; se perderam, para sempre. Ainda é tempo de o Brasil saldar, ao menos em parte, tamanha divida de gratidão, a um de seus maiores filhos, cuja existencia inteira, dedicada á Patria, á sciencia, tudo sacrificou: haveres, posição, até a propria vida.

A' memoria do meu illustrado amigo Dr. Paulo Wolf, fallecido em 1916, rendo saudosa homenagem.

Na diuturna e afanosa tarefa a que me impuz, recorri, para esclarecer alguns pontos duvidosos da tra-

dução, ao illustrado franciscano, Fr. Mathias Teves, a quem sinceramente agradeço.

Não tenho vivido de todo inactivo; assim o demonstram minhas modestas contribuições originaes nos domínios das sciencias medicas.

Em affirmação do quanto preso a Historia Patria, relembro o valioso livro do poeta e historiador bahiano, o Cirurgião-Mór, Bernardino Ferreira Nobrega, que reeditei e anotei.

Honro-me de ter salvo do esquecimento a memoria de tão nobre vulto e de ter sido o primeiro a lhe traçar o perfil biographico. Assim collaborei com os que justamente divulgam a importancia primacial e decisiva da Bahia, na Guerra da Independencia.

Pelo publicar esta segunda edição, rogo me não levem a mal, como da outra feita, os ultra-nacionalistas de extremado zelo, graças ao qual, infelizmente, estive a pique de ser incluído na famigerada lista negra.

Valha-me, ao menos, a bôa intenção.

PROF. DR. PIRAJÁ DA SILVA.

Bahia, 15 de Agosto de 1928.

## VIAGEM DE MALHADA PELO INTERIOR DA PROVINCIA DA BAHIA Á CAPITAL, BAHIA DE TODOS OS SANTOS (1)

O viajor, que durante os meses seccos conduzir numerosa tropa de burros, através do sertão da Bahia, pela estrada que tomámos, jamais terá certeza de alcançar, com um animal siquer, o fim da viagem.

### Sertão bahiano

Não deve recear pela segurança individual, nem pela necessaria alimentação, pois encontrará, diariamente, uma ou mais fazendas. Mas, agua e forragem para as bestas de carga são, por vezes, escassas e podem faltar completamente, por occasião de prolongada secca; então, os animaes morrerão rapidamente e o viajante ficará desamparado, com a bagagem, á mercê da bondade dos sertanejos.

No primeiro dia de viagem o novo tropeiro se occupou em nos referir, a proposito, muitos casos de taes desgraças e, comparando suas narrativas com a re-

---

(1) MALHADA — Localidade bahiana, situada á margem direita do rio S. Francisco, donde partiram os naturalistas: Spix e Martius, em direcção á cidade do Salvador — Bahia. — Nota do Tradutor, Pirajá da Silva.

gião por onde passavamos, viamo-nos ameaçados, por uma possibilidade igualmente triste.

## Rio S. Francisco

Emquanto permanecemos nas proximidades do rio São Francisco (2), fomos obrigados a conduzir nossa

### (2) RIO S. FRANCISCO.

Todo o curso do rio S. Francisco, desde sua nascente, na encosta oriental da Serra da Canastra, até sua fôz, já é conhecido dos brasileiros, pelo menos, de ha 30 annos.

Aquém da junção com o Rio das Velhas, desde o começo do seculo passado, foi elle atravessado em varios pontos, quando os paulistas e mineiros dilataram suas bandeiras para Oeste; e, de ha 70 annos que é navegado de S. Romão em diante.

A lenda referida por Southey, ("History of Brazil", I, pag. 534) segundo a qual elle devia nascer de um lago rico de ouro (de um daquelles fabulosos lagos dourados, Manoá, tão falados na America do Sul), pertence, portanto, á epocha mais remota.

Outra noticia tambem transmittida pelo mesmo escritor, de que o rio, perto do lugar Sumidouro, corre 11 a 12 leguas por um canal subterraneo, não nos foi referida em parte alguma do Brasil, e parece assentar em falsa informação. Dizem que as ultimas nascentes provém de uma altura, cerca de 3500 pés, sobre aquelle vastissimo alliplano, para o poente, o qual forma extensa vertente dos rios que, ao Sul, desaguam no Rio Grande e, no Norte, no S. Francisco e que, por isto, muy apropiadamente, von Echwege a chamou Serra das Vertentes. A altura do Rio S. Francisco, perto da balsa do Pará, nas cercanias da fôz do Rio Paraopeba, de conformidade com as medições barometricas procedidas pelo referido amigo e de muito merecimento para a geographia brasileira, orçou por 1777 pés parisienses; (1) dahi decresce até as cachoeiras de Pirapora, formadas por bancos de granwacke no rio, 94 pés, e algumas milhas adiante, para o Norte, na junção com o Rio das Velhas corre ainda cerca de 81 pés, mais fundo, isto é, 1602 pés acima do nível do mar. Dahi em diante parece que a correnteza se accelera muito menos, desccendo do proprio planalto de Minas, para as regiões mais baixas; e, as curvas no largo leito do rio são sempre mais numerosas nas fronteiras da Bahia, para Leste, e nas de Pernambuco, para Oeste. Parece mesmo, nessa zona, ter elle a direcção varias vezes mudada, pelo que, entre outras cousas, fallão as vastas extensões de seixos velados, que se encontram disseminadamente, muitas milhas ainda distantes do leito actual do rio.

Consoante as nossas observações barometricas, Jonzeiro está situado a 936 pés acima do nível do mar. Desde a passagem ou balsa do Pará até aqui, em linha

(1) Vede — Brasilien, die neue Welt, Braunschw, 1824. — Th. I. S. 43. Lastimo, só agora, quasi ao terminar a impressão do meu relatório de viagem, ter recebido esta substancial obra. Iso mesmo, sem o mapa das altitudes que, á mesma, devia ser apenso. — Nota do Autor, Martius.

tropa, através das entrelaçadas cercas vivas de espinheiros do alagadiço. Afastando-nos para leste, entrámos em caatingas que tinham aspecto outomniço, onde

recta de 90°, deveria, por conseguinte, o declive do rio orçar por 839 pés; logo, para cada milha, pouco mais ou menos 6 1/2 pés.

Daqui até a Cachoeira de Paulo Affonso, calculam os barqueiros umas 80 leguas e de lá até o mar, umas 58, naturalmente incluindo no calculo as voltas do rio. A respeito da altura do declive na passagem, através da serra, tivemos as mais contraditorias informações. Diziam uns que o declive mais importante em linha vertical era apenas de 16 pés e que, além disso, as aguas só se precipitavam em numerosas cachoeiras por entre os penhascos alcantilados.

Asseveravam outros que a cachoeira de Paulo Affonso tinha, pelo menos, 50 pés de altura; o estrondar da catarata era ouvido a muitas horas distante e o nevoeiro que della se eleva, ainda se avistava das montanhas, 6 leguas afastadas.

Tanto quanto se pode concluir, comparando-se todas as informações, parece que o curso do rio se accelera, apenas, abaixo das cachoeiras, depois de haver deixado o planalto da Bahia.

A correnteza é tão forte na fôz, especialmente de Setembro a Março, que um boia a 8 remos não a pode resistir (Manoel Pimentel); ainda se a presente algumas milhas longe da costa, onde as aguas turvas do rio, são lentamente, se misturam com o Oceano. Fluxo e refluxo são ainda sensiveis 12 leguas, rio acima.

Quando sopra o leste, ao revés da correnteza, o nivel do rio se eleva á altura do mais um pé. Em Penêdo, onde a largura é de um quarto de legua, a enchente attinge a mais de três pés, na lua cheia. A maior enchente de que se tem lembrança marcou 20 pés (Cazal).

Rio abaixo, viajam os ajoujos, ao fio da correnteza; servem-se, porém, de vela, quando navegam rio acima e, via de regra, são favorecidos pela brisa, que sopra de 8 horas da manhã até depois de meia noite. A Villa de Penêdo, cidadezinha rica, domina o commercio do baixo S. Francisco. Por ser duas vezes mais baixa e profundidade do rio no continente e ter a fôz perigosa, devido a muitas corças de arôa, somente pequenas embarcações ahí podem entrar.

O canal do norte, com 1/2 legua de largura é o mais fundo, e frequentado; entretanto, podem entrar, quando muito, embarcações de 50 toneladas. Entre a extremidade sul do Continente e a Ilha dos Passaros, situada na entrada, corre para dentro o chamado Rio Guaratuba, que tem duas braças de fundo e, quando faz bom tempo, permitté mais facil entrada, por ser mais fraca a correnteza.

## FAUNA DO S. FRANCISCO

Nos campos geraes de S. Felipe se conhecem muitos mamíferos que aquí procure citar, conforme as informações recebidas. O macaco vulgar de cauda enrolada, *Callithrix jacchus* e o engraçado saoiá (sabuim), *C. sciurea*, Cuv., muitas vezes se encontram mansos, nas casas. O macaco urrador, guariba, *Myocetes uraiurus*, Humb., e o guariba preto, *M. niger*, Kuhl., habitam as matas das caatingas, em bandos numerosos.

Das espécies felinas encontram-se: 1) a verdadeira onça, o jaguar e suas variedades pretas: onça pintada verdadeira e onça preta ou tigre, *Felis Onca*, L.; 2) a onça vermelha, cuguar, onça vermelha ou sussuaranna, *F. concolor*, L., (na lingua geral chamam esses gatos: juaretê pinima, bixuma e piranga); 3) o ocelot, gato montês maracayá grande ou schibiguaçu, *F. pardalis* L.; 4) gato montês ou maracayá, pequeno, *F. tigrina*, L.; 5) gato mourisco raposa, *F. macroura*, Newm.; 6) gato mourisco vermelho, *F. Eyræ*, Au.

as unicas plantas verdes eram hastes carnosas de *Cereus*, algumas *capparidaceas* e *janiphos* (*Unidoscolus*, Pohl), cobertos de espinhos causticos.

O guachinim, *Procyon cancrivorus*, Ill., não se encontra só á beira mar, porém, tambem ahí, nas baixadas dos campos e devastada especialmente os canaviaes.

Dos canideos se conhecem: o lobo vermelho, lobo ou guará, *Canis campestris*, Neww., que, em valentia, não se compara ao europeu e a raposa do mato, *Canis Azarae*, Neww. Ainda ahí apparecem dous quatis: o quati (quaty) *Nasus socialis*, Neww., e o coati mondé, *N. solitaria*, Neww.; uma fuinha, irara ou papamel, *Mustela barbara*, L.; a jaraticaca, jaraticaca ou maritacaca (em portuguez, maritafede), *Mephitis fodea*, Ill.; duas especies de marsupiaes, gambás, sarobô grande e pequeno, *Didelphis marsupialis* e *D. Caypollin*, L.; o ouriço cacheiro, *Histrix insidiosa*, Licht.; o porco espinho de esoda prenasil, coendú, *Histrix prehensilis*, L., e o porco espinho, *H. subspinosa*, Licht.; o rato de espinho, *Loncheres paleacea*, Ill., ou *myosurus*, Licht (talvez ambas as especies, daqui sejam oriundas); o rato d'agua, cuicá, *Hydromys Coypua*, Geoffr.; o morcêgo de focinho vermelho, *Mus pyrhorhinus*, Neww.; o coelho brasileiro, coelho ou tapeti, *Lepus brasiliensis*, L.; a paca, *Coccyzus fulvus*, Fr. Cuv.; o aguti, cutia, *Dasyprocta Aguti*, Ill., et *D. Azarae*, Licht.; o rato de lagêdo, mocó, *Cavia rupestris*, Neww.; a práa, *C. Aperes*, L.; o esquilo americano, *Sciurus aestuans*, L.; duas especies de bradypodos, preguiça ou preguiça real, *Bradypus tridactylus*, L. e *torquatus* Ill.; duas especies de papa formigas, tamanduá handeira, *Myrmecophaga jubea*, L. e *tamandú merim*, *M. tetradactyla*, L.; quatro especies de tatú: tatú canastra, *Dasyppus gigas*, Cuv.; tatú peba, *D. gilvipes*, Ill., tatú verdadeiro, tambem chamado molle ou orelha em pé, *D. novemcinctus*, L. ou *niger*, Ill., tatú bola, *D. (Tolypeutes) tricinctus*, Ill.

Dr. Spix acreditava poder differenciar, como especie, a chamada anta xurê, da anta commun, anta sapateira, *Tapirus americanus*, L.

Aquella de porte mais baixo, de cor igual, não tendo a ponta da orelha branca, apesar disto, é, provavelmente apenas, uma variedade ou um exemplar mais novo. Os sertanejos conhecerem varias especies de veados: veado mateiro, *Cervus rufus*, Ill. (*tennicornis*, Spix, Reise, S. 326); veado campeiro, *C. campestris*, Fr. Cuv. (*longecaudatus*, Spix-ibidem.) e o veado catinguieiro, *C. simplicicornis*, Ill.

Além disso mencionam uma pequena especie de veado, a camucica que, dizem subir nas arvores, quando perseguido pelos caçadores.

A lontra brasileira, lontra ariranha, *Lutra brasiliensis*, L., raramente apparece nos rios desses geracos. Entre as aves que matamos nos geracos, havia varias especies de Falco, *Tangra* (veja p. 325), tambem enopupês, *Tinamus rufescens*, Temm., zabelês e nambús, *Tinamus noctivagus*, Neww., *T. maculosus*, e a capneira, *Tetrao gujanensis*, L.

#### AVIFAUNA.

As aves mais observadas nas lagoas á margem do Rio S. Francisco são: jaburê, *Ciconia Myceteris*, Temm., tujujú, *Tantalus Locustor*, L., colheiro, *Platalea Ajaia*, L., mergulhão, *Plotus Anhinga*, L., gaiata puta, *Charadrius Lampronotus*, Wagl. Syst. Av. Sp. 43., maçarico, *Himantopus brasiliensis*, franço d'agua, *Callinula galeata*, Licht., pato grande, marreco e paturi, *Anas moschata*, brasiliensis e viduata, L., garça branca, miuda, parda e soccô, *Ardea Egretta*, candidissima, tigrina, pileata, Lath., Wagl. l. c. carão, *Nothorodius Cuarrama*, Wagl. l. c. martim pescador, *Alcedo torquata*, L.

O solo compõe-se de pedra calcarea, transformando-se, de vez em quando, em crostas brancas cretaceas, consequencia dos incendios das florestas.

#### ICHTHYOLOGIA.

Em Salgado os peixes do S. Francisco têm os seguintes nomes: pacú, sorubim, dourado, gongó ou cascudo, madrinjan, pirá-tamanduá, piranha ordinaria e rodulleira, acari, mandi, mandi-açú, mandi pintado, grumutan (curumatam), gorubina, pian, pocomó, trahira, bagre, sarapó.

Bem poucos, até hoje, estão descriptos nas obras de zoologia, a se poder com certeza reconhecê-los.

Auxiliado pelos moradores de Salgado costumámos pescá-los com grandes rédes, que levadas, por uma pessoa, para o meio do rio, eram depois arrastadas, lentamente, pelas duas extremidades.

No Brasil se chama de basbaque o que se occupa daquella profissão, por vezes perigosa e este vocabulo tambem significa pateta. Por isso nas reuniões alegres, chama-se de basbaque ao comparsa que sabe desempenhar o seu papel, divertidamente, com palhaçadas e graccjos.

#### ENTOMOLOGIA.

As varias especies de abelhas de que tivemos noticias no sertão foram as seguintes: jatal grande e pequeno, porá bravo e manso, mumbuca, mumbuquina, marmelada preta e branca, uruçú de chão e de pau, uruçú-boi, uruçú pequeno, taitira mandaquirá, que de preferencia visita as flores do jscarandá, a cabeça de latão, caga fogo, cuja ferrosada produz empôlas e inflammções perigosas, raxão pela qual, só á noite, se arriscam a tirar o mel; sete-portas, que faz colmeia muito artistica; iratim, sanharó grosso, sanharó miudo, (abelhão) mandassaia, munduri preto, vermelho, legitimo, mirim e munduri, papa-terra, vamos embora que cuxama bastante, cabiguara, xupó, arapoá, abelha do cupim, que fabrica cêra cõr de rosa, preguiçosa grossa, fina e mosquito.

Ahí é desconhecida a abelha europes.

Compare a respeito das abelhas da Guyana, van den Heuven, in Silliman's northamerican Journ. V. 3. p. 30.

#### FLORA MEDICINAL E INDUSTRIAL DO S. FRANCISCO.

As plantas da Provincia de Minas, que passo a relatar pelas propriedades therpenticas já conhecidas, ou ainda por experimentar, e outras, pela utilidade, são as seguintes:

1 — *Noz moscada do Brasil* — E' conhecida com este nome, nas matas das montanhas, nas fronteiras orientaes de Minas Geraes, uma grande arvore de porte semelhante ao do loureiro. Possui folhas oblongas, coriáceas e bagas redondas, um tanto nervadas, de tamanho de bala de espingarda, sobre pedunculos axillares.

Pertence, provavelmente, ao genero *Litsae*. As bagas, maximé, quando maduras, são de sabor e cheiro excessivamente aromaticos. Talvez tenham effeito igual ao da fava pichurim.

2 — *Viculba* ou *Biculba* — Biculba redonda, tambem nos moscada do Brasil, *Myrtia officinalis*, Mart. O arillo tubro escarlata fornece uma especie de noz moscada que, entretanto, possui aroma. A semente mesma, de tamanho de bala

Deixámos de ver, no terceiro dia de viagem, a formação propria da montanha, entre as fazendas Curralinho e Pé da Serra, onde observámos o granito e sobre

de espingarda, tem sabor amargo, aromatico e á, especialmente, usada nas colicas, atonia gastrica e dispepsia. Sómente é supportada em pequena dose, pela notavel quantidade de oleo. Esse oleo extraido por espremedura das sementes cozidas, applica-se em fricções, nas tumefacções articulares arthriticas, no rheumatismo chronico e nas dores hemorrhoidaes.

A cultura, sem duvida, poderia melhorar a bicuíba e torna-la mais semelhante á nos moçada verdadeira. Encontrámos essa arvore preciosa nas matas virgens, perto do presidio de S. João Baptista, em outros habitats semelhantes, na Serra do Mar e na mata grossa, perto da Villa Rica, Marianna, Gaspar Soares, assim como, depois, nos arredores de Ilhéos.

3 — Raiz de Flór de Babado ou de Babeiro de *Echites longiflora*, Desf. — Esta planta tem raiz napiforme, que mede 4 a 5 polegadas de comprimento. A casca espessa, amarello-ocra, longitudinalmente rugosa, bem assim a medulla, esta, porém, um pouco menos, encerram succo esquesito, leitoso e muito acre.

Para as epizootias, tifo dos cavallo e dos burros, os paulistas e mineiros costumam dar, com grande proveito, essa raiz, em infusões frijas (maceracções) ou em decoctos.

Tambem so fazem applicacões ao homem, isto é, externamente, em compressas e clysteres, nos casos de botões hemorrhoidarios inflammados e dolorosos.

4 — *Timbó* — *Paulinia pinnata*, L., Dentre todas as Paullineas assignaladas, em geral, pelas propriedades activas e narcoticas, parece ser esta especie a mais venenosa e encerrar, especialmente na raiz, a substancia mais energica. Costuma-se derramar o decocto da raiz e dos fructos machucados, nos riachos com tapagem, para tontear os peixes que, depois, podem ser pescados á mão. Os negros sabem preparar um veneno que, não se trae pelo gosto e dizem não ser raro propina-lo, para despacharem desta vida, os senhores odiados. Seria para desejar que, os sabios medicos brasileiros experimentassem esse remedio nos casos de melancholia, hydrophobia, amaurose etc.

Piso gaba como vulnerario, as folhas e o çumo extraido das mesmas.

5 — *Paraíba* — *Simaruba versicolor* St. Hil. Plantes usuellas des Bres. t. 5. Esse arbusto ou arvore que attinge 25 pés de altura, cresce nos campos do districto de Contendas e Salgado, bem assim no interior das provincias da Bahia e Piauby. Casca e folhas são de sabor muitissimo amargo e um tanto desagradavel. Não se preservem internamente, por se lhes ter tambem notado acção narcotizante. Entretanto, applicado, externamente em loções, o decocto tem revelado grande virtude therapeutica nas manifestações impetiginosas da pelle, especialmente nas de natureza syphilitica. E', particularmente, recommendado na ulcera syphilitica dolorosa do tecido cellular, bastante commum no sertão de Minas Geraes.

Exige grande cuidado no empregar, pois, os decoctos muito concentrados fazem recolher, de logo, as erupções e causam, por vezes, febre alta, hydropsia e até a morte. Devia, por isso, ser empregada em infusão fraca. A casca reduzida a pó serve para polvilhar as crianças e o gado, como remedio contra os parasitos da pelle, aos quaes mata immediatamente.

6 — *Erva do rato* — Em Minas Geraes, nas provincias de S. Paulo e Rio de Janeiro chamam com este nome diversas especies do genero *Panicurea*, que tem propriedades venenosas nas folhas e de preferencia nos fructos, que convenientemente preparados são applicados como veneno contra ratos. As folhas têm grandes effeitos diureticos e por alguns curandeiros, são ministradas, em pequenas doses para infusão, contra a retenção de urina nos cavallo e burros. Citamos as especies a

elle, salteadamente, jazidas de grés ferruginoso e poroso, meio desagregado em oca ferruginosa. Em vez de riachos completamente seccos, o que encontravamos, e, ainda

que pertencem: *Palicurea noxia*, Mart.; planta da mata virgem, *Palicurea longifolia*, St. Hil. Varias especies desse genero, em Minas são chamadas Critadeira, porque as folhas duras e coriáceas rangem a qualquer movimento. Chamam-n'a, tambem, D. Bernardo.

Actuam, poderosamente, sobre o apparelho urinario e pelle; são empregadas na hydropsia e em diversas manifestações syphiliticas. Essas plantas parecem ter varias propriedades, pelas quaes se assemelham á digitalis. Os mineiros servem-se das seguintes especies: *Palicurea sonans*, Mart.; *Palicurea diuretica*, Mart.; *Palicurea officinalis*, Mart.; *Palicurea strepens*, Mart. Tambem a Douradinha dos mineiros, que é differente da de S. Paulo, pertence ao genero *Palicurea* e é empregada como as precedentes: *Palicurea aurata*, Mart. Todos estes diureticos são dados em infusão fraca na dose de meio a um escropulo, para infusão de seis onças de agua. Como correctivo se junta, ora pimenta da India, ora canella ou outro aromatico.

7 — *Lasianthus pendulus*, Mart. — Nov. Geo. A. Spec. II p. 94. T. 172 — *Lasianthus amplissimus*, Mart. ibd. p. 96. T. 175. Essas duas plantas alpinas, de flores azues, da familia das Gencianaceas têm extraordinario amargor na simples, que por muitos habitantes da comarca de Ouro Preto, é usada em decocto, contra a febre e atonia gastrica. Costumam usal-a, tambem com os fructos da *Xylopia grandiflora*, St. Hil., cascas de cidra e canella no vinho, para preparar um elixir estomachico. As plantas são apenas conhecidas e não possuem outro nome a não ser de raiz amarga.

8 — *Salsaparilha* — E' assim chamada, em certas regiões de Minas, uma especie do genero *Herreria*, Ruiz. Pav. que, especialmente, se differencia da *Herreria stellata* R. P. por ter flores e fructos menores e pelos seguintes caracteres: *Herreria salsaparilha*, Mart.; caulibus teretibus aculeatis, foliis lanceolatis vel lanceolato-oblongis acuminatis stellato-fasciculatis, racemis erectis quam folia brevioribus, perianthii foliolis linearilanceolatis obtusiusculis.

E' uma planta voluvel, de caule muito estendido, aculeado, de rhizoma nodoso, semelhante ao da *Smilax China*. Tanto este como os estolhos succulentos e os renos são usados em decoctos, como depurativo do sangue e são de real utilidade na syphile menos inveterada. E' de regra colher a planta antes da floração, que é em Janeiro.

9 — Já nos occupamos de duas especies de copaibas de que os paulistas extraem oleo. Em Minas Geras chegámos a conhecer varias especies desse genero, as quaes são utilizadas indistinctamente pelo oleo. Este, porém, se acha no lenho novo, em varias proporções, conforme a particularidade da planta e em diversas especies. Differe pela cor mais escura ou clara, maior ou menor quantidade de oleo ethereo e pelo gosto, ora mais acre, ora mais amargo. Extrae-se o balsamo, principalmente, durante e depois da epoca chuvosa; entalha-se a casca, donde, ás vezes, se escôa tanto que, em 24 horas, enche duas a três medidas.

Demais disso, sómente na lua nova se retiram as vasilhas collocadas durante a lua cheia.

As especies que observei em Minas são: *Copallera cordifolia*, *Copallera Sellowii*, C. Martii e C. oblongifolia, Mart.

10 — *Maracujá* ou *murucuja* — *Passiflora maliformis*, pallida, incarnata, L. e outras especies. As sementes, revestidas de mucilagem agri-doce, dão agradavel refresco e se gaba o çumo espremido, contra as febres quotidianas.

assim raramente, era agua turva, repugnante, amarga e gosmentada, em poças ou em grotas de rochedo. Quando a usavamos, melhoravamos-lhe o gosto com assucar e

11 — *Maracujá de estalo* — *Passiflora fetida*, L. e *Passiflora hibiscifolia*. A planta toda é empregada em cataplasmas ou em banhos, na erisipela e outras inflammções da pelle.

12 — *Maracujá grande* — *Passiflora alata*, L. O extracto dessa planta nos foi recommendado, em Villa Rica, pelo Dr. L. J. Godoy Torres, para o marasmo.

13 — *Sambaiinha ou cipó de carijó* — *Tetracera oblongata*, D. C., *Tetracera volubilis*, L. *Davilla rugosa*, Poir e Aug. St. Hil., *Plant. usuell.* t. 22. *Davilla elliptica*, St. Hil. *ibid.* t. 23. Todas estas plantas e ainda muitas especies affins, são applicadas em Minas Geraes, em banhos de vapor, nos casos de *moribus testicularum*, que embora não sejam de natureza syphilitica, são, entretanto, causados pela fraqueza, devida ao abuso sexual, ao clima quente e ás frequentes viagens a cavallo.

Com isto se tem conseguido resolver grandes tumores dolorosos e inflammções. Este remedio simples merece ser considerado e estudado. Curatella Sambaiha, St. Hil. a. a. O. t. 24, nos foi indicada como possuindo virtudes semelhantes ás precedentes. Esta efficaçia parece basear-se na combinação vantajosa de mucilagem e substancia adstringente.

14 — *Momordica purgans*, Mart. — O fructo desta planta, encontradiça nas sebes da região norte de Minas Geraes, tem optimas propriedades assignaladamente purgativas e parece mais se assemelhar á coloquintida. O çumo é de amargor nauseante, ao mesmo tempo resinoso-acre. Os habitantes preparam della um extracto, cozinhando-a com agua, até concentrarem o succo obtido. Trés grãos de extracto purgam suavemente; dose maior actua como drastico.

A maior efficaçia desse remedio comprovou-se na hydropsia e nas ophthalmias chronicas.

15 — *Melothria pendula*, L., cujos fructos, em Minas Geraes, são chamados cerejas ou cerejas do purga. A um adulto dá-se metade ou uma liteira. Aos cavallos, para os que julgão ser este remedio, especialmente, efficaç, dão de 3 a 4 cerejas, *pro dosi*, como purgante.

16 — *Marinheiro e folha miuda* — Assim é chamada, no interior das provincias de Minas e da Bahia, uma pequena arvore, cuja casca da raiz, quando fresca, é muito amarga e se usa internamente em decocto ou em clysteres, para combater a febre terçã, hydropsia e outras doencas do systema lymphatico. E' a *Trichilia cathartica*, Mart. Talvez seja a mesma arvore descripta por Piso, sob o nome generico de Jitô e desenhada na figura 1. No entanto o que elle narra dos effeitos violentos da casca da raiz, como drastico, resolutivo heroico, derivativo e depurativo, se applica muitissimo ao Marinheiro de folhas largas ou ao Tuauva, *Trichilia glabra*, L.

A casca nova, especialmente da raiz, é considerada como estimulante muito activo do systema lymphatico e é ministrada, em vista disto, ora em clystór, ou internamente, contra a hydropsia communis, edema dos pés, esclerose do tecido conjunctivo, syphile, ictericia, cirrhose do figado, endurecimento do haço, prisão de ventre, etc. Para clysteres usa-se a infusão fria de um punhado de cascas frescas e machucadas, quatro colheres de oleo e assucar mascavado, quantidade sufficiente para adolcorar bem o infuso. O effeito immediato é de seis a oito evacuações abundantes. Internamente se costuma tomar uma taça de café cheia da infusão fria, adoçada com rapadura e por isso tambem provoca muitas dejeccões ou vomitos.

Assim a febre maligna costuma, ás vezes, rapidamente desaparecer; os tumores resolvem-se; restabelecem-se o appetito e a digestão normal.

marmellada; mas não era possível fazer o mesmo para os animaes de carga. Por vezes, como elles recusassem bebe-la, muito receosamente proseguíamos a viagem, o mais depressa possível.

Dizem que com este remedio muitos doentes se têm curado rapidamente e de modo admiravel; entretanto, deve ser manejado com cuidado.

Tambem dizem ser util, porque purifica o aparelho genital feminino e cura a esterilidade. A este remedio se associa, por ter virtudes analogas — a arvore Itó. *Guarea trichillodes*, L., cujo gomo, refere Aublet, provoca vomitos e purga energicamente; entretanto, só tenho ouvido falar do seu emprego como abortivo.

17 — *Outro excellente purgatico* fornece a chamada *Convolvulus operculatus*, planta trepadeira, desenhada e descripta por Bernardino Antonio Gomes, nas Memor. Corresp. da Acad. de Lisboa, 1812, p. 27, que talvez seja a mesma *Convolvus follis pedatopalmaris*, Plum. t. 91. *Iponca operculata*, Mart. A raiz tem as mesmas propriedades da jalapa verdadeira.

Dose: de meio até um drachma; da resina: de um até dous escrupulos. Chama-se: Batata de purga.

18 — *A Tiborna dos Sertanejos*, da familia das Apocynaceas, produz drastico poderoso: *Plumeria drastica*, Mart.

O latex desta bella planta affim da *Plumeria obtusa* L., e frequente no sertão de Minas e Bahia é applicado fresco, porém, em nui pequena dose, na emulsão de amendoas, ou em extracto molle. É recommendado no paludismo, prisão de ventre chronica, ictericia e empyema. Da familia das Apocynaceas a tiborna é a que fornece aos sertanejos drastico poderoso.

19 — *Varias Ferrarias* — Têm no rhizoma bulboso, guarnecido de invólucros, um principio activo, que unido á mucilagem e ao amido é de effeito purgativo brando.

Por isso o rhizoma é usado sob a denominação de rhuibarbo do campo ou piróte; aconsella-se tomar o succo obtido por expressão, na dose de 1 a 3 drachmas.

As duas especies que, neste ponto de vista, podem ser usadas de preferencia são: *Ferraria purgans*, Mart., de periantho externamente castanho-claro violaceo, internamente, amarello-dourado e, mais para dentro, amarello-dourado, com manchas transversaes vermelho-arroxeadas; *Ferraria cathartica*, Mart., de flores amarello-vermelhadas.

Ambas vegetam no planalto de Minas.

20 — *Raiz do Tiúá*, da *Jatropha opifera*, Mart., planta communmente encontrada nos campos sertanejos, raiz de duas polegadas de comprimento, contendo substancias extractivas, resinas, e que podem ser retiradas por infusão ou maceração. Os sertanejos servem-se deste extracto na dose de  $\frac{1}{2}$  drachma e, se for preparado a quente, de um drachma, como purgativo seguro.

Dizem que dá bom resultado como *detergens* e *derivans*, na hydropsia e tumores. Contam que as propriedades da raiz foram ensinadas pelo tiú, Tupinambí Monitor, L., que, ás vezes, a procura e dizem que se cura comendo-a.

21 — *Cathartocarpus brasiliensis*, Jacq., *Canna fistula*, arvore e encontrada pelas matas humidas.

A polpa do fructo é purgativa; entretanto, menos que a *canna fistula* do Oriente. Com os fructos os hrasileiros curtem o couro que logo adquire cor amarellada e só se empretece incompletamente. Merece ainda mencionada como

O tamanho das cargas, que não podiam ser transportadas, tão facilmente, como se foram saccoes redondos de algodão, era o grande obstaculo á marcha por caminhos cobertos de mato.

cathartico, uma especie de Cassia que os mineiros chamam — Senne do campo; é a *Cassia cathartica*, Mart., que vegeta no alliplano de Minas e S. Paulo.

22 — Erva Tostão — *Boerhavia hirsuta*, L. O sumo obtido por expressão da erva é empregado na ictericia e cirrose do figado.

23 — *Ambauva*, *Cecropia peltata*, L. — Os habitantes do Rio S. Francisco asseguraram-me das propriedades therapeuticas que Piso em seus escriptos havia já conferido ao sumo obtido das folhas e brótos. E' refrigerante efficaz e, graças aos principios mucilaginosos e ao mesmo tempo adstringentes, serve para curar diarrhéas agudas, metrorrhagias, gonorrhéas, etc. Dizem que em cataplasmas servem para limpar ulceras e feridas.

Finalmente affirmaram alguns curandeiros que, a casca e entrecasca pisadas e postas sobre a picada do cobra curam logo, usando-se do medicamento interno. Emprega-se a casca em cortame.

24 — *Acacia adstringens*, Mart. — Esta pequena arvore vegeta abundantemente no planalto de S. Paulo e Minas; é conhecida, geralmente, por barbatimão, cuja casca devida á grande riqueza de tanino parece justificar a fama que a recommenda como forte adstringente, igual á gomina kino. Esta arvore é differente do *Auaramo-temo* de Piso ou *Mimosa cochliacarpus* Gomes, s. a. O. p. 34 (*Inga cochliacarpus*, Mart.), embora sejam iguaes os seus effeitos. A casca fresca de ambas as arvores é empregada em pó, decocto ou cataplasma nos tumores malignos, leucorrhéas e hemorrhagias de qualquer natureza. Com ella vi sustar uma abundante e grave epistaxis. Digno de nota é o que diz Gomes, de referencia ao tratamento das hernias. Emplastos de casca de barbatimão, triturada com a erva fresca. *Tillandsia usneoides*, L., e com um pinto recentemente saído do ovo, collocados, durante 15 a 20 dias, sobre a hernia reduzida e ficando o doente em posição apropriada, dizem ter curado completamente o mal. No entanto o que affirmou Piso: *potissimum meretricis cortice utuntur, ut laxis-partibus tonum restituant acetateque tunc mentiantur, imo qua possibile virginitatem hoc dolo praetendant*", ainda hoje, tem seus visos de verdade.

25 — Quina do campo — *Strychnos pseudoquina*, St. Hil. *Plant. usuell.* t. I. Pequena arvore de ramagem tortuosa, cerca de 12 pés de altura, distinguindo-se, particularmente, pela casca espessa, corticada, amarelada, frequentemente encontrada nos campos do interior da provincia de Minas Geraes, com particularidade lá, onde os taboleiros estão guarnecidos de arvores baixas, isoladas e dispersas. A casca desta arvore é de um amargo muito agradável, sendo por isso o remedio predilecto dos sertanejos que a applicam na atonia gastrica chronica do estomago, dispepsia e febres intermittentes. Não podemos comparar seu effeito medicinal com o da verdadeira quina, da qual tambem chimicamente se differencia pela carencia da propria quina; suas virtudes therapeuticas são antes semelhantes ás da quina, ás do *Trifolium febrinum*, e da rala de gengiana.

Por isso o emprego é tambem indicado nos casos em que o da casca peruviana prejudicaria, por exemplo: nos endurecimentos do bazo, do figado, e dos ganglios mesentericos, tão communs no sertão, onde, principalmente, em se tratando de individuos enfraquecidos, para os quaes, a par de medicamentos estimulantes do *systema lymphatico*, tambem são indicados os tonicantes. A combinação do extracto da casca que ensinamos os naturaes a prepararem com o mercurio doce, bem corresponde a essas indicações.

Os habitantes dessa região triste cuidam, principalmente, da criação de gado vaccum e cavallar.

Raramente encontrámos plantações de algodão, que, aliás, ali prospera bem. O que logo nos chamou atten-

O pó é usado na dose de  $\frac{1}{2}$  a 2 drachmas; o extracto em dose quatro ou cinco vezes menor.

26 — *Quina da serra ou do Campo*, Quina de Remijo, *Cinchona ferruginea*, Vellozii e Remijiana St. Hil. Planta, usuell, t. 2. No planalto de Minas principalmente, na formação de camadas de hematite, em altitude de 2.000 pés e mais sobre o nivel do mar, apparecem essas especies de quassia arbustiforme, como representantes das muitas Cinchonas, que vegetam nas montanhas do Perú. Todas ellas não lhes igualam, porém, no amargor e aroma particular, nem tão pouco na efficacia; ao contrario, costumam, por vezes, molestar o baixo ventre. São as mais recommendadas nas verdadeiras febres inter-mittentes e como, no planalto de Minas, são ellas muito mais raras do que as febres de caracter gastrico, rheumatismal e catarral, assim, e com razão, o seu uso é menor do que o da planta precedente.

O mesmo deve dizer-se da especie que apparece como arvore muito alta, na mata virgem da Provincia de Minas Geraes, aquella que os habitantes chamam de Quina do mato. Vi a arvore sem flores; as folhas se assemelham ás da *Exostemma cuspidatum*, St. Hil.; são, porém, mais rombas.

27 — *Polygonum antihaemorrhoidale*, Mart. — Erva de bicho. Desta especie ha duas variedades determinadas pelo habitat: raparium, foliis lato lanceolatis acuminatis; e aquatile, foliis lanceolatis utrinque acuminatis, caulibus radicantibus. Ambas, em virtude de um principio activo proprio, são empregadas em banhos e cataplasmas nas arthritides e incommodos hemorrhoides, especialmente, no começo daquella doença descripta por Piso, com o nome de Doença do bicho. O çumo da planta é tambem usado para clarificar a garapa, nos engenhos de assucar.

28 — *Tayó ou Tayáuca* — *Caladium esculentum*, Vent. As raizes desta planta não são apenas utilizadas como alimento agradável e feculento, mas, ainda são applicadas em cataplasmas nas ulceras malignas, de mau caracter, e nos tumores lymphaticos, a que limpam e resolvem. Igual emprego têm os tuberculos do *Caladium Poeile*, Schott, *Caladium sagittifolium* e bicolor, Vent.

29 — *Azedinha do brejo* ou erva de sopo — Varias especies do genero *Begonia*, por exemplo: *Begonia ulmifolia*, Humb., bidentata, Raddi, spatulata e cuculata, Wild., *hirtella*, Link e outras são usadas, quando novas, como legumes.

Todas ellas contem acido oxalico; e, pela quantidade em que existem no Brasil, poderiam ser empregadas no preparo do sul de azêdas.

O çumo espremido é utilizado como refrigerante, principalmente no catarro vesical.

30 — *Embira, Pindaiba, Pimenteira do sertão ou da terra*. — Assim se chama, em Minas Geraes, a *Xylopia grandiflora*, St. Hil. Os fructos dessa hella arvore alliam o aroma bem agradável, á uma acrimonia propria e são remedio analogo á pimenta e á canella da India, que se usam como carminativo e correctivo, em muitas especies de formulas antifebris. As bagas são colhidas antes da maturação completa.

O fructo da *Xylopia sericea* (vede Plantes usuelles t. 33), divulgado por St. Hil. como carminativo é de inferior efficacia ao mencionado.

31 — *Outro excellente* — Fructo que, em muitos pontos de vista se approxima do verdadeiro cravo da India, é o conhecido, pelos habitantes da Provincia do Rio

ção foi a existencia de grandes e elevados bancos de *granito avermelhado*, ora desprovidos de vegetação, ora cobertos de densas fileiras de cactos.

de Janeiro, bem como pelos da região oriental de Minas, com o nome de *cravo da terra*, proveniente de uma especie de myrto. *Myrtus pseudo-caryophyllus*, Gomes a. a. O. p. 94.

Empregam-se as bagas colhidas ainda verdes, com qualquer medicamento amargo, maceradas no vinho ou na aguardente, como elixir estomacal.

Conforme diz Gomes, as folhas communicam aroma bastante agradável á agua que sobre ellas se derrama, sendo essa agua applicada pelos brasileiros, para encher fructos de côra — laranjinhas — as quaes costumam aticar, por brincadeira, na época do entrudo.

32 — *Storax*, estoraque, fornecem, no Brasil, muitas especies de *Styrax* e isto em Minas Geraes: *Styrax ferrugineum*, Nees et Mart., *Styrax reticulatum*, Mart., e *Styrax aureum*, Mart.

Essas arvores vegetam nas altas chapadas das terras mineiras. O balsamo extrahido por profundos entalhes feitos até o lenho novo não se escôa, todo o anno, em proporção igual, porém sempre escasso. Até hoje não se tem prestado attenção a esse producto interessante.

33 — *Almecegueira*, *Hedwigia balsamifera*, Sw. (depois de comparada com a planta original de Swartz). É arvore de 30 a 40 pés de altura que não raro se encontra no interior das provincias de Minas, Bahia e Pernambuco. Da casca incisa transuda balsamo acre, resinoso e claro, que, em contacto com o ar se solidifica em crostas semelhantes a cachos brancos ou amarello-claros, lembrando um pouco as estalactites, não differentes do cortical. Essa preciosa resina balsamica é, frequentemente, empregada nas igrejas e, no uso domestico, em vez do verdadeiro incenso; e, na medicina caseira, do mesmo modo que entre nós, a resina elemi, usam-na em emplastros excitantes ou em emulsões, nas doencas do peito em que são indicadas as resinas. Não chegaci a saber, se o balsamo liquido, conhecido nas Antilhas por — *Baume du bois des cochon* — é muito empregado, tambem aqui se usa com o mesmo fim.

34 — Sob o mesmo nome de arvore-mastix tambem, aqui no pais, se conhece a *Jeica ambrosiaca*, Willd. (*J. heptaphylla* e *guianensis* de Aublet), provavelmente a *Itcariba* do Piso. Dessa arvore se extrae uma especie de elemi das Indias Occidentaes que se distingue do das Indias Orientaes pela maior dureza e friabilidade, por ser um pouco mais escuro, tirante ao avermelhado, de côr semelhante á resina das *euphorbiaceas* e por amolecer menos facilmente.

35 — Outra arvore balsamica que se encontra no sertão de Minas Geraes, mais ainda, nos sertões da Bahia, Pernambuco e Piauhy, onde é bastante caracteristica pela physionomia das castingas e, pelos nativos, chamada *Imburana*, isto é, amelia mombim silvestre, pela semelhança com o verdadeiro imbú (*Spondias*) é a *Bursera leptophloea*, Mart.

Incisando-se a casca dessa arvore surge um balsamo verde, mui cheiroso e bastante parecido com a *therebentina* a que substitue, bem assim ao balsamo do copahiba.

36 — Já se fez menção, á pagina 427, do balsamo extrahido da entrecasca do *lantim*, (*landim*), *Calopyllum Calaba*, Jacq. Recolhem-no logo que goteja dos pedacos descascados da planta ou tambem aquecidos ligeiramente sobre fogo de carvão.

37 — Muitas especies do genero *Vismia*, Vand., das quaes uma, a *Vismia bacifera*, já foi apresentada por Piso, com o nome de *Casopiá*, exsudam quando incisadas, uma resina mucilaginoso muito semelhante á *gutta* e é quasi de igual valor purgativo.

## Montes Altos

Quando nos aproximámos da serra de Montes Altos, despertaram-nos a atenção diversos montes e collinas pelo arredondado dos seus cimos.

Pertencem ao mesmo genero: *Vismia micrantha*, Mart.; e *Vismia lacrifera*, Mart. Ambas estas especies vegetam na provincia de Minas, nas regiões altas, ensolejadas e revestidas de arbustos. Por vezes, a seiva transformada em bastonetes cylindricos é encontrada debaixo de casca.

38 — *Gomma resina*, acre, tambem semelhante, fornece a *Terminalia argentea*, Mart. Nov. Gen. I, p. 43.

Prescreve-se esta gomma resina em infuso frio, emulsão e pillulas, na dose de  $\frac{1}{2}$  escropulo.

39 — *Alfavaca de cobra*, *Monnieria trifolia*, L. Essa planta, referida por Piso com a denominação de *Laborandi*, cresce na mata virgem da provincia de Minas e dahl para o Norte até Cayenna. A raiz é de sabor acre, aromatico, de effeito consideravelmente diuretico e sudorifico. Triturada e misturada com agua é aconselhada nos envenenamentos, nas febres gastricas e inflammatorias.

40 — *Fumo bravo*, em algumas regiões de Minas, erva do Collegio, no Rio de Janeiro, é o *Elephantopus Scaber*. Sw. A raiz amarga tem acrimonia um tanto excitante. Em decocto é aconselhada contra a febre palustre.

41 — Ainda mais frequentemente do que essas plantas mencionadas, usam os mineiros as folhas de varias especies de *Lantana*, que são chamadas camarã. Infusão fraca dessas flores é usada nas affecções catarracs, como é na Allemanha a de flores de sabugueiro ou de verbasco.

42 — *Candúá* — *Cladonia sanguinea*, Mart. Ic. select. Crypt. t. 9, e outras especies desse genero de lichenes, em Minas, são misturadas com agua e um pouco de assucar e constituem bom remedio para as aphtas das crianças.

43 — *Mniança pixerica* — Muitas especies do genero *Melastoma*. Preparam-se vinho e vinagre do succo da baya, obtida por expressão.

44 — *Centrospermum xanthioides*, Kunth (*Acanthospermum brasilum*, Schrank, Plant., rar. horti. Monac. t. 53). Pucjo da praia. E' amargo e tonico o decocto das folhas e da raiz desse vegetal, que se desenvolve nos lugares arenosos de Minas e Rio de Janeiro.

45 — *Turuera opifera*, Marti — Vegeta no sertão entre o rio Jequitinhonha e o rio Verde Grande, sobre collinas calcareas. E' empregada pelos sertanejos, em infusos, nos casos de indigestão, por causa das propriedades mucilaginosas e adstringentes.

46 — *Algodão* — *Gossypium barbadense*, L.; e bem assim outras especies, como: *G. herbaceum vitifolium*, L. etc. As sementes do algodoeiro são communmente usadas, pelos mineiros, em fumigações, contra os tumores lymphaticos; em emulsões para injecções emolientes e refrigerantes nas febres, etc. As folhas, embebidas no vinagre, são, como as de *Ricinus communis*, L., remedio precioso e caseiro aconselhado, como cataplasma, nas hemicranias.

47 — *Buiua* — *Cocculus cinerascens* e *platyphylla*, St. Hil., duas plantas sarmentosas, frequentemente encontradas nas matas virgens das provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes. Como resolutivo e tonico, do mesmo modo que a ver-

Assentados sobre *granito*, profundamente sulcados, ora a pique, ora como elevação gradativa, interrompidos por cortes em declive suave, despidos de humo, muitas

dadeira Butira da Goyanna, é usada, especialmente, nas doenças do fígado e adynamia dos órgãos digestivos, em decocto e também em pó, ainda que mais raro.

43 — *Coerana* — *Cestrum auriculatum* e *C. laurifolium*, L'Herit. As folhas cozinhadas em banhos são recomendadas contra as dores hemorroidarias. Acalma e alivia o estado febril.

Talvez actuem do igual modo a maior parte das especies do mesmo genero. Consoante a opinião de Molina, no Chile se costuma empregar o sumo extraído das folhas e casca do *Cestrum nocturnum*, L., nos casos de febres malignas, com grande proveito para os enfermos.

49 — Outra planta da familia das Solanaceas, *Datura Stramonium*, L., Estramonio ou Figueira do inferno é, pelos mineiros, prescripta nas dores de dente, inflammation e tumores das gengivas, isto é, em decoção, como collutorio.

50 — *Canna do macaco* — no Rio de Janeiro e Minas. Muitas especies de costos: *Costus spiralis*, *cylindricus*, Anachiri, Jacq. e outras contêm acido oxalico na seiva das hastes novas. O sumo, obtido por expressão, é recommendado em grande dose como bom remedio para a gonorrhéa. Os indios, quando em correrias nas matas, gostam de mastigar os talos, para matar a sede.

51 — *Imbiri* — *Canna angustifolia*, L. O decocto das folhas e raizes actua como diaphoretico e excitante. De preferencia são empregadas em banhos, nas paralisias rheumaticas das extremidades.

52 — Tal como nas Indias Orientaes, onde se chama Panschi, também se conhece aqui no paiz a planta do canhamo, *Cannabis sativa*, L. como estimulante, tomado internamente em pilulas e decocto. Também é fumado. Os negros costumam fumar-o em vez do tabaco e pelo abuso se observam: estupor e affecções nervosas.

Esta planta cujas sementes foram provavelmente trazidas das Indias Orientaes e da Africa, se distingue da européa por ter folhas mais compridas e relativamente mais estreitas.

53 — A provincia de Minas Geraes é particularmente rica de plantas emeticas. Ao lado da ipecacuanha preta, da *Cephaelis Ipecacuanha*, Rich., a chamada Poaya branca ou do campo é a mais conhecida e provem de muitas plantas: *Richardsonia scabra* e *R. emetica*, Mart., *Ionidium Ipecacuanha*, Vent., *I. brevicaulo*, Mart., e, na provincia da Bahia, o *Ionidium urticifolium*, Mart.; são as plantas das quaes, segundo minhas experiencias se recolhe a raiz de ipecacuanha branca. Aug. de St. Hilaire menciona a mais: *Ionidium Poaya*, *I. parviflorum*, *Spermacoce Poaya* e *S. ferruginea* que fornecerem raizes emeticas.

A raiz preta da *Chiococca anguifuga*, Mart., já foi anteriormente mencionada como remedio efficaz contra as picadas de cobra (Th. I. p. 306).

Com razão aqui menciono esta raiz e outra semelhante, a da *Chiococca densiflora*, Mart., pois ambas podem ser applicadas como vomitivo.

E' de igual categoria a raiz da *Monettia cordifolia*, Mart. A respeito de todas essas raizes emeticas coteje-se Martius, Spec. Mart. med. bras. nas Memórias da Acad. de Munich do anno de 1824.

Novas experiencias com a raiz preta que, por Hamburgo, foi introduzida no commercio, com o nome de raiz de cainana (falsamente de cainca) confirmaram-na excellento remedio contra a *hydropsia*.

vezes mesmo, de toda vegetação, apresentam, por isso, côr verde escura, que lhes dá um aspecto muito especial.

A natureza da rocha é mistura finamente granulada de *hornblenda* verde escura e de *feldspatho* cinzento

54 — *Hydrocotyle umbellata*, L. Erva capitão, a acariçoba de Piso. O gomo da folha fresca é emetico em grandes doses; em menores é usado contra a obstrução do fígado e hypocondria.

55 — *Fôto macho*, *Polypodium lepidopteris* (Acrostichum, Langed e Fisch) e *P. percussum*, Cav. Por vezes o rhizoma é empregado como vermifugo, do mesmo modo que, na Europa, o do *Nephrodium Filix Mas*.

56 — *Arenca e arencão*, *Adiantum Capillus Veneris*, L. A planta que apparece na mata grossa das provincias do Rio, S. Paulo e Minas Geraes não differe da europêa e é empregada do mesmo modo.

57 — *Poincinia pulcherrima* — O chá das flores dessa linda arvore, ás vezes cultivada como adorno, é aconselhado no catarro chronico: tem effeitos adstringentes e excitantes.

58 — *Piper nadosum*, L., no Brasil, é chamado *jaborandi*, assim como outras muitas piperaceas. A raiz desse vegetal semi arbustivo, tem sabor extraordinariamente acre e ainda é excellente sialagogo. Mastiga-se por occasião das dores de dente e depois de tritarado se colloca sobre as picadas de cobras e ulceras malignas.

59 — Dentre as fructas comestiveis da provincia de Minas Geraes, além das já mencionadas, merecem ainda citadas: a ameixa da terra, da *Ximenia americana*, L., e uma especie de guabiroba, *Psidium Cattleyanum*, Lindl. Ambas servem para compota.

60 — *Gravatá da tingr.*, *Bromelia tinctoria*, Mart. Bonito typo de bromella que no sertão de Minas vegeta em terrenos pedregosos. Fornece bello corante amarelo, existente nas radiculas numerosas.

Outra tinta amarella muito propria para lã, fornece o decocto da folha da *Jussiaea pilosa*, Kunth, bem assim mais outras especies do mesmo genero.

61 — Também o verdadeiro sustête, *Broussonetia tinctoria*, aqui no país, conhecido por amoreira, vegeta em alguns logares da mata virgem, particularmente, na parte oriental da provincia de Minas Geraes.

62 — Como corante preto se usa a casca de muitas especies do Flôr de Quaresma, *Rhexia princeps*, *holosericea*, *grandiflora*, Humb. Pompl. etc.

63 — Dentre as plantas que directamente percentem á região do Rio S. Francisco, e ahi formam a vegetação propria do alagadiço, existem duas que aqui devemos mencionar, entre as utris.

Uma é o araticum do Rio, *Anona spinescens*, Mart. A polpa, amarello-avermelhada, de sabor desenhado, é cozida com leite e applicada para maturar os abscessos. As sementes, como as de quasi todas as anonas de matar piolhos, tambem possuem esta particularidade, quando pulverizadas e esparzidas no cabelo. A outra é uma especie de *Hymenaea*, *Jatahy*, de baixo de cujas raizes se encontram bolos de uma especie daquella resina que os allemães chamam copal das Indias Occidentaes. Meu amigo Prof. Hayne em sua preciosa obra sobre as plantas medicinas a denomina *Hymenaea Martiana*.

A especie que indicamos (Th. I. S. 284-299) como *Hymenaea Courbarill*, Lin., conforme as investigações do mesmo amigo, é differente e por elle foi chamada *Hymenaea stilbocarpa*, devido aos fructos brunos reluzentes. Todavia, convém mencionado que pelo facto dos ingleses chamarem de unimo, o copal das Indias Occidentaes, houve pretexto para fazer passar a *Hymenaea* por planta matriz desta

esverdeado, contendo *granada* em pequena quantidade e *pyrite marcial*, que se caracteriza completamente como *diorite (Urgrünstein)*.

Alguns montes se elevam muito e formam, em diversos lugares, os mais altos picos da serra de Montes Altos, cuja formação dominante é de *granito*, finamente granulado, muito denso e de *gneiss-granitoso*.

Fizemos a volta de parte da referida serra, entre as fazendas Pau de Espinho, Pé da Serra e Picadas, o que nos permittiu ver toda a extensão da mesma, perto da fazenda real Carnaibas, onde ella corre em direcção de S. E. a N. O. como cadeia de montanhas, cujo contorno principal se parece com o de algumas collinas e cumes rochosos, por entre os quaes nos conduzia o tortuoso caminho.

Na serra de Montes Altos foram descobertas grandes massas de terra salitrosa, que talvez estejam depositadas á superficie do solo ou em aguas (*calcareas?*), mas a exploração ainda não se fez seriamente, talvez por causa da prohibição de se exportar salitre do Brasil e da distancia das paragens, onde, como no Rio de Janeiro, Villa Rica e Ociras, existem fabricas regias de polvora (3).

---

substancia que, no entanto, mais provavelmente, proviria de uma leica. As plantas que além destas, mais communmente apparecem no alluvio são: *Perlebium habitoides*, Mart. arvore semelhante á boscinha de pequenas folhas, que apenas se differencia desse genero, pela multifloração das vagens, (semelhantes ás da *Prosopis*) providas de resistentes aculeos, em vez de estípulas; além disso, a *Acaris hostilis*, Mart.; *Acacia inundata*, Mart.; *Acacia Farnesiana*, W., *Triplaris americana*, L., e muitas especies de *Cissus*, entre as quaes, uma de grandes corymbos vermelhos, cujo caule desfolhado, quando observámos, parecia corioatha por entre os galhos das arvores vizinhas, estendida numa elevação de 20 a 30 pés, acima do solo. Algumas *coccolobas*, *jacarandás*, arbustivas *pipraceas*, *myrtos* e *psídios* (*golabelras*) occupam as margens um pouco mais elevadas e, sobrepujando a todas, destacam-se, em altura, os alvos caules e as grotescas folhas da *Cecropia*. — N. A.

### (3) SALITRE.

Um exame chimico praticado pelo meu presado collega, Snr. Cons. Vogel, em terra da Lapa Grande, revelou conter ferro e, em verdade, nenhum salitre completamente formado, porém, azotato de calcio com gesso e chlorureto de calcio. O processo do sertanejo preparar o salitre tem por fim combinar o acido nitrico

## Salitre

O Brasil possui tal abundancia desse apreciado producto, que o livre commercio de salitre poderia trazer-lhe muitas vantagens.

Cinco dias depois da nossa partida de Malhada achavamo-nos perto de Pajeú (4) sobre a ultima cadeia dessa montanha de *granito*, de cuja altura, na parte chamada Serra da Gamelleira, gozámos, satisfeitos, a vista de alegres planicies verdes.

Mais extranho, ainda, do que estes vestigios de primavera, junto de uma aridez mortifera, era, para nós, o facto de encontrarmos na cordilheira opposta, na Serra de Cactité, que então subiamos, a formação já bem conhecida de *gneiss* ou de *quartzo*, como soe apparecer em toda Minas Geraes.

A rocha avermelhada, côr de carne, que se dispõe em camadas horizontalmente estratificadas, estende-se de S. E. a N. O., e frequentemente raiada de grandes filões, ricos de *quartzo branco*. A' proporção que subiamos do valle, em forma de bacia, revestido de fresca verdura e limitado por essa montanha, situada perto do Hospicio, reencontravamos, a mais e mais, um carrasco das mesmas

ao potassio da lixivia de potassa, ajuntada durante a precipitação da terra calcarea, primitivamente unida áquelle acido. Além disso, ficou patente, pela nossa demonstração, que a existencia do salitre em Formigas e em regiões analogas, nem está de acordo com o que observou von Barrow na fonte hepatica (Hepatic Wells), no Sul da Africa, onde o salitre, como em Pulo Molfetta na Apulia, apparece em cristalização pura, nem como o que Sam. Brown descreven no arenito aslitroso de Kentucky, mas é analogo a um que apparece na argilla, em *Goettingen* e outras muitas regiões da Russia.

A existencia do salitre no valle do S. Francisco, se prolonga muito para o Sul e para o Norte, onde surgem taes grutas calcareas. Vid. infra, pag. 759 e 853. Informações seguras tambem annunciam salitre em Matto Grosso; sua existencia lá nos foi affirmada menos precisamente, do que a de chlorureto de sodio que, em grandes salinas, existe no Rio Jaurú. — N. A.

(4) No texto: Pajaú. — N. T.

plantas do Serro Frio, especialmente dos planaltos de Minas Novas.

Em frente a nós branquejava a casaria bem caiada ha vinte annos, explorando, em grande escala, a cultura rodeada de collinas, promettendo hospitaleiro abrigo aos viajantes cansados.

## Caetité

Cayteté (Caeteté ou Villa Nova do Principe) (5), semelhante a Minas Novas, pelo clima e vegetação, vem, ha vinte annos, explorando, em grande escala, a cultura do algodão e se tornou, por isso, um dos mais ricos logares do sertão bahiano. Existem, ahi, atravessadores que, annualmente, remettem para a Bahia mais de mil animaes com cargas.

No proprio lugar, o preço da carga de 6 a 7 arrobas mantem-se entre 22\$000 e 25\$000 (66 até 69 1/3 florins), emquanto que na Bahia, durante a nossa estada, se offerecia 5\$200 e até 5\$800, por arroba.

O algodão dahi despachado, não é só producto dos arredores, tambem vem do districto de Minas-Geraes, situado mais para oeste.

A parte norte e leste dessa provincia manda o algodão do lugar de origem, arraial do Rio Pardo, para a Bahia, por duas estradas recentemente abertas, que atravessam Conquista e Gavião.

Na montanha vizinha, e especialmente na encosta de nordeste, chamada Serra de São Vicente, encontram-se vestigios de ouro, que se não cuida de explorar.

As bellas amethistas, celebres pela côr escura, encontradas a dez legoas dahi- em direcção do Rio Pardo,

---

(5) No texto: Caytelé. — N. T.

constituem importante artigo de commercio e são vendidas, principalmente, aos negociantes de pedras de Minas Novas.

Os habitantes do industrioso logarejo deram-nos ensejo de exercer a nossa profissão medica; procuraram-nos muitos doentes tuberculosos, hydropicos e de ophthalmia rheumatica (6).

## Nosologia

Depois do sol posto, justamente quando nos retiravamos para o quarto de dormir, um dos nossos criados,

### (6) NOSOLOGIA.

As estadas que fizemos em Contendas e no Rio S. Francisco nos proporcionaram ensejos mais frequentes para observações medicas; e, agora, será oportuno relatar aquillo de mais interessante.

Quanto mais nos afastávamos do planalto de Villa Rica e Tijuco, romando o norte, tanto mais visivel e nitido se impunha o caracteristico das doenças abdominaes, ao revés do das thoracicas, cutaneas e rheumaticas, predominantes naquella região.

Como receptividade geral para as doenças abdominaes deve tomar-se em consideração, certa meliopraxia da digestão, frequentemente manifestada nos sertanejos, por anorexia ou bulimia exaggerada, pelas repetidas eructações e frequentes indigestões, trazendo como consequencia a emissão de gases, considerada menos inconveniencia, do que doença.

Essa fraqueza é provocada, principalmente, por alimentos pesados: feijão, milho, mandioca, toucinho, agua má, cachaça ruim, clima quente e exagerado sensualismo, factores estes predisponentes a varias doenças.

Diversas dermatoses, a principio, apparecem ligadas a perturbações gastricas; e, com effeito, a erysipela, que descrevemos com o nome de sarna, deve ser, talvez, o mais simples desses estados morbidos.

De caracter grave se revestem essas dermatoses pelas frequentissimas complicações com as dyscrasias syphiliticas. E' extraordinaria a variedade das manifestações, da marcha e do prognostico destes estados morbidos e, muitas dessas dermatoses, na Europa, são, pelo menos, quasi desconhecidas ou em formas bastante raras.

Observei botões acuminados, vermelho-claros, de vertices suppurados, que deixam cicatrizes brancas, minusculas e chatas; erupções arroxeadas, mui pruriginosas que, ás vezes, se abrem, transformando-se em ulceras de mau caracter; bolhas pallidas, pemphygoides, cheias de serosidade sem rebordo inflammado; verrugas por todo o corpo; callosidades irregulares, de côr pallido amarellada, na pelle, principalmente nos pés, tornuzellos, dedos dos pés e das mãos. Dellas procedem ulceras, excessivamente dolorosas. Finalmente, nodulos disseminados no tecido cellular sub-cutaneo, nas articulações, ás mais das vezes, dos pés. A todas estas manifes-

com a physionomia assustada, annunciou-nos um valentão. Mal acabava de falar, quando um homem gigantesco, mettido num ponche pala, armado de facção de arrasto e pistolas, entrou com passo resolutivo, puxou o criado para fóra, fechou a porta e, sem cumprimentar, começou a despir-se, dizendo: "*Senhores estrangeiros, curae-me com pressa, pois não posso aqui ficar*".

Mostrou-nos em seu corpo, digno de um Achilles, muitos golpes e as repugnantes consequencias da libertinagem, exigindo-nos com impetuosa arrogancia e palavras chistosas, tratamento immediato.

O rosto quasi branco, energico e bem talhado, revelava ser mulato disfarçado, com cerca de 30 annos de

tações dos maus humores, costumam os brasileiros dar o nome geral de escorbuto, o que muitas vezes não passa de uma expressão mais branda para a syphile. Tão frequentes como as dermatoses são as *doenças de natureza lymphatica*.

Notei infartamente inguinaes, dos ganglios mesaracicos, do pancreas, do figado que, ora se haviam desenvolvido imperceptivelmente, sem prévia doença manifesta, ora não passavam de sequellas de inflammações chronicas evidentes, ou de paludismo.

Os symptomas de aepsia, caefrios transformados em febre passageira, de frequente estrangulamento, por mucosidade viscosa ou saliva,ahi no país, chamado — mal de engasgo —, não raro são indicioes de taes inflammações e tanto mais para recelar, quanto só costumam a se manifestar, quando já existem *grandes desordens organicas*: esclerose, induração dos ganglios, do cardia ou dos intestinos.

No que tange ao paludismo, ora se manifesta elle, sob o typo quotidiano, terço e quartão. No S. Francisco, onde são endemicas as febres palustres, e para as quizes reina grande receptividade, são ellas, ás vezes, causadas por uma boa refeição, uso de carne verde de gado, em vez da costumada carne soeca, ou salgada, ou por fructas.

E' sempre perigoso comer fructas á noite. Isto se refere á apreciada, refrigerante melancia e tambem á laranja, a respeito da qual diz o prologo: "*Laranja de madrugada, ouro; ao meio dia, prata; de noite, mata*".

Sómente a manga, mui rica de therebintina e de substancias balsamicas é tida como fructa innocua, á noite, quando tambem se pôde comer pelle fresco, sem receio algum.

A condição pathogenica dessa febre intermittente — sezões, malcitas —, teria, talvez, sua origem, igualmente, na inflammação chronica do figado.

A favor disso fala, especialmente, o rapido desenvolvimento dos chamados bolos do febre, — baços — que, a principio, apparecem no lobo esquerdo do figado; attingindo, por vezes, num mês, proporções taes que abatulam todo o hypochondrio.

Raro são estas sequellas da febre, curadas por completo e constituem as principaes causas da hydropsia, ou da febre hectica, de que, finalmente, succumbem os doentes.

idade. Intrepidez selvagem, que se enfurece a cada obstaculo, inclinação para as libertinagens ousadas, tal era a impressão que dava esse homem esquisito. Jamais encontrámos equal mixto de uma natureza nobre com semelhante depravação.

Como não quizesse responder ao interrogatorio medico, fizemos silenciosamente, passado o primeiro susto, o nosso *trabalho forçado*, administrando-lhe medicamentos da nossa ambulancia e fazendo-lhe o curativo. Mal acabámos, desapareceu, dizendo apenas: "*Muito obrigado. Adcus*".

Ouvimo-lo sahir a galope e ainda ficámos a duvidar se seria sonho ou realidade.

Demais a mais, esses baços predispõem ás febres malignas ou á febre typhica, das quaes são atacados os taes doentes, ás vezes, mesmo, após insignificantes causas externas: rapidas mudanças de tempo, calor ou humidade persistentes, etc. Os habitantes, aos quaes infelizmente fallam medicos e conlecimentos medicos, procuram curar as febres intermittentes, de preferencia, com vomitorios repetidos de ipecacuanha e de tartaro emetico. A esta medicação ligam tão illimitada confiança que, ás vezes, após 20, 30 vomitorios inuteis, prescindem de outro qualquer medicamento e se entregam á mercê da doença.

O uso da casca peruviana não é tão geral, como seria para desejar. Em parte o motivo estaria em não saberem os sertanejos applica-la opportuna e convenientemente. Queixaram-se de que augmentava a febre e produzia sarma. O extracto da chamada quina do sertão, Strychno Pseudoquina, St. Hil., que se distingue pelo amargor brando, não é usado tanto quanto merecia; e o pó da casca nem sempre é aceito.

Para a cirrhose do figado, com vantagem, usam de um bolo (formula pharmaceutica) de senne, caroba, (Bignonia antisyphilitica, Mart.), alóes, maná e mercurio doce.

São-lhes desconhecidos os banhos mornos e as sangue-sugas, de que, não raro, muito se poderia esperar. As febres malignas que, de quando em quando, momentaneamente por occasião das cheias, produzem grandes devastações — carneiradas — entre os habitantes do S. Francisco, são: a febre nervosa pura ou, ás mais das vezes, a febre putrida. Rapidas são a marcha e crise para a morte ou para a cura, quando não se complica de outra doença: dysenteria, parotidite, hydropsia, o que frequentemente soe acontecer.

Na verdadeira febre nervosa (typhoide) o diagnostico de derramamento lymphatico no cerebro é symptoma pathogenico de meningite cerebral. Ceralmente as febres putridas consistem na inflamação do baço ou do figado que, muitas vezes, se endurecem, porém, quasi nunca suppuram.

Paralysias parciais, perda do paladar, do olfato, zumbidos nos ouvidos surgem como consequencias destas perigosas doenças e, do mesmo modo que a suppuração critica da parotida ou do anus, são de prognostico favoravel, ao passo que as epistaxis, as hemorrhagias da bocca, dos labios, o trismo e a dysenteria não o são.

## Cangaceiros

Nossos criados resolveram o enigma, contando-nos que diversos aventureiros, desherdados ou empobrecidos, em desespero, ou por inclinação pelas empresas barbaras, vagabundeiam proscriptos pelo sertão, commettendo crimes de toda especie, ora a serviço de outrem, ora por conta propria, e escapam por muito tempo á justiça, devido ao conhecimento que têm da região e ao auxilio de parentes alliados.

Antes de haver ahi qualquer organização judiciaria, eram taes bandidos (*valentões*), muito frequentes, instrumentos de horrorosos crimes, que a inveja, a ambição e o eiume mandavam commetter.

Entre Cactité e o maior logar proximo, a villa do Rio de Contas, tinhamos de fazer uma viagem de três dias, através de terreno muito montanhoso.

Subimos a cordilheira, tambem composta de *schisto quartzoso*, situada a leste de Cactité, para novamente nos embrenharmos nas caatingas despidas de folhas.

Como ao entrar nessa vegetação, tivessesmos achado uma nova especie de rocha, isto é, um *granito* de grã muito grossa e sobre elle, outro, finamente granulado,

A dysenteria apparece como doença autonoma e, muitas vezes, se termina com a morte, acompanhada de terriveis symptomas: estrabismo, soluços, vomitos pretos. Passada a doença, ficam, ás vezes: prolapso do anus e diarrhêa chronica.

A este triste quadro das doenças daquella região deve accrescentar a syphile, qual Proteo, se manifesta por innumerias formas.

Este mal tão diffundido é infelizmente tratado, de modo inconsiderado, com os mercuriaes.

Depois de ter o sertanejo inutilmente empregado este remedio e innumerios outros de natureza vegetal, recorre, de quando em quando, a um do reino animal: corta a cauda e a cabeça a uma caseavel viva, cozinha, juntamente com um frango, a parte média da cobra até transformar em gelêa.

Esta deve ser comida de uma só vez, pelo doente acamado, que toma forte suadouro, por meio do qual é de vez eliminada a *materia peccans*.

Muitos sertanejos me asseguraram, convictos, a força curativa deste extravagante remedio. — N. A.

muito denso e duro, de fractura quasi porphyroide, confirmava-se a grande interdependencia das diversas especies vegetaes e da natureza da montanha.

E' verdadeiramente phenomeno notavel, digno da consideração de futuros observadores, o não termos encontrado numa viagem tão extensa, em latitude alguma, no solo granitoso ou calcareo, formas que se approximassem da vegetação especial dos campos, como particularmente se encontram no planalto de Minas.

Do alto dos montes de *granito* e de *gneiss granitico*, perto da fazenda Joazeiro, vimos, a leste, as serranias mais altas, tambem cobertas de caatinga, por entre as quaes desce o Rio de Contas.

Visto estar a vegetação, no momento, quasi despida de todo o verde, offerecendo pouca pastagem para os animaes de carga, receámos não ter provisão sufficiente de milho.

Os animaes afastaram-se tanto, durante a noite, apesar de peados, que perdemos a metade do dia em reunil-os.

Alguns tinham comido a erva *Icó* (7) (especie de alcaparra, que conserva as folhas duras, mesmo durante as seccas) e haviam adoecido.

Procurámos cural-os, dando grandes doses de sal e de oleo de ricino.

Nesta situação melindrosa, alcançámos a fazenda da Lagôa de N. S. d'Ajuda, onde esperavamos soccorro, por ser uma das maiores fazendas de todo o sertão; porém, justamente, a grande população de mais de 160 escravos se oppoz aos nossos desejos.

Affirmaram-nos que, elles mesmos, tinham falta de milho e só conseguimos, com grande custo, compral-o aos

---

(7) *Capparis Ycô*, Mart. Acreditam os tropeiros que uma farta razão de milho serve de contraveneno ás propriedades toxicas desta planta. — N. A.

negros, que tinham occupado os seus dias livres na propria cultura.

Os proprietarios dessas grandes fazendas raramente moram no sertão. Gastam as rendas em districtos mais populosos, muitas vezes com luxo incrivel, deixando a fiscalização a um mulato; e, nem sempre pode o viajante contar com a hospitalidade deste. Outros, numa ociosidade lasciva de numeroso serralho são inacessiveis aos estranhos, por indolencia ou por ciume.

A leste da Serra de Joazeiro o caminho eleva-se pouco a pouco e conduz, finalmente, a um valle rodeado por altos montes.

Para encontrar os necessarios preparos na villa do Rio das Contas, deixámos a tropa na fazenda Tapera e continuámos a viagem, depois do sol posto, somente acompanhado por um negro.

A lua apparecia no firmamento de colorido violaceo intenso e illuminava, com extraordinario brilho, as montanhas, Serra da Villa Velha. Podiamos facilmente distinguir os seus audaciosos contornos e no lindo valle, os grupos de arvores, cobertas de flores, que exhalavam delicioso perfume. Essa passagem subita de região esteril, queimada, para uma alegre paisagem primaveril, devia actuar, tanto mais agradavelmente sobre nosso espirito, quanto pelas experiencias feitas e pelas informações dos habitantes, não deviamos esperar, até á Bahia, vestigio algum de natureza reanimada.

## Sereno

E' que, causada talvez pela conformação das montanhas, tinha havido chuva local, que fizera surgir a vegetação, como por encanto. Pela primeira vez, desde

muito tempo, sentimos então nossas roupas molhadas pelo sereno, phenomeno que não ousamos explicar pela posição mais elevada do logar, nem pela redução mais rápida dos vapores d'agua na atmosphera, pois, durante os meses seccoos, em Minas Geraes, em logares de igual e maior elevação, nenhum vestigio de sereno observámos. Acreditámos antes, dever procurar a causa disto no vento norte, que soprava fortemente e que, desde muito tempo, não observavamos no sertão, onde, quasi continuamente, sopram os ventos de leste (8). Os animaes tambem despertaram do torpor, em que estavam, com o reaparecimento animador da humidade.

(8) SERENO.

A precipitação sob a forma de orvalho, da humidade existente no ar, pela evaporação, sobre os corpos resfriados, em consequencia da irradiação do calor, parece offerecer, nos paizes tropicaes, problemas ainda não explicados.

Porque, sendo o sereno tão frequente em certos paizes, como Angola e Benguela, onde é conhecido por ezimbo, semelhante á chuva fina, durante os meses seccoos, constituinte a fonte unica de vida para a vegetação, quasi esturricada, é, entretanto, das mais perigosas consequencias para a saude humana? Porque falta ás vezes completamente, durante meses, em regiões quentes do interior do continente brasileiro, como nas provincias da Bahia, Coaz, Pernambuco e Ceará? Influirá o vento leste, que ahí sopra incessantemente, durante grande parte do anno?

E' certo que os sertanejos, quando ha mudança de vento, no fim do anno, tida por elles, ás mais das vezes, como bastante nociva, vaticinam secca; e, se bem que não esperam chuva, todavia esperam o orvalho, trazido pelo vento Norte ou Sul. Em conformidade com este facto fala a experiencia que, dentro da zona do vento leste constante, escasseiam as chuvas sobre o mar, e, se fóra da mesma, são ellas cada vez mais frequentes.

Se a capacidade da atmosphera para os vapores augmenta ou não com o calor, e se assim a quantidade de vapores nella existentes, devida ao resfriamento que se opera ao mesmo tempo, dos corpos que desprendem calor, determina ou não a quantidade de orvalho, tudo isto nos é aqui, menos importante do que a questão: porque certas regiões apresentam muito pouco, ou quasi nenhum orvalho, quando seria para esperar outra coisa, levando-se em linha de conta a situação e o clima? Assim é para estranhar, a primeira vista, que nas terras brasileiras, sob o Equador, não só se observe abundante orvalho, todos os meses, como tambem nevociros regulares, o ceu nublado, quasi sempre depois de meio dia. Não era de suppor que aqui, onde o calor forte provoca evaporação crescente, em progressão igual, mais raramente se desse a redução dos vapores atmosphericos, até a condensação em sereno? Entretanto não é assim; as regiões acima citadas, nas quaes é rara a formação do sereno, estão situadas em parte mui distante do Equador.

Para se resolver esta anomalia apparente deveria ser lembrada, talvez, como razão, que, naquellas provincias do Brasil Central, a atmosphera pela regularidade

Grandes cigarras, aos milhares, nos ensurdeciam com seu chiado alto e monotonico, através do qual, finalmente, ouvimos, perto de Villa Velha, o cachoar do rio Brumado, torrente clara, que corre para confluir com o rio de Contas.

## Villa Velha

Villa Velha foi uma das mais antigas colonias do sertão da Bahia; despovoou-se, porém, com o descobrimento de minas de ouro na montanha vizinha, o que motivou a fundação da Villa do Rio de Contas (1724).

---

do clima continental, isto é, pela pequena differença entre a temperatura nocturna e diurna e pelo calor irradiado da superficie do globo, é aquecida em maior distancia da terra; assim, pois, os vapores que caem condensados, da camada superior da atmosphera, novamente se vaporizam nas mais baixas e, então, ou ficam inteiramente invisíveis, suspensos na atmosphera, ou lhe imprimem aquelle aspecto surto, nublado, como que prenunciando tempestade, o que lá se observa tão comumente.

Acresce que muitas das regiões citadas apresentam pouca terra na superficie e eim muita rocha desnuda, a qual novamente irradia, com rapidez, o calor recebido do sol, de modo que, durante a noite, nenhuma precipitação liquida pode provir do ar, ainda aquecido; que conforme se disse, mui raramente sopram os ventos seccos, e, finalmente, que agua sobre o solo como nuvens no ar, são e devem ser raras por si e tambem por todas as circumstancias expostas.

Condições outras occorrem nas terras equatoriales, nas Provincias do Pará e Rio Negro. Abi as mais altas camadas atmosfericas não são igualmente tranquillias; ao contrario, estabelecem-se movimentos quasi regulares, que augmentam as precipitações dos vapores atmosfericos.

O ar, provavelmente, por si, é mais agitado, graças á rarefacção e elevadissima elasticidade dos vapores que encerra e ao movimento que lhe é impresso pela rotação da Terra, provavelmente em distancia igual de sua superficie mais irrequieta, e por isso mais frio ou, senão, de temperatura mais do que nas referidas provincias.

Depois de ter a atmosphera absorvido os vapores desenvolvidos pela energia solar, deixa uma parte condensar-se em nuvens, depois do meio dia ou, frequentemente, a precipita em chuva e, esse processo se repete, quando o sol, pela segunda vez, exerce sua influencia nas horas da tarde; durante a noite se forma o sereno. Ambas essas cousas acontecem em muitas regiões dessas provincias, mui regularmente, durante grande parte do anno.

Demais disto, são essas provincias atravessadas por grandes rios, banhadas por muitas lagoas e a superficie do solo, em grande profundidade, consta de terra ou humo, sobre o qual se eleva espessa e alta vegetação florestal. Ainda se de-

Os fazendeiros aproveitaram-se da feliz situação desse bello valle, onde se acham situadas fazendas para criação de gado e plantio de algodão, que ali prospera tão bem, como nas florestas do rio Gavião, nos planaltos de Minas Novas e Caetité.

Um algodoeiro viçoso fornece de 10 a 15 libras de algodão com caroço e tres a cinco libras de algodão beneficiado.

No alto da vizinha montanha esta planta util, só raramente prospera.

Notámos na baixada do valle, coberta de capim, numerosos pés de *hymenêas*, dos quaes pendiam ninhos de melharuco (*Anabates rufifrons*, *Neww*), medindo um pé

vem considerar, muito especialmente, os factores pelos quaes o reino vegetal modifica a formação do orvalho.

Primeiro que tudo, deveria ser necessario differenciar a parte do orvalho que se nota nas plantas, como condensação da propria transpiração, do orvalho atmosferico, que ellas absorvem pela irradiação do calor e consecutivo resfriamento.

Confirmando a opinião de Musschenboer, quanto á produção de uma especie de orvalho, proveniente dos vasos espiratorios das plantas, eu me permitto dizer que, nas regiões equatorias, tambem se encontra orvalho em abundancia, nas folhas duras e lisas dos loureiros, *hyacênças* etc., as quaes, conforme a theoria da irradiação do calor, semelhante a metaes polidos, não produziriam, pelo resfriamento, condensações liquidas sobre si.

Além disso, me lembro que os nossos arceiros, nos sertões secos de Minas Geraes e Bahia, preferiam deitar-se no chão, sobre o capim secco, do que sobre couros de boi que, pela manhã, estavam humedecidos pelo orvalho da noite, como as nossas camas de campanha; entretanto, elles se levantavam com as roupas enlutas.

Por este facto, parece confirmar-se que o capim fresco, abstrahida a formação organica do orvalho, humedece mais facilmente, do que a palha que se tornou, além disso, mais lisa pelo dessecamento e queda dos pellos.

Como, porém, durante grande parte do anno, nas regiões secas do sertão, a vegetação apresenta-se estorricada, esta particularidade repercute, de modo geral, sobre a formação do orvalho. O resultado dessas considerações seria: que a ausencia ou presença do orvalho em certos logares, depende sempre de muitas condições em acção reciproca. Demais disto, daria thema interessante para physicos e geographos indagarem em que proporção a propria flora influe no clima de uma zona, pela formação organica do orvalho e se o facto da planta, diariamente, eliminarem cerca de metade da agua, correspondente ao peso da sua folhagem deveria ser tomado como base de cotejo da formação da agua, na vegetação dos prados e das matas; e não é certamente para descuar que nessas, a propria expiração seja novamente modificada pelas muitas camadas de folhas caídas e superpostas. -- N. A.

de comprimento e também ninhos de uma espécie de formiga preta.

Os ninhos de formigas são notáveis pela dureza e solidez extraordinárias que lhes emprestam as argamasas animaes empregadas pelas engenhosas constructoras.

Uma legua a nordeste de Villa Velha está a Villa do Rio de Contas.

Deviamos subir por um caminho íngreme, ás vezes perigoso, durante quasi duas horas, até alcançar o almejado ponto de descanso.

A montanha, chamada pelos habitantes, Serra do Rio de Contas, da Villa Velha, ou do Brumado, eleva-se, pelo menos, a 1200 pés sobre a Villa Velha e mostra completa analogia com as montanhas de Minas.

A base é formada de *schisto micacco*, ás mais das vezes delgado, com predominancia, ora de *quartzo*, ora de *mica* em folhelhos pequeninos, sobre o qual se depositou um *gneiss* avermelhado e, mais acima, outro branco.

A direcção destas formações, dispostas em camadas de espessura muito variada, é em geral de N. N. O. a S. S. E., pendendo para O., mais nas camadas inferiores, do que nas superiores.

A parte inferior da montanha está coberta de floresta pouco densa, cujas plantas arborescentes e fetos têm grande semelhança com a flora do Serro Frio.

A meio caminho o viajante ouve o bramir da cachoeira do rio Brumado, que se despenha de uma altura de 150 pés, por entre rochedos abruptos.

Do alto da estrada descortina-se magnifica vista sobre o delicioso valle de Villa Velha.

Quando, finalmente, attingimos o planalto, em cuja baixada está situada a villa, pareceu-nos estar em plena vegetação do Tijuco: os mesmos arbustos graciosamente verdes; nos íngremes monticulos pedregosos, as mesmas liliaceas, embora menos abundantes; nas baixadas, gra-

mineas semelhantes e nas assentadas escalvadas dos rochedos, os melocactos e as bromelias, como lá.

Já pelas formas destas plantas era possível deduzir a existencia de ouro nessas montanhas. Mais decisiva ainda se torna a analogia, quando, mais minuciosamente, se observa a formação dos montes.

Ahi tambem se apresenta, frequentemente, o *gneiss*, por vezes em lagêdos delgados e elasticos, atravessado por vieiros de *quartzo* branco, crystalizado ou compacto e muitas vezes quebrado, dirigindo-se principalmente de norte a sul. São as mais ricas jazidas do *nobre metal*. Ha vinte annos davam importantes lucros e, presentemente, ainda recompensariam bem ao mineiro que convenientemente as explorasse.

Além disso, encontra-se o metal, ás vezes muito abundante, nos cascalhos dos rios e dos regatos, especialmente no rio Brumado ou na areia vermelha e branca.

O ouro dos rios distingue-se pela pureza (não raras vezes de 24 quilates) e por formar grandes pepitas, tendo-se encontrado até massas compactas pesando 8 libras.

Em outros logares encontra-se ouro cinzento, sob a forma de pó fino, contendo, segundo as pesquizas do meu venerando amigo, Sr. Cons.<sup>o</sup> Fuchs, prata e ferro, sem vestigio algum de platina (9).

(9) A pequena quantidade desse metal tornou impossivel uma analyse exata. Tratado pela chamma do maçarico sobre carvão, ficou reduzido a uma perola amarelada cingida de residuo negro, o qual era fortemente attrahido pelo iman. A perola, reduzida a folha delgada por meio da laminação, não era sensivelmente atacada pelo acido azotico: dissolvia-se, porém, em agua regia deixando residuo muito diminuto.

Esta solução não se turvara com o addicionamento do chlorêto de ammonio.

Em geral parece ser uma liga igual a que os antigos chamavam *electro*, da qual Plinio (L. XXXIII Cap. 4) nos diz o seguinte: "Em todo o ouro encontra-se misturada certa porção de prata, ora a décima, ora a nona, ora a oitava parte. Porém, num metal que se encontra na Gallia, a que chamam *albicratense*, a prata está reduzida á trigesima sexta parte: portanto superior aos outros. Quando a prata attinge a quinta parte da liga, então se denomina *electro*. Este minerio encontra-se em veios.

Tambem se fabrica o *electro* artificialmente, juntando prata ao ouro. Se a prata, porém, exceder a quinta parte, o metal perde a malleabilidade. O *electro* é

Actualmente funcionam mais do que as outras, as minas do pequeno arraial Matto Grosso, duas leguas ao norte da Villa.

A cordilheira, sobre a qual nos achavamos, prolonga-se, em grande extensão, para o nordeste, com a denominação de Morro das Almas, Serra de Catulé, Serra da Chapada etc., até a villa de Jacobina, cabeça dessa comarca mais occidental da Provincia da Bahia.

Essa cordilheira, segundo as informações recebidas, deve offerecer, em geral e por toda parte, a mesma formação de *gneiss* aurifero e deve ser, portanto, considerada com a irradiação mais septentrional daquelle extenso systema orographico, que se prolonga das planicies da Provincia de S. Paulo, sob os differentes nomes de Serra da Mantiqueira, da Lapa, Branca, das Almas etc., através da Provincia de Minas Geraes, constituindo a principal jazida de sua riqueza mineral.

Em Jacobina são ainda exploradas, actualmente, algumas minas de ouro. E' fundido alli ou na Villa do Principe o ouro encontrado na provincia da Bahia.

O districto entre Jacobina e Rio de Contas é de mais a mais muito pouco povoado e, frequentemente, assolado pela secca, o que torna difficil a mineração.

Relativamente á natureza da formação da montanha ahi situada, podiamos informar, sobretudo por uma excursão que fizemos, sob a guia do nosso hospitaleiro amigo Sr. Capitão Antonio da Rocha Bastos, ao Morro Redondo, ramo da serra de Villa Velha, três leguas a nordeste da villa.

muito apreciado, pois, conta Homero, que o palacio de Meneláo estava ornado de ouro, electro, prata e marfim.

Na ilha de Rhodes, em Lindos, ha um templo de Minerva, ao qual Helena dedicou um calice de electro do tamanho da sua mamma, segundo narra a historia. O electro tem a propriedade de bilhar na proximidade de uma chamma e mais intensamente do que a prata. Tambem descobre as doenças hereditarias e os venenos, pois, nos calices formam-se arcos, com o crepitar de fogo, semelhantes aos celestes e patentizam, assim, a existencia do mal por via dupla". Fuch — N. do A.

Nas proximidades da aldeia, no planalto da montanha, aflora um *gneiss* duro, esbranquiçado, muito quartzífero e semelhante ao *grés*.

Mostraram-nos em legedos escavados desenhos irregulares, de côr vermelha, parecendo sem significação alguma, feitos por indígenas, que outr'ora ahí moraram.

### Morro Redondo

No Morro Redondo, achámos entre aquella formação mais frequente, estendendo-se na hora 22 de norte a sul, um denso *granito* avermelhado; e, muito perto do Brumadinho, torrente de agua clara de montanha, principal nascente do rio Brumado, encontra-se um *augito* compacto, enervado no *granito*. Seixos rolados desta rocha, de uma bellissima côr verde, transparente, encontrados no regato, foram pelos habitantes tomados por esmeraldas.

Notámos depois, ao norte destes districtos, em grande extensão, como por exemplo na Serra da Itiúba (10) e entre ella e o rio S. Francisco, a presença de *pistacito* verde, observado no *granito*, que ahí tambem, por assim dizer, é substituído pelo *augito*.

A terceira formação que encontrámos foi a do chamado *grés* vermelho ou *grés* mais antigo. Occupa os mais altos pontos da montanha, como já foi mencionado no Brumadinho, sem estratificação distincta, salteadamente, numa espessura de muitas centenas de pés.

Compõe-se esta especie de rocha, de granulos cinzentos claros de *quartzo*, nos quaes estão enervados pedaços de *grés* quartzífero avermelhado, e de *schisto* ps-

---

(10) No texto: Serra da Tiuba. — N. T.

*mítico* vermelho, estando, frequentemente, a formação misturada com grande quantidade de mica prateada.

### Serra da Itaubira

A essa formação, ou á argilla sobre ella collocada, pertencem, provavelmente, certas massas de ferro oxydado, argiloso, ôcas, (11) contendo um pó vermelho muito fino, que, segundo a analyse do meu venerando collega Cons.<sup>o</sup> Vogel, se compõe de oxydo de ferro, alumina, silica, um pouco de cal e magnesia, sendo usado pelos habitantes como tonico. O monte mais alto desse districto, a Serra da Itaubira, deve provavelmente apresentar a mesma formação de *grés* vermelho, no vertice, em forma de cone e, a nordeste do Morro Redondo, eleva-se de muito no firmamento azulado. Calculámos a altura em cinco mil pés, pouco mais ou menos.

Notam-se, muitas vezes, geadas no cimo dessa montanha.

Na villa mostraram-nos grandes pedaços de *alabastro*, supposto da vizinhança do Rio S. Antonio, onde dizem que se apresenta em rochedos inteiros.

Essa rocha recommenda-se pela alvura e pureza e exporta-se, em grande quantidade para a Bahia, onde se esculpem imagens de santos e objectos semelhantes.

### Fosseis

De maior interesse para o naturalista são os restos de animaes antediluvianos, que se encontram á superfi-

---

(11) *Limonite*. — N. T.

cie da terra ou enterrados na areia, em diversos logares, no districto da villa, mais frequentemente no rio S. Antonio e em suas proximidades, perto da fazenda do Bom Jesus dos Meiras, oito leguas distantes (12).

Dizem que foram encontrados alli: um dente, pesando 8 libras, e um osso de 5 pés de comprimento, que serve de pia de fonte. Para polir couro os sapateiros servem-se desses ossos, que, limpos de toda areia, fluctuam como pedra pomes sobre o rio de S. Antonio. Infelizmente não nos foi possível receber ossos perfectos; mas, as dimensões dos pedaços que, com o revestimento externo quasi completamente gasto, medem, só na substancia cellular, 6 a 8 pollegadas, indicam o tamanho gigantesco do animal a que pertenceram. No curso da viagem pela parte norte da Provincia tivemos occasião de observar restos de ossos, que pertenceram, indubitavelmente, a um *mastodonte*.

A lenda do encontro do grande dente, já mencionada, deixa, porém, uma duvida sobre se os restos antediluvianos desta região provêm de *mammoth* ou de *mastodonte*.

(12) FOSSEIS.

A respeito dos ossos fosseis que trouxemos da Lapa Grande, meu prezado collega, Snr. Cons. Dollinger, teve a bondade de communicar a seguinte observação: os fosseis apresentados são: algumas phalanges dianteiras do pé, com a apophyse que sustenta a unha e com evidentes vestigios de estajo osseo; alguns ossos, aos quaes immediatamente se articulam estas phalanges anteriores, tal qual o que Cuvier, f. 1, n. 2, desenhou do *Megalonyx*; varias peças do metatarso, das quaes nenhuma, entretanto, se ajusta á outra; um fragmento do osso iliaco; algumas vertebrae, a maior parte fracturada, peças de condylos da articulação coxo-femoral e, finalmente, ainda, alguns fragmentos que não podem ser classificados com justeza. Os formatos das phalanges, o modo de junção, o fragmento do osso iliaco, não deixam a menor duvida que todos os ossos pertencem a um animal aparentado com o *Megatherio*, apenas não são elles tão grandes. O animal a que pertenceram devia ter sido do tamanho de um boi. Não são ossos de animal novo, a julgar pelo desenvolvimento completo e natureza da textura. Com tudo o que disse e desenhou Cuvier, do *Megalonyx*, estão esses ossos muito mais concordantes em tamanho e proporção, do que com os de qualquer outra especie de animal; de sorte que, se se pudesse, com maior probabilidade, consideral-os como pertencentes a esta especie de animal, não teriam sido achados, até agora, os poucos fosseis desse animal ante-diluviano, somente na America do Norte. — N. A.

## Villa do Rio de Contas

A villa do Rio de Contas deve ter 900 habitantes, porém, toda a diocese governada pelo vigario geral de Jacobina, ali domiciliado, conta 9000.

Como o clima pouco favorece a agricultura, a exploração das minas de ouro e o commercio são os mais importantes ramos de industria dos habitantes, que pela educação e opulência se distinguem do resto da população do interior da Bahia.

## Instrucção classica no sertão bahiano

O professor de latim (*professor regio de latin*), homem de erudição verdadeiramente classica, provava que os fructos do espirito tambem amadurecem no difamado clima tropical.

As condições climatericas desse districto semelham, em virtude de sua situação elevada, ás de uma zona temperada, especialmente, ás de Tijuco, em Minas Geraes.

Pela manhã notámos temperatura de 14° R, uma hora depois de meio dia, a de 23° R, e, á tarde, ao pôr do sol, a de 20° R.

A estação das chuvas, como lá dizem, começa com mais regularidade que no sertão mais baixo, nos mezes de Outubro e Novembro.

As doenças reinantes apresentam caracter rheumatico inflammatorio. Pleurisias, hemoptises e tuberculose são as mais frequentes. As doenças do abdomen são muito mais raras do que no rio S. Francisco e as perigosas sezões daquella região não se estendem além da serra da Gamelleira, indo, quando muito, durante a estação chuvosa, até o valle da Villa Velha.

Em contraposição, aquella zona já soffreu, por varias vezes, fome devida á sua esterilidade e ao descaso pelas providencias necessarias.

Dizem que morreram, nos annos 1807 e 1808, mais ou menos 500 pessoas por falta geral de mantimentos.

Jamais alli se cogitou de fazer provisão de mantimentos, sendo, talvez muito difficil a conservação, em virtude da deterioração e da voracidade dos insectos.

Infelizmente a syphilis é muito propagada, mas suas manifestações são muito supportaveis pela acção favoravel do clima tropical. Transforma-se, ás vezes, em perigosas intoxicações mercuriaes, pelo tratamento deploravel.

Com saudades deixámos em 17 de Outubro a aprazivel cidadezinha, que nos fazia lembrar o Tijuco pela situação do local, pela educação e hospitalidade dos seus habitantes.

Descemos a ingreme ladeira do lado de leste da montanha, até Casa de Telha, grande fazenda, que possui ricas plantações de algodão, nas caatingas vizinhas.

A formação de *gneiss* que se estende de norte a sul, na hora 22 (13), ainda ali domina e o viajante somente a deixa, quando duas leguas mais adiante, atravessa o Rio de Contas.

A formação de *schisto micaceo* que agora se segue, transformada, de vez em quando, em *granulito* esbranquiçado ou amarellado, está collocada sobre *granito*. Apresenta, incrustados aqui e acolá, pedaços de *quartzo* muito duro, de granulação grossa, celluliforme e cinzento.

Sobre essa formação notámos jazidas de *grés*, de côr cinzento clara, um tanto poroso e muito solido, que, como

---

(13) Antiquamente para indicar a ascensão recta dos astros dividia-se o equador, a partir do solsticio da primavera, em 24 horas, correspondendo, por tanto, 15 graus a cada hora. — N. T.

na Allemanha, apparece salteadamente incluído n a pedra de cantaria (14).

Florestas aridas e sem folhas no tempo das seccas prolongam-se numa extensão immensa sobre a terra accidentada de collinas e de altos montes. Grandes superficies estão cobertas por moitas de palmeiras *ariri*, (*Cocos schizophylla* Mart., Palm. t. 84. 85), cujos fructos verdes, espremidos, fornecem succo mucilaginoso, com o qual se tratam as opthalmias benignas. De vez em quando, eleva-se um bosque ralo de palmeira *aricuri* (*Cocos coronata*, Mart., Palm. t. 80. 81), de cujos estípites costumam os habitantes preparar, no tempo de fome, pão secco, muito pobre em substancias alimenticias.

O facto de procurar a população de tão opulenta terra taes recursos, pareceria incrível, se não nos tivessemos convencido da miseria em que geralmente vivem os sertanejos dessas regiões, que, entretanto, se consideram em bem estar.

Pareceu-nos, porém, que relativamente á educação e ás necessidades da vida estavam elles em piores condições do que os mais internados sertanejos de Minas.

Pequena cabana immunda, cercada de maltratada plantação de bananeiras, uma roça de feijão e mandioca, algumas cabeças de gado e alguns cavallo magros, que por si mesmo devem manter-se: eis a mais alta aspiração dessa gente rustica.

Vivem de vegetaes, de carne do sol, de leite, de uma especie de queijo doce (*requeijão*) e, durante o tempo das fructas, principalmente de imbús (*Spondias tuberosa* de

---

(14) Assim, por exemplo, conforme a observação do Snr. Cav. von Wagner, administrador geral das minas, essa forma de quartzo apparece na região de Amberg em consideraveis blocos, que resistem mais ao desgaste, do que o outro arenito poroso.

Por vezes apresenta estrutura quasi cristallina, semelhante á de um descripto por Fluß, perto de Hirschau. (*Bayer, Gebirge*, p. 520). — N. A.

Arruda e outras especies), de cujo succo agri-doce, preparam com leite a imbusada, prato refrigerante e saboroso.

A caça e os prazeres sensuaes são os gosos que lhes compensam a solidão.

Entre elles raramente se encontra um branco de pura origem européa; muitos são mulatos; outros demonstram pela côr mais clara do rosto e pelos cabellos lisos a origem mixta de indigenas e brancos e, como tivessem herdado, muitas vezes, a indolencia e morosidade de seus paes indigenas, são frequentemente appellidados, por desdem, de *tapuyada* (de *Tapüya*, indios), objecto de desprezo dos vizinhos.

Uma circumstancia esquisita, observada em todo o Brasil, é que o mulato vê na sua mestiçagem direito a maior consideração do que a devida aos seus talentos e profissão, emquanto que um adagio muito generalizado nada reconhece de util e proveitoso em qualquer cruzamento com sangue indigena.

Da fazenda Secco deviamos, novamente, subir uma alta montanha, a Serra das Lages.

A base desta montanha é de *schisto* argilloso de finas pallietas e de *schisto* micaceo cinzento esverdeado, que frequentemente se aproxima do *chloritoschisto* e contem octaedros de ferro.

No alto se encontra *schisto* quartzoso, como perto da Villa do Rio de Contas e, sobre elle, em vez de caatingas, encontra-se uma especie de vegetação parecida com a de Minas, faltando, porém, quasi por completo as *liliaceas*.

No alto da montanha, que se eleva successivamente nos arredores da fazenda Lages, apparecem poderosas jazidas de ferro e, sem duvida, esse metal se acha, ora em estado de *ferro oligisto*, finamente granulado, con-

sistente, ora misturado com *magnetite*, ora em folhêlhos de *mica ferruginosa*, ora como *hematita* parda, compacta.

Este ultimo contem notavel quantidade de *Stilpno-siderito* (*ferro phosphorico*).

A posição dessas ricas jazidas de ferro, ao longo da estrada que vae para as provincias do interior, muito distantes da costa, donde importam, até hoje, todos os artefactos de ferro e a existencia de lenha e agua facilitariam de tal modo a empreza metallurgica, nesse lugar, que ousariamos aconselhal-a a alguns negociantes activos da Bahia, como bom emprego de capital.

A direcção dominante do *gneiss* é de norte a sul, nas horas 22, 23, 24; o pendor das camadas forma angulos de 40° a 60° para leste.

Do ponto mais alto desses planaltos, para leste do riacho Paraguassúzinho, que desemboca no Rio de Contas, vimos em frente a continuação da Serra do Sincorá, que em grandes contornos, ás vezes, semelhantes a fortaleza, com declives suaves, cobertos de verdes florestas, rochedos talhados a pique e terraços de um branco brilhante, forma o fundo muito pinturesco na paisagem solitaria, de rustica belleza.

## Sincorá

Na garganta do valle, entre essa cordilheira e a de Lages, encontrámos a pequena e pobre parochia — Sincorá (15).

O valle do rio Sincorá, torrente de aguas limpidas, onde pairavam milhares de borboletas multicores, enfeitado por *melastomaceas*, *rehexias*, com magnificas flores

---

(15) No texto: *Cincorá*. — N. T.

roxas, e *andrómedas*, com flores purpureas, offerecia uma das mais lindas vistas nessa região alpestre.

Muito sentimos a falta dos barometros, o que nos impediu de medir tão interessantes alturas, porém calculámos, que o ponto mais alto dessa cordilheira excede a 3000 pés.

Tudo fazia lembrar o Tijuco e ahi de bom grado teriamos ficado por mais tempo, se a absoluta falta de forragem nos não obrigasse a continuar a viagem.

O proprio parochio do logarejo, mestiço, nos não pôde fornecer milho e nada mais nos restava, senão subir a Serra do Sincorá, pela madrugada do dia seguinte.

As camadas de *gneiss* estendem-se numa espessura de 1 a 8 pés, em direcção de norte a sul, nas horas 22, 23 e 24, e pendem para leste, formando grandes angulos.

### Plantas forrageiras venenosas

A muito custo alcançámos o desfiladeiro da montanha, pois, para cumulo de infelicidade, a maior parte dos animaes de carga haviam comido, durante a noite, uma erva venenosa, tremiam, resfolegavam tristemente e deitavam-se nos pontos mais ingremes do caminho, obrigando-nos a levar as cargas até a ladeira do lado opposto, pela qual desciam com menos esforço, porque esta especie de envenenamento difficulta, principalmente, a ascensão.

Com grande pesar de só muito ligeiramente termos podido observar esta interessante região, descemos, a custo a ladeira de leste, em forma de terraço, ornada de magnificas flores alpinas e, nem ao menos tivemos tempo de colleccionar as plantas, que constituem uma flora muito particular na cordilheira.

Desenrolava-se deante de nós ampla vista de collinas, cobertas de caatingas sem folhas, até descer para um planalto mais baixo, onde está situada a fazenda Carapatos (16).

Pode considerar-se esta serra do Sincorá, como a ultima irradiação nordeste do grande massiço da serra da Mantiqueira. Traça o limite entre o planalto e as baixadas da Provincia da Bahia.

Para oeste, o clima é mais instavel e mais humido e, para leste, mais secco.

Dizem que se acharam diamantes na sua encosta de leste.

Ahi chegámos á entrada da caatinga, cuja travessia devia ser muito perigosa e terrível, segundo as narrativas dos sertanejos.

Até Maracás, vinte leguas do nosso pouso, não era possivel esperar nem agua, nem forragem.

A situação era verdadeiramente desesperadora e havia perigo immediato de ficarmos com a bagagem nesse triste deserto e morreremos todos, á falta de alimento.

Qual não foi o nosso espanto, quando após uma noite cheia de angustia, demos por falta do capataz, nosso guia, contractado na Villa do Rio de Contas e, depois de infructifera busca, convencemo-nos de se ter elle evadido, com mêdo de nos não poder conduzir através do deserto.

Por sua culpa a maioria dos animaes estavam pisados pelas cangalhas e se recusavam ao serviço. Tinha-mos já deixado dois animaes mortos na estrada.

A nossa provisão de milho estava a se acabar, sem que pudessemos suppri-la nas casas dos pobres e raros habitantes. Agua corrente devia faltar numa distancia

de vinte leguas e, só em três ou quatro logares, asseguraram-nos existir uma pôça com agua fetida e salgada.

A propria região, floresta sem vida e arida, fitava-nos qual horrivel miragem de aniquilamento gradual.

Nesta suprema afflicção resolvemos arrisear as collecções naturalisticas, cuidando, tão sómente, de salvar a nossa vida.

Levámos os caixões para uma garganta muito cerrada da floresta, em logar bem marcado; deixámos os animaes adoentados e cansados entregues á sua sorte e, com o resto, proseguimos viagem, o mais depressa possivel.

Porém, neste grande perigo o soccorro estava proximo.

De repente ouvimos o chocalhar da *madrinha* de uma tropa e logo a vimos, bem organizada, com cerca de 40 burros fortes, que sob a direcção de tropeiros robustos seguiam o mesmo caminho.

O dono dessa tropa, o Snr. Agostinho Gomes, honesto fazendeiro do districto de CAETITÉ, compadeceu-se profundamente do nosso desamparo.

Generosamente offereceu diversos animaes para transportar a nossa carga já tão leve; cedeu-nos um pouco de milho da sua provisão e, em summa, encarregou-se da nossa viagem até o litoral, onde nos deixou a todos, são e salvos.

Nunca mais tivemos noticia deste excellente homem. Deus queira recompensal-o generosamente, por tão nobre beneficio praticado com abnegação!

Era natural que nesses apuros dirigissemos toda a attenção para os nossos *navios do deserto* (17), que faziam agua, bem como para a conservação das cargas.

---

(17) No original está *Schiffe der Wüste*: navio do deserto, como são chamados os camêlos; *Martius*, evidentemente, se refere aos seus animaes de carga, os burros, esgotados pela fadiga. — N. T.

Não era possível pensar em pesquisa proveitosa das florestas que atravessávamos, numa época em que a vegetação se achava paralisada.

Fomos obrigado a abandonar grande parte dos mineraes colleccionados, assim como os esqueletos de um tapir e de alguns crocodilos.

A formação da montanha, sobre a qual viajavamos era, ora de *granito*, ora de *schisto hornblendico*, *schisto argilloso* e *diorito schistoso*.

Estas especies de rochas afloram á superficie, descobertas, ou revestidas de camada de areia granulada côm de óca, muito misturada com barro, ou revestida de uma camada de marga argilosa fina, tendo 6 a 8 pés de profundidade. A fertilidade nesse sólo, abstraindo mesmo a grande falta d'agua, é muito limitada e só com grande difficuldade se poderá desenvolver a cultura. Dest'arte a população augmentará ahí sempre em proporção muito menor do que em outras regiões melhor dotadas. As fazendas são situadas muito isoladas, ás mais das vezes, em baixas ou gargantas, onde, em vez de fontes, frequentemente se utilizam de uma pôça ou cisterna ruim (cacimba).

As arvores baixas, muito ramificadas, emmaranhadas por espinheiral denso, ou cereadas de fileiras de *cactos*, offereciam-nos o aspecto de uma caatinga em seu mais accentuado caracteristico.

## Flora da caatinga

A imburana (*Bursera leptophloes*, Mart.) as barrigudas (*Chorisia ventricosa* Nees et Mart e *Pourretia tuberculata*, M.) os paus de rato, dos sertanejos da Bahia

(*Caesalpinia glandulosa, microphylla, M.*), a catinga de porco (*Caesalpinia porcina, M.*), a caranguda (*Caesalpinia acinaciformis, M.*) o pau ferro (*Caesalpinia ferrea, M.*). muitas especies de mulungú (*Erythrina*), uma anonacea. (*Annona obtusifolia, M.*), diversas caparidéas (*Capparides*), o imbuseiro (*Spondias tuberosa, Arr*) e grande quantidade de *euphorbiaceas*, são as que mais contribuem para a caracterisação physionomica dessas caatingas.

Ao lado dos numerosos *cereus* espinhentos (*Cactus Cereus*), *tetragonus, hexagonus, heptagonus, serpentinus, Auct; Candelabrum, M.*) e *opuncias* (*C. Opuntia*), *lomentosus, brasiliensis, Ficus indica, Auct.* etc.), ahi apparece a unica *euphorbia aphylla, abustiforme*, que encontrámos no Brasil (18).

*Jatrophi* arbustiformes, espinhentas e causticas encontram-se. frequentemente floridas, porém, sem folhas. O que mais nos interessava era a collecção de lichênes, que revestiam em grande extensão a casca lisa das arvores.

Perto de Carrapato apparece sobre a formação granitica um grês mais primitivo (*grês cinzento*), que se compõe de *quartzo, feldspatho e mica*, muito finamente granulados, e se aproxima do *porphyro feldspathico*.

Nos mesmos estão incluídos seixos rolados de *quartzo*, que, em virtude da mistura de *feldspatho*, parecem ter provindo do *granito*.

---

(18) Visto sair do plano desta descripção de viagem, tratar minuciosamente das varias plantas da caatinga, restrinjo-me a citar, muito summariamente, essa *euphorbia*, a respeito da qual, ainda depois, farei considerações sobre a extraordinaria phosphorecencia, que nella observei. *Euphorbia phosphorea fructifera, aphylla, caulibus ramisque pluribus sparsis s. nonnullis aggregatis, faciebus concavis, involucri tribus, ad sex in verrucis lateralibus sessilibus, squamis lunatis curvibus acutis, capsula globoso-trigona, angulis acutis, glabra laevigata, Mart. — N. A.*

## Olhos d'Agua

Perto de Olhos d'Agua, no mais proximo pouso, onde surgem á superficie grandes blocos de *quartzo* brilhante, encontrámos tão pouca agua, que fomos obrigados a distribuirl-a de ração, em bacia, aos animaes de carga, prolongando por isso, excepcionalmente, a jornada seguinte, na extensão de sete leguas até Jacaré.

Fomos obrigados a subir dois montes de *granito* bastante altos, tarefa por demais pesada para os nossos estenuados animaes de carga.

Sobre o *granito* encontrámos, salteadamente, um *schisto micáceo* de côr cinzento-esverdeada, que se estende em camadas de 1 a 3 pés de espessura, de N.N.O. a S.S.E. e pende, em angulos de 30° a 40°, para L.

O ribeiro Jacaré, com que contavamos, estava completamente secco, quando ali chegámos.

Tivemos de nos contentar com o repugnante conteúdo de uma poça verde.

Nos mêses de chuva, quando este ribeiro está com bastante agua, dizem que produz febre, o que é commum tambem a muitas outras pequenas aguas desta região, principalmente nas proximidades do rio Paraguassú.

Através da região banhada por esse rio, isto é, ao norte da estrada, passavam os primeiros caminhos que foram abertos no sertão de Bahia. Recommendam-se por sufficiente irrigação e pela vegetação mais fresca, sendo, porém, actualmente muito frequentados, por causa das perigosas sezões. De mais disto, convenceu-nos de que a estrada pela qual viajávamos tambem exige suas victimas, a existeneia á margem do caminho, de muitas cruces de madeira, triste *Memento mori* (19) para nós viajantes fatigados.

---

(19) No texto está escripto: *Memento's mori* -- N. T.

Por certo, sentimos também cada dia, a mais e mais, a influencia nociva dos muitos esforços physicos, das emoções e principalmente da grande differença de temperatura do dia e da noite, durante a qual, ás mais das vezes, ficavamos sem abrigo, expostos ao sereno.

O Dr. Spix soffria de violenta dôr de cabeça e eu de séria otite direita, que me causava febre e dôres violentas.

Com taes soffrimentos physicos, proseguimos a viagem de Jacaré durante cinco dias, sem achar descanso, nem medicamentos, sob um tecto hospitaleiro; numa fonte nascente ,garantia contra o perigo de morrer de sêde com toda a nossa tropa; na transmutação dos phenomenos que nos cercavam, alivio para as tristes experiencias, nesse arido ermo.

Toda a nossa vida girava continuamente em torno da questão: — *acharemos agua hoje?* — e, sempre preoccupados, com medo, indifferentes ás dôres, ás doenças, a tudo que não dizia respeito immediato á nossa conservação, descontavamos com impaciencia os perigos e difficuldades já passados, áquelles que ainda nos restavam.

## Maracás

Apezar de chegarmos no primeiro dia de viagem de Jacaré, ao pequeno arraial de Maracás, filial de Sincorá, não tivemos o consolo de achar ali coisa alguma que nos reconfortasse.

O logar, além de ruim e muito pobre, estava abandonado pela maior parte dos habitantes, que se haviam retirado para as roças.

A agua, cuja distribuição aos animaes de cargas era todas as noites a nossa mais essencial occupação,

achava-se, ás vezes, em quantidade muito escassa nas poças verdes ou pretas e continha tanto humo dissolvido, que fomos obrigados a juntar-lhe rapadura para suavisar o amargor.

Para nós mandavamos recolher a agua, que se juntava nas folhas concavas dos gravatás.

Era bastante fresca, mas, ora estava emporcalhada pelos passaros, ora servia de morada ás rãs.

Costumavamos limpá-la, coando-a, diversas vezes, num panno de sêda.

O terreno, que perto de Olhos d'Agua começa a ser collinoso e montanhoso, continua com taes accidentes, coberto de caatingas, até perto da fazenda Rio Secco, que alcançámos no quinto dia; ahí o caminho desce pouco a pouco, por entre alguns altos e descalvados montes de *granito* e o viajante entra numa planicie, apenas coberta de arbustos seccos, de alguns pés de altura, proporcionando-lhe vista mais ampla.

Cuidavamos ser esta extensa região de montanhas uma parte da Serra do Mar de Minas Novas, onde existem semelhantes disposições geognosticas.

Perto de Rio Secco notam-se sobre o *granito* uma formação de *hornblenda* de grã fina e minerios de ferro. O *granito*, quando disposto em camada, apresenta-se de N. N. a S. S. E. com pendor occidental formando grande angulo.

O minerio de ferro é *magnetite* ora compacta, ora misturada a *quartzo* e muito magnetica, ou a *ferro oligisto*, que no *granito* substitue frequentemente a *mica*. Talvez se prestasse a trabalho de mineração, se por ventura não faltasse o combustivel.

Quando depois de um dia de viagem, ao norte do Rio Secco, galgámos um monte de *granito*, coberto de verde espêsso, mudou-se successivamente a scena, para grande satisfação nossa.

Havia chovido e a vegetação, já mais fresca pela proximidade do mar, apparecia-nos em verdadeiro esplendor de primavera.

## Pedra Branca

Por muito tempo privados desta vista, sentimo-nos tão alliviados, que resolvemos visitar os indigenas na villa de Pedra Branca, legua e meia a S. S. O. da Tapera, onde haviamos armado o nosso rancho.

O dono dessa fazenda acompanhou-nos até lá por um caminho entre collinas, cobertas de mato espesso.

Encontrámos algumas fileiras de casas baixas de taipa e, no centro, a igreja da mesma construcção, só se distinguindo pelo pobre ornamento de um altar.

Na frente desse templo achavam-se grande parte dos indios e os poucos colonos de outras raças, reunidos para ouvir missa.

Os indigenas brasileiros, que ahi moram ha cerca de 30 annos, reunidos sob a direcção de um juiz brasileiro e de um escrivão, portencem ás tribus dos *Cariris* e dos *Sabujás*.

Aquelles moram na mesma villa da Pedra Branca, estes a um quarto de hora mais ao sul, num pequeno logar chamado Carangueijo (20).

Antes da localisação sob o dominio brasileiro moravam dispersos nas florestas das montanhas vizinhas. Actualmente constituem um municipio de cerca de 600 almas.

Ambas as tribus estão em reciprocas relações amistosias e se não distinguem, nem pela conformação do

---

(20) No texto: *Caranquejo*. — N. T.

corpo, nem pelos costumes e habitos, mas apenas pela differença das linguas.

São de estatura mediana, bastante esbeltos, de pouca força physica, de côr pardo clara, cabellos lisos e compridos. Não se deformam nem pela tatuagem, nem por batoque nos labios, nariz ou orelhas e não têm na physionomia coisa alguma que os distinga dos demais selvagens do Brasil.

Como aconteceu com os *Coroados*, suas relações com os brancos, em dependencia muito grande, não exerceram influencia favoravel sobre o desenvolvimento intellectual, nem nobilitaram a expressão da physionomia.

São indolentes, preguiçosos e visionarios, indifferentes a iniciativas outras que não as paixões baixas. A physionomia mesquinha revela esse estado de decadencia moral.

Mais inclinados a aceitar os defeitos que as virtudes de seus vizinhos europeus, occupam-se, de preferencia, em caçar com flechas compridas de junco, ratos de lagêdo (21) ou animaes outros, durante dias inteiros, ou cogitam de roubar e matar impunemente o gado dos fazendeiros.

Entre si são muito unidos contra os europens. Obedecem de má vontade á ordem do intendente municipal, de plantar milho e bananas e, nas epochas de falta geral de viveres, confiam no governo, de quem ainda se consideram credores.

Praticam as habilidades communs aos indigenas, tecendo macas e rêdes com fios da palmeira Tucum, e preparam loiça de barro, com muita satisfação.

Sabem preparar da raiz da mandioca, por fermentação acida, uma bebida agradavel, o *cauim* (22). Oe-

---

(21) Mocó. — N. T.

(22) No texto: *cauim*. — N. T.

cupámo-nos, durante algumas horas, em escrever, ouvindo da bocca desses filhos da natureza, os vocabularios de suas linguas e tivemos ensejo de nos convencer da grande variabilidade e imprecisão das mesmas. Os conceitos abstractos somente nos podiam dar de modo incerto, duvidoso e, frequentemente, procuravam sahir do embaraço, dando ás palavras portuguezas terminaçoẽs indigenas.

Como as demais linguas indigenas, as dos *Cariris* e *Subujás* tambem não possuem uma expressão para a palavra amigo; em lugar desta, apenas podem usar "*camarada*". Como é isto significativo para o caracter desses homens em geral!

A decadencia da propria lingua e a necessidade de se arrimar á lingua portugueza podem documentar o quanto essas pequenas tribus já perderam de sua independencia.

Estivessem relacionados com o resto da população, em iguaes proporções quando isto se deu, ou incorporados á mesma, dever-se-ia manter o seu trato conforme os mais elevados preceitos da politica. Entretanto, outra coisa mais não se fez do que tornal-os, tanto quanto possivel, inoffensivos aos outros habitantes: quebraram os dentes á fera, sem a domesticar.

Os indigenas, ainda meio independentes, formam um estado no estado; não se immisem com as coisas e a vida do estado, nem tambem se interessam pela comunidade em geral.

## Jesuitas

Os Jesuitas foram os primeiros que tiveram o merito de reunir os indigenas dispersos da Provincia da

Bahia, em aldeias e villas. Com a fiscalização paternal teriam com proveito, pouco a pouco, adquirido para o Estado agricultores e operarios. Porém, depois da expulsão dos padres, foram os indios aldeados (*indios mansos*), empregados principalmente em fazer guerrilhas aos seus irmãos selvagens. Assim é que havia na villa da Pedra Branca, contra os indios, um quartel que foi actualmente transferido para a Conquista. O estado de barbaria e de decadencia moral em que agora se achavam havia de ser fatalmente a consequencia daquella occupação.

Alguns governadores julgaram encontrar nesses infelizes desprezados vocação para a vida nautica e, obrigando-os a serem marinheiros, delles se aproveitaram para o serviço entre Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Tambem não foi proveitoso este alvitre. Os indigenas aborreceram-se da vida do mar e della procuraram se furtar por todos os meios.

## Tapera

Da villa da Pedra Branca voltámos, pela estrada real, para a Tapera, onde se pode facilmente alcançar em dois dias de viagem o porto do Paraguassú para a Bahia — Porto de S. Felix. Respirámos mais livremente em região descampada e agradável, cuja vegetação nos saudava em trajes de primavera. A cultura e a população, sempre crescentes, annunciavam a aproximação de uma grande cidade.

**Curralinho, Genipapo, Salgado, Caatingas,  
Torto etc.**

Curralinho, Genipapo, Salgado, Caatingas, Torto e outros logarejos, com capellas, fazendas vistosas com grandes dependencias, vendas bem sortidas, extensas plantações de fumo, café, milho e mandioca, eram para nós, viajantes exaustos, espectaculos dos mais agradaveis. O terreno pelo qual viajavamos mostrava sempre a mesma formação de *granito*, mudando frequentemente para o *gneiss*, dirigindo-se entre as horas 1 e 2 de N. N. O. a S. S. E. e pendendo em fortes angulos para L.

Aqui e acolá (como por exemplo: perto de Curralinho e Cruz), apparecem entre o *gneiss*, alternando com elle, grandes jazidas de *schisto hornblendico* nas mesmas proporções, ou (como perto de Mangabeira) de *schisto micaceo*.

**S. Felix**

A 4 de Novembro, chegámos ao fim de tão penosa quão perigosa viagem. Cheios de alegria e gratidão para com a Divina Providencia, descemos do elevado planalto do continente, de muitas centenas de pés de altura, por um caminho ingreme, para o Porto de São Felix e achámo-nos á margem do Paraguassú, (23) rio navegavel e de grande movimento commercial no limiar do Oceano, distante apenas meio dia de viagem por mar, da meta dos nossos desejos — A cidade da Bahia.

---

(23) No texto: *Paraguassú*. — N. T.

O Porto de S. Felix, na margem sul do Paraguassú, representa, por assi mdizer, uma parte da grande villa de Cachoeira, situada na margem opposta, e é para essa praça, como tambem para a da Bahia, de grande importancia como entrepósito commercial.

## Cachoeira

Numerosas tropas de muarés recebem as mercadorias européas, vindas por via maritima, para transportal-as ao interior do Imperio. Ahi reina a actividade de um porto terrestre, emquanto que, na villa de Cachoeira, tudo lembra as proximidades do mar e do commercio maritimo. A vista desse logar, bellamente edificado e animado de actividade européa, foi verdadeiro prazer para nós, que passámos tão grande temporada no sertão. Procurámos conserval-a na memoria, por esboço, reproduzido no Atlas, sob a epigraphie "Villa de Cachoeira".

Esta villa estende-se pela margem do rio, ao sopé de verdes collinas, cobertas com plantações de canna de assucar e tabaco.

E', sem duvida, a mais rica, populosa e uma das mais agradaveis villas de todo o Brasil. Numerosas vendas e armazens, cheios de varios artigos europeus, revelam o alto grau de movimentação do seu commercio.

A villa conta cerca de mil casas e mais de dez mil habitantes, entre os quaes se acham, relativamente, muitos portuguezes. A maior fonte de renda é a cultura do fumo, que prospera bem no districto e tambem na redondeza de 10 leguas. O fumo é exportado para a Europa e, especialmente, para Gibraltar, Lisboa, Porto de Marselha, Hamburgo e Liverpool, em grandes fardos

de 30 a 100 libras, mas para a Costa d'Africa a exportação faz-se em pequenos fardos de 10 a 12 libras. Este era antigamente o principal artigo que os navegantes brasileiros de Guiné trocavam por escravos; mas, depois que, por um tratado, foi suspenso ou pelo menos muito diminuído, para o norte do Equador, o trafico de negros, devido á vigilancia das estações maritimas inglêsas, escassearam os pedidos e notou-se, em geral, grande decrescimento no commercio do tabaco.

Muitas vezes visitámos e sempre com maximo interesse o logar movimentado do nosso pouso no Porto de S. Felix, e, quando entregámos ao Juiz de Fóra nossas cartas de recommendação, fomos agradavelmente surpreendidos por uma carta do nosso excellente amigo Sr. da Camara, de Tijuco, que nos convidava para passarmos algum tempo em seu proprio engenho de assucar — Engenho da Ponta, (24) — situado abaixo de Cachoeira, á margem do Paraguassú.

Logo depois da nossa chegada, appareceu-nos o feitor do engenho, com a canôa para nos buscar. Aceitamos o convite com a melhor bôa vontade, tanto mais quanto precisavamos de escolher um logar para a pastagem da nossa numerosa tropa de burros, enquanto nos demorassemos na Bahia.

Sendo o rio Paraguassú navegavel sómente até Cachoeira, influenciado pelo fluxo e refluxo da maré, que lhe fica proxima e onde desagúa, a navegação rio abaixo, principalmente para a Bahia, é feita na vasante, ás mais das vezes, depois de nove horas da noite.

A maré, consideravelmente grande, durante a lua nova, como durante a lua cheia, attinge o maximo nos mezes de Março e Agosto e começa a subir de Janeiro em diante.

---

(24) No texto: *Engenho da Ponta*. — N. T.

Em geral, durante os eclipses da lua não se observam modificações notáveis.

Dizem que a maré, em 1754 ou 1755, subiu doze pés além do que era de costume (talvez por occasião do terremoto de Lisboa).

Receámos um semelhante abalo da natureza, quando, no dia 7 de Novembro, á tarde, na occasião do embarque, acabavamos de transportar as nossas collecções para a canôa, que nos devia conduzir ao Engenho da Ponta.

Repentinamente, o ceu se cobriu de negras nuvens de trovoadas, que pareciam pairar por sobre o rio e que despejaram, não por pouco tempo, como estavamos habituados a observar, mas por espaço de 6 horas, um diluvio de fogo e torrentes d'agua. A canôa aberta encheu-se d'agua até o meio, e vimos com profundo desgosto que, ainda no porto, ameaçavam naufragar os resultados dos nossos esforços.

Quando na Bahia, alguns dias mais tarde, abrimos os caixões, certificámo-nos de que aquellas poucas horas funestas haviam destruido parte das nossas collecções, mormente dos herbarios.

Uma vez que essa terrivel tempestade nos impediu de partirmos, pela madrugada, do Porto de S. Felix, julgámo-nos recompensados com a viagem que fizemos pela manhã, gozando o espectaculo das lindas margens do Paraguassú, que se estendiam diante de nós, illuminadas pela mais brilhante luz do sol.

Nada mais encantador podia apparecer ao viajante, acostumado á solidão do sertão, do que essas verdes collinas, em grande parte cuidadosamente cultivadas, em cima e na encosta das quaes alternam, em fileiras multicores: capellas, fazendas extensas, chacaras bem tratadas, cabanas de operarios e de vigias, senzalas de

pretos e de pescadores, bosques escuros e moitas ralas de coqueiros.

O rio tem, perto do Engenho da Ponta, duas leguas abaixo de Cachoeira, superficie semelhante a uma lagoa, sobre a qual passavam em todas as direcções numerosas canôas de pesca e de carga, attestando o commercio animado dessa aprazivel região.

### Maragogipe

A villa de Maragogipe, rico burgo, situado no fundo dessa bahia, contribue bastante para o commercio forte com a Capital, existindo em seus fertes arredores muitos engenhos de assucar.

O engenho do nosso amigo Snr. da Camara, (cujo filho, com satisfação, lá encontrámos, em companhia de seu preceptor, Snr. Venancio da Costa, mineiro instruido), está mui bem favorecido, não só pela produtividade das suas plantações de canna de assucar, como pela situação immediata á beira d'agua. Esse engenho exporta, annualmente, para a cidade 10.000 arrobas de assucar.

Dois engenhos, um de boi e outro d'agua, moem a canna da fazenda e a de muitos agricultores que não possuem engenhos de canna.

Depois de termos descansado um dia nesse bello lugar, continuámos, em canôa aberta, a viagem do engenho para a Bahia e logo fomos transportados das aguas escuras do rio para as verdes ondas do grande golpho, Bahia ou Enseada de Todos os Santos.

As margens baixas dessa extensa bahia e de suas numerosas ilhas são cobertas de espessos mangues (*Rhizophora Mangle*, L.), e, no correr da viagem, deli-

ciam a vista, pela risonha mutação de panoramas, semelhantes aos do Paraguassú.

## Itaparica

Mas não pudemos, por mais tempo, nos entregar a essas agradáveis impressões, porque, tendo subitamente mudado o vento para norte, começou o mar a se agitar de tal forma, que o balanço influiu logo, pessimamente, sobre o nosso enfraquecido systema nervoso e considerámo-nos felizes de poder chegar, depois de meio dia, ao ancoradouro da ilha de Itaparica, perto do arraial do S.S. Sacramento, frequentemente chamado Villa de Itaparica.

O lugar, pela edificação e occupação dos habitantes, dá ao viajor uma impressão identica á das pequenas aldeias das costas illyricas e italianas.

Não faltam armazens e vendas, nas quaes encontramos, com prazer, cerveja ingleza preta, queijo de Chester, excellentes linguças e fiambres de Alemtejo que, presentemente, constituem notavel artigo portuguez de importação.

No porto existem diversas fabricas de azeite de baleia e numerosos cranios e costellas, que empestam o ar com insupportavel mau cheiro. (25)

---

(25) Em 1615 já os portuguezes exploravam a pescaria de baleia no litoral do Brasil; e, como trouzesse grandes lucros, o governo arrendou a uma companhia de contractadores da pesca de baleia, pela contribuição annual de 60:000\$000.

Esta medida, conforme o systema de monopolios a que Portugal e o Brasil parecem dever attribuir a vagarosa marcha do seu desenvolvimento industrial, trazia como consequencia serem explorados, não só a pesca de baleias, sem os cuidados futuros, como tambem os negocios, irracionalmente, e só pelos proventos.

Um escriptor patriotico chama, particularmente, a attenção, para o mau habito dos pescadores arpoarem os baleatos, abrigados entre as barbatanas das madrijas, para deste modo pescal-as com segurança; expõe os abusos, os defeitos existentes nos contratos de baleias, acima citados, servidos por alguns escravos e pertencentes ás companhias exploradoras.

## Pescaria de baleias

Vê-se ainda que nestas costas os esforços dos baleeiros brasileiros dão bons resultados.

Do Cabo de S. Roque até o Rio da Prata apparecem baleias (sem duvida *Balaena Mystecetus e Physalus*, L.) em grande quantidade e os baleeiros brasileiros pescam-nas de Junho até Agosto. Refinam o oleo nas fabricas (Armações) da Bahia (onde se acham contractos na Barra, entre o mar e a Capella de S. Bento), em Itaparica, Rio de Janeiro, Britioga, perto de Santos, na ilha de S. Catharina e no Rio Grande do Sul.

Esses pescadores não navegam os pontos nortes das costas brasileiras em grandes navios, semelhantes aos dos baleeiros escandinavos ou de alguns empreiteiros norte-americanos que, ás vezes, ali apparecem, mas em barcos, a pequenas distancias e, muitas vezes, só vão ao mar, quando de terra avistam a baleia.

Veja-se o que escreveu J. B. Andrade e Silva, nas Memorias economicas da Acad. R. das Sciencias de Lisboa, II, p. 388 e seguintes. A seu modo de vêr, só no anno de 1775, consta terem arpoado 500 baleias, no contrato de S. Catharina, e avaliou (em 1790) o rendimento de cada baleia em 400\$000, cerca de 1.100 florins.

A companhia a quem, antigamente, tambem era conferido o monopolio do sal, nas provincias ao Sul do Maranhão, fora extinta depois da vinda de D. João VI ao Brasil e, agora, pagando-se modico imposto de lucro, é livre a pescaria de baleia, todavia, muito insignificante.

Annualmente se pode calcular em cerca de 20 a 30 baleias, entre grandes e pequenas, as que são desmanchadas na ilha de Itaparica e Bahia, inclusivó as das sumações de Itapanã, ao Norte da Barra; de 80 a 100, em todo o Brasil, produzindo cada baleia, em média, 14 a 18 pipas de azeite, rendendo estas e as barbas, cerca de 1.500 florins. Neste calculo tambem está comprehendida a carne que, da base da cauda até a extremidade, dizem ser agradável e é apreciada pelos negros. E' provavel que os estabelecimentos ingleses e norte-americanos de pescaria da baleia, nas ilhas Falkland, prejudiquem a receita no litoral brasileiro. Nos portos do Sul do Imperio, Santos, Paranaguá, Rio de S. Pedro, etc. chega annualmente, consideravel quantidade de espermacete, extraido de uma cavidade propria, existente na cabeça do cachalote -- *Physeter macrocephalus*, L.

Esse artigo vai, na maior parte, para o Rio de Janeiro, onde já existe uma fabrica de espermacete.

Se bem que esse modo de pescar baleias exija menores despezas, pois o azeite não é extrahido, nem embarcado em alto mar e as baleias mortas são, por meio de cabos, puxadas para a costa e ahi preparado o azeite, é fóra de duvida que este ramo de industria, em maior escala, poderia dar muito mais lucro, se fossem empregados appparelhos mais apropriados.

### **Baleeiras**

Os barcos, em que se perseguem as baleias, são pequenos, geralmente equipados por um só arpoador e os marinheiros indispensaveis. Muitas vezes naufragam quando são sacudidos ás costas ou virados pelas baleias feridas, antes de poder a tripulação cortar a corda do arpão.

Contaram-nos muitas dessas desgraças.

### **Contractos de pescaria de baleia**

Os contractos de azeite de baleia que visitámos em Itaparica, são muito pequenos e sem installação conveniente. As taxas (frigideiras) têm apenas poucos pés de diametro e são aquecidas por fornos semelhantes aos fornos de cozer pão.

Para espumar e purificar o azeite não existem appparelhos apropriados. Os tanques, que conservam o azeite extrahido até o embarcamento, não estão abrigados da poeira, nem de impurezas outras. E parece que todo o negocio está entregue a alguns negros e mulatos ignorantes.

Com estas falhas não é de admirar que esteja o azeite brasileiro em condições inferiores ás do azeite preparado no norte da Europa, não só pela côr mais escura, como pela existencia de pedaços de toicinho não derretido e pelo cheiro mais desagradavel. Grande parte desse artigo, preparado ahi e nos outros contractos brasileiros, consome-se mesmo no paiz e nos arsenaes portu-guêses, para o preparo do aleatrão. (26)

O povo fabrica um sabão gorduroso, que communica á roupa cheiro desagradavel.

O resto do azeite de baleia é exportado para Inglaterra ou para a França, onde é empregado nas fabricas de tecidos e na purificação do enxofre.

Da Bahia é o azeite exportado em pipas de 60 a 70 canadas.

Uma canada vendia-se, quando ahi estivemos, por 700 a 750 rs. (1 fl. 54 kr. a 2 fl. 3 kr.)

A ilha de Itaparica, que visitámos não só nesta occasião, mas por diversas vezes indo da Bahia, é a maior de todas as que se acham dispersas pela enseada; tem de comprimento 6 1/2 leguas, largura proporcional e população de 4500 habitantes, cuja actividade é attestada pelas extensas plantações de fumo e canna de assucar.

## O Coqueiro

O coqueiro (*Cocos nucifera*, L.) (27) que ahi se desenvolve muito bem, como geralmente no littoral da pro-

---

(26) No texto está: *Theer* — aleatrão. Provavelmente o autor se refere á mistura do aleatrão e azeite de baleia. Os maritimos chamam esta mistura *gala-gala* e della se utilizam nos cascos dos navios. — N. T.

(27) Se o leitor considerar que as palmeiras, pela belleza propria do seu porte, captivam tanto a admiração de quem teve o ensejo de apreciar-as em seu paiz natal, quanto são importantes para os moradores dos tropicos, pelos multi-

vincia da Bahia, onde é frequentemente cultivado, produz numerosos e grandes fructos, que são notaveis pela macieza da amendoa, sendo em parte exportados para o

plos empregos das suas diferentes partes, desculpará o auctor, que confessa ter particular predilecção por estes magestosos filhos do nosso planeta, se, ainda uma vez, aqui se explana um tanto circumstanciadamente, sobre a mais importante palmeira do Brasil.

Embora o brasileiro não se utilize tanto do coqueiro como os habitantes do Oceano Pacifico, que dessa arvore fazem depender, em grande parte, a sua existencia, embora não existam aqui as muitas applicações que della se fazem nas Indias Orientaes, como, por exemplo, a syro, succo das espadices cortadas, que serve para o preparo do vinagre, do xarope e da aguardente, todavia, não existe uma só parte dessa planta util, da qual os brasileiros não se utilisem para algum mister.

Em toda casa encontra-se um caneco feito do casco de um côco, o qual está dependurado acima do pote d'água, feito de barro poroso.

Chapéos, guarda soez, peneiras, esteiras etc., feitas com a epiderme destacada das folhas ou do tecido fibroso que envolve o côco, são constantemente manufacturadas, pelos negros, em suas horas vagas.

Do casco do côco preparam os torneiros vasos artisticos, engastados de ouro e prata, que se encontram nas casas ricas.

O carvão de côco é usado pelos ourives e pintores.

Da nos do côco, ralada e cozida com assucar, prepara-se a cocada que é uma das habilidades da brasileira dona de casa.

Este agradável doce é preparado, principalmente, nos conventos das Ursulinas e outras freiras da Bahia. Ellas dão-lhe um gosto delicadissimo e com outros doces semelhantes: de ananaz, de manga, de genipapo, pitanga, etc., são frequentemente enviados para Europa, como presente.

O azeite do côco, obtido por aquecimento moderado e expressão, é de cor branco-amarellada, muito transparente. Em finura e pureza de gosto é semelhante ao melhor azeite doce ou ao oleo de amendoa.

Com dez côcos pode obter-se mais ou menos uma libra de azeite, que sendo convenientemente preparado, não contem substancia mucilaginosa, nem resinosa.

Sendo o coqueiro, em grande escala, cultivado ao longo de todo o litoral que se estende de Ilhéos a Pernambuco, é de admirar que o Brasil, actualmente, ainda pague um tão pesado tributo ao azeite doce portuguez.

Uma fabrica de sabão de soda daria extracção a esse apreciado producto e, não só o baixo preço de um côco (no paiz, cerca de 20 réis — 3 ½ kreuzer), como a expectativa de se tornar ainda mais barato, pelo augmento da cultura, nas embocaduras dos rios, convidariam para instituir uma empresa, á qual asseguraria uma propriedade mais certa, o emprego simultaneo da casca fibrosa, no preparo de cordas e estôpa.

Os cordoeiros das fabricas de piçaba de Itaparica affirmaram-me que, de 260 côcos se podia obter uma arroba de cairo limpo e proprio para cordas e cabos, afóra a estôpa.

Os coqueiros, apesar de só prosperarem nas imediações do mar, poderiam, entretanto, ser plantados numa faixa de terra litoranea de uma legoa de largura.

Dando cada coqueiro 12 cocos, quinhentos produziram 230 arrobas de cairo de boa qualidade e 6.000 libras de azeite de côco, ou 10.000 libras de sabão solido de sodio. — N, A.

Rio de Janeiro, onde o coqueiro não prospera tão bem.  
(28)

## O Dendzeiro e a Piaçabeira

Junto a essa, a mais nobre dentre todas as especies de palmeiras, encontram-se na ilha de Itaparica, em menor quantidade, duas outras muito uteis aos habitantes do Brasil: o dendzeiro e a piaçabeira, (*Elaeis guineensis*, L., (29) e *Attalea funifera*, Mart. (30). Palm. t. 54,

### (28) AGUA DE CÔCO.

Meu prezado amigo, Sr. Cons. Buchner, ultimamente procedeu uma analyse chimica da noz e da agua do côco, pelo methodo de Trommsdorff e encontrou: agua — 31,8; estearina e elaina — 47,0; albumina caseosa contendo proporção consideravel do phosphato de calcio e traços de enxofre — 4,6; gomma elastica, com partes salinas — 1,1; fibras insolueis — 8,6 (perdas — 3,6).

A proporção de substancia graxa (estearina) e de oleo proprio deve ser mais ou menos igual.

A agua do côco encerra, dissolvidos em grande quantidade de agua: albumina, escuarar, um acido livre, provavelmente acido phosphorico, notavel percentagem de phosphato de calcio, traços de enxofre e, em pequena porção, um principio volatil perfumoso. Não deixa de ter importancia, talvez, a observação feita por meu irmão, de apresentar a agua de côco apenas a temperatura de + 4½° R. numa temperatura ambiente de + 23° R., embora não estejam os côcos resguardados em lugares frescos. — N. A.

### (29) DENZEIRO.

No dizer dos proprios brasileiros, foi o dendzeiro trazido pelos negros da Guiné e vegeta, como o coqueiro, nas provincias da Bahia e Pernambuco, não sómente nas proximidades do mar, senão tambem no interior do continente.

O preparo do azeite de dendê é feito pelos escravos e, por isso, sem cuidado. Para esmaçar os dendês, costumam aquecer, ao sol ou a fogo brando, os fructos maduros, em tamanho semelhantes ao damasco ou à pera.

Em seguida espremem-nos a frio ou depois de cozidos n'agua. O azeite deste modo obtido, de cor amarello-viva e de cheiro agradável, tirante ao da raiz de violeta, encerra substancia gordurosa na proporção de quasi um terço do seu peso. A qualidade, como se dá com a do oleo de ricino, depende do cuidado empregado na gradação do calor conveniente para evitar se desenvolvam principios oleosos empircunaticos. Um cacho desenvolvido de dendês rende duas libras do azeite.

Usa-se desso azeite commum na culinaria, onde é muito apreclado, especialmente pelos negros; tambem nas lampadas e em fricções.

Os negros consideram essas fricções como preservativas das doenças de pelle; frequentemente se observa, nas ruas da Bahia, um negro occupado em se esfregar com dendês assados e em se tocar, por assim dizer, para as danças nocturnas. — N. A.

### (30) PIAÇABEIRA.

A terceira especie de palmeira que aqui devo citar — a piaçabeira, tem grande importancia para a marinha brasileira e, em muitos pontos de vista substitue

56, 95, 96). A primeira, sem duvida de origem africana e introduzida no Brasil pelos negros, é excellente por causa do azeite que se estrae dos fructos; a ultima, uma especie indigena, principalmente das florestas litorâneas da Comarca de Ilhéos e da *provincia* de Porto Seguro, é notavel pelas resistentes fibras das bainhas das palmas, com as quaes se preparam em fabricas especiaes (cordoarias de piaçaba): cabos, cordas, vassouras, escovas e esteiras grossas.

Na viagem da Itaparica para a Bahia gastam-se poucas horas, quando o mar não está agitado. A que fizemos no dia 10 de Novembro foi tão bôa, que chegamos

a falta do canhamo que não pode ser produzida pela região tropical do Brasil. O espique eleva-se a 20 pés de altura e ostenta espessa copa de palmas, precisamente erectas. Os peciolos providos de bainha se desfazem, ao comprido, em fibras pretas brilhantes ou castanho-escuras. A *spatha* desfia-se tambem em fibras semelhantes, mais ou menos regulares. A's vezes se vêem fibras pendentes e rijas, com 6 a 8 pés de comprimento, em torno do estipite.

Pela maceração n'agua ou nas arças humidas das praias e depois batidas e raspadas, com o que se destroe o tecido cellulular existente entre as fibras, são as mesmas preparadas, classificadas e utilizadas nos mencionados objectos. As mais fortes, as grossas como tubo de pena de corvo, semelhantes a barbas de baleia, podem ser empregadas para o mesmo fim.

As amarras de piaçaba são particularmente celebres, pela tenacidade á agua; por isso, e pela maior consistencia são preferidas aos cabos e cordas de couro. Os operarios das fabricas que visitámos nos asiançaram que a resistencia das principaes, tendo espessura igual, excede ás demais, pelo dobro.

Os côcos de piaçaba, de andajá, andajú ou pindoba — *Attalea compta*, Mart. Palm. t. 41 — 75.97. vêm ao mercado da Bahia; do tamanho de um punho ou de um ovo de gansa, excessivamente duros, conhecidos no commercio por coquilhos, são remettidos aos torneiros europeus. Na Bahia vende-se um milhoiro desses cocos, por 12\$000 a 16\$000.

Os indios da provincia da Bahia ainda se servem de varias outras especies de palmeiras, na singela economia domestica.

Utilizam-se das palmas novas e inteiras do pati — *Diplathemium caudescens*, Mart. Palm. t. 70.77., chamadas patioba, para o fabrico de cestas e obras outras de trança, especialmente destinadas a guardarem farinha e cousas semelhantes. Elles e os demais brasileiros aproveitani, ás vezes, como legume, os olhos tenros — palmito — de varias palmeiras, principalmente da jussara, *Euterpe edulis*, Mart. Palm. t. 32, e da decocção dos mesmos fazem suas bebidas — *caungy*, ou *cão-hy*. As espinhentas palmeiras — *Astrocaryum Airi*, Mart. Palm. t. 53. A *Acrocomia sclerocarpa*, Mart. t. 50.77. fornecem, com a sua madeira dura e preta, material para arcos, fusos, etc., e algumas outras — *Bactris acanthocarpa*, *ibid.* t. 70. *Astrocaryum vulgare*, t. 62.63, as delicadas e finas fibras de *tucum*, que tão habitamente traem o de que sabem tecer cordels e linhas de pescar. — N. A.

cêdo e houve ainda tempo para desembarcar a bagagem, antes do calor do meio dia.

Tomámos, logo, casa na cidade alta, porém, no terceiro dia, nos mudámos para outro commodo, que nos offereceu o Commandante das Armas da Bahia, Sr. Felisberto Caldeira Brant Pontes, em sua propria e bella vivenda, situada no arrabalde dos Barris.

Antes de darmos aos leitores a descripção da segunda capital do Brasil, na qual acabámos de entrar espiritualmente, cumpramos o grato dever de agradecer áquelle fidalgo e intelligente Senhor, amigo do nosso excellente da Camara, as muitas provas de hospitalidade com que nos distinguiu.

## ESTADA NA CIDADE DO SALVADOR OU BAHIA

Quando, ao deixarmos Itaparica, nos aproximámos da ponta de terra fronteira, onde está situada a antiga capital do Brasil, tivemos, ao primeiro lance de vista, o ensejo de lhe observar a extensão e a grandeza do seu commercio.

Se bem que, de referencia ás bellezas de uma natureza grandiosa e ás obras da actividade humana, não possa esta cidade ser comparada ao sumptuoso Rio de Janeiro, todavia, á primeira vista, a Bahia despertará as mais agradaveis impressões ao viajante, que sentir prazer em ligar suas contemplações, ás ideias sobre a dignidade do genero humano e á magnitude dos seus esforços.

### **Bahia**

A projecção de terra do continente, que limita a leste o golfo, tem a costa de oeste recortada entre as extremidades sul e norte, (ponta de S. Antonio e ponta de Monserrate) em duas bahias, estando a cidade do Salvador, geralmente chamada Bahia, edificada sobre a do norte, que é a maior, na extensão de quasi uma legua.

O terreno é tão desigual e accidentado, principalmente para oeste, que ao longo da costa ha apenas espa-

ço para uma unica rua principal, cortada por algumas viellas.

A outra parte da cidade eleva-se em terraços e a maior occupa o dorso montanhoso do promontorio, numa altura de 100 a 200 ou mais pés, sobre o litoral.

## Cidade Baixa

Largas fachadas de trapiches e armazens á beira mar, e, em cima, casas altas, tendo do lado do mar compridas varandas de madeira, denotam ser uma cidade mais industrial e populosa do que bellamente edificada.

Diversas ladeiras, sem casas, são revestidas de bosquezinhos silvestres, de bananaes e laranjaes, que são para, o europeu recémchegado, os alegres annunciadores de um pais tropical.

Na parte baixa da cidade, Praya ou Cidade Baixa, ouve-se o borborinho do commercio.

## Forte do Mar

Numerosos navios de todas as nações, ancorados muito perto da cidade, sob a protecção das baterias do Forte do Mar e do Forte de S. Felipe, que lhe fica fronteiro, ao norte, descarregam para os espaçosos trapiches da alfandega e delles retiram grandes carregamentos de productos nacionaes.

## Alfandega

Este trabalho e bem assim a conducção da Alfandega (31) para os vizinhos trapiches pertencentes aos negociantes occupam, como no Rio de Janeiro, muitos negros semi-nús, que transportam a carga, dando gritos compassados.

## Lojas, armazens, livrarias e pharmacias

As lojas abertas mostram abundancia incrível de mercadorias europeas. São ricamente sortidas de fazendas inglesas, chapéos, artigos de cutellaria, artigos franceses de modas, linho allemão, ferragens, artigos de Nuremberg, fazendas portuguezas, grossas, de algodão e, especialmente, pequenos chales multicores.

Mantimentos europeus e bacalhau (principal artigo de exportação dos norte-americanos) são offerecidos em grandes quantidades.

As poucas pharmacias parecem installadas como em Portugal e são providas, em abundancia, de especificos ingleses e remedios secretos.

(31) A *Alfandega Geral* foi criada em 1714, por D. Pedro Antonio de Noronha, 2.<sup>o</sup> Conde de Villa Verde, 1.<sup>o</sup> Marquez de Angeja e 3.<sup>o</sup> Vice-Rel.

Criada por lei de 30 de Janeiro de 1811.

A Mesa da Inspeção do Commercio, criada por lei de 1.<sup>o</sup> de Abril de 1751, foi instituida em 1752.

Havia um presidente que de ordinario era algum Dezembargador, e qual tambem desempenhava o cargo de Intendente do Ouro.

Além da Alfandega Geral e da Mesa de Inspeção existia a Casa da Arrecadação.

Muitas informações constantes das notas deste capitulo foram por mim collidas no trabalho de Acefeli, assim como no raro e antigo livro de Domingos José Antonio Rebello, *Chorographia do Imperio do Brasil*, publicado em 1829, na Bahia.

Sempre que no correr destas notas tiver necessidade de transcrever varias outros trechos, respeitarei a orthographia e a redacção do original. — N. T.

Algumas pequenas livrarias, onde, em vão, se procuram as produções da litteratura brasileira, não levam a se fazer alto conceito das exigencias scientificas dessa movimentada cidade commercial.

Entretanto, são grandes e numerosos os armarinhos, onde se vendem pedras multicores de Minas Novas, lapidadas, para fivellas, alfinetes, brincos, pentes, etc. correntes de ouro e de prata de diversos tamanhos. Se bem que sejam estes trabalhos muito primitivos e sem arte, principalmente as pedras, raramente bem lapidadas, entretanto, apraz aos habitantes trazel-os commumente. Das pedras, uma parte levam os sertanejos, que voltam de suas visitas á Capital; outra é destinada ás negras, quando pertencem aos ricos fabricantes de assucar, as quaes realçam com o brilho de taes correntes o luxo domin-gueiro das saias de musselina branca, enfeitadas de bonitas rendas.

### Mercado de peixe

Alguns passos adiante encontrámos o mercado de peixe. Não é tão fartamente provido como o do Rio de Janeiro. O aspecto immundo afugenta logo o europeu susceptivel, que, para qualquer parte que se volte, no ajuntamento do povo na praia, sentirá offendidos o olfacto e o sentimento moral.

O europeu deve pôr, á margem, certas exigencias, quando se achar em contacto com as diversas outras raças humanas.

Acanhados e cansados atravessámos por entre alas de mulatos, que, occupados com o officio de alfaiate, enchem a rua, sentados em tamboretos baixos.

## Bolsa

Chegámos á Bolsa. (52) Ahí encontrámos asseio europeu, na sala artisticamente decorada e forrada de madeiras preciosas. Causou-nos surpresa encontrarmos muito pouca gente do commercio congregada, mesmo á hora das maiores transacções, o que parece indicar não terem os brasileiros ainda o habito de fazer seus negocios reunidos na Bolsa.

(32) A proposito da *Bolsa* ou *Praça do Commercio*, colhi as seguintes notas na *Chorographia* de Domingos Rebello: — “Quasi no centro da Cidade baixa, em hum espaço largo com vista para o mar, feita em 1816 á custa dos Negociantes desta Cidade: he Edificio esplendido, de muito valor, e gosto na sua architectura, e hum dos mais sumptuosos, e notaveis; tendo huma Administracção, que cuida da sua conservacção, e redditos: ahí acham-se reunidos os Escritorios das tres Companhias de seguros denominadas Bõa Fé; Conceito Publico e Commercio Maritimo, com seus Directores, e Provedor da mesma Casa: tem sala para escripturacção do serviço dos Negociantes, que alli vão; casa para Leilão, e por baixo armazem de arrecadacção, e hum corpo de guarda.”

Diz Accioli: “Estendia-se a todos os ramos de interesse publico a energia do Conde dos Arcos, e o Commercio lhe mereceo especial attentção; assim reconhecendo de quanta vantagem seria para o polimento dos costumes, e augmento das operações mercantis, o fundar-se uma casa que servisse de *praça do commercio*, solicitou do governo, em 12 de Abril de 1811, a facultade de poder construir aquelle edificio, no terreno que sobrava da bateria de S. *Fernanda*, e annuindo o mesmo governo a tal requisicção, em aviso de 10 do mez seguinte, teve lugar o lançamento da primeira pedra pelo mesmo governo, a 17 de dezembro de 1814, em cuja noite a corporacção dos negociantes deo um esplendido baile.

Para aquella obra, feita sem a menor despesa da fazenda publica, e importante em 60.000\$000 rs., concorreo o Conde dos Arcos com o serviço de dois pedreiros, e um carpina, além de 200\$000.

A abertura da nova praça do commercio teve lugar a 28 de Janeiro de 1817.

Nesse mesmo dia a corporacção do commercio offereceo ao Conde dos Arcos umas espada de valor de 1.400\$000 rs. e depois a 6 de Outubro do mesmo anno collocou no salão um retrato em corpo inteiro.”

No jardim da Associação Commercial se acha o bello monumento em homenagem aos Voluntarios da Patria, Exercito e Armada Imperiaes pelas victorias alcançadas no Paraguay.

O Corpo Commercial desta Praça representado pela sus directoria em 1872 foi quem o mandou erigir e o offereceo ao Povo Brasileiro.

Era Presidente da Provincia o Dezembargador J. A. d’Araujo Freitas Henrique e era Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, o Conde de S. Salvador.

— N. T.

## Igreja da Conceição da Praia

Quando deixámos esse edificio, um sacristão, pardo, revestido de uma pequena opa vermelha, nos convidou com a insistencia habitual aos mestiços, para assistirmos a festa, na vizinha Igreja de N. Senhora de Conceição. (33) Seguimo-lo através da multidão de curiosos e subimos as escadas para o portal desse templo, que está edificado á beira mar. Sem duvida não é de estilo puro; todavia, merece ser mencionado com distincção, entre as igrejas da Bahia, por ser grandioso na fachada e construido de pedra de cantaria européa.

Um espectáculo insolito esperava-nos á entrada da igreja: as paredes estavam cobertas de fileiras de gravuras multicores, sobre cobre, inglêsas e francêsas, com as quaes se pretendia augmentar, se não a devoção, pelo menos a affluencia dos curiosos. Causou-nos muita estranheza ver ahi: *Leda* com o *Cisne*, junto a um quadro do *Marechal Blucher*; a entrada triumphal dos *Alliados em Paris*, junto á *Resurreição do Senhor*; os retratos de um grande monarcha e do seu primeiro ministro, ao lado do *Amar e Folia* e uma taverna hollandêsa, copia da obra de *Ostade*.

O publico parece não achar inconveniencia no desarrazoado arranjo e, depois de olhar taes gravuras, dirige-

---

(33) *Da Igreja de N. Senhora da Conceição da Praia* diz Domingos Rebelo: "A Matriz de N. Senhora da Conceição, defronte do Arsenal em hum pequeno largo, é muito grande, magnifica, e de muito valor por ser toda de cantaria européa, tanto por dentro como a face de fóra; edificada em 1623: tem todas as suas alfaias de tãla de ouro; assim os paramentos de celebrar em festividade, como cortinados e colmas de todas as tribunas e coro e muita prata; tem carneiros para sepultura de mortos".

Posso informar que depois de minuciosa busca a que procedi na Igreja da Conceição da Praia, graças á obsequiosidade do seu Revd. Vigario, Sr. Christiano Muller, verifiquei não mais existir nem tradição dos taes quadros a que se refere *von Martius*. — N. T.

se em grupos cerrados, para a igreja e para as caixas das esmolas.

## Arsenal

O Arsenal (34) e as Docas Reaes tambem se acham nessa parte da cidade.

O primeiro está bastante provido de todo o necessario para equipar e armar, em pouco tempo, diversos navios de guerra.

(34) Sobre o Arsenal escreveu Dominico Rebello: "Arsenal e Intendencia geral da Marinha, junto ao Estaleiro das Nãos; Intendente e Capitão do porto; hum bello Palacio da sua residencia, unido ao mesmo Arsenal, Ribeira das Nãos com os seus empregados.

Hum Estaleiro para construção de Nãos e Fragatas, outro mais pequeno chamado Ribeirinha para construção de Corvêtas e Brigues de guerra. Junto do Arsenal, á margem do mar, está a bateria da Ribeira".

O Governo Federal extinguiu os Arsenaes da Bahia.

Os Arsenses da Bahia foram outrora bastante florescentes e nelles se armaram e concertaram muitos navios. Vejamos o que escreveu o Contra-Almirante Antonio Alves Camara, em seu patriotico trabalho — *A Bahia de Todos os Santos*, com relação aos melhoramentos do seu porto: — "Desde a mudança da metropole para o Rio de Janeiro e a vinda de D. João VI para o Brasil, em 1808, principiou a declinar o arsenal da Bahia.

Depois da independencia centralizaram-se pouco a pouco e de tal sorte a administração e todos os empreendimentos no Rio de Janeiro, que definiu inteiramente o arsenal da Bahia. Construiu no tempo do Imperio os seguintes navios e procedeu a reparos mais ou menos consideraveis em quasi todos os navios da nossa esquadra, que ahi estacionaram ou passaram por esse porto, merecendo de alguns commandantes muitos elogios pela execução e rapidez das obras e actividade de seus operarios.

*Não: Imperador do Brazil.*

*Fragata: Bahiana.*

*Corvêtas: Defensora, Dois de Julho, União, D. Jannaria, D. Francisca e Isabel.*

*Brigue: Itaparica.*

*Brigue-escunas: Fidelidade e Canopo.*

*Pathacos: Carevellas e Paquequer.*

*Escunas: Victoria e Pirajá.*

*Histes: Cuirú e Rio de Contas.*

*Cuters: Jacuipe e Penêdo.*

*Canhoneira: Activa.*

Canhoneira a vapor: *Moema, Traripe e Guarany*, algumas lanchas a vapor e grande quantidade de escaleres de todos os tamanhos, para os navios feitos no Rio de Janeiro e os outros da Armada.

A polvora para a esquadra brasileira, fabricada em parte, mesmo na Bahia, a leste da cidade, é conservada nas casamatas do Forte do Mar. (35)

## Docas Reaes

As Docas Reaes não são grandes e é por isso que, raramente, se encontram diversos navios ao mesmo tempo

Todos estes cortes do pessoal do arsenal de marinha da Bahia eram consequencia do augmento das forças vivas no Rio e da idéa de fazer desapparecer-o".

Hoje, pode dizer-se que está extincta a construção naval na Bahia, emquanto que um resurgimento se dá no Rio de Janeiro. No dia 22 de Junho do corrente anno (1916) o Exmo. Sr. Presidente da Republica assistiu a cerimonia do batimento da cavilha da caverna mestra de um navio a se construir com toneladas de lei do pais. O navio será de 1900 toneladas e se chamará "Presidente Wenceslão". No mesmo dia o Presidente da Republica foi á Ilha Vianna, propriedade dos Snrs. Lage & C.<sup>a</sup>, inaugurar os trabalhos de construção de uma carreira para armação de vapores de aço. — N. T.

(35) Em 1829, possuia a leal e valorosa cidade do Salvador as seguintes fortalezas para a defesa de sua entrada e enseada. E' ainda ao mesmo chorographo e distincto bahiano Domingos Rebello, já citado, que vamos buscar informes.

"Fortalzas á beira mar: de Santo Antonio, que é grande, ao entrar da barra com artilheria de grosso calibre, e um Farol para guia dos Navegantes: a de Sta. Maria mais adiante; a de S. Diogo; a da Cambôa; ao todo quatro bem guarnecidas e que defendem a entrada da Bahia. Bateria da Ribeira, S. Alberto e Bateria da Ciquitaia. Monserrate, toda artilhada, sobre um alto e quasi distante um quarto de legoa da mencionada Bateria da Ciquitaia; Itapagipe, bem construida e artilhada no sitio da Passagem em Itapagipe, que defende aquelle porto; Itaparica artilhada com peças de grosso calibre, e no interior, S. Pedro, muito grande, bem construida, e fortificada de artilheria de grosso calibre; dentro está o Quartel de Artilheria da guarnição desta Cidade, e aula de Mathematica e Curso de Artilheria; Fortaleza do Barbalho toda com artilheria de grosso calibre, e a frente de um grande campo, que lhe toma o nome, na extremidade quasi da Cidade da parte do Norte, tem bom aquartelamento; Fortaleza de S. Antonio, em grande distancia da outra, e da mesma parte do Norte, mas jogando artilheria para a terra e para o mar, sobre o qual fica sobranceira por estar collocada no alto da montanha; tem igualmente bom aquartelamento. Anticamente era a extremidade da Cidade, mas hoje não se pode assim dizer, por ter augmentado muito além deste logar. Possui além disso a do Forte do Francez no rio Paraguassú, e a do Morro".

Domingos Rebello não fala do Forte do Mar.

Encontrei a seguinte nota sobre o forte do Mar, no Resumo chronologico e noticioso da Provincia da Bahia, por José Alvares do Amaral.

"Em 16 de Agosto de 1772 concluiu-se a edificação, principiada em 4 de Outubro de 1650 da fortaleza de Nossa Senhora do Populo e São Marcello (conhecida

em armação, porém, quer relativamente á construcção, quer no que diz respeito ás madeiras, os navios nellas feitos se distinguem de todos os outros construidos no Brasil. (36)

por Forte do mar), reinando El-Rei D. João V de Portugal; collocando-se no portão principal uma lapide commemorativa do anno em que começou a ser edificada pelo Vice-Rei dos Estados do Brazil D. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Conde de Sabugosa, lendo-se ali a seguinte inscripção latina:

*Vasculus Fernandes Cesar Menezius totius Braziliae auspiciatissimus Pro-Rex hanc arcem coronavit, anno ab apprehenso clavo et a Christo nato — 1728.*

Esta fortaleza estava até pouco tempo sujeita ao Commando das Armas, mas o Governo Imperial ordenou que ficasse pertencendo ao Ministerio da Marinha, achando-se allí estabelecida a Companhia de Aprendizizes Marinheiros, creada por Decreto n. 1.543, de 27 de Janeiro de 1855, a qual consta actualmentemente 99 menores e 6 praças maiores.

Essa fortaleza é incumbida do registro do porto e faz signaes de entrada e sahida dos navios e de socorros navaes salvando nos dias de gala, etc.

No livro do Centenario — 1500-1900, escreveu o General Fontoura Costallat a proposito da Organisação militar, Exercito e Armada, Milicia Civica e Fortificações, o seguinte:

“Das numerosas fortificações que teve a Bahia, restam as seguintes em sua maioria desgarnecidas e desarmadas; a fortaleza da Gambôa, collocada ao Sul da Cidade e á beira do mar; do morro de S. Paulo ao Sul da barra, na ilha de Tinharé; a de S. Lourenço, na ilha de Itaparica, que representou brilhante papel na guerra da Independencia, pelo que Pedro I deo á ilha o titulo de “Intrepida”, o forte de S. Marcello ou forte do Mar, que é de forma circular, acha-se situado no meio do ancoradouro, em frente do porto da cidade, e que é notavel, principalmente, por nelle ter tremulado pela primeira vez na Bahia a bandeira nacional no memoravel dia 2 de Julho de 1822; e finalmente os fortes de S. Maria, de Santo Alberto, de S. Diogo e de S. Antonio da Barra.”

O Governador João Rodrigues de Vasconcellos e Souza, conde de Castello-melhor, solicitou e obteve auctorisação para edificar a fortaleza do mar, por carta regia do 4 de Outubro de 1650. — Accioli.

A' pagina 64 refere-se Martius ás fortificações da cidade e á defesa natural da Bahia. — N. T.

(36) *A madeira para a construcção naval* vem na maior parte da Comarca das Alagoas na Provincia de Pernambuco, onde, perto do litoral, existem magnificas matas virgens, cujas arvores, segundo affirmam os mestres de obra, possuem lenho mais compacto do que o das mesmas especies existentes nas florestas de Ilhéos e Porto Seguro.

A maior parte das madeiras usadas nas quilbas e nas demais peças que ficam debaixo d'agua (Sucupira, Pão roxo, Vinhatico, Jatuby) pertencem ás *leguminosas* e quando n'agua costumam augmentar de consistencias, porém atacam o ferro.

Essa propriedade é, provavelmente, devida á grande quantidade de tannino que facilmente, como é sabido, se combina com aquelle metal.

Em vista disto, muitos architectos preferem o Pão d'arco (*Jacarandá brasiliensis*) á Sapucaia e o Jequitibá (especies de *Lecythis*) a todas as outras madeiras.

Nos estaleiros do litoral ao norte da Bahia, em geral, se constroem pequenos barcos; o estaleiro de Laranjeiras, no Rio Cotinguiba, o de Itapicuré, da Villa do Conde no Rio Nhambupe (Ihambupe) só armam embarcações para 4.000 a 8.000 arrobas de carga.

Navios mercantes são armados nas docas de Itapagipe, situadas legua e meia a nordeste da cidade. (37)

O lugar permite lançar n'agua os maiores barcos.

Depois de ter visitado esses edificios, volta o estrangeiro, com prazer, á cidade alta, para se livrar da immundicie e do atropelo do littoral quente.

Nas ladeiras ingremes, em parte calçadas de tijolos, o que impossibilita quasi andar-se a cavallo, o viajante encontra cadeiras de aluguel, (38) em que dois robustos negros escravos podem transportal-o com presteza para a cidade alta, onde uma calma não commum o espera e as agradaveis brizas marinhas o reconfortam.

As casas dessa parte da cidade são, as mais das vezes, construidas de pedra, tendo tres a cinco andares. São de aspecto agradável, faltando, porém, no interior, quasi sempre, uma certa *commodidade*, (39) eom o que o asseio das ruas nada tem a lucrar.

Uma larga rua de casas vistosas dirige-se para cima até o Theatro, de cujo terraço se goza bella vista, para toda a bahia e para o porto.

## Palacio do Governo

A parte média da cidade, edificada em terreno colinoso, porém um pouco mais baixo, possui, além de ruas

---

Rio Real e Sergipe d'El-Rey não possuem construcção naval.

Na Provincia de Pernambuco lança-se, annualmente, n'agua um grande numero de embarcações, porem pequenas em virtude da pouca profundidade dos portos e canaes.

Os navios feitos em Alagoas são muito apreciados por causa do material, mas em geral são menores do que os de Curupe e S. Miguel. Outrossim, no porto do Recife é insignificante a construcção naval.

Dizem que os navios de guerra armados na Bahia, sobrelevam em resistencia aos feitos nas Indias Orientaes. — N. A.

(37) No texto: Tapagipe. — N. T.

(38) Cadeiras de arruar. — N. T.

(39) *Martius* refere-se ao detestavel sistema de esgotos existente na Bahia. — N. T.

regulares, diversas praças espaçosas, entre as quaes se distingue a do Palacio do Governo. (40)

### Casa da Camara, Casa da Moeda, Tribunal da Relação

A architectura deste e dos edificios vizinhos, Casa da Camara, (41) Casa da Moeda, (42) Tribunal de Relação (43) é simples, sem importancia.

(40) Escreve Domingos Rebello: "*O Palacio do Presidente da Provincia fica junto á Praça da Parada, da parte do Sul, tem frente para o mar, para a dita Praça e para a rua direita; acha-se bem paramentado.*" — N. T.

(41) Descreve Domingos Rebello: "*Senado da Camara ao lado do Oriente da Praça do Palacio do Governo e defronte da casa da Relação, creado em 1550 como é de snppor pela fundação da Cidade é edificio sumptuoso, com grande frente, e no centro uma torre ou campanario com sino que só toca nas funcções publicas do Senado, como seja para os Peluros e quando ha padecente da Justiça; tendo de um lado a sala da Camara e do outro a casa da Audiencia dos Juizes de Fóra do Cível, Orphãos e Crime, e por baixo do lado do Sul está a Cadeia dos homens, e do Norte a das mulheres, tendo tambem Coza de Leilões: sala livre, dita fechada, coza de assistencia de Carcereiro, seo Ajudante e mais pessoas do expediente, etc.*" — N. T.

(42) No governo de D. João de Lencastro, que tomou posse a 22 de Maio de 1694, foi estabelecida na Bahia a Casa da Moeda em o mesmo anno de 1694. Para a fundação da do Rio de Janeiro daqui seguiram officinaes e instrumentoa. De 1694, data da sua abertura, até 1697 data do seo fechamento, aqui se cunharam:

Em ouro para a Bahia . . . . .	102:000\$000
Idem para Pernambuco . . . . .	8:000\$000
Em prata para a Bahia . . . . .	818:952\$140
Idem para Pernambuco . . . . .	428:883\$260

1.357:835\$400 N. T.

(43) *A Relação da Bahia* foi criada no governo de D. Diogo de Menezes. O seu primeiro regimento é datado de 7 de Março de 1609.

Durante o governo de D. João Rodrigues de Vasconcellos e Souza, conde de Castello-melhor (7 de Março de 1650 a 4 de Janeiro de 1656), instaurou-se, novamente, a Relação da Bahia, suppressa por Felipe 3.<sup>o</sup> de Hespanha.

Assim a descreveu Domingos Rebello, em 1829: "*Relação Civil, no lado do Palacio do Presidente da parte Norte, tem frente para o mar e para a dita Praça; foi instituida por Felipe 2.<sup>o</sup> de Hespanha em 7 de Março de 1609; e em Resolução de 28 de Junho de 1809 foi declarada Casa do Porto ou do Cível.*

No mesmo edificio tem sala para audiencia do Ouvidor do Cível e do Crime." — N. T.

O aspecto das cadeias em baixo de uma parte do Palacio, em cujo interior se ouvem o tinir das correntes e as vozes dos presos, imprime a esse trecho da cidade um caracter tristonho.

Muitos desses infelizes, entre os quaes alguns homens brancos, são vistos durante o dia, carregados de correntes, em trabalhos publicos nas ruas, serviço esse frequentemente censurado pelos proprios senhores de escravos pretos, porque fazem questão que se reconheça, tambem moralmente, a differença phisica das raças.

## Collegio dos Jesuitas

O mais notavel edificio da cidade alta é indubitavelmente o Collegio dos Jesuitas (44) com a igreja contigua.

(44) Diz o Padre Simão de Vasconcellos que o fundador do Collegio foi o Serenissimo Rei D. Sebastião, por provisão real, passada em 7 de Novembro de 1564.

El-Rei D. João, seu avô, teve vontade de fundar o dito collegio e tinha dado principio a elle, quando falleceu.

Sobre o Collegio dos Jesuitas escreveu Domingos Rebello: "Collegio dos extinctos Padres da Companhia de Jesus; da parte do Poente, e frente para a Praça ou Terreiro de Jesus; he edificio grande e sumptuoso, todo de pedra marmore fina por dentro e o frontespicio igualmente; magnifica Sacristia com muitos paineis todos de moldura de tartaruga, obra prima; assim como muitos frontaes dos Altares da Igreja: principiou a edificar-se na era de 1530: não só o Templo he grandissimo, mostrando muito gosto e preceito na sua architectura, bôa construção, e riqueza, como grandes salões e quartos, os quaes achão-se aproveitados com o Hospital Militar, Bibliotheca Publica, Botica etc."

A instancias do Arcebispo D. Fr. Manoel de Santa Ignez, foi, por provisão regia de 26 de Outubro de 1765, concedida a Igreja do collegio dos jesuitas para servir de Sê cathedral.

— A Capella de N. S. d' Ajuda foi edificada pelos Jesuitas e sobre ella transcrevemos as seguintes e interessantes informações:

"Capella de N. Senhora d' Ajuda, quasi no centro da Cidade sita da parte do sul, foi feita pelos Padres da Companhia de Jesus nos principios do descobrimento desta Cidade e primeira Igreja que nella houve depois da *Matrix da Victoria*; tirando-se todos os páos e taboado para sua construção da dita laixa (hoje Guadalupe): cuja Capella foi cedida pelos mesmos Padres ao 1.º Bispo desta Diocese D. Pedro Fernandes Sardinha, em 1552. Agora pertence á administração

A igreja actual, em substituição a um edificio mais antigo e estragado serve de Sé e é, presentemente, pelas condições architectonicas, o templo mais digno e grandioso de todo o Brasil, — monumento do poder e da riqueza dos seus constructores.

Alguns quadros de mestres hespanhoes, as decorações de bronze do côro, os preciosos doirados dos altares e um excellente orgão, foram trazidos da Europa; os labores de tartaruga que artezoam a sacristia vieram das Indias Orientaes.

Na sala da bibliotheca da Ordem dos Jesuitas está collocado o resto dos objectos da Ordem.

## Bibliotheca

Graças á actividade do anterior governador, Sr. Conde dos Arcos, um dos mais notaveis homens de Estado, cujos sentimentos liberaes e litterarios foram sempre com gratidão reconhecidos na Bahia, conseguiu-se por meio de loterias uma valiosa collecção de impressos novos sobre todas as profissões, de modo a se possuir hoje para mais de doze mil volumes.

Esse instituto acha-se aberto durante a maior parte do dia, sendo, porém, pouco visitado. (45)

da Irmandade do Sr. dos Passos onde se acha a Santa Imagem do Mesmo Senhor, por doação que S. M. I. e C. fez da Capella á mesma".

A antiga Igreja foi completamente serrada e um pouco adiante se edificou outra nova.

Antes de ser demolida, ahí se celebrou com solemnidade a derradeira missa, a que assisti contristado.

Diz Accioli que a primeira igreja edificada na Bahia foi a de N. S. d'Ajuda, pelo jesuita Manoel da Nobrega. — N. T.

(45) Impulsionado pelas ideas progressistas do Conde dos Arcos, apresentou o respeitavel bahiano Pedro Gomes Ferrão o projecto da fundação de uma bibliotheca publica e fez os seus estatutos em 1811.

## Hospital Militar

A maior parte do Collegio dos Jesuitas está occupado, actualmente, pelo Hospital Militar. (46)

As demais igrejas da Bahia, em numero superior a trinta, são de architectura sem importancia. Somente a da nova e agradável igreja de zimbório dos capuchinhos italianos merece referida, sendo de lastimar que as pedras multicôres da fachada lhe alterem o effeito. (47)

Offereceu logo seus livros, contando poder fazer o mesmo com os livros de seu primo Alexandre Gomes Ferrão e com os do erudito Francisco Agostinho Gomes.

Em poucos dias subiu a 3.000 o numero dos volumes.

A 13 de Maio de 1811 se realizou a abertura solenne da bibliotheca na sala do Docel do Palacio por se achar em ruínas o salão da antiga livreria dos jesuitas, lugar onde estava assentado que devia ser installada a bibliotheca.

Esse estabelecimento, com a sahida do seu criador, ficou entregue ao abandono.

Presidentes tem havido que nunca se dignaram, ao menos uma só vez, visitar a mesma bibliotheca! Assim diz Accioli.

Domingos Rebello, em 1829, diz que a bibliotheca publica, installada no Collegio dos Jesuitas em grande salão por cima da sacristia, possuia naquella época, (1829), seis mil e seiscentos volumes. — N. T.

(46) D. Fernando José de Portugal estabeleceu o Hospital Nacional Militar no Collegio dos Jesuitas e entregou a direcção ao contador da junta, Francisco Gomes de Souza. No interior havia uma bonita capella, ornada de muitos paineis, que representavam, em pintura fina, a vida de S. Estanislão Kosca.

Ahi se administravam aos enfermos todos os sacramentos.

A hôtica do mesmo hospital estava no mesmo edificio, tinha a frente para o Terreiro.

Nesse hospital foi mais tarde installada a Faculdade de Medicina, tendo existido a capella até 1905, quando foi destruida pelo incendio da mesma Faculdade. — N. T.

(47) Encontra-se em Domingos Rebello o seguinte sobre a Igreja da Piedade: "Hospicio de N. Senhora da Piedade dos Capuchinhos Italianos em frente da praça da Piedade, (uma das maiores que tem a cidade). Edificado pelas escolas dos fiéis em fins do anno de 1679, por Carta Régia de D. Pedro II, de 25 de Agosto do dito anno: a Igreja antiga era muito pequena, hoje porém, á custa das mesmas reformou-se acrescentando-se; e he templo grande, de muito gosto á romana, todo de abobada e com optimos paineis de bem executada pintura".

Em 1679, governando a Bahia Roque da Costa Barrreto, aportaram a esta capital os frades italianos Fr. João Romano e Fr. Thomaz de Sora, que iniciaram logo a fundação do hospicio consagrado a N. S. da Piedade no mesmo lugar em que hoje existe.

No capitulo seguinte, que trata da viagem a Ilhéos, teremos occasião de ver os rasgados elogios feitos por Martius ao virtuoso capuchinho e missionario, Fr.

## Convento de N. S. da Piedade

Dos conventos das outras ordens religiosas, que existem em grande numero, nenhum se distingue por belleza de estilo architectonico. muitos, porém, se fazem notar pelos ornamentos esquisitos ou pelo tamanho.

## Hospital Civil, Casa da Misericordia, Escola Cirurgica, Orphanato e Palacio Archiepiscopal

### O Hospital Civil (48) (Casa da Misericordia), a

Ludovico de Liorne. Segundo affirma Jabotam, os primeiros franciscanos chegaram ao Brasil em 1503.

Sobre a Sô escreve Domingos Rebello: "S. Salvador, *Freguezia da Sé*, templo o maior que existe nesta cidade e até em toda a Provincia.

Principiou a edificar-se em 1552, no reinado de D. João III, de Portugal. E' notavel pela capacidade de uma só nave: tem em si a Capella do S. S. Sacramento ricamente ornada, cuja Irmandade é riquissima pelos bens patrimoniales que possui e muita prata e ouro das suas alfuías; e por isto não pede nas quintas-feiras para cêra do mesmo Senhor, como é pratica nas outras". — N. T.

(48) *A Casa da Misericordia* foi instituida pouco depois da fundação da cidade do Salvador.

Entretanto não se pode dizer ao certo em que anno foi fundada essa pia instituição por se terem perdido os primeiros livros, quando se deu a invasão hollandesa de 1624 a 1625.

No seu excellento trabalho, o Snr. Antonio Joaquim Damasio conclue: 1.º que não havia irmandade da Misericordia na Bahia antes da chegada de Thomé de Souza, em 1540; 2.º que já estava ella organizada em 1572, quando Mem de Sá falleceu. Procurando restringir ainda mais esta proposição, sem todavia affirmal-o, diz o mesmo Senhor que a introdução da Misericordia na Bahia se deu no periodo de 1558 a 1572.

Eis o que em 1729 escreveu Domingos José Antonio Rebello: "A Casa da Santa Misericordia, (conforme a tradição) foi edificada em 1600: tem Igreja grande, o Collegiada do Presidente, Mestre de Cõro, nove Capellães e tres moços do Cõro do numero, rezando-se diariamente as horas canonicas. O Capitão Francisco Fernandes da Ilha foi o Instituidor e Fundador do Hospital de S. Christovão da Caridade; morreu em 1664 deixando muito cabedal para esta Santa Instituição.

Escola Cirurgica, (49) installada como a do Rio de Ja-

O Capitão João de Mattos e Aguiar foi o Instituidor do Recolhimento para moças orphãs brancas, e donzellas; o qual tem Regente e pessoas outras empregadas no serviço de toda o expediente da Casa: deixou patrimonio, cujo redito he applicado para trinta dotes por anno a cem mil réis cada hum, para os mesmas recolhidas, e filhas de Irmãos pobres da Casa: a Provisão Regia para a fundação do Recolhimento foi concedida a 21 de Março de 1702, ultimando-se a obra no anno de 1704, governando o 3.º Vice-Rei Marquez d'Angeja: morreu em 1700; deixando-nos este Monumento de Caridade Publica a recordação de tão grandes Beneficentores desta Casa de Piedade Christã, além dos seculos mais remotos, cujos fructos esta Cidade goza e gozará: tem Hospital para os doentes pobres, casa de expostos, recolhimento de Orphãs filhas da Casa, sustento para os presos da Cadeia etc. Todas as considerações deste Estabelecimento acham-se bem administradas por Mezarios Caritativos e zelosos, que todos só tendem a promover o augmento do Santo Instituto, que tanta honra faz á humanidade, ás almas bemfezjas: cumprindo-se assim com a primeira base da nossa Santa Religião, que he a Caridade. Tem sido muitos os beneficentores daquelle refugio e amparo da pobreza e fraqueza humana, tendo por isso grandes redditos para occorrer ás funcções do seu cargo. Geralmente todo o expediente da Casa está debaixo do governo da Meza administradora, Secretaria com três Officiaes, dous Medicos do partido: dous Cirurgiões, Capellão, enfermeiros, serventes etc.; sendo grande o numero de doentes e expostos, que recebe annualmente".

Julgo do conveniencia transcrever as informações acima, tanto mais quanto, dellas muitas se não encontram no excellente trabalho do Sr. Antonio Joaquim Damasio. — *Tombamento dos Bens Immovéis da Santa Casa da Misericordia da Bahia em 1862*, já citado.

Este trabalho deve ser lido pelos que se interessarem pela historia da tão util instituição.

Nelle se encontram: o historico do estabelecimento da Irmandade da Misericordia na Bahia, da fundação da Igreja da Santa Casa, do seu Consistorio, Hospital anexo, Recolhimento, novo Hospital em Nazareth, Cemiterio Campo Santo, Asylo dos Expostos e muitas notas interessantes. — N. T.

(49) *A Escola Cirurgica*, a que se refere *Martius*, não é mais a antiga Escola de Cirurgia, fundada em 1808, no Hospital Militar, mas o Collegio Medico Cirurgico da Bahia criada por Carta Regia de 29 de Dezembro de 1815, installado a 17 de Março de 1816, na Santa Casa de Misericordia e que desde Abril do mesmo anno começou a funcionar.

Dahi foi transferido novamente para o edificio do antigo collegio dos Jesuitas, onde fora installado o Hospital Militar em fins de 1833.

Por achar interessante publico as seguintes informações dadas pelo distincto chorographo Domingos José Antonio Rebello em 1829:

"Collegio Medico Cirurgico estabelecido na Casa da Misericordia, foi creado por Carta Regia de 29 de Dezembro de 1815, e posto em execução no principio do anno de 1816.

No 1.º anno estuda-se Anatomia Geral, e Chimica Pharmaceutica; no 2.º Physiologia; no 3.º Hygiene, Pathologia, Therapeutica; no 4.º Operações e Obstetricia; no 5.º e 6.º Materia Medica, Medicina pratica; ha uma cadeira de Chimica geral; outra de Pharmacia.

Os alumnos deste Collegio estudando aqui os seis annos do seo Instituto, e indo depois para qualquer Universidade estudar mais tres annos, que com os seis fazem nove, tomam o grau de Formatura em Medicina.

Os Lentes, e os mais empregados são pagos pela Nação. Agora pelo Decreto d'Assemblêa Geral Legislativa, sancionado pelo Imperador, e publicado em 9 de Setembro de 1826 ampliou-se mais aos Alumnos deste Collegio, e aos do Rio de

neiro, o Orphanato (50) para brancos, ultimamente construido e o Palacio Archiepiscopal (51) são edificios simples e grandes.

Janeiro a liberdade das ditas Escolas; os quaes tendo concluido o Curso de cinco annos, haverão Carta de Cirurgião Formado e poderão igualmente exercitar a Cirurgia e Medicina em todo o Imperio; tudo como expende a referida Lei; as Cartas serão passadas gratuitamente, com a despeza só da impressão e pergamimho. Acham-se nesta Cidade alguns Medicos, que já foram alumnos d'aquelle Collegio, os quaes indo a França vieram Doutores em Medicina, conforme o espirito da Instituição".

A Faculdade de Medicina, cuja organização actual proveio da reforma de 1832, occupa não só todo o espaço do antigo Collegio dos Jesuitas, do qual só resta uma ala, onde estão o saguão e o salão nobre, como tambem o espaço que era occupado por 12 casas que formavam o lado esquerdo da Rua das Portas do Carmo. — N. T.

(50) *Martius* fala de um orphanato. Não encontrei noticia da existencia de outro orphanato na Bahia, a não ser o *Collegio dos Orphãos de S. Joaquim*.

Sobre elle pude obter as seguintes informações:

"A Instituição de caridade fundada, sob o titulo de Casa Pia e Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, na Bahia, data de 1798, quando desembarcou na cidade do Salvador, o esmolador Joaquim Francisco do Livramento, nascido na cidade do Desterro em Santa Catharina. Em 1799 obteve elle por aviso regio permmissão para esmolar em favor da creação de um collegio para orphãos pobres.

Em 1804 obteve a administração da Capella de S. José de Riba-Mar do Cap. General Francisco da Cunha Menezes e para ahi transferiu os orphãos que se achavam numa pequena casa particular, fronteira á pequena capella. O instituto continuou a viver com difficuldade até que em 1818, o Conde de Palma, governador da Bahia, resolveu applicar as quantias recolhidas pela Camara do Commercio da Bahia, para as festas da coroação de D. João VI na reconstrução do edificio que serviu de Noviciado dos Jesuitas para nelle serem installados os orphãos de S. José, como eram até então conhecidos.

Terminadas as obras do edificio, na sua portaria foi collocada uma pedra de marmore que nella existe, com a seguinte inscripção: "El-Rei João VI, por mediação do Governador Conde de Palma doou esta Casa aos Orphãos desamparados, que o Irmão Joaquim consêra a S. Joaquim ás esmolas dos fieis".

A generosidade do Corpo do Commercio e a caridade dos habitantes da cidade e do Reconcavo, desarruinaram-na, engrandeceram e dotaram para educação fabril e litteraria dos Orphãos, solemnizando assim a gloriosa Acclamação do Doador — 13 de Maio de 1822.

Os movimentos politicos demoraram a transferencia dos meninos orphãos da Capella de S. José de Riba-Mar para seu novo edificio, o Noviciado, a qual se effectuou em 12 de Outubro de 1825 com grande solemnidade, conforme se vê da seguinte inscripção: "Debaixo dos Auspicios do Muito Poderoso Senhor D. Pedro I, Imperador Constitucional e Perpetuo Defensor do Brasil, foram recolhidos nesta Casa Pia e Seminario os meninos Orphãos no dia 12 de Outubro de 1825, Dia venturoso da Liberdade Brasileira, Natalicio do Augusto Fundador do Imperio, Anniversario de sua Gloriosa Acclamação.

Era 2.<sup>o</sup> Presidente da Provincia J. S. M. C.

Estas Inicias eram do Sr. João Severiano Maciel da Costa, depois Marquez de Queluz. — N. T.

(51) Em 1829 descrevia-o Domingos Rebello nos seguintes termos: O *Palacio Archiepiscopal* que está junto á Sé é muito grande e magnifico, com um dos lados para o mar, tem dous andares e passadiço para a Cathedral, a qual tem

Os mais lindos ornamentos desse extenso agglomerado de casas são os muitos jardins situados entre ellas. Posto que raramente tratados, conservam, durante todo o anno, o verde intenso de suas laranjeiras e bananeiras.

Quão fartamente a belleza da vegetação tropical suppre os cuidados do jardineiro!

## Passaio Publico

Attestado disso ao viajante é o Passaio Publico, (52) situado num dos pontos mais altos, na extremidade sudeste da cidade, perto do Forte de S. Pedro.

as dignidades seguintes: Deão, Chantre, Thesourreiro mór, Arcebisgo, Mestre Escola e entre elles ha tres com o titulo de Doctoral, Penitenciario e Magistral; nove Conegos Prebendados e quatro de meia Cadeira ou Prebenda, ao todo 18 Conegos, sendo 5 Dignidades, 9 Cadeiras inteiras e 4 de meia Cadeira; 10 Capellães; Mestre do Cerimonias; Chantre; Mestre da Capella; Sachristão mór; 6 moços do Coro do numero; Porteiro da maça; Porteiro ou Enxota-cães.

No anno de 1718 o Rei D. João V augmentou o numero dos Conegos conforme actualmente existe”.

Na bem fundamentada e justa reclamação contra a inscripção do Palacio Archiepiscopal da Bahia como proprio nacional, apresentada ao Snr. Ministro da Fazenda, pelo Exmo. e Revmo. Snr. D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo da Bahia, encontram-se as seguintes informações:

“Entre as obras a que ligou o seu nome, o Snr. D. Sebastião Monteiro da Vide, 5.º Arcebispo da Bahia, que regeu esta Archidiocese por largo espaço de mais do vinte annos, fallecendo a 7 de Setembro de 1722, com geral sentimento de seu numeroso e amado rebanho, pode considerar-se como uma das mais importantes a casa que mandou edificar para sua residencia e de seus successores.

Por provisão de 13 de Março de 1705 obteve da Rainha Regente de Portugal permissoão para edificar a casa no terreno designado para o Seminario Archiepiscopal, terreno este que ficava entre o Collegio dos Jesuitas e a Igreja da Ordem Terceira de S. Domingos. Reconhecida a insufficiencia do local, sollicitou e obteve por provisão regia de 28 de Fevereiro de 1707 licença para permutar com a Irmandade de S. Pedro dos Clerigos o dito terreno destinado para o Seminario Archiepiscopal, por um outro terreno que a dita Irmandade possuia, contiguo á Igreja da Sé, onde melhor convinha a casa de residencia do Arcebispo.

Foi nesse terreno que se levantou o Palacio do Arcebispo, cujas obras segundo dia a carta regia de 5 de Novembro de 1706, estavam orçadas em mais de 40.000 cruzados. — N. T.

(52) Depois de descrever o convento de N. S. das Mercês, diz Domingos Rebello:

“Passaio Publico no fim desta espaçosa rua da parte do Sul, feito em 1810; daqui descobre-se fóra da barra a entrada das embarcações e a grande

Alamêdas de laranjeiras, limociros, jambeiros, mangueiras e de arvores do pão, densas e aparadas cercas de pitangueiras, numerosas plantas de ornamentação, do sul da Europa, das Indias e do Brasil, dispostas em fileiras multicores, transformam esse logar num sitio aprazivel, mormente com a viração fresca da tarde.

Do pavilhão construido com arte, a vista espraia-se por sobre grupos de verdes ilhas da linda bahia, ou repousa com saudades, sobre a superficie azul e immensa do Oceano, que o sol poente recama de scintillantes irisações.

Nesse jardim, que d'entre todos os que vimos no Brasil, mostra os signaes mais caracteristicos da floricultura européa, encontrámos cultivada com o nome de

Ensada da Bahia, e melhor de hum alegre, e extenso miradouro com varandas a roda, por mais alto: ha nelle huma Piramide, ou Agulha toda de pedra marmore, fina, bastantemente alta, a qual foi erigida com a inscrição feita á memoria da chegada nesta cidade da Familia Real de Portugal em 22 de Janeiro de 1808: acha-se todo bem plantado de flores, e arvores fructiferas; tem Administrador, que cuida da sua conservação".

Assim diz Accioli, quando trata do *Passeio Publico*, depois de ter descripto a *Praça do Commercio*: "o Conde dos Arcos então governador da Bahia, considerando objecto de não menor utilidade um passeio publico, fez edificar o que existe, tendo logar o fundamento da famosa piramide que nelle se acha, a 23 de Janeiro de 1815, em memoria do desembarque da familia real Portugueza nesta cidade, assistindo á inauguração desse monumento, feito á custa da camara, um brilhantissimo concurso e a tropa da guarnição reunida em grande parada".

Já muito antes se havia cogitado da criação de um horto botanico, senão vejamos o que ainda nos diz o mesmo historiographo: "Pelas differentes especies de vegetaes desta provincia, que os respectivos governadores erão obrigados a enviar para os jardins de Lisboa, reconheceu o governo Portuguez a utilidade que resultaria ao publico o estabelecimento de hum horto botanico nesta capital.

Expediram-se para este fim as ordens e auctorisações necessarias a D. Fernando, em cartas regias de 23 de Maio de 1799, e de Março de 1800, sendo encarregado da respectiva direcção o medico Ignacio Ferreira da Camara Bittencourt, vencendo por isso a gratificação de 400\$000 annuaes: infelizmente, porém, o local para o pretendido estabelecimento serviu de dar pasto ao capricho; o director exigia para o mesmo horto a roça do Turoró, então pertencente a João Francisco da Costa, ou a José Vieira de Araujo, que ficava a um lado do convento das Ursulinas, mas, impugnando aquellos proprietarios esta pretensão, offercendo o primeiro gratuitamente outro terreno por certo melhor, no sitio dos *Barris*, teimou o mesmo director em sua primeira escolha, e o resultado foi, o que se esperava, nunca mais se dar principio a tal estabelecimento, para o que concorreu em não pequena parte o governador D. Fernando, pelo genio contemporizador de que era dotado.

*quina peruviana*, a *quassia* (*Quassia amara*, L.), que aliás não se desenvolve bem.

Uma inscripção no obelisco erigido no ponto mais elevado, lembra a data do anno de 1808, quando D. João VI aportou em terras da Bahia.

Foi o primeiro monarca europeu que pisou o solo do Novo Mundo: grandes progressos e uma era nova começaram naquelle dia.

## Forte de S. Pedro

Perto do Passeio Publico, encontra o viajante a maior fortificação da cidade: o Forte de S. Pedro, que a protege do lado de terra.

Foi consideravelmente augmentado pelos hollandêses, que, depois que se assenhorearam da cidade (9 de Maio de 1624) (53), o ligaram com um profundo fôso,

(53) O descobridor português da bella Bahia, indicado com certeza pela historia, foi Christovam Jacques, em 1503. Elle a chamou Bahia de Todos os Santos. O primeiro colono foi Diogo Alvares Corrêa Vianna apelidado Caramurú, pelos selvícolas. Seu naufragio, sua permanencia entre os anthropofagos, sua união com a india Paraguassú, sua viagem para a côrte do rei de França e os serviços que na volta prestou aos portuguezes na terra, por elle primeiramente civilizada, ainda são elogiados pelos brasileiros e, muitas familias o consideram seu ascendente. Após o trafico fim do primeiro donatario, Francisco Pereira Coutinho entre os inimigos Tupinambazes (no anno de 1531 a 1540) fundou-se, finalmente, (no anno de 1549) uma importante colonia, por ordem de D. João III e mantida ás custas publicas, sob o governo de Thomé de Souza — a cidade do Salvador.

Considerou-se esse ponto superiormente apropriado para a manutenção e segurança das outras colonias portuguezas no Brasil e para expandir a cultura da canna de assucar, á qual cada vez mais se dedicavam com o augmento da procura do apreciado artigo. As primeiros cannas foram para shi trazidas dos proximos estabelecimentos em Ilheos A efficaz protecção da colonia de Portugal e sua situação favoreceram tanto o florescimento da mesma que, 30 annos depois, se contavam já 800 habitantes europeus na cidade e mais de 2.000 em todo o reconcavo. A' crescente opulencia desta cidade foram desferidos profundos golpes pela guerra da Hollanda com a Espanha, a quem naquella época pertenciam Portugal e suas colonias. Em 1624 a cidade foi tomada pelos hollandêses e a população portuguesa se retirou para tras da Rio Vermelho, a duas horas da cidade. Depois da restauração pelas armas alliadas luso-espanholas (em 1625) teve a cidade de soffrer segundo assedio pelos hollandêses, sob o commando do Prin-

que cogitavam prolongar até o mar, afim de, por esse meio, proteger a cidade do lado de leste. Essa grande empresa não se realizou, porém, o fôssco chamado Dique, construído com u'a muralha de tijollos, limita deste lado a cidade em consideravel extensão e offerece ainda ponto apropriado para uma linha de fortificações.

Esse fôssco corre ao longo da extremidade leste do arrabalde dos Barris, por entre colinas revestidas de espesso mato, bosquezinhos, plantações e edificios. que, em desordem encantadora, se prestam aos mais bellos passeios, já pela mutação das vistas do terreno, já pela vegetação luxuriante. E', porém, muito pouco visitado pelos bahianos.

## Dique

No Dique (54) vivem numerosos pequenos jacarés, de focinho comprido (*Jacaretinga moschifer*. Spix, La-

cipe Maurício de Nassau, tendo sido o Reconheço assolado em 1640 e pela segunda vez, em 1646.

Desde aquelle tempo gozaram a cidade e a bahia das benções da paz, até o cerco pelas tropas imperias brasileiras, quando estava occupada pelo General português Madeira, em 1822 e 1823.

(54) "Ha o grande Dique que circula o arrabalde da cidade pela maior parte do Norte-Sul, e terá huma legoa de extensão pelas voltas que dá: tendo um pequeno braço, que vai desaguar no rio de S. Pedro: nelle ha muitos Jacarés ou Crocodilos e outros amphibios: algumas pessoas por divertimento no Estio navegam por elle". (Rebello, 1829).

Referindo-se á cidade da Bahía dils o historiador Accioli: "em quatro mezes de fundação, já ennumerava cem casas com grandes quintaes, sendo successivamente circumvalada de uma trincheira de terra que terminava no fôssco aquatico conhecido por Dique, trincheira esta que para maior segurança era guarnecida por algumas peças, assestadas em espaços intermedios auxiliando a factura de todas estas obras o predio *Diogo Alvares* com os indios sujeitos á sua obediencia.

Referindo-se ao Dique ainda nos informa Accioli: "Tratou-se das fortificações, augmentando-lhes varias obras, e da conservação do fôssco aquatico da cidade dique, segundo lhe determinára a carta regia de 26 de março de 1716, que applicava annualmente para tses obras a quantia de sessenta mil cruzados, tirados da dízima da alfandega, dirigindo esses trabalhos o brigadeiro engenheiro João Massé que por isso chegou de Lisboa, concertou a artilharia, que se achava desfo-

*certae Bras. t. 1*), que exhalam forte cheiro de almiscar, prevenindo assim ao passeante de sua perigosa presença.

## Forte do Barbalho

Do lado de terra existe, além dessa fortificação, o Forte do Barbalho, que domina, ao norte da cidade, a estrada principal para o continente. O lado do mar está protegido por diversos fortes e baterias, cuidadosamente tratados e bem providos de peças.

## Forte e Pharol de S. Antonio. Fortes de S. Maria, S. Diogo e S. Felipe

Na ponta extrema do sul estão: o Forte e o Pharol de S. Antonio, depois as baterias marítimas de S. Maria e S. Diogo e, em frente á extremidade sul da cidade, numa ilha de rochedos no mar, o Forte de S. Marelllo, comumente chamado Fortim do Mar. Esta é, indubitavelmente, a mais importante fortificação da praça; suas duplas fileiras de canhões dominam a Praya e a parte do porto mais ao sul, cuja extremidade norte é protegida pelos canhões do Forte de S. Felipe, na ponta de Monserrate.

ronada, aproveitando-se a pericia de um artifice chegado de Angola, a quem por tal habilidade fôra perdoada a pena de degrêdo”.

60.000 mil cruzados annualmente!

De ha muito que o Dique, essa perola engastada no diadema da Princeza das Montanhas, vem sendo entulhado com o lixo da cidade e com a terra da encosta, removida pelos possuidores de hortas nas suas margens, afim de lhes augmentarem o espaço cultivavel.

Apreciassemos nós brasileiros as bellezas naturaes que possuimos, seria o dique — a *great attraction* da Capital Bahiana. Entretanto, vae desaparecendo. Que pena! — N. T.

## Forte de S. Bartholomeu

Na entrada da pequena bahia de Itapagipe está o Forte de S. Bartholomeu.

Que estas fortificações parecem sufficientes para proteger o ponto mais importante da costa norte do Brasil prova-o a historia da defesa da cidade durante dezoito mezes, pelo general portuguez Madeira, contra as imperiaes tropas brasileiras (até 2 de Julho de 1823). (55)

Criados mais alguns pontos fortes nas ilhas da bahia, seria facil impedir completamente uma occupação inimiga desse bello e importante golfo, pois, para sua segurança, muito concorre a propria natureza.

## Defesa natural da Bahia

A entrada na bahia entre o cabo de S. Antonio e a costa leste da ilha de Itaparica, tem a largura de u'a milha allemã, só na metade leste, offerecendo segurança á navegação dos grandes navios de guerra, por ser o fundo do mar muito desigual para oeste.

A costa leste da ilha de Itaparica acha-se circumdada de arrecife submarino, que se estende por 1/4 de hora, em direcção ao alto mar. Mesmo nas immedições do Forte do Mar existem alguns logares pouco profundos, onde, ignorando-se a topographia, podem os grandes navios soffrer avarias.

---

(55) Esta obra foi publicada em Munich em 1828. — N. T.

## **Barra Falsa**

Parallela a essa entrada principal, existe ainda uma outra situada ao fundo da bahia, formada pela costa oeste da ilha de Itaparica e continente fronteiro: chama-se Barra Falsa e é muito frequentada por pequenas embarcações, que fazem o commercio costeiro entre a comarca de Ilheus e a Capital. Essas embarcações podem evitar o mar alto, desde o Morro de S. Paulo.

Para os navios de maior calado não tem o canal bastante profundidade, especialmente em sua entrada ao sul e no fundo da bahia a nordeste.

## **Baixios**

Entre a ponta norte de Itaparica, da Ilha dos Frades, situada tambem ao norte de Itaparica, nas embocaduras do rio Sergipe d'El-Conde e do Paraguassú, ha logares perigosos, entre os quaes os Baixios d'Alva e Salamandra. Os rochedos proximos á Ilha do Medo gosam da pior fama.

Os perigos são tanto maiores, quanto mais consideravel a rapida costuma ser na bahia a vazante, com os movimentos das aguas, que se dirigem para o lado de leste da entrada principal.

A maré grande começa nas conjunções da lua, ás 3 horas e 30 minutos e eleva-se de 9 a 10 pés.

O ancoradouro mais seguro está situado perto do Forte do Mar, para os grandes navios, a oeste, e para os menores, entre o Forte e a cidade. As maiores esquadras podem achar ao mesmo tempo ancoradouro e abrigo, tão espaçosa é essa parte da bahia.

A sua importancia ainda se torna maior para o Brasil, porque todos os portos e ancoradouros entre Bahia

e Pernambuco, assim como as embocaduras dos rios S. Francisco, Real e Sergipe d'El-Rei, em virtude da crescente obstrucção pelas areias, só permitem abrigo a pequenas embarcações.

O trecho da costa, que fica entre a Ilha dos Passaros e Sergipe, é muito batido e perigoso, especialmente quando sopra o leste.

### **Magnifico ancoradouro da Bahia**

Em todas as estações do anno, encontram-se, surtos no ancoradouro desse magnifico porto, centenas de navios mercantes. Vêem-se pavilhões de todas as nações.

Entre elles, frequentemente, os das cidades hanseaticas, que nesses ultimos decennios negociam fortemente com a Bahia no commercio do assucar.

Os navios portuguezes são em maior numero; vindo, depois: os inglezes, norte-americanos, allemães e francezes.

Ultimamente muitos navegantes das Indias tambem ali aportam para se abastecer de mantimentos novos e fazer aguada. Alguns pilotos não julgam de bom alvitre tocar nesse porto, para não serem estorvados pelo vento, que sopra para o norte, ao longo da costa, nos meses de Março e Setembro.

Entretanto, os navegantes inglezes das Indias não encontram, actualmente, difficuldade em navegar para o sul, mesmo nos meses desfavoraveis de Junho até Agosto, pois, em geral, quanto mais se avança para o sul, tanto mais o vento impelle para leste.

O numero de navios, que annualmente entram no porto da Bahia e delle saem, pode ser calculado em mais

de 2.000, não contando as pequenas embarcações costeiras. Esta cifra tem quasi triplicado desde 1806.

Sendo a praça abastecida de viveres, principalmente por via maritima, vê-se chegar, todos os dias, grande numero de embarcações, conduzindo não só os productos das vizinhas fabricas de assucar, mas ainda, muitos artigos do interior do paiz: milho, arroz, farinha de mandioca, legumes, aves domesticas, peixes, etc.

Nada se compara ao movimento do porto da Bahia, mormente nas vespuras de festas. Então, o observador será levado a tirar uma falsa conclusão da população dessa Provincia, se não souber que muitos desses barcos vêm de logares distantes 20 e 30 leguas. O maior numero delles pertence aos povoados e engenhos da enseada, cujas margens, em toda a extensão, conjunctamente ás regiões navegaveis dos rios que nella desembocam, são conhecidas pelo nome de Reconcavo.

### Reconcavo

A população dessa grande região pode ser calculada, sem exagero, em 200.000 habitantes, dos quaes, talvez, 115.000 habitam a cidade e os seus dois arrabaldes: Victoria e Bomfim. (56) Ao observador consciencioso,

(56) A população de toda a capitania da Bahia e de suas circumscripções, em 1822, foi calculada por Pizarro em 419.432 homens livres e 173.476 escravos, ao todo em 592.908 almas.

Conforme os dados do Sr. Adr. Balbi, em todo caso muito elevados, seria a população da Bahia, inclusive a capitania de Sergipe d'El-Rey, em 1824, a seguinte:

Branços . . . . .	192.000	} 538.000	} 858.000
Indios . . . . .	13.000		
Gente livre de côr . . . . .	80.000		
Escravos de côr . . . . .	35.000		
Negros escravos . . . . .	489.000	} 115.000	}
Negros forros . . . . .	49.000		

que estudar a mistura feita de três raças humanas, não escapará o facto de serem mais raras ali as physionomias puramente européas, comparativamente ao que se observa no Rio, para onde têm affluído muitos brancos, depois dos ultimos acontecimentos politicos.

Mesmo nas classes mais elevadas, observam-se, ás vezes, traços que lembram a mistura de indigenas e ne-

A relação da população nas três comarcas da Provincia da Bahia e na capitania de Sergipe (mais correcto Serzipe) d'El-Rey, aqui incluída e subordinada, todavia, não *afiançando bastante*, nos foi dada como se segue:

	<i>Almas</i>
Comarca da Bahia . . . . .	362.503
Comarca de Jacobina . . . . .	56.000
Comarca de Ilhéos . . . . .	75.569
Capitania de Sergipe d'El-Rey . . . . .	98.836
	592.908

A preponderancia da população na Comarca da Bahia é attribuída, em parte, ao elevado numero de escravos negros, que trabalham nos 400 engenhos do Recôncavo. Na parte norte desta Comarca estão situadas as villas maritimas: Abrantes, do Conde, de S. Francisco, Abbadia, possuindo ricos engenhos de assucar e grandes fazendas isoladas bastante populosas; as villas Mirandella, Soyre, Agua Fria Itapicuru e Pombal são de pouca importancia. Inhambupe é a villa mais notavel do interior dessa região. Nas proximidades da cidade, especialmente, floresce o termo da villa de Cachoeira. A população deste districto, sob a jurisdicção de um determinado Juiz de Fóra, nos foi dada em 1819, como se segue:

<i>Freguezias de:</i>	<i>Fogos</i>	<i>Almas</i>	<i>Eng. Ass.</i>
Freguezia da Villa de N. S. do Rosario do Porto de Cachoeira, com o Porto de S. Felix e demais circumscripções . . . . .	2.200	29.500	4
Santo Amare da Purificação . . . . .	1.800	8.800	14 muita lavoura de fumo
S. Gonçalo dos Campos . . . . .	1.584	6.738	3 " " "
S. José das Itaporocas . . . . .	1.554	6.937	3 " " "
SS. Coração de Jesus do Pedrao . . . . .	2.040	7.300	1 " " "
S. Estevam do Jacuhype . . . . .	730	4.000	2 muito fumo e algodão
S. Pedro de Muritiba . . . . .	804	3.955	4 " café
S. Anna da Conceição . . . . .	484	3.120	— fumo e plant. de algodão
N. S. do Desterro do Oiteiro Redondo . . . . .	593	2.806	8 " " "
S. Thiago de Iguape . . . . .	624	4.267	9 " " "
	13.423	77.503	

gros, principalmente em algumas familias burguêsas, que se orgulham com razão da sua origem, considerando-se brasileiros legitimos.

Na comarca dos Ilhéos, cujas villas são as seguintes: dos Ilhéos, da Barra do Rio de Contas, Olivença, Camamú, Cayrú, Boypeba, Marahú, Barcellos Valença, Igrapiuna, Serinhaem moram relativamente a maioria dos indios mansos; na comarca de Jacobina com as villas Jacobina, Caetetó, do Rio de Contas, Villa Nova da Rainha, Urubú, consta do gente de côr, a maior parte da população.

A capitania de Serçipe d'El-Rey limita-se com Pernambuco, ao norte, pelo Rio S. Francisco e ao sul, com a da Bahia, pelo Rio Real. Suas localidades mais importantes são: a capital, cidade de Serçipe d'El-Rey, a Villa de S. Amaro das Grotas, á margem do Rio Serçipe, Villa Nova de S. Antonio, á margem do Rio S. Francisco e o Arrayal das Laranjeiras de Cotinguiba, á margem do rio Cotinguiba. No interior dessa provincia, que em grande parte apresenta o solo secco, coberto de mato rasteiro e proprio para a criação, estão as villas de S. Luzia de Piaguá, do N. S. do Socorro de Thomar, de N. S. da Piedade do Lagarto, de S. Antonio e Almas de Itabayana (celebre pelos tecidos de algodão e pela criação de uma pequena raça de cavallos) e a villa de Propriá. Consoante uma communicação manuscrita do Snr. Manuel Antonio de Souza, vizario na Bahia, comprehendia a Capitania de Serçipe d'El-Rey, em 1808: uma cidade, oito villas, quatro missões de indios, onze povoações e contava a seguinte população:

Branços . . . . .	20.300
Negros . . . . .	19.954
Indios . . . . .	1.440
Gente de côr . . . . .	30.542
	<hr/>
	72.236

As quatro missões para a conversão dos indios são: N. S. do Socorro de Thomar (a principio dos jesuitas, depois dos carmelitas) com 140 indios; Japarutuba (dos carmelitas), com 300; Pacatuba com 700; e Ilha de S. Pedro (ambas dos franciscanos) com 300. Toda a população das mencionadas comarcas e a de Serçipe d'El-Rey pertencem ao arcebispado da Bahia, criado em 1676. Além disso ainda pertencem: Porto Seguro e uma parte de Minas Geraes, principalmente, as comarcas de Serro Frio, Sabará e Serro Frio para cá; pois o arcebispado é limitado, ao Sul, pelo Rio Doce; a S. S. O. pelo Rio do Peixe, tributario do Rio Doce; a S. O. pelo Rio Sipó, que desagua no Rio das Velhas, perto de Picarrão; pelo Rio das Velhas e para O. e N. pelo Rio S. Francisco. A cidade da Bahia possui duas freguezias na Praia e seis na Cidade alta. Dizem que na cidade moram bastantes judeus, cujos antepassados fugiram de Portugal, para ahí, durante a perseguição dos judeus; todos elles professam, porém, exteriormente, a religião catolica e, ahí, não existe sinagoga, nem tão pouco em lugares outros do Brasil.

De quando em quando, na cidade, tambem apparecem ciganos que em varios bandos atravessam a provincia. Perto de Marahú, encontrámos um rancho delles, parte a cavallo, apresentando uma encenação bizarra, que nos fez recordar, com todas as minucias, o quadro da vida dos ciganos, tão bellamente pintado, ao vivo, por Cervantes.

Exhibiam, por dinheiro, manobras de equitação e exercicios de gymnastica, ou ganhavam, para a subsistencia, com a cartomancia e buena-dicha, a que se lhes parecia dar bastante credito.

Ufanam-se das glorias de seus avós, por occasião da fundação da cidade e da expulsão dos hollandêses, sob as ordens do bellicoso bispo Teixeira.

Não obstante isso, ha preconceito contra a procedencia mestiça. Assim, muitas pessoas querem provar por certidão de baptismo, terem uma côr, que difficilmente lhes poderá reconhecer o julgamento imparcial do estrangeiro.

Finalmente, as mais ligeiras variantes da côr não fazem perder o prestigio na sociedade. Vêem-se nella, sem que isso cause extranheza, pessoas de côr accentuadamente mestiça, e sómente ao incumbido da estatística, seria difficil verificar-lhes o numero e traçar os limites entre brancos e homens de côr.

A disposição especial da cidade e dos seus arredores dá logo idéa da população que, na mesma superficie, excede á do Rio e possui actividade triplicada.

## **Agricultura**

A agricultura está entregue aos escravos, que orçam por 80 a 90.000. As manufacturas, com particularidade as mais communs, já completamente desenvolvidas na cidade, occupam a população de côr. O commercio, as altas industrias, a administração dos differentes cargos de Estado e das grandes fazendas e engenhos do Recôncavo estão nas mãos dos brancos ou daquelles que assim se consideram.

## **Educação, literatura e costumes**

Embora a côr branca no Brasil quasi ennobreça e dê, habitualmente, pretensões a uma certa posição na

sociedade, enganar-se-ia muito aquelle que esperasse da parte branca da população, das classes mais elevadas, mesmo, uma igualdade de educação e de idéas.

A educação e os costumes são os de Portugal, alterados, porém, de diversas maneiras, pela influencia da litteratura francêsa ou inglêsa ou pela experiencia da vida e pelo conhecimento ou desconhecimento da Europa.

De como actua sobre o desenvolvimento dos brasileiros uma estada na Europa, pode o europeu convencer-se em muitas occasiões agradaveis. Reina, porém, entre os ricos fazendeiros e commerciantes da Bahia, certa prevenção de mandarem os filhos para Portugal, por se arrecearem que ali contraiam más companhias ou casamentos desfavoraveis.

## Partidos políticos

Mais differente ainda do que a educação dos brancos, é a sua opinião politica. Neste particular, se distingue a população da Bahia e Pernambuco, mais rigorosamente, do que a de qualquer outra Provincia do Brasil, em dois partidos, cujos attritos nestes ultimos annos, infelizmente, já deram logar a alguns movimentos notorios: um mostra, a par de educação mais fina e mais solidos conhecimentos, ligação maior a Portugal e á conservação das leis e formalidades existentes; o outro, muitas vezes falho dos conhecimentos mais necesarios, sem a experiencia da vida e adepto de erroneas doutrinas das chamadas obras liberaes, esquece os grandes meritos de Portugal e do actual governo, e inclina-se a uma estima exaggerada do actual estado de desenvolvimento de certas provincias, que deseja de boamente considerar, apenas como Estados federados. Esta parte da população

olha com ciúme e desconfiança os filhos do reino, portuguezes immigrados e costuma dar-lhes, por troça, o appellido de *pés de chumbo*.

Não são sómente os brasileiros natos que seguem a opinião politica acima alludida, senão tambem outros, nos quaes ella se desenvolve e se firma, por circumstancias especiaes.

Como auxilio e meio de propaganda de taes idéas, podemos citar certos gremios criados sob o nome de lojas maçonicas, as quaes, em vez de guardarem o character social e caridoso de suas congengeres na Europa, aproveitam-se da inexperiencia e da ociosidade para diffundir inclinação ás novidades, despertando esperanças e desejos de melhor estado civil.

A contra-gosto fazemos estas allusões. Julgamos, porém, deval-as aos leitores, para ao menos ligeiramente indicarmos o estado das opiniões, das exigencias e desejos reciprocos, dos receios e das esperanças, que intima e secretamente reinam, conservando-se ainda occultas, qual caixa fatidica de Pandora.

Como em todas as cidades commerciaes, ali são insignificantes os esforços litterarios e raros os homens que, com prazer e vocação, se dedicam ás sciencias.

## Dr. Paiva

Entretanto, os bahianos estimam seus concidadãos eruditos, entre os quaes gosa da mais alta consideração o Dr. Manoel Joaquim Henriquez de Paiva, distincto medico clinico, conhecido por varios trabalhos de medicina pratica, materia medica, botanica e chimica.

A lingua francêsa é ali, como no Rio de Janeiro, muito mais diffundida que, a inglêsa, bem que sejam mais importantes as relações commerciaes com a Inglaterra.

## Theatro

No theatro (57) raramente se reune uma assembléa proporcional á população do logar; só nas occasiões de festas se enchem as três ordens de camarotes do espaçoso edificio, de senhoras e cavalheiros, luxuosamente vestidos e a platéa, com variada multidão de homens de todas as côres e classes.

Antes de começar a representação, poderia a apreciação ironica do espectador occupar-se com a pintura do panno de bocca, achando no assumpto da mesma uma allegoria desfavoravel aos bahianos.

Um mulato de gigantesca estatura, empunhando na esquerda o caduceu de Mercurio, está em attitude de importancia, assentado sobre uma caixa de assucar, com a destra estendida, apontando, ao espectador admirado, a offuscante riqueza de um doirado cofre aberto. A

(57) Sobre o abandonado edificio do *Theatro S. João* encontra-se em Domingos Rebello: "*Theatro de S. João*, Edificio sumptuoso, junto á Praça de S. Bento, com quatro fontes, sendo huma para a dita Praça, outra para o mar, e duas para a rua direita; edificado em 1806. (Domingos Rebello, 1829)."

O *Theatro de S. João* está situado na Praça Castro Alves, antigamente chamado — Largo de Quitanda ou Portas de S. Bento.

Foi o Governador Regio da Bahia, D. João de Saldanha da Gama Mello Torre Guedes de Britto, 6.º Conde da Ponta, quem lançou os fundamentos do *Theatro S. João*, em 1806.

Não se sabe ao certo se a inauguração foi a 13 de Maio de 1812 ou a 12 de Outubro de 1812. Diz Accioli ter sido a 13 de Maio de 1812. Governava, então, a Bahia naquella época, D. Marcos de Noronha e Brito, 8.º Conde dos Arcos, a quem se deve a criação e ultimação de muitos edificios publicos.

A descripção do panno de bocca do *Theatro S. João*, feita por *Martius* em 1818, não parece estar de accordo com a allegoria á America Brasileira, representada no primeiro panno, em 1812, pelo pintor bahiano Manoel José de Souza Coutinho.

Não se conhecendo a data, nem tampouco o assumpto da pintura do segundo panno de bocca, conforme assevera o illustre Sr. Filio Boecanera Junior, em sua excellente obra, — *O Theatro na Bahia*,ahi fica lançada a idéa e aos competentes cumpre supprir a lacuna existente nesse particular.

A's 2 horas da madrugada do dia 6 de Junho de 1923 queimaram o *Theatro S. João*, que ardeu até 5 horas da manhã. Note-se que havia chovido durante toda a noite; na vespera, no dia 5, às 8  $\frac{1}{2}$  da noite, houve forte tufão. E assim se foram as nossas tradições de arte, etc. E' no Polytheama, coberto de zinco, onde, actualmente, funciona o lyrico. — N. T.

seus pés, algumas crianças, representando os genios, brincam com o globo e os emblemas de Minerva.

Nesse theatro trabalham, principalmente, artistas de côr. Os brancos só raramente, em papeis de personagens estrangeiras.

Os sacerdotes e as sacerdotisas das musas, que de Portugal fazem suas romarias para o templo de Thalia, no Rio de Janeiro, são muito bem acolhidos ahi, mas não podem exigir do publico seriedade constante.

O clima é por demais quente para os assumptos tragieos e, além disto, o nortista prefere para seu divertimento ligeiras representações engraçadas e alegres, ás grandiosas criações de um Calderon, Shakespeare, Racine ou Schiller.

Estes nomes são raramente ouvidos pelo grande publico da Bahia. Costuma-se representar a traducção de *uma comedia ou dramas modernos, francêses ou hespanhoes* e, depois, uma trivial pantomima, para divertir a platéa.

## Musica

A orchestra no theatro é bem ensaiada e executa, com maestria, as protophonias de Pleyel, Girowetz, Boyeldieu e Rossini, pois os brasileiros são todos musicos natos.

Além do theatro, ainda são frequentados alguns logares de divertimentos, onde a sociedade se distrae com jogos de cartas, de prendas e vispora.

## Jogos

Nos cafés, a maior tendencia é para os jogos de cartas e dados.

Em certas pharmacias reúnem-se sociedades particulares para taes divertimentos.

## Banquetes

Nas casas mais ricas dão-se, de tempos em tempos, grandes banquetes, nos quaes o dono da casa ostenta o esplendor real, muitas vezes antigo, de sua mobilia e louça. Os convidados, segundo os velhos habitos portuguezes, com doirados espadins á cinta e sob as exigencias de certa etiquêta, gozam os prazeres de uma pomposa mesa.

Em outras sociedades ha mais liberdade. Antes de se assentar á mesa muda-se num quarto contiguo uma jaquetinha branca de fazenda muito fina, para se poder comer mais á fresca e suspendem-se as adufas das janellas.

## O lundú

Ao terminar o banquete, apparece um grupo de musicos, cujos accordes, por vezes desafinados, convidam afinal a dançar o *lundú*, que é graciosamente executado pelas moças.

O canto e o apreciado *Champagne* animam estas sociedades alegres, que só se dispersam, muitas vezes, ao romper do dia.

Para as classes mais baixas são os passeios nos dias de festas os divertimentos predilectos. Aproveitam-se

das festas dos diversos padroeiros de igrejas do *Recon-cavo*, para cuja veneração fazem feiras, que são muito concorridas.

## Festa do Senhor do Bomfim

As cerimoniaes da festa do Senhor do Bomfim, no arrabalde do mesmo nome, celebradas duas vezes por anno, reúnem multidão enorme e duram, com illuminação da igreja e dos edificios vizinhos, alguns dias e noites. (58)

O barulho e a alegria desenfreada, de muitos negros reunidos, imprimem a essa festa popular um cunho especial, esquisito, de que sómente podem fazer idéa aquelles que tiveram occasião de observar diversas raças humanas em promiscuidade.

## Procissão religiosa

Tambem attrahentes para o observador são as particularidades das differentes classes e raças, quando, em acompanhamento a uma procissão religiosa, enchem as ruas da Bahia.

(58) Provavelmente se refere *Martius* á festividade de N. S. da Guia, quando diz que as cerimoniaes da festa do Senhor do Bomfim são celebradas duas vezes por anno.

Ha em Rebello a seguinte descripção sobre a Capella do Senhor do Bomfim: "grande, formosa e rica, sobre um espaçoso monte com a mais pinturesca e encantadora vista, descobrindo-se toda a Cidade e seus arredores assim como parte do Reconcavo e a enseada da Bahia: he toda reformada pelo ultimo gusto em talha e doirado; tem sete altares com os Paços da Paixão do Senhor tudo em pintura á Romana; muitas alfaias de prata e ouro, ornamentos ricos de tela, etc.

Nas sextas feiras de todo o anno ha grande concurso deromeiros, cujas esmo-las montam sempre uns annos por outros para mais de 6.000 cruzados em moeda, fóra a cêra e azeite que muito sobeja no fim do anno, acendendo-se diariamente muitas luzes, além do que com profusão se gasta nas festas: a grande devoção faz o seo principal patrimonio, tendo muitas casas para agasalho dosromeiros".

— N. T.

O prestito sumptuoso de numerosas irmandades de todas as côres, querendo, á porfia, sobresair na preciosidade das suas capas, bandeiras e insignias, alas successivas de beuedictinos, franciscanos, agostinhos, carmelitas calçados e descalços, mendicantes de Jerusalem, capuchinhos, freiras e penitentes, escondidos no seu capuz, além disso, as tropas portuguezas de linha, com todo o porte marcial e as milicias da capital, de apparencia modesta, a gravidade e altivez dos padres europeus e todo o esplendor da antiga igreja romana, em meio do barulho selvagem de negros exóticos, isto é, meio pagãos, cercado do bulicio dos mulatos irrequietos, formam um quadro da vida, dos mais grandiosos que o viajante pode encontrar.

Como em espelho magico, vê o observador admirado, passarem deante de seus olhos, representantes de todos os tempos, toda a historia da evolução do genero humano, com os seus mais elevados ideaes, suas luctas, seus grãos de progresso e de decadencia e este espectaculo unico, que mesmo Londres e Paris não podem offerecer. augmenta ainda de interesse, considerando-se o que poderá trazer o quarto seculo, para um paiz, que, em três seculos apenas, pôde assimilar todas as orientações e grãos de educação, pelos quaes o genio da humanidade conduziu o Velho Mundo, através de millenios!

## Instrucção

As escolas da Bahia, (59) que antes da expulsão dos Jesuitas, estavam nas mãos da Companhia, são actual-

---

(59) Em 1829 possuia a Provincia da Bahia 96 cadeiras nacionaes de ensino publico, sendo: 61 de primeiras letras, 26 de grammatica Latina, 1 de Geometria, 1 de Rhetorica, 1 de Philosophia, 1 de Grego, 1 de Desenho, 1 de Musica, 1 de Theologia Moral, 1 de Francês e 1 de Inglês.

mente dirigidas por alguns monges e, especialmente, pelos sacerdotes seculares. Elles leccionam tambem no Gymnasio, onde ha cursos de grego, latim, mathematicas logica e metaphysica. As escolas municipaes, onde funcionam civis, estão sob a fiscalisação dos vigarios

O Dr. Paiva (60) ensinava, antigamente, chimica e historia natural.

## Seminario

A educação dos ecclesiasticos é feita, como no Rio de Janeiro, em S. Paulo e em Villa Rica, num Seminario, (61) sob a fiscalizaçào do Arcebispo.

Na Capital existiam sete cadeiras de primeiras letras, quatro de Grammatica Latina, as de Rethorica, Philosophia, Grægo, etc e nos suburbios: quatro de primeiras letras.

Havia tambem aula de primeiras letras pelo Ensino Mutuo de Lancaster, segundo affirma Domingos Rebello.

E' digno de nota que naquella epoca o estudo da lingua latina se achava tão diffundido por toda a Bahia, até mesmo pelo interior e demais disto, ministrado por professores competentes. Haja vista o professor regio de Caiteté, que mereceu de Martius o honroso elogio — "o homem de uma erudição verdadeiramente classica".

Elogiando o homem, Martius defendeu tambem a terra, ao dizer que "os fructos do espirito tambem amadurecem no difamado clima tropical". — N. T.

(60) "O Dr. Manuel Joaquim Henrique de Paiva nasceu em Dezembro de 1759 na cidade de Lisboa.

Formou-se em medicina e cirurgia na Universidade de Coimbra e ali serviu o lugar de lente de Pharmacia até que por decreto de 12 de Fevereiro de 1820, foi removido para o Collegio Medico Cirurgico da Bahia, com exercicio em igual cadeira da mesma materia.

Em 1824 foi nomeado para reger tambem conjuntamente a cadeira de Materia Medica e Therapeutica do mesmo Collegio.

Falleceu a 10 de Março de 1829". — N. T.

(61) O Bispo D. Pedro Leitão, o Arcebispo D. José Botelho de Mattos, o Padre Gabriel Malagrida e o Arcebispo Snr. D. Fr. José de Santa Escolastica muito se esforçaram pelo dotar a Bahia de um Seminario. Foram, porém, infructiferas as suas tentativas.

A criação do Seminario na Bahia deve-se ao Arcebispo D. Fr. Francisco Damasso de Abreu Vieira, que assim cumpriu um dos seus maiores desiderata, e tambem o alvará de 10 de Maio de 1805.

Do posse de uma casa sita á Rua do Bispo, legado feito pelo Conego José Telles de Menezesahi foi, em 15 de Agosto de 1815, inaugurado o Seminario Ec-

## Senhores de engenho

Os rapazes ahí educados seguem os cursos de jurisprudencia, exclusivamente em Coimbra, e os de medicina, alguns em Edimburgo ou Paris.

Os ricos senhores de engenho e outros grandes fazendeiros mandam ensinar a seus filhos pelos sacerdotes seculares, aos quaes tambem estão entregues os serviços ecclesiasticos nas fazendas, por vezes muito populosas.

Visto como os paes e os educadores desta mocidade manifestam, muitas vezes, incrivel desprezo e até receio, pela educação acurada, não se deve extranhar a falta dos conhecimentos uteis nos filhos.

Mas, apezar disso, os senhores de engenho são considerados a parte mais importante da população da Bahia.

## Milicias

Elles proprios se consideram a nobreza do pais e occupam, por sua extraordinaria riqueza, os primeiros logares nas mui bem organizadas milicias.

*clesiastico de S. Damasio, em homenagem ao seu fundador D. Fr. Francisco Damasio.*

Depois de sua morte muito decaiu o Seminario, chegando mesmo a se fechar. Quando era Arcebispo da Bahia o Rvm. D. Romualdo, reabriu-se o Seminario a 16 de Abril de 1834 no *Hospicio da Palma*, sendo depois transferido para o convento dos *Theresios*, onde recommçaram os estudos em 18 de Abril de 1837. Ahí permanece até hoje.

"*Seminario Ecclesiastico de S. Damaso* creado por *Carta Regia* de 5 de Abril de 1811, percebe de ajuda de custo, ou pensão por anno um conto de réis pela Nação: nelle devem os Professores de Logica, Rhethorica, Grego, Latim etc. fazer as suas lições, como especifica a mesma *Carta Regia*, tendo tão somente em particular um Lente da Theologia, aqui neste *Hospicio* estabeleceu-se o referido Seminario.

Convento de *Santa Thereza* ao meio da ladeira deste nome, fundado em 1665; e o seu 1.º Prior Fr. José do Espirito-Santo; é grande, e a Igreja mediocre: bom quintal, e tudo a custa dos Fieis: boa vista de mar sobre a Enseada da Bahia, são mendicantes, tendo porém muitas propriedades, de que são administradores. — *Domingos Rebello*". — N. T.

Estas orçavam na propria Cidade, no tempo em que lá estivemos, segundo as informações do Sr. Marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes, em mais de 4.000. homens distribuidos em seis corpos: 2 regimentos de brancos, 1 de mulatos, 1 de negros forros: 1 esquadrão de artilheria ligeira e 1 outro de cavallaria, que, servindo de guarda de honra do governador e contando no seu numero os filhos das melhores familias, gosava de grande conceito.

A força militar, de que dispunha a Provincia da Bahia, naquelle tempo, constava de 23.070 homens, dos quaes, 3.138 pertenciam á força de linha, (2.169 de infantaria, 747 de artilheria, 222 de cavallaria) e 19.932 á milicia, (tropa auxiliar) 16.687 de infantaria, 659 de artilheria, 2.586 de cavallaria.

As milicias da cidade, porque eram organizadas com a gente melhor e mais rica da sociedade, collaboravam efficazmente, para a manutenção da ordem publica e eram tanto mais uteis, quanto a policia era impotente pela falta de meios e pela existencia de grande quantidade de negros, que podiam ser contractados para todas as acções más.

Em nenhuma cidade do Brasil se registam tanto assassínios como ahi.

Os processos contra os assassinos são instaurados pelo intendente da policia e depois remettidos ao Ouvidor do Crime.

Raramente são os criminosos condemnados á pena de morte. A pena mais commun é a deportação para Angola ou a condemnação ás galés.

## Supremo Tribunal

O Supremo Tribunal (Relação) da Bahia, fundado por Felippe II, no anno de 1609, depois suppresso por Felippe III e restabelecido por D. João IV, no anno de 1652, após a restauração de Portugal, foi, finalmente, equiparado, em 1809, ao do Porto (Casa do Porto), com 14 Desembargadores, o Ouvidor do Crime, o Chanceller e o Presidente.

O Presidente é sempre o Governador Geral da Provincia, que preside tambem a Junta da Fazenda Real, composta de 5 membros e que, como nas outras capitánias, manda executar suas determinações pelos ajudantes de ordens.

## Tribunal de primeira instancia

O Tribunal Civil de primeira instancia está sob a jurisdicção do Juiz de Fóra do Termo.

Uma grande quantidade de questões relativas á administração, (fiscalização) como principalmente os impostos cabem ao magistrado da cidade.

## Mesa de Inspeção do Commercio

Para evidar dos interesses do commercio ha u'a Meza de Inspeção do Commercio, sob a presidencia do Intendente do Ouro. Existem nesta associação commercial dois membros negociantes e dois outros lavradores de assucar e de tabacó.

## Consulados

Para a salvaguarda dos direitos dos subditos das nações estrangeiras ha consulados e agencias das principaes nações commerciaes (e, ultimamente, tambem da Baviera), os quaes são necessarios, pois a Bahia é, sem duvida, a praça commercial mais activa de todo o Brasil.

## Importação

Da sua importação pode dizer-se o mesmo, que já dissemos da do Rio de Janeiro: os differentes países e portos mandam-lhe semelhantes artigos, entretanto, em muito maiores proporções, pois é possível calcular o valor da importação annual, de 9.450.000 até 10.000.000 de florins.

Os artigos europeus, norte-americanos e africanos são importados em maior quantidade do que no Rio; sendo em menor, porém, os das Indias Orientaes.

Muito consideravel é a importação de carne secca xarqueada, de Buenos-Aires e do Rio Grande do Sul. para sustentar tão numerosos escravos.

Estes, são importados, em média, de 12.000 por anno. Os negociantes de escravos avaliam um negro em 140\$000 a 150\$000 (389 até 416 florins).

Os artigos daquelles países, que vêm com os negros são os mesmos importados pelo Rio.

Dos pequenos portos vizinhos e do interior da Provincia são os productos do pais recebidos e embarcados para a Europa.

## Exportação

A exportação para todos os países marítimos da Europa, para a America do Norte e para as Ilhas Portugêsas consta dos seguintes artigos: assucar, café, tabaco, algodão, cachaça, melão, óleo de baleia, cêbo, couros de boi, secos e curtidos, (que assim como chifres e pontas vêm em grande porção das provincias do sul) arroz, pau campeche, fustête, ipecacuanha, cacau, pimenta, gengibre, anil e colla de peixe.

A Bahia é o principal porto para as praças menores da costa e do interior e expede para as mesmas os artigos europeus, norte-americanos e das Indias Orientaes.

## Commercio

Ha commercio muito animado, entre a Bahia e as cidades littoraneas do Norte: Villa do Conde, Abbadia, Sergipe d'El-Rei e o arraial Laranjeiras de Cotinguiba, de onde vêm, annualmente, cerca de 2.000 caixas de assucar para a capital.

Para o interior, Goyaz, Piauhy e Pernambuco, são conduzidas numerosas levas de infelizes escravos, vindos da Africa.

## Estradas Reaes

As três estradas reacs, pelas quaes se faz o commercio sertanejo, são: a de Conquista e Rio Pardo para Minas Geraes; a do Rio de Contas para Goyaz e Matto

Grosso; a de Joazeiro, para o norte das provincias de Pernambuco, Piauí, etc. Por estas estradas não ha serviço regular de correio, como ao longo da costa, por Sergipe d'El-Rei, Alagôas, etc. para Pernambuco e Maranhão.

### Assucar

O mais importante de todos os productos bahianos é o assucar, cuja exportação attingiu, no anno de 1817, a 1.200.000 arrobas (cerca de 27.300 caixas) e no anno de 1818 a 29.575 caixas, (cada uma contendo 40 a 45 arrobas). Já em 1807, subira de 26.000 a 27.000 caixas a exportação deste artigo; e, comparativamente áquelle tempo, pouco tem augmentado, podendo-se com certeza calcular que os 511 engenhos, que enviam assucar para a Bahia, não produzem mais de 30.000 caixas, descontando-se a porção gasta no consumo do paiz. (62)

### Algodão

A exportação do algodão creceu nos ultimos annos, chegando a 40.000 saccoes, em virtude da exaggerada procura pelos inglezes.

### Tabaco

A do tabaco, ao contrario, diminuiu consideravelmente e pode ser avaliada em 200.000 quintaes.

(62) Este total que me foi dado pelo Sr. Marechal Felisberto Caldeira, um dos maiores agricultores, representa menos de metade da estimativa dos Srns. von Humboldt e Aug. de St. Hilaire, na qual, para a exportação da Bahia, o primeiro dá 100.000 e o segundo 60.000 caixas. Vêde v. Humboldt. Voyage III. pag. 413.

## Arroz

O arroz, cultivado na comarca de Ilheus em maior abundancia, é exportado em pequena quantidade relativamente á extensão e fertilidade do paiz, regulando a exportação em cerca de 12.000 quintaes.

## Couros

O numero de couros curtidos e salgados varia entre 15.000 a 30.000.

## Cachaça

São exportadas de 10.000 a 11.000 pipas de cachaça, regulando cada uma cerca de 500 garrafas.

## Café

A produção do café, até hoje ainda limitada a poucos districtos, fornece no maximo 12.000 arrobas.

Os outros artigos já mencionados são exportados em quantidades muito desiguaes.

O valor total da exportação pode ser sem exagero calculado em 13.800.000 florins, somma esta que, comparada ao valor da safra, prova a riqueza da Bahia.

Poucas praças existem com tão ricas e grandes casas commerciaes e sabe-se que destas, algumas das mais antigas, segundo os costumes da terra, guardam um thesouro de 400.000 a 500.000 cruzados em especie, retirados da circulação.

## Bancos

O banco, ahí estabelecido sob a garantia de algumas casas commerciaes, faz optimos negocios com um seu congenuere no Rio de Janeiro. Tinha, antigamente, a obrigação de vender com pequeno agio os saques do thesouro da capital para essa praça (63).

Estas tabellas dão exacta sinopse dos artigos de exportação, que pagaram imposto. Não pode ser muito consideravel a quantidade dos productos expedidos sem pagar os direitos, não só pela vigilancia dos empregados aduaneiros, que em pequenas canoas inspeccionam o reoncavo, mas ainda, pela situação mesma do porto. Disto resulta que os impostos aduaneiros sobre artigos de exportação constituem as mais ricas fontes de renda publica.

Os artigos de exportação de menor importancia, como: pelles, arroz, cachaça, azeite de peixe, melão, que são enviados, especialmente, para a America do Norte, sebo, café, gengibre, ipecacuanha, chifres, coquilhos, etc. pagam pela saída, 2% ad valorem. As mercadorias de importação são taxadas de varios impostos: sal, biscotos, farinha de trigo, manteiga, carne salgada, (Xarque?) bacalhau, oleo de linhaça, papel, folha de Flandres, cobre, estanho, — aço, chumbo, relativamente menos; — presuntos, queijos, lona do norte, cordoalha, alcatrão, pêz, etc., tecidos de linho e algodão, mais rigorosamente; oleos não portuguezes, vinho, vinagre e artigos de luxo, rigorosamente taxados. Em 1817 a renda da alfandega importou em 1.500.000 taleres espanhoes. Toda a receita publica e despesa da Provincia nos foram dadas, salvo erro, do modo seguinte:

Anno	Receita	
1816 . . . . .	1.452.471.631 Rs.	4.036.661 1/4 Fl.
1817 . . . . .	1.300.358.574 Rs.	3.613.912 2/5 Fl.
1818 . . . . .	1.508.528.169 Rs.	4.192.451 1/5 Fl.
1819 . . . . .	1.283.997.766 Rs.	3.568.443 4/5 Fl.
1820 . . . . .	1.356.121.673 Rs.	5.768.888 1/7 Fl.

Anno	Despesa	
1816 . . . . .	1.461.641.734 Rs.	4.067.145 9/10 Fl.
1817 . . . . .	1.451.221.468 Rs.	4.033.186 1/3 Fl.
1818 . . . . .	1.540.306.788 Rs.	4.280.769 1/4 Fl.
1819 . . . . .	1.284.914.372 Rs.	3.570.991 1/6 Fl.
1820 . . . . .	1.353.321.608 Rs.	3.761.106 1/3 Fl.

## ASSUCAR

Acha-se installada a Meza do Assucar para a inspecção do mesmo. Ella examina as caixas de assucar que chegam e conforme as qualidades; manda marca-las com certos ferros. Os preços para as qualidades, deste modo assignaladas, são

(63) Vêde as tabellas no fim deste capitulo.

## Observações meteorológicas

Durante a permanencia de algumas semanas na Bahia, procurámos, em vão, obter notícias exactas sobre o estado meteorologico do anno inteiro.

O Snr. Bivar, o unico dos nossos conhecidos que fizera observações meteorologicas, apenas nos podia dar

fixos; a elles são ainda ajuntados os preços correntes (sobre os ferros), de modo que só se ajustão os ultimos. As marcas dos preços fixos são as seguintes:

B. F. (Branco Fino), preço fixo . . . .	1\$400 por arroba
B. R. (Branco Redondo), preço fixo . . . .	1\$200 por arroba
B. II (Branco II), preço fixo . . . .	1\$100 por arroba
B. 10 (Branco 10), preço fixo . . . .	1\$000 por arroba
B. B. (Branco Baixo), preço fixo . . . .	\$900 por arroba
M. M. (Mascavado Macho), preço fixo . . . .	\$600 por arroba
M. R. (Mascavado Redondo), preço fixo . . . .	\$500 por arroba
M. B. (Mascavado Broma), preço fixo . . . .	\$400 por arroba
M. S. V. (Mascavado sem valor), preço fixo . . . .	não é taxado

Branco fixo, a melhor qualidade e mascavado sem valor, a pior, não são exportados e sim gantos no país; alguma vez, vae da primeira qualidade como presente para a Europa em caixas de 3 até 4 arrobas. A respeito da qualidade não se faz differença conforme os varios logares do onde são remetidas; depende tudo isso, unicamente, da escolha feliz e da pratica dos refinadores. Os engenhos de Catinguiba, Iguape e S. Amaro, dizem produzirem, especialmente, bonito assucar.

## ALGODÃO

Este artigo vem do interior para a Bahia em saccos de couros; das localidades litoraneas, porém, em saccos de tecido grosseiro de algodão, fabricado em algum logar da provincia, especialmente, em Sergipe d'El-Rey e regiões vizinhas. Pódem-se distinguir cinco qualidades de algodão; as melhores qualidades são mais sedosas, as ordinarias mais lanosas. O de melhor qualidade vem de Catinguiba; distingue-se tanto pela côr brilhante como pela delicadeza e flexibilidade da fibra.

A ella mais se approxima a qualidade que vem do Rio S. Francisco, ao norte da capital; depois se segue a exportada de Minas Novas do Rio Gavião. A quarta qualidade é de Caeté, e a pior a de Alagoas, em Pernambuco; entretanto, poderia esta ser muito melhor se fosse mais cuidadosamente manipulada. De todos os artigos bahianos é o algodão o mais onerado, quer pelos impostos aduaneiros, quer pelos fretes para a Europa, de sorte que os commissarios costumam descontar 8 %.

algumas informações geraes, pois entregára suas tabellas á Sua Alteza o Principe Maximilian von Neuwied. Affirmou-nos poder calcular a temperatura ao pôr do sol durante os meses humidos de Março a Setembro, em 17° a 18° R., enquanto que, nos meses seccos, a média devia ser 16° a 17° R.

Ao meio dia, observámos um estado thermometrico de 24° R., e á tardinha, na altura do Passeio Publico. um estado barometrico de 28,7,5 linhas.

Durante o dia, a cidade é aquecida rapida e fortemente pelo sol sem nuvens. Na estação humida a chuva cae depois do meio dia, muitas vezes torrencialmente. As manhãs e as tardes, durante as quaes sopram os ventos do mar, são frescas; as noites, porém, são mais quentes.

Esta temperatura e a construcção da cidade, cuja parte alta é sempre muito mais fresca do que a praia.

#### CAFÉ

Até agora, foi plantado apenas pouco na Provincia da Bahia e a maior parte na comarca de Ilhéos e alguns districtos do Reconavo. Distinguem-se duas qualidades das quaes devem ser considerados como representantes: o café de Muritiba e o de Camamu. O primeiro tem os grãos pequenos, bastante redondos, muito pesados; o segundo os possui grandes e chatos, os quaes se assemelham, em aspecto e gosto, aos do Rio de Janeiro. Quer se notar que o café cultivado nas matas recentemente desbravadas tem, nas primeiras colheitas, desagradavel cheiro de terra; entretanto, esta pecha, de modo algum, attinge o café de Muritiba. Contudo, a inferior qualidade desse, e, sobretudo o descoramento, dependem da manipulação impropria, por occasião de despolar e seccar. A cultura deste artigo ahí, onde é grande o interesse pelo plantio da canna, deveria, tambem por isso, se desenvolver menos rapidamente, pois, os fazendeiros ligam grande importancia ao facto do cafeeiro esgotar o sólo, muito mais do que a canna de assucar. Na Bahia se avalia um cafeeiro em 800 réis. Costuma-se exportar o café em saccas (de tecido) de algodão.

#### TABACO

A cultura do tabaco foi, outrora, muito desenvolvida no Reconavo; pois, não raras vezes, na Guiné, se permutou um escravo, por um grande rolo de fumo; presentemente decrescem, de modo consideravel, a lavoura e o commercio deste artigo. A melhor qualidade vem de Cachoeira e S. Amaro. Exportam mais em rolo do que em folhas. Distinguem-se duas qualidades: approved e refugo. Este é gasto, parte no país, parte no trafico dos negros; aquelle é exportado para a Europa. Ultimamente, empresarios francezes installaram, na Bahia, uma fabrica de tabaco.

acanhadamente construída, predispõem ás *constipações* (64). Dahi resulta dominarem as doenças catharraes e rheumatismas. Relativamente, se encontram, na Bahia, muito mais diarrhéas, hydropsias e tuberculosas, do que em qualquer outra cidade do Brasil.

## Agua Inglesa

O costume de se recorrer logo, por pequena indisposição, a um forte decocto de quina, a chamada *Agua da Inglaterra*, importada de Portugal em grande quantidade, é a causa de se produzirem, frequentemente, as mais perigosas inflammações, como consequencia de ligeiros incommodos, que poderiam ser curados com uma simples limonada.

## Doenças

As tuberculosas têm marcha muito aguda e são, muitas vezes, contagiosas.

A erupção dolorosa, a sarna, (*Echhyma vulgare*, segundo Dr. Bateman?), é tambem muito frequente e tortura, especialmente, os europeus recémchegados, por causa da alimentação desacostumada, do calor e dos resfriamentos.

Observam-se além disso, nos hospitaes, ainda diversas especies de exantemas: (*Strophulus confertus*, *Lichen pilaris*, *Ichtyosis*, *Achores*, *Herpes zoster* e *phlyctenodes*, *Elephantiasis*, *Framboesia*, etc.).

---

(64) Na Bahia chama-se constipação: o resfriamento, defluxo ou supressão da transpiração. — N. T.

Os pés elephantiacos e as boubas apparecem principalmente nos negros. Na Bahia observei-os menos frequentemente, que no Rio de Janeiro.

As febres typhoides são raras (65). Ainda se não deu um caso de typho nosocomial, embora no hospital militar sejam sempre admittidos muitos individuos, que trabalham nas ruas, carregados de correntes ou como deportados ás galés, para Gôa, Angola e Moçambique, entre os quaes, tal doença facilmente se poderia desenvolver.

Esses doentes, ás vezes, cerca de cem, são tratados em salas, sob guarda, e gozam de menos luz e ar saudavel, que os demais, installados em salas espaçosas, seccas e asseadas.

Existem nesse hospital 200 leitos occupados.

A falta de ordem, nas estatisticas dos doentes parece dar um attestado desfavoravel do cuidado e da exactidão dos medicos.

Dizem, porém, que a alimentação é boa.

(65) Disse von Martius ser rara a febre typhoide na Bahia e parece que assim fosse, porque as referencias a esta doença só se encontram em trabalhos publicados de 1872 em diante. Nessa época Silva Lima e Januario de Faria foram os primeiros a menciona-la.

A quem desejar inteirar-se com exactidão a respeito de tão momentoso assunto, aconselho a proveitosa leitura da magistral obra do projecto bacteriologista do Instituto "Oswaldo Cruz", Dr. Genesio Pacheco — *A Epidemia da Febre Typhoide no anno de 1924 na Cidade da Bahia*, e a excellente these inaugural do Dr. Edgard de Cerqueira Falcão, laureado pela Faculdade de Medicina da Bahia — *A Febre Typhoide na Cidade do Salvador*.

A filariose, doença parasitaria ainda aqui reinante em alguns focos, mereceu as investigações scientificas do Dr. Afranio do Amaral, que enriqueceu as lettras medicas nacionaes, com a sua optima these inaugural, *A Bancroftose*, laureada e coroada com o premio "Alfredo Brito". Esse trabalho referto de preciosas observações originaes, honra a nossa Faculdade de Medicina.

Da schistosomose, dysenteria amebiana, leishmaniose, mycose varias, myases, etc., me tenho occupado, desde alguns annos, e os resultados destes estudos se acham nos livros e jornaes medicos, estrangeiros e nacionaes.

Tenho consciencia de ter produzido algo de util e, se assim não fôr julgado, responderei: "*faciant meliora potentes*." Houvesse oportunidade de aqui dissertar sobre a nosologia bahiana, escreveria um livro e não esta simples e despretenciosa nota. — N. T.

A conta da pharmacia, incluindo o vinho e alguns artigos de cozinha, importa annualmente em 28.000\$ (77,816 2/3 florins).

São acceitos tambem, com grande carinho, nesse hospital, marinheiros estrangeiros. Os inglêses já possuem na Bahia um hospital maritimo proprio, capella e cemiterio.

## Hospital

No hospital municipal, grande edificio rectangular que foi construido e ricamente dotado por um cidadão patriota, Sr. João de Mattos Aguiar, no anno de 1716, são tratados cerca de 140 doentes.

Os recursos desse instituto de beneficencia sempre augmentados por legados, graças á influencia do Conde dos Arcos e por loterias, bastam para tambem dotar, annualmente, muitas moças pobres.

## Mantimentos

A administração da casa está sob a direcção de uma commissão nomeada pelo conselho municipal. Essa auctoridade arrenda, ao arrematante, o abastecimento da cidade em carne fresca, peixe e outros mantimentos; e, em virtude de não haver concorrência, a Bahia, soffre, por vezes, a falta do fornecimento de bôa carne verde.

## Gado

As grandes distancias, donde são trazidas as rêzes para o consumo, e, principalmente, as difficuldades cau-

sadas pelo transporte, por occasião de grandes seccas, tornam desejavel que agricultores instruidos augmentem o gado nos campos e caatingas das comarcas vizinhas.

Actualmente, a Bahia recebe gado vaccum, dos campos do Rio Pardo, Resaca e Valo, entre o Rio Pardo e o Rio de Contas, e, principalmente, da provincia do Piahy, donde vem pela estrada de Joazeiro.

Durante uma longa falta de chuvas, os donos dessas boiadas, commummente, perdem a metade do gado e a cidade sente a falta de carne fresca, tanto mais quanto a pescaria, na Bahia, e nas vizinhas costas do Oceano, tambem arrendada e feita por negros, não satisfaz ás exigencias da grande população.

## Farinha de mandioca

Em vez de farinha de milho, alimentação mais commum em S. Paulo e em parte de Minas Geraes, augmenta, cada vez mais, o consumo da farinha de mandioca. Além d'isso, a alimentação do povo consta: de feijão, bananas, toucinho e carne secca, que é o principal alimento dos escravos.

## Fructas

A carne de vitella e os legumes são raros e caros. Não ha, porém, falta de fructas de todas as especies. São excellentes, com especialidade as laranjas da Bahia, chamadas selectas e de umbigo (66) a fruta-pão, a jaca,

(66) De referencia ás laranjas da Bahia diz Gabriel Soares em seu Tratado Descriptivo do Brazil em 1587:

"As laranjeiras se plantam de pevide, e faz-lhe a terra tal companhia, que em três annos se fazem arvores mais altas que um homem e neste terceiro anno dão fruto, o qual é o mais formoso e grande que ha no mundo; e as laranjas doces

(*Artocarpus integrifolia*) as mangas e atas (*Mangifera indica* e *Anona squamosa*, L.). As laranjas são remetidas em grande quantidade para a côrte do Rio de Janeiro.

## Agua

A agua é, como no Rio de Janeiro, transportada e vendida por escravos negros, em pequenos barris de madeira. E', muitas vezes, morna e suja:

tem mui suave sabor; e é o seu doce mui doce, e a camiza branca com que se vestem os gomos é tambem muito doce. As laranjeiras se fazem muito grandes e formosas, e tomam muita flôr, de que se faz agua muito fina e de mais suave cheiro que a de Portugal; e, como as laranjeiras doces são velhas, dão as laranjas com uma ponta de azedo muito galante, ás quizes arvores as formigas em algumas partes fazem nojo, mas com pouco trabalho se defendem dellas.

Tomam estas arvores a flôr em Agosto, em que começa naquellas partes a primavera."

Claramente se vê que não se trata da laranja de umbigo a qual se multiplica por enxertia e não por pedides. O Padre Simão de Vasconcellos não se refere ás laranjas do umbigo, quando descreve as fructas da Bahia em sua notavel obra — *Chronica da Companhia de Jesus e do Estado do Brazil*.

O poeta bahiano Manoel Botelho de Oliveira, na poesia "*A Ilha de Maré*", publicada em 1705 em sua obra "*Musica do Parnaso*", só se refere ás laranjas da terra e ás da China:

"As laranjas da terra  
Poucas azedas são, antes se encerra  
Tal doce nestes pomos,  
Que o tem clarificado nos seus gomos;  
Mas as de Portugal entre alamêdas  
São primas dos limões, todas azedas.  
Nas que chamam da China  
Grande sabor se afina,  
Mais que as da Europa doces e melhores,  
E têm sempre a vantagem de maiores,  
E nesta maioria,  
Como maiores são, têm mais valia."

Outro poeta bahiano, o *Anonymo Itaparicano*, que o erudito Varnhagem suppos ser o padre jesuita Francisco de Souza, porém, que ficou provado ser o itaparicano Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica, ainda nos fala da laranja, sem entretanto dar a entender que fosse a de umbigo, quando se occupou das fructas do Itaparica, em sua poesia "*Descripção da Ilha de Itaparica*":

A laranjeira tem no fructo loiro  
A imitação dos pomos de Atlanta,  
E pela côr, que em si conserva de oiro  
Por isso estimação merece tanta:

## Fontes

A melhor fonte da cidade, no Campo de S. Pedro, fica muito distante, para poder ser frequentemente utilizada, (67). Os navios se abastecem na costa, entre o Pharol de S. Antonio e o Forte de S. Pedro.

*Martius* diz em sua obra que aqui encontrou, em 1818, as laranjas selectas e de umbigo.

Em 1829, diz Domingos Rebello, em sua *Chorographia da Bahia*:

"Laranjeira, arvore de bom tamanho; havendo diversidade de especies do seo fructo; porque temos a laranja selecta; de umbigo; seca; da China; de Tanger; da terra; e a tangerina, que he de todas a mais pequena, côr de rosa, e muito doce."

E, ainda quando fala das variedades de laranjas, diz que as melhores são as de umbigo, que não têm pevides, as selectas e as secas.

Duchesne menciona o *Citrus Aurantium*, var *Corniculatum-Hort*, como sendo a laranja de umbigo e na lista das variedades da especie *Citrus vulgaris-Risso*, encontra-se a variedade *Asperma-Hort*, laranja sem carôço, que o Professor Caminhoá não sabe se é a laranja selecta da Bahia.

Assim descreve Caminhoá as laranjas de umbigo e a selecta:

"*Laranja de umbigo*, cultivada, principalmente, na Bahia. Esta primorosa laranja é assim denominada por causa de apresentar uma saliencia no ápice, devida ao desenvolvimento incompleto de varios carpellos, que amadurecem tambem.

A laranja de umbigo, de ordinario, não tem sequer uma semente: seu epicarpo é liso, amarello claro, pouco espesso, muito adherente ao mesocarpo e ao endocarpo. O succo desta laranja é do gratissimo sabor; posto que apresente menos intenso o aroma, devido ao oleo essencial.

*Laranja selecta*. O fructo, quando bem maduro, é amarello alaranjado de epicarpo mais espesso e mais glanduloso que o da precedente: tem polpa muito doce e aromatica; tem, porém, sementes numerosas, muitas vezes. Ha duas sub-variedades, a de umbigo e a sem umbigo."

E' provavel que a laranja de umbigo aqui tivesse apparecido em fins do seculo 18 e começo do seculo 19.

Conforme diz Caminhoá, a laranja selecta possui duas sub-variedades, a de umbigo e a sem umbigo.

Lembro a hypothese, bem possivel, que, tendo alguem observado especimens de laranja selecta de umbigo sem carôço, procurasse firmar essa sub-variedade por enxertia.

Inclino-me a admittir essa hypothese, que prefiro áquella adoptada pelos que attribuem a origem da laranja de umbigo a producto de hybridação.

Affirmar ao certo como appareceu, na Bahia, a laranja de umbigo sem carôço não se tem até hoje conseguido. — N. T.

### (67) FONTES PUBLICAS.

Julgo de vantagem dar algumas informações, que pude colher sobre as fontes existentes em 1829.

Muitas eram as fontes publicas e particulares que naquella epoca abasteciam a cidade do Salvador.

Umás desapareceram com as modificações por que passou a cidade, outras pelo desleixo.

Nos chafarizes da cidade reúnem-se, muitas vezes, magotes de escravos. Não é sem certo interesse que o philantropo observa esses infelizes, filhos de um continente longinquo, destinados a fecundar com o seu suor a terra do novo continente.

Que extranha sorte esta no desenvolvimento da humanidade! Os filhos da Europa e da Africa são obrigados a modificar um terceiro continente, com isso, a si proprios e a sua patria!

## Escravos

O maior numero de escravos negros, que para a Bahia, antigamente, foram transportados, pertence ás tribus dos *Ausazes* e *Schéschés* (*Giaghis*, *Giagues* dos italianos e hespanhoes (68).

Quando se refere ás fontes da cidade, diz Rebello: "Ha vinte fontes publicas a saber: S. Pedro, Unhão, Pereira, dos Padres, Chichí, Pedreiras, Monganga, Agua de Meninos, Cambôa das Pedras, Queimado com tres chafarizes de optima agua, e das Pedras que é optima, S. Miguel, Gravatá, Gabriel, Barris, Tororó, S. Antonio; além destas ha muitas particulares em roças e hortas visinhas á Cidade; sendo publica a Fonte d'Alegria com três chafarizes de boa agua, ultimamente feita junto á calçada da Alegria, antigamente do Bomfim." Destas fontes algumas possuem agua medicinal como affirma o mencionado historiador.

"E" notavel a especial agua ferrea que existe em lugar distante da Igreja da Victoria e já muito experimentada.

Na roça do Hospicio dos Franciscanos dedicado á N. Senhora da Boa Viagem existe uma fonte de agua alambreada a que lhe dão o nome de salsa: é medicinal e proveitosa.

Na Quinta, hoje do coronel Joaquim Beato Pires junto ao Campo Grande de S. Pedro, no sitio Bom Gosto, ha uma fonte de agua ferrea, a qual é guada para certas enfermidades de que já se tem tirado resultados felizes."

Seria de grande utilidade que se verificasse, por analyses chemicas, a composição de taes aguas reputadas medicinaes.

Possivel é que existam outras fontes particulares, entretanto, são mais conhecidas as que mencionei. — N. T.

(68) Nina Rodrigues, estudando as procedencias africanas dos negros brasileiros, analisa a informação de *Morsius* e diz que não eram só *Hausás* (*Ausazes*) os negros bahianos. Affirma ainda o distincto professor que na Bahia não existiam *Schéschés*, mas sim *Gôges*, dizendo que houve provavelmente confusão entre *Schéschés* e *Gôges*.

O cemiterio dos africanos era situado ao lado do cemiterio da Misericordia, conforme se pode ver indicado no mapa topographico da Cidade do Salvador e

Têm a pelle preta; são altos, musculosos, fortes e muito ousados, tendo já causado, por diversas vezes, perigosos motins, matado seus senhores, incendiado engenhos, tornando assim necessarias energicas medidas, por parte do governo.

Tendo-se tornado, ultimamente, mais caros e raros os escravos dos rios Congo e Zaire, pela concorrência de negociantes hespanhoes, portuguezes e norte-americanos, vêm mais, dos ancoradouros: de Cabinda, de S. Felippe de Benguela e, principalmente, de Moçambique.

Pela promiscuidade de diversas tribus, que se não entendem, evita-se, de algum modo, uma revolta de tão numerosos negros. Ha muitas tribus, domiciliadas a grandes distancias, que se entendem, pelo menos, em certas expressões, pois, é facto notavel terem muitas linguas africanas grande semelhança entre si. Por isso estão em saliente contraste com as linguas dos aborigenes da America, tão isolados, e, muitas vezes, limitados a poucas familias.

Além disso, as differentes tribus de negros se reconhecem pela linguagem, pela côr, pelo tamanho, formação do rosto e, principalmente, pelas mutilações a que foram submettidos, segundo o costume das tribus.

Muito frequentemente se encontram negros, cujos dentes caninos são espontados, ou cujos dentes incisivos são limados, em profundos entalhos: outros apresentam diversas cicatrizes bastante profundas de incisões, por instrumentos cortantes, queimaduras, ou por cauterisações na região temporal, na frente ou nas faces.

Taes signaes, caracteristicos de nacionalidade, encontram-se muito accentuados nos *Macuas*, tribu que vem de Moçambique e, como para todos os negros da-

quella costa, parecem indicar, pela pelle menos preta, mais côr de café, menor estatura, cabellos mais compridos e alguns traços physionomicos, que não são de pura raça ethiopica.

Esses negros ainda menos se recommendam, pela força e belleza physica. São empregados, especialmente, na lavoura, enquanto os do Congo e de Angola são empregados como criados domesticos, pela maior docilidade e desembaraço no fallar.

### Condições sociaes dos escravos

As condições sociaes desses escravos não são absolutamente tão tristes, como se pensa na Europa.

Não soffrem falta de alimentação, vestem-se tanto quanto exige o clima e, raramente, são sobrecarregados de trabalhos.

Além dos domingos e dos 35 dias santos costumados, foram declarados pelo governo actual, como feriados, mais 18 dias por anno, nos quaes não ha despacho.

Nos dois primeiros feriados o escravo está livre de trabalhar para o senhor e pode se occupar dos seus proprios interesses.

Os trabalhos, nos engenhos de assucar e nas plantações, são os mais fatigantes, porém, duram menos tempo. Além disso, o escravo, no campo, goza de certa liberdade e vive tranquillamente com sua familia, habitando, ordinariamente, uma senzalla propria.

Nas cidades, acham-se em situação muitissimo triste os que devem trazer, diariamente, aos senhores, uma certa quantia (cerca de 240 rs.), porque são considerados como capital em acção e os senhores não os poupam, querendo, dentro de um curto prazo, resgatar o capital

adiantado, com os respectivos juro. Peza-me dizer que taes escravos, ás vezes, quando velhos e incapazes de trabalhar, são alforriados e, assim, entregues ao desamparo.

Afóra este caso, todavia raro, para honra dos brasileiros, goza o escravo, despreoccupadamente, entre o trabalho e o descanso, de uma sorte, que é preferivel, sob muitos pontos de vista, ao estado de inquietação anarchica e indigencia, em que vive na sua patria, aviltada pelos perversos artificios dos europeus.

Aqui elle goza a vida e, em geral, não é a escravidão que lhe tortura a alma, mas a separação dos parentes e o tratamento deshumano, durante o transporte, horrores aos quaes infelizmente succumbe grande numero destas infelizes victimas.

### **Opinião injusta sobre a escravidão no Brasil**

Quem tiver occasião de observar as modinhas e danças alegres, que são executadas, ao pôr do sol, nas ruas da Bahia por grandes grupos de negros, elevando-se, muitas vezes, a um entusiasmo selvagem, pode difficilmente se convencer que sejam estes os mesmos, que se julgava, segundo as descripções exaggeradas de escriptores philantropos, rebaixados á animalidade, instrumentos estupidos do mais vil egoismo e de todas as paixões vergonhosas.

Ao contrario, depois de conhecermos, exactamente, as condições dos escravos na America, convencemo-nos de que tambem nesse caminho, manchado pelo sangue de innumeradas victimas, encontram-se os vestigios daquelle genio que conduz a humanidade ao empobrecimento.

Muitos escravos reconhecem o valor do aperfeiçoamento moral, que lhes pode advir da luz do christianis-

mo. Disso dão provas indubitaveis, muitas vezes commoventes, recordando-se com mêdo pueril e piedoso da idolatria de sua patria e respeitando o seu estado de segurança e tranquillidade, sob a garantia de certas leis, embora ainda muito restrictivas (69).

(69) Dentre todas as nações é a portugueza a que mais desenvolve o trafico de escravos. Ha mais de três seculos estabelecidos em varios pontos da costa africana fundaram elles seu dominio muito mais firmemente, do que em geral se costuma suppor; e, suas principaes colonias no reino de Angola, do qual S. Magestade Fidelissima se considera soberano em Benguela, Moçambique, ilhas de Guiné, de Fernando Pó, ilha do Principe, de S. Thomé e Anno Bom, são inteiramente assai organizadas, como as das Indias ou como fôra o Brasil, antes da vinda de D. João VI. A corôa do Portugal tem relações com muitos principes da Africa Central, como tutora ou aliada, e o trafico de escravos é feito por portuguezes, mesticos de origem portugueza, e por negros nascidos nas colonias litoraneas e do interior. Entre a cidade de S. Felipe de Benguela, dependencia de Angola, onde residem um governador com patente de major, um juiz de fôra e os presidios Caconda, Ambaque, Catiango etc., situados a sudeste e leste, mutam no saudavel planalto, muitos colonos portuguezes, sericultores de extensas plantações de cereaes, para os escravos que prendem. Além do vergonhoso mercado humano ainda têm o do marfim, da cêra, do enxofre etc.

Esses sertanejos dizem fazer, ás vezes, suas correrias até no interior da Africa e, a respeito de suas fazendas esparsas, já muitos portuguezes ouvidos dizem ter penetrado de S. Felipe de Benguela, através do continente, até Moçambique.

Os escravos apriisionados pertencem ás tribus dos Cazimhos, Schéshés (Xexys) (1) e Schingas (Xingas), todos elles de raça decididamente ethiopica, de estatura atarracada, robusta e pretos retintos.

A cor da pelle, por vezes, continua até os labios; o caracter é resolutivo, propenso á tenacidade, em todos os empreendimentos e aos excessos, nas paixões, no amor e no odio. São elles embarcados em S. Felipe de Benguela e Novo Redondo.

De igual modo, os portuguezes de S. Paulo de Loanda, capital do Reino da Angola, residencia do Governador Geral e do Ouvidor, de população calculada em 70.000 almas, mantem animado commercio com as regiões orientaes, entre 11º e 9º L. S., até muito para o interior do continente.

Os escravos embarcados em Angola, commumente chamados Angolas, pertencem á tribu dos Aubazes, Pemas, Schingas, Tembas, e excepto os ultimos, são mansos, mais civilizados e mais familiarizados com a litorua portugueza, que os outros.

O chamado Reino do Congo, ao norte destas regiões, é bastante frequentado pelos negociantes negreiros; abi, porém, os portuguezes não possuem, nem dominios, nem colonias; entretanto, seus navios ancoram na bahia de Cabinda. Abi recebem elles os escravos que lhes são trazidos dos districtos norte: Loango e Cacongo; outros os mandam vir dos portos do Rio Zaire ou Congo, onde os compram aos regulos dessas regiões.

Os negros, dahi enviados para o Brasil, são lá chamados Cabindas e Congos; são um tanto mais fracos e menores que os já mencionados; de feições que dectoam, notavelmente, das do typo ethiopico.

(1) A observação, feita por Bowdich, de que se deve comprehender por Schagga, toda tribu vigorosa de povos montanhizes da Africa superior, está de acôrdo com o que ouvi dos Scheschés, transportados de Cabinda (os portuguezes não pronunciam Cabenda) para o Brasil.

Pudemos-nos convencer deste modo de pensar, em numerosas visitas que costumavamos fazer aos diversos engenhos do Reconcavo para nos informar do systema de agricultura.

São especialmente apreciados como proprios para a lavoura.

Mormente depois da restricção do trafico de escravos na Guiné septentrional, os portuguezes trazem, para o Brasil, muitos negros da contracosta africana.

Em parte são arrastados do mais remoto centro da Africa, para Moçambique e pertencem ás nações Macuas e Anjicos. Não são tão bem feitos e robustos; são, tambem, menos pretos do que os negros de Cabinda e Angola; são mais preguiçosos, estúpidos e de pior indole. Difficilmente se adaptam ao Brasil e são menos empregados no serviço domestico, do que na lavoura.

Das ilhas de Cabo Verde, Cacheu e Bissau, antigamente vieram negros para Pernambuco, Maranhão e Pará; actualmente, esse commercio quasi cessou por completo e, agora, raros são os escravos importados do districto de S. Thomé, onde é consideravel o numero de negros forros, onde tambem se encontram escolas para negros e seminario para padres pretos, sob a direcção do bispo local.

Durante a viagem encontrei oportunidade de pedir varias informações relativas ao trafico de escravos; pois, não estaria fóra de proposito juntar, a respeito, o que de mais importante; por isso, me sirvo das preciosas narrações que me deu o Sr. Luiz Antonio de Oliveira Mendes (numa dissertação, nas Mem. economicas da Acad. R. de Lisboa — Tom. IV 1812, p. 1. ff. "sobre a hygiez do negro em sua patria, sobre as doencas de que morrem durante a prisão e o transporte para o Brasil.")

Em Africa, o trafico de escravos exerce grande influencia no pensar e viver do negro, tanto que está, hoje, em relação com todas as injunções vitaes e forma, até, quasi que o eixo em torno do qual gira a legislação bem pouco civilizada daquella raça humana; pois, não é a morte, porém, ás mais das vezes, a escravidão, a pena última (?).

Não só a guerra, assim tambem as mais sagradas relações de familia conferem direitos para tolher a liberdade individual.

O prisioneiro de guerra é propriedade do vencedor, porém tambem o pae de familia tem direito de vender mulher e filhos.

A perda da liberdade individual serve de expiação para o crime de adulterio, de furto, de assassinio e até para pagar grande divida contraída. Por mais brutos que sejam, não obstante, subsiste entre esses povos instituição judiciaria.

O juiz (sova) interroga os accusados, ouve testemunhas, absolve ou condemna á escravidão.

O producto, em grande parte, cabe ao queixoso.

O homem, ainda mesmo livre, condemnado a perder a liberdade, pode, se convém ao queixoso, offerecer mulher e filhos como escravos, em troca da sua escravidão. Ao sexo fraco, já submettido á mais baixa servidão e quasi não gozando de condição de direito, não se permite o mesmo.

Assim, pois, estas são as causas da escravidão em Africa: captivo de guerra, sentença judiciaria e arbitrio do patrio poder. A guerra é, ora geral, declarada entre

(?) A morte só é pena ultima, quando o negro é accusado de magia, de alta traição ou quando os parentes de algum assassinado exigem vingança de sangue.

Nos dous primeiros casos, se procede a uma especie de juizo de Deos, sendo o accusado obrigado a ingerir um pó venenoso, perante o povo reunido debaixo da arvore, que costuma servir de tribunal.

Se o pó mata, a culpa é confirmada, se, porém, o effeito é fraco, a innocencia é tida como provada.

## Geologia

*A formação dominante do promontório sobre o qual está collocada a cidade da Bahia é de granito e gneiss,*

povos inteiros, ora entre indivíduos que, pela força ou astucia, procuram privar a outros de sua liberdade.

Os infelizes que perderam a liberdade por algumas daquellas maneiras são, por seus senhores ou pelos potentados da região, muitas vezes, carregados de correntes, de troncos que lhes cingem o pescoço ou as pernas e recolhidos em rigorosa prisão, até que apparecem os negociantes de escravos que os permutam por mercadorias trazidas do litoral, nas costas de outros negros: armas de fogo, munições, cereaes, missangas, pannos de algodão e cachaça (*seripita*). Esses traficantes de escravos são propriamente os verdadeiros orgãos do infame commercio: são chamados — Fundidores — ou, mui expressivamente, — Tumbeiros. Se em casa de algum sertanejo ou num dos muitos presidios esparsos pelo continente e vigiados por sentinella portugêsa, o tumbeiro comprou escravos, ali mesmo encarcerados, então os ferra para poder reconhecê-los, em caso de fuga; acorrenta-os na mão direita e, se ainda receta, tambem o faz no pescoço, com pesada cadeia de ferro — *libambo* — e depois os tange para diante, do prezidio em prezidio, até que troca a mercadoria e enche o libambo com trinta, ás vezes, mesmo, cem, das taes miseraveis victimas.

Homens e mulheres são conduzidos em varios libambos e as erianças, em grupos, são tanguadas ao lado.

Cada escravo carrega num sacco, — *carrapeta* — provisão de milho crú ou assado, raiz de aipim e farinha de mandioca.

Durante semanas a fio andam os seqüidos de prezidio em prezidio e os desgraçados não encontram oportunidade de preparar bem, essas comedorias ordinarias, dadas em razão mesquinha e, nem tampouco, tempera-las com o apetecido azeite de dendê ou com sal. Mui raramente têm tempo de preparar, com farinha de milho, uma especie de pudim — *anfunje* — ou sopa — *matêrê*.

Têm como bebida, agua morna, ás vezes, bastante suja e dormem em campo aberto, expostos ao relento. Os que não podem supportar as fadigas de tão terriveis viagens morrem nas correntes, das quaes o deshumano guia não os desvencilha, porque considera a doença como fingimento.

Os que sobrevivem para depois soffrerem mais longa afflicção, chegam, finalmente, ás colonias ou cidades do litoral, onde o tumbeiro os vende a outros negociantes que, não obstante brancos, mesmo assim, não se compadecem das desgraças alheias.

Ahi são os escravos alojados em grandes trapiches, entregues ao desgosto, nutridos com alimento mesquinho e estranho: peixe velho e alterado. Frequentemente adoecem; a dysenteria, a febre typhoide ou a nostalgia dão cabo de muitos. Finalmente, chega navio brasileiro e o senhor, satisfeito por se livrar da mercadoria, vende, logo de uma só vez, tão grande quantidade, para a qual não se cogitou nem de accommodações salubres nos porões dos navios, nem de provisões sufficientes.

Antes do embarque são ferrados com as armas portugêsas e a corôa cobra de cada escravo o direito de exportação, no valor de dezeseis cruzados e meio. O Capitão do navio espera viagem rapida e não se preoccupa com a possibilidade de ser forçado a gastar o duplo do tempo pelas calmarias.

Todos os escravos do sexo masculino são mettidos nos porões; durante o dia vêm, aos grupos, tomar banho e descansar no convêz.

que muitas vezes se mistura e, ás vezes, por cima destes, *schisto micaceo*, ou *granulito* e *schisto hornblendico*.

As mulheres e crianças não são sujeitas a este tratamento, o que explica chegarem ellas ao Brasil, relativamente, mais sãs.

Durante a viagem a comida consta do feijão, milho, farinha de mandioca e, ás vezes, de pelxo salgado; a bebida é agua e, de quando em quando, um pouco de cachaça.

Os mantimentos trazidos do Brasil para a Africa ou ahí comprados são deteriorados, de sorte que, o infeliz escravo se debate entre o nojo e a fome, pois, raramente lhe fornecem ração abundante. Dentre todas as provações a mais horrivel é a travessia; e, nos porões atolhados e empestados, era muitas vezes a morte quem, com rapides funesta, abria espaço para os sobreviventes.

No anno de 1817, por exemplo, dizera que falleceram, em viagem, 2.343 escravos dos 20.075 embarcados para o Rio de Janeiro; no anno de 1818, de 22.231 morreram 2.429.

Um navio de Moçambique, carregado de 807 escravos, perdeu 339; outro de 464 perdeu mais de metade: 238. Cinco navios aportadas á Bahia, na primavera de 1821, trouzeram 1.573, tendo perecido em viagem 374. Vergl. Rapport sur l'état actuel de la traite des Noirs, Londres 1821. Maria Graham. Journal of a Voyage to Brazil. Lond. 1824. 4. p. 151.

Chegados aos portos marítimos brasileiros são os escravos transportados para grandes trapiches construídos proximos ao cães. Ahí, deitados juntos sobre o chão frio, têm apenas um trapo de panno de côr, para cobrir a nudes.

Muitas vezes ainda vêm succumbir ás doencas que ceifaram parte dos infelizes companheiros de viagem; são ellas as seguintes: febre typhica, impudismo, asthma dysenteria (Mal de Loanda), inflammções, suppuração e gangrena do anus (Bicho do eú, Doença do bicho), sequellas da febre typhica, sarampam, ás vezes tambem, variola, inflammção chronica do fígado, (Resiccação dos bofes), cegueira, verminoses e vena medinensis. Igualmente se observam manifestações syphiliticas e varias especies de dermatoses agudas e chronicas.

Os traficantes de escravos procuram, prudentemente, evitar a variola, pela vaccinação, de logo praticada nos negros recémchegados. <sup>(2)</sup>

No Brasil essas doencas se manifestam, ora como consequencia das fadigas soffridas, ora do resfriamento, alimentação differente, nostalgia, ou tristeza outra profunda — banzo — a que se entregam esses miseraveis; todo o socorro é baldado e de bom grado se deixam morrer de fome.

Se, logo no cães, tem o escravo a dita de encontrar senhor, desse modo termina a serie de magoas e, em poucos meses, se adapta á nova patria.

Se, porém, não lhe cabe por sorte ser comprado por um daquelles traficantes que o venda para o interior, então, é forçado a viajar, a pé, muitas centenas de legoas, até que finalmente é vendido. Nessa marcha não são almeçados; cuida-se de alimentá-los, sufficientemente, e de agasalhá-los durante a noite.

No mesmo navio em que viajei do Pará a Lisboa, encontrei um portuguez que havia feito varias viagens para Benguela e Rio Zaire, afim de comprar escravos e estava ella em condições de me dar, a respeito desse infame commercio, muitas informações, as quaes resolvi aqui intercalar, tanto mais pressurosamente, quanto se sabe que, desde a malograda expedição do Capm. Tuckey, o interesse geographico daquella parte da Africa ainda augmenta e, algumas dellas contribuem para o con-

(2) A vaccinação na Bahia já é, com proveito, estabelecida pelo governo. Em 1817-1818 foram vaccinadas, no palacio do governo; 2.241 pessoas.

A's mais das vezes, a lymphæ vaccinica vem da Inglaterra.

## Carvão de pedra

Ao longo do mar, como por exemplo no Passeio Publico e em Itapagipe, surge a formação de grés cinzento, muito *quartzífero*, contendo *lignite* com visível

---

ceito que continuó a fazer do estado daquella região, depois das noticias incompletas, até agora recebidas.

Os negros, que da foz do Congo foram levados para o Brasil, vieram, outr'ora da Costa de Cacongo, ao norte do Rio Congo, na praia de Cabinda, onde costumam fundear os navios portuguezes. Os negros do Sonho, habitantes da margem sul do rio, são nomades, salteadores, perfidos e não entretêm trafico regular com os portuguezes. Presentemente, a maioria dos escravos não provém mais desse litoral, senão do interior do país, ás margens do Rio Congo, de onde são transportados em lanchas dos proprios navios negreiros que, neste somenos, ancoram na habia de Cabinda.

Prefere-se esta á de Loanda e á enseada do Galêgo, isto é, o grande golpho ao sul da foz do Congo, aguardando o exito da expedição.

Durante a estadia não ha como esperar provisão alguma de viveres, por parte dos habitantes da pobre Costa de Cabinda; por isso, os que viajam para Guiné procuram previamente se abastecer em portos brasileiros ou em S. Felipe de Benquela, principalmente se viajam para o Rio de Janeiro. A tripulação das lanchas que viajam para o interior do rio Zaire, (os portuguezes tambem o chamam Aires) se provê de mantimentos para muitos menses, para si e para os escravos a comprar. Até o porto mais extremo do aire, onde os portuguezes recebem escravos, as pequenas embarcações costumam levar um mês. De lá, algumas vezes, a tripulação ainda faz excursões de muitos dias de viagem, pelo interior do sertão, para obter numero necessario de escravos, que vêm até ao Presidio de S. Salvador, onde mora o rei do Congo — Banza Conco — e é feitoria portugueza. Esse principe, inteiramente independente da corôa de Portugal, é seu fiel alliado; nas festividades deve apresentar-se com a commenda da Ordem de Christo.

Os escravos comprados são enviados, rio abaixo, em pequenos grupos de 8 a 20, isto é, os homens, de quem se teme levante são postos a ferros. Na foz do rio, ás vezes, as ondas são muito fortes; as canôas, alugadas nos chefes e feitas de um só tronco são pessimas. Não raro é se afogar a tripulação, por qualquer accidente.

Este transporte prosegue até que a grande embarcação, surta no porto de Cabinda, tenha o numero sufficiente de escravos que o empresario deseja. Nesse país todo está organizado para o trafico negreiro: o rei do Congo, os Tschenu, os Camadores, os agentes commerciaes e seus empregados, os Mafuceas, conservam os escravos até a chegada do navio e fecham o negocio com meticulosa precisão.

Cada peça de fazenda, principal artigo de permuta, é cuidadosamente examinada.

Todo o serviço relativo ao transporte e ao abastecimento é cobrado.

Cada porto ou estação rende determinada taxa de ancoragem para o Tschenu ou mafucea preposto e de cuja cobrança se encarrega, com rigor mais cioso do que pela demonstração da tradicional prova de continencia, por exemplo: salvas com tiros de canhão, para o que, entre os navegantes portuguezes ha uma norma especial de serem dados até 11 tiros.

estructura vegetal, *carvão de pedra* e, ás vezes, tambem *volutites* e outras conchas, transformadas em *chalcedonia*, contendo, ainda encerrados, animaes marinhos de especies que ainda existem.

Toda a população dos arredores do rio encontra facilidade de se expressar em linguas européas, pelas antigas relações com os brancos de varias nacionalidades. A lingua portugêsa é particularmente muito diffundida. A propensão simiesca para imitar o europeu, em todas as exterioridades, parece-lhe excessivamente repugnante, attenta a brutalidade inherente a esse povo.

Em vez de numerosas antigas missões, existe, agora, apenas uma em S. Salvador. Em S. Felipe de Benguela e Angola os navios recebem as mercadorias por intermedio de commissarios e cada qual vende, annualmente, de 600 a 1.000 cabeças.

Os escravos ahí vivem muito tempo, empilhados nos trapiches, por falta de preço, entregues a toda sorte de privações; assim, durante a travessia são sujeitos a grande mortalidade. De mais a mais S. Felipe de Benguela é um porto extraordinariamente abundante, havendo fartura de legumes, feijão e gado; somente a posição quente e humida da cidade e as emanações putridas que sopram dos altos montes circumvizinhos tornam a estada ahí, excessivamente perigosa. Poucas semanas bastam para empalidecer o rosto de um europeu são. Dizem que mulher branca alguma jamais criará ahí um filho, porque ou aborta ou terá crianças franzinas, que morrerão nos primeiros menses. Ainda os proprios sertanejos, moradores das terras montanhosas do levante e que se occupam com o trafico de escravos, evitam a estada nessa cidade infecta e despovoada. Dahi são facilmas as viagens pelo interior daquelle continente, devido a numerosos prezidios e fazendas portugêsas e, talvez, nenhuma outra via fosse tão própria para obter esclarecimentos relativos ao mysterioso interior daquelle continente. Seria para desejar que um corajoso viajante o fizesse, embora viajasse mesmo com negociante de escravos. É bem certo que a instituição do trafico de escravos vicêja ainda na Africa, desde tempos inmemoriaes; está ligada á vida civil e politica desse continente e tambem em connexão intima com a existencia das vastas colonias portugêsas na Africa. Não obstante receber Portugal de suas colonias africanas, mui preciosos (\*) artigos de commercio: cêra, enxofre, que são exportados de Benguela, marfim e ouro em pó, ainda assim, não supportaria as grandes difficuldades de manter e administrar suas colonias, sem o trafico de negros, que lhe rende sommas consideraveis.

A cifra de escravos introduzidos, annualmente, da Africa no Brasil, pode ser calculada em 50.000. A corôa de Portugal, emquanto o Brasil fazia parte de suas possessões, arrecadou, annualmente, desse numero, somente nos logares de embarque e desembarque, a quantia de, pelo menos: 830.000\$000, ou 2.460.000 florins, de direitos de exportação e importação.

(\*) No interior da Africa o marfim é moeda.

A compra em grosso e a exportação são arrendadas pelo governo e, ás demais pessoas que não o contractador, são prohibidas sob multas pesadas.

Os grandes dentes, pesando 32 e mais libras, marfim de conta, são aceitos pelo arrendatario a 2\$000 o quintal; os meços a 16\$000; os pequenos, (miúdo, escaravilho) abaixo de 16 libras, a 6\$000 por quintal. Mendes, a. a. o. S. 9.

No *carvão de pedra*, perto de Itapagipe, trabalhou por pouco tempo o nosso patricio Snr. Tenente Coronel Feldner, por ordem do governo (70).

O terreno, situado sobre as formações já mencionadas, é, na maior parte, *argila* amerella avermelhada, misturada com granulos de *quartzo* e de *ferro argiloso*, contendo nas collinas incultas e revestidas de relvas pouco humo, que augmenta nos logares revestidos de matas, provando assim seu grande valor para a vegetação.

Nas baixas, primitivamente pantanosas, consegue-se, por drenagem apropriada do excesso das aguas, excellente e fina *terra vegetal*, que se presta a qualquer cultura, mormente á da canna de assucar.

## Massapé

Semelhante terra, contendo uma parte relativa de *argila* (e por isso, propria para receber e conservar agua), é chamada *massapé*. Encontra-se nos valles pouco profundos dos rios do Reconcavo, especialmente nos arredores de S. Amaro, Iguape e Maragogipe.

E' uma qualidade preciosa das especies de terreno ahi existente, o não contêr carbonato de calcio e sim pe-

---

(70) Ainda a proposito do *carvão de pedra* na Bahia achei em Accioli a seguinte nota:

Encontra-se o granito no termo da villa de Abrantes, cuja mina foi reconhecida em 1816 pelo major do corpo de engenheiro Guilherme Christiano Feldner, quando veio do Rio de Janeiro verificar o descobrimento do *carvão de pedra* e apesar de que pareça ainda por alguma forma controversa a existencia de tal combustivel nesta provincia, contudo, os illustres *Martius* e *Spix*, cujas obras de tamanho interesse ao Brasil e á sciencia, cumpria até por gratidão nacional, que se achassem em todos os estabelecimentos litterarios do imperio; asseguram haver-o apresentado como pertencente á *formação carbonifera (Sprengkollen Formation)* as duas grandes bacias terciarias, separadas por uma ponta sienitica que se estende até o mar, a primeira das quaes começa perto dos *Ilhéos* e termina nas proximidades da ilha de *Tinharé* ou *Morro de S. Paulo*". — N. T.

quena parte de *terras calcareas* combinada, chimicamente, com *argilla e sílica*.

## Parreira

A parreira dá duas vezes por anno: (71) em Junho e em Dezembro. Muitas especies de periquitos, porém, perseguem as uvas, tão avidamente, que é necessario envolvê-las em saquinhos de panno, como tivemos occasião de observar no jardim do Snr. Felisberto Caldeira.

(71) Vêm de tempos colonias as affirmações da *excellencia das fructas na Bahia* e os encomios sobre a feracidade de suas terras.

Já em 1587 escrevia Gabriel Soares de Souza em seu *Tratado descriptivo do Brasil*, a respeito das fructas da Bahia: "Das arvores a principal é a parreira, a qual se dá de maneira n'esta terra que nunca lhe cae a folha, se não quando a podam que lh'a lançam fora; e quantas vezes a podam, tantas dá fructo; e porque duram poucos annos com a fertilidade, se as podam muitas vezes no anno, é a poda ordinaria duas vezes para darem duas novidades, o que se faz em qualquer tempo do anno conforme ao tempo que cada um quer as uvas, porque em todo o anno madurecem e são muito doces e saborosas, e não amadurecem todas juntas; e ha curiosos que tem nos seus jardins pé de parreira que tem um braço com uvas maduras, outros com agraços, outros com fructo em flôr e outros podados de novo, e assim em todo o anno tem uvas maduras, em uma só parreira; mas não ha n'aquella terra mais planta que de uvas terras e outras uvas pretas, e se não ha n'esta terra muitas vinhas é por respeito das formigas que em uma noite que dão em uma parreira, lhe cortam a folha e fructo e o lançam no chão, pelo que não ha na Bahia tanto vinho como na ilha da Madeira, e como se dá na capitania de S. Vicente, porque não tem formiga que lho faça nojo, onde ha homens que colhem já tres e quatro pipas de vinho cada anno, ao qual lhe dão uma fervura no fogo por se lhe não acedar o que deve de nascer das plantas".

Em 1904 existiam no Campo Pratico de Viticultura do Joazeiro 134 especies de videiras, dentre as mais afamadas. Lá estive, naquella época, e pude apreciar a bellissima collecção de parreiras e a excellencia de seus fructos.

De algumas variedades se colheram cachos pezando de 1.000 a 1.700 grammas. Asseverou-me o illustrado director do Campo Pratico de Viticultura, o Eng.<sup>o</sup> João Silveira, que, forçando, por meio de podas, as parreiras fructificam extraordinariamente: entretanto, três são as colheitas normaes, completando-se em 110 a 130 dias o cyclo vegetativo pelo amadurecimento do fructo.

Tão inacreditavel é a productividade do solo bahiano, que um estrangeiro testemunha do que vimos de referir, solicitou do Governador do Estado, um documento comprobatorio, que lhe pudesse corroborar a asserção, quando por ventura, na Europa, alguém duvidasse de suas palavras ao narrar tal prodigio.

Quando estive em Frascati, Italia, em conversa com viticultores, observei o quanto lhes repugnava acreditar que a parreira pudesse produzir mais de uma vez por anno. — N. T.

## Legumes

As especies de legumes europeus podem ser cultivadas na sua maioria. São, porém, mais sujeitas á voracidade das formigas, caracoes e passaros do que as plantas indigenas.

## Formigas

As formigas devastam em poucas horas as mais bellas plantações.

Para proteger as arvores contra ellas, costumam os jardineiros cuidadosos, logo na occasião de plantal-as, collocar em baixo e ao redor do tronco um vaso de barro cosido, que deve estar sempre cheio d'agua.

Outros destroem esses hospedes nocivos, (*Formica harpax*, *destructor*, *perditor*, *rufipes*, *Fabr*, e outras) ateando fogueiras em cima dos vastos formigueiros.

## Capinzaes

Em Areia Preta, fazenda do Snr. Tschiffeli, instruido agricultor suiso, vimos grandes plantações de capim para fornecerem forragem fresca aos cavallos da cidade (72).

---

(72) A duas especies de terra das collinas de Areia Preta, perto da Bahia, cuja analyse chimica devo ao meu prezado collega, Snr. Cons.<sup>o</sup> Vogel, revelaram um pouco de chlorureto e sulfato de calcio, chlorureto de potassio, chlorureto de magnesio, traços de mangânês, com os elementos principaes da argilla, da silica, do quartzo, de fragmentos de grês ferruginoso, humo e hematita.

Uma terceira especie de terra da pastaria secca, situada proximo daquella fazenda, é composta de muito humo oxydado, argilla, um pouco de cal, sulfato de calcio, de magnesio e hematite.

Esses prados artificiaes, (73) formados de pantanos dessecados, assemelham-se aos melhores prados da Inglaterra pelo denso e viçoso desenvolvimento. Dão lucro certo, pois a ração diaria para um cavallo na cidade, onde se desconhece outra forragem, nunca se vende por menos de 80 a 100 réis.

## Cobras

O lavrador encontra a maior difficuldade na plantação, em virtude da notavel quantidade de cobras venenosas que moram nos brejos (74).

Mesmo nos terrenos cultivados encontram-se ainda em tal numero que os escravos, em quatro semanas, puderam encher um grande frasco que conteve acido sulfurico.

(73) Os capinzaes constam, especialmente, do chamado capim de Angola, *Echinoalaena spectabilis*, Nees, in Mart. Flor. bras., *numidianum*, Lam., *P. maximum* Jacq., *Paspalus densus*, Poir., *P. quadrifarius*, Lm., etc. Vede observações a cerca do capim de Angola, ultimamente trazido e cultivado aqui. Rio de Janeiro.

(74) O primeiro Posto Anti-Ophidico, na Bahia, foi fundado pelos Drs. Afranio do Amaral, director do Butantan e Pirajá da Silva, em 17 de Março de 1921. São inestimaveis os serviços prestados no interior do Estado, especialmente na zona cacauieira de Ilhéos, etc.

Merece salientada a contribuição scientifica desse posto. O Dr. Afranio do Amaral classificou três novas especies de serpentes venenosas, encontradas na Bahia, e deste modo enriqueceu a sciencia herpetologica brasileira, na qual é auctoridade maxima, consagrada no paiz e no estrangeiro. A convite do Governo Americano, esteve nos Estados Unidos, onde reviu as collecções de cobras, existentes nos museus e eriou o serviço anti-ophidico, fundando varios institutos.

As três novas especies de juraracas por elle classificadas e estudadas, material fornecido pelo nosso posto na Faculdade de Medicina, são: *Bothrops erythromelas*, *Bothrops Pirajai* e *Bothrops neglecta*, Amaral.

Estudei questões de biologia attinentes ás nossas serpentes venenosas, dentre as quaes menciono as que se referem á *Lachesis bilineada*, Neuw., surucurú do pindoba ou de patioba, e á *Lachesis muta*, Daudin, surucucú pico de jaca. — N. T.

## Arroz, milho e feijão

O arroz desenvolve-se mui bem, especialmente nos lugares humidos e quentes, dando de 200 a 300 %.

A cultura do milho tambem é lucrativa, sendo, entretanto, pouco explorada na Bahia.

Entre as diferentes especies de feijão, o agricultor distingue: o feijão das aguas e o da safra; o primeiro planta-se em Março e é colhido em Junho; o segundo planta-se em Junho e se colhe em Setembro.

## Especiarias. Leprosorio

O gengibre e a curcuma são cultivados em pequena quantidade. Ha um pequeno plantio de pimenta da India no jardim do Hospital de Leprosos (Quintas dos Lazaros) perto de Itapagipe (75).

(75) Julguei de interesse a seguinte nota:

"Existia junto á Capella de S. Lazaro, fóra da barra, um pequeno lazareto fundado em tempos remotos pela caridade de varios moradores desta capital, onde se recolhiam alguns doentes pobres do paiz e dos chegados nas embarcações vindas dos portos da costa d'Africa.

Em 5 de Julho de 1755 exigiu a camara que o governador ali estabelecesse um lazareto com as commodidades precisas para recolher grande numero de doentes de elephantiasis e, precedendo as informações do governador que era o Conde dos Arcos, concedeu a provisão de 27 de Março de 1762, que se fizesse o pretendido hospital, sob a condição de só se admitirem leprosos e não os doentes de escorbuto ou mal de Louanda por ser doença curavel. Nesse pó estavam as cousas quando D. Rodrigo José de Menezes comprou nos jesuitas a fazenda chamada Quinta, por 6 contos de réis.

A Quinta possuia um hospirio, optima fonte d'agua nativa, muitas arvores fructíferas, brejos, etc. Fazia parte desta fazenda uma outra chamada S. Christovam, com capella e terras na extensão de um quarto de legoa em quadro. Emquanto se preparava a galaria, os lazairentos foram transportados para a fortaleza do Barbalho e a 21 de Agosto de 1787, data da abertura do hospital, foram para elle trasladados, tendo havido solemne festa na capella da Quinta".

Foi ainda o mesmo governador, D. Rodrigo José de Menezes, quem criou as Tulhas ou Celleiros, junto ao Arsenal, em 1785.

O imposto de 20 réis por alqueire de farinha de mandioca, arroz, milho e feijão, revertia em beneficio dos doentes do Hospital dos Lazaros.

Assim descreve Domingos Rebello:

Não ha duvida de que todas essas qualidades de especiarias não são originarias do Brasil, mas foram importadas das Indias Orientaes, sob os reinados dos Felip- pes e de João IV.

Sobre a cultura da canna de assucar, cremos poder dizer, resumidamente, o que ha de mais importante, como fizemos relativamente ao café no Rio de Janeiro.

### **Canna de assucar**

E' sabido que a canna de assucar (*Saccharum officinarum*, L.) se planta de estaca, as mais das vezes collocadas horizontalmente no solo, raras vezes perpendicularmente ou aos pares convergindo para cima.

O primeiro processo é o mais seguido.

As estacas para serem plantadas horisontalmente têm de dois a tres pés de comprimento e são collocadas de modo a se tocarem pelas extremidades. As plantadas perpendicularmente têm um palmo a um pé de comprimento. Nos terrenos montanhosos e um tanto seccoos, costuma-se fazer esta plantação no mês de Março, por occasião das ultimas chuvas; nos terrenos humidos, pelo contrario, é feita nos meses de Agosto e Setembro.

---

"Hospital Publico de S. Christovam dos Lazeros na extremidade desta Freguezia adiante do campo do Bartalho em bom caminho; estabelecido pelo zelo e lembrança do Governador D. Rodrigo José de Menezes em 1784 para os doentes de morphéa, (temível enfermidade que tanto afflige a humanidade!) na Quinta que foi dos extinctos Padres Jesuitas; he grande, abundantissima de boa agua com muitos chafarizes em pequenas casas para banhos dos ditos doentes, e hum grande separadamente no meio de huma Praça para beber-se, e serviço de cozinha; bem cultivada, com arvoredos, hortaliças, e particular plantação de pimentas da India, capim, fructas, etc.; cujo reddito, assim como o liquido rendimento annual do Celleiro Publico, crendo pelo mesmo tempo, he applicado para a sustentação desta casa de Caridade Publica; na qual ha sempre muitos doentes desta contagiosa molestia; tem capella sobre um altar, administrando-se os Sacramentos aos enfermos; Inspector, Thesoureiro, Medico, Cirurgião, Capellão, e muitos escravos serventes." — N. T.

## Fertilidade do solo dos cannaviaes

Em quinze dias já começam as estacas a brotar pelos nós e dentro de um anno chegam ao desenvolvimento completo da canna, que pode ser cortada logo, ou mais tarde com dezoito a vinte mezes. Ficando mais velha, a canna perde o succo ou fica azêda. E' raro se deixe a canna por mais de anno. Costumam gabar as terras da Bahia, como superiores ás das colonias das Indias Occidentaes, porque as cannas amadurecem num anno (não passam de dois Marços).

Trabalha-se nos engenhos com as cannas de diferentes edades, conforme o tempo da plantação, o trabalho do engenho e o logar.

Um cannavial convenientemente plantado em condições favoraveis, como no *massapé*, podendo ser irrigado durante a secca e não ficando exposto a innundações prolongadas, dura muitos annos, desenvolvendo annualmente novas socas das cepas que ficaram. Neste caso só se replantam as covas falhas.

Em certos engenhos os agricultores costumam depois de alguns annos tirar novas estacas que não são, como se costuma fazer nas Antilhas, cortadas da ponta, sem succo e com folhas, porém, obtidas do meio da canna.

A espessura da camada de terra com que se cobrem as estacas depende do logar e do tempo. Nos terrenos mais seccos e, quando se approxima o verão, são collocadas mais profundamente.

Na Bahia se planta de preferencia a menor variedade de canna, a primeira introduzida, chamada canna da terra, canna crioula, porque foi importada das colonias portuguezas nas Indias Orientaes e da Madeira.

## Canna de Cayenna

Contra a chamada canna de Cayenna, que é originaria do Oceano Pacifico e tem nas Antilhas o nome de Taiti ou de Bourbon, ha tambem aqui prevenção tão grande quanto no Rio S. Francisco.

Affirmam os senhores de engenho que da garapa da canna de Cayenna a custo se obtem o assucar, o qual facilmente deliquesce e por isto se presta menos á exportação como assucar bruto (76).

(76) A quantidade relativamente muito maior de seiva na canna de Taiti poderia, sem duvida, justificar o recio dos agricultores bahianos, pela sua cultura, pois, a grande utherdade do solo desse paiz não favorece tanto o rendimento do principio saccharino, como o da mucilagem, da albumina e das rezinas verdes vegetaes na seiva, razão pela qual, ali, a quantidade de garapa não está, de modo algum, em proporção igual, com produção mais rendosa de assucar.

Por isto os agricultores, propositalmente, enfraquecem a solo das matas recentemente desbravadas, pela continuada cultura, até que, por ultimo, produz canna bastante doce.

Em muitos lugares tambem deixam as cannas envelhecerem e esperam rendimento maior com a idade mais avançada do caonavel.

A cultura da canna de Taiti só é lucrativa nos lugares seccos, de irrigação difficil e frequente falta de chuvas.

Na fabricação do assucar procede-se de accordo com a experiencia e os principios tradicionais, sem que o administrador possa vangloriar-se de conhecimentos scientificos dos processos chimicos por elle seguidos.

Carece de muitos aperfeiçoamentos já introduzidos nas Antilhas. A canna depois de cortada é transportada em ranceiros carros de boi, para o engeho tambem de boi, instalado, quasi sempre, em casa bastante espaçosa.

Os cylindros da moenda são de jacarandá, solidamente guarnecidos de arcos de ferro.

Jamais vi, em parte alguma, as chamadas *doublouses*, por meio das quaes a canna, quando depois de ter atravessado os tambores (mascas) é reconduzida para o outro lado dos mesmos; por isto, de cada lado da moenda, está uma negra occupada em deitar a canna.

O aquecimento é feito com o bagaço; gasta-se, porém, muito combustivel, pela defeituosa construção das fornalhas. Nos engenhos se encontra o reservatorio da garapa (cocho do frio, parol do frio) na casa das tachas, onde se costuma completar a coção e a purificação da garapa, em quatro caldeiras de cobre, fabricadas mesmo na Bahia.

Para filtrar servem-se de grossos coadores de panno de algodão, tambem feitos no paiz.

A escumação da garapa (fazer as escumas) se pratica do modo usual: para clarificar (dar as cobertas), servem-se da agua de cal com sangue de boi e, de quando em quando, do çumo de varias especies de polygonaceas — *Polygonum antihæmorrhoidale*, Mart. etc.

A calda depois de convenientemente engrossada é conduzida das tachas para o tendal — casa de purgar — e ali tratada, até a que se produza o assucar.

Em muitos engenhos o estrangeiro ouve queixas sobre o grande capital empregado, necessario para o custeio

As fôrmas são feitas de barro pardacento, que existe em varios logares do Recôncavo.

De 100 fôrmas, cada uma de 3 arrobas, calcula o fazendeiro o melaço — mel de purga, mel de tanque —, sufficiente para produzir 5 a 6 pipas de aguardente, cuja riqueza alcoolica é consideravelmente inferior á do rum das colonias inglezas.

Os fabricantes chamam, communmente, o seu producto — prova de Hollanda —; esta é uma especie de aguardente que encerra 50 a 60% de alcool.

A outra qualidade mais forte, tendo cerca de 90% de alcool chamam-na de três-cinco, porque três partes da mesma, com duas partes de alcool, representam a prova de Hollanda, aguardente cujo teor alcoolico é de 70 a 80%.

A qualidade mais forte tem cerca de 90%.

Os alambiques são feitos na Bahia; poucos apenas, são fabricados obedecendo os preceitos recentemente adoptados na arte da destillação de aguardentes.

Entretanto, ha pouco tempo, alguns ricos senhores de engenho encommendam as machinas na Inglaterra. Por uma estimativa ligeira, um cannival de 1.333.333 1/3 de pés quadrados parisienses produz 3.000 arrobas de assucar e 55 pipas de aguardente de canna. Não me parece sem importancia comparar esta produção do assucar com a de alguns outros paises e, o calculo dos dados, reunidos pelo Sr. Barão von Humboldt (Relat. histor. III p. 409 ff.) deu, comparativamente, este resultado:

Por 1.333.333 1/3 de pés quadrados parisienses se obtém da canna de assucar:

	<i>Unidade</i>
Na Bahia:	
94.511 — lbs. de Frankforte =	97.025 — lbs. ingl. = 44.004 — Kilogr. = 1,0000
Em S. Domingos:	
57.432 — lbs. de Frankforte =	58.941 — lbs. ingl. = 26.732 — Kilogr. = 0,6074
Em Cuba:	
33.458 — lbs. de Frankforte =	39.469 — lbs. ingl. = 17.900 — Kilogr. = 0,4067
Em Bengala:	
171.843 — lbs. de Frankforte =	176.358 — lbs. ingl. = 79.985 — Kilogr. = 1,8219
de beterraba:	
Em França:	
15.114 — lbs. de Frankforte =	15.511 — lbs. ingl. = 7.034 — Kilogr. = 0,1598

A grande variedade da produção de assucar, conforme se demonstra por estes dados, particularmente a preponderancia em Benguela e na Bahia, parece justificar a conclusão que, tanto as variedades de canna, com as do solo e as possiveis divergencias de manipulação tornam impossivel um calculo geral; pelo menos, não me aventuro a explicar a differença encontrada entre Cubas, S. Domingo e Bahia, a não ser que os proprios dados computados admittam ainda correcção (1)

(1) Os numeros dos logares comparados são calculados conforme os dados seguintes extraídos da obra do Sr. Barão von Humboldt. S. Domingo: 1 carreau = 3,403 tocasas quadradas = 1,29 hectares; 1 hectare = 94,768, 2 pés quadrados, dá 1.900 kilogr. (50,796 kilog. = 112 lbs. ingl.; 129 1/2 lbs. ingl. = 128 lbs. portug. e 100 lbs. ingl. = 80 7/8 lbs. bavaras e 83 lbs. bavaras = 100 lbs. de Frankforte). — Cuba: 325 hectares dão 32.000 a 40.000 arrobas = 367.000 até 460.000 Kilogr. em média 413.500 kilogr. (A supposição da area productora aqui me parece ainda grande de mais). — Benguela: 4.044 metros quadrados produzem 2.300 kilogr., logo 1 hectare = 5.685 kilogr. A França produz, em terra boa, por hectare, 500 kilogrammas,

de uma fabrica de assucar e sobre a diminuta renda que ella dá, assim mesmo, só depois de dois ou três annos.

O augmento da produçãõ de assucar na Guyana Inglesã, nas pequenas Antilhas e na Africa, para onde

ou que para Cuba, seja adoptada como exaggerada, a relação das culturas de viveres e das pastagens para o cannival.

Para a Bahía o calculo se funda nas declarações dos administradores de varios engenhos que, em 16 pés quadrados, vegetam, pelo menos, 12 cannas; logo, sobre a area de 1.333.333  $\frac{1}{3}$  de pés quadrados, tomada como unidade, 1.000.000 de cannas.

Cada canna pesa, em média, 1  $\frac{1}{2}$  lbs.; o caldo bruto (vesoul) espremido é avaliado em metade do peso total e a riqueza calcula-se em 24  $\frac{2}{3}$  %, dos quaes perfazem 13  $\frac{1}{3}$  % de assucar cristalizavel e 11  $\frac{1}{3}$  % incristalizavel. De sorte que 1.000.000 de cannas, pesando 1.500.000 lbs. dão 750.000 lbs. de vesoul = 183.175 lbs. de principio saccharino = 88.632 lbs. de melação, mais 94.541 lbs. de assucar cristalizavel. Do melação obtido da referida quantidade de assucar, o fabricante brasileiro prepara 6.600 galões ingleses de aguardente, isto é: 14,7 lbs. de melação rendem-lhe 1 galão de aguardente (2).

Em nossa patria, para a produçãõ do assucar de beterraba podemos admitir, na peor hypothese, as proporções computadas para a França.

Uma tarefa de terra na Baviera = 40.000 pés quadrados bavaros (2,9 geiras = 1 hect.) produziria, naquella proporção, 366,1 lbs. de assucar e, se calcularmos as necessidades de assucar para a Baviera em 9.000.000 de lbs. bavaros = a cerca de 11.128.300 lbs. inglesas (3) seria necessaria uma superficie de 24.585 tarefas (= 1.526 milhas quadradas) para produzir esta quantidade.

Tomemos, agora, (4) a area do campo cultivavel (= 9.793.266 tarefas) como unidade e seriam assim os differentes campos de cultura nesse país:

Campo cultivavel . . . . .	1,0000
Prado . . . . .	0,2851
Floresta . . . . .	0,6581
Pastagem . . . . .	0,2382
Terra para produçãõ de assucar . . .	0,0025

A produçãõ de assucar na Bahía (= 38.850.000 lbs. inglesas), queahi é obtida numa area de 1.025 milhas geographicas allemãs ou de 16.506 tarefas (uma vez que 22.803,29 pés parisienses = ao comprimento de milha geographica), deveria occupar na Baviera, uma area de 6.584 milhas quadradas allemãs, ou 106.029 tarefas. (5)

(2) A qualidade da cachaça brasileira e a de Cuba, consideradas iguaes, se 32.000 arrobas hespanholas dessem 33.750 galões, em Cuba 20,5 lbs. de melação dariam 1 galão de rhum; e, a capacidade productora de aguardente do melação brasileiro estaria para a de Cuba na razão de 1,8 para 1,0.

Será por este motivo que os norte-americanos transportam tanto melação da Bahía, não obstante Cuba lhes ficar muito mais proxima?

(3) Pelos dados officiaes a quantidade de assucar que, na Baviera, excluido o districto do Rheno, pagou direitos aduaneiros foi, em 1823, = 67.558; 1824 = 70.305  $\frac{1}{2}$ ; 1825 = 83.720; em 1826 = 68.750  $\frac{1}{2}$ ; quintaes bavaros. Calculo médio: 9.000.000 lbs.

(4) Nach Rudhart, uber den Zustand des Konigreichs Baiern, I, p. 109.

(5) Comtulo, a proporção de 2  $\frac{1}{2}$  % do assucar na beterraba, conforme ficou admittido nos calculos acima expostos, está em contradicção com as experien-

antigamente se exportava tal genero, diminuiu o mercado e o valor do assucar na Bahia. Por esse motivo, ultimamente, muitos senhores de engenho empregaram seus capitães no commercio, onde esperam lucro mais prompto; e outros viram-se obrigados a diminuir o luxo, que de tempos em tempos ostentavam na cidade.

## Riquezas dos senhores de engenho do Reconcavo

Se chega um hospede aos engenhos do Reconcavo, encontra em toda a parte, nas grandes moradas, commodidade e revelação de riqueza no modo de viver e na criadagem numerosa.

rías feitas na Allemanha, (von Klapproth, in Scherer's Journ. d. Chemie, II. S. 226, Juch, europ. Zuckerfabrikation. S. 13, Lohmann, Zuckerfabrikation in Deutschland, S. 29 u. s. f.), segundo as quaes se admite na beterraba cerca de 8% do assucar, isto é, a terça parte da riqueza da canna. De modo que só dependerá do aperfeiçoamento da extracção do caldo e do tratamento chimico, a elevação consideravel da nossa produção.

Tambem o rendimento da beterraba, num dado tracto de terra, pode ser considerado maior do que foi nos calculos feitos. Devo á amabilidade do Sr. Prof. Zierl que, em nossa patria, por ordem do governo se occupou das pesquisas relativas á produção do assucar, os seguintes dados que, principalmente para os economistas nacionaes, não serão destituídos de interesse, visando um estudo comparativo.

Na França a produção da beterraba na area de uma tarefa bavara é da media = 151 quintaes; em terreno ruim da fazenda publica bavara de Schleisheim, calcula-se em area igual, 140 quintaes; porém, nos terrenos fertes de Weißenstephan, 250 quintaes. No aproveitamento dessas beterrabas é, agora, da maior importancia a espremedura apropriada. Emquanto que antigamente se conseguia 40 a 50% de caldo, agora, com a prensa hydraulica se obtem 70 até 75%.

Depois destas experiencias se consegue de uma tarefa de terra, na Baviera, 116 a 125 cimers = 13.020 a 15.000 lb. bavaras de caldo.

Da superficie de 1.333.333 1/3 pés quadrados parisienses, já adoptada como unidade, se obtem (e ratione media 120 cimers = 14.400 lb. bavaras) 48.006 lb. bavaras = 59.359,8 lb. inglesas = 26.899 kilogr. de caldo.

Pelo methodo de separação mais completo, como é possível, apenas, em pequena escala, dá o caldo produzido no districto de Munique, 5% de assucar crystallizavel, 4% de melaço, ou uma tarefa, 10 quintaes de assucar bruto e 8 quintaes de melaço.

Os 10 quintaes de assucar bruto = 5 quintaes de assucar refinado de primeira qualidade, 3 quintaes do mesmo de 2.<sup>a</sup> qualidade e 2 quintaes de melaço. Não querendo admitir este resultado como sendo o maximo, devemos sempre computar 4% de assucar crystallizavel e 3% de melaço, no caldo da beterraba.

## Sr. Antonio Gomes

Pode estar certo de franca hospitalidade. Nós, principalmente como naturalistas nos regosijámos com o acolhimento muito amavel, porque, em diversos logares, graças aos esforços scientificos do Snr. Antonio Gomes, correspondente do nosso sabio patricio, Snr. Conde von Hoffmansegg, já se havia chamado a attenção para as riquezas da região.

---

Demais disto, o Snr. Prof. Zierl está persuadido, por multiplas experiencias e o Snr. Cons.<sup>o</sup> Fuchs participa desta opinião: "que toda o assucar da beterraba é crystallizavel, que o melão é, apenas, producto artificial e assucar, em parte destruido, em parte unido a elementos outros, que impedem a crystallização. Dependêrã, portanto, de methodos aperfeiçoados na crystallização do assucar para, consideravelmente augmentar, em nossa patria, a produção; e, a dependencia da importação de assucar dos paizes tropicaes, entre nós, será limitada até certo ponto.

Na Bahia os impostos de Estado sobre um engenho de assucar são elevados. Um engenho que produz a estipulada quantidade de 3.000 arrobas de assucar e 55 pipas de aguardente deve, annualmente, pagar o dizimo, pelo preço medio do assucar de 2\$000, 600\$000; além disto, por um alambique de uma serpentina, paga-se a contribuição industrial de 50\$000 annuaes e, se de duas serpentina, 80\$000.

Ainda ha o subsidio literario para pagar os mestres-escolas, 10 réis cada canada (= 4 quartilhos) da aguardente que produzir.

Além disto, os rendimentos da lavoura e da pecuaria, necessarios á fabrica, assim como os da pesca são taxados de 10% nos arrendatarios.

Para abater uma rês pagam-se 320 réis de licença á camara municipal; e, se a carne for vendida, pagam ao governo os arrateis da carne verde, 5 réis por libra. Na provincia vigoram além dos impostos já mencionados (T. I, pag. 136): o dizimo, a siza, meia siza, etc.

(63) — PARA SE JULGAR DO COMMERCIO, NA BAHIA, SIRVA-SE AINDA DO SEGUINTE:  
 SINOPSE DOS MAIS IMPORTANTES ARTIGOS DE EXPORTAÇÃO, DA BAHIA, EM 1817

Artigo	Quantidade	Preço corrente	Valor total	Direito de exportação por unidade	Total do direito de exportação pago
Assucar . . .	1.200.000 arrobas ou 27.300 caixas	a 2\$000 =	2.400.000.000 R. = 6.670.000 fl.	45 réis por arroba e 520 por caixa Somma . . . .	15.600.000 R. <u>54.000.000 R.</u> 69.600.000 R.
Algodão . . .	28.928 saccos a 177 ½ lb. = 160.460 arrobas	a 8\$000 =	1.283.680.000 R. = 3.567.560 2/3 fl.	por arr. 600 réis e por sacco 100 rs. Somma . . . .	96.276.000 R. <u>2.892.800 R.</u> 99.168.800 R.
Tabaco. . . .	APPROVADO 240.000 arr.	a 1\$500 =	360.000.000 R. = 1.000.500 fl.	por arr. 40 rs.	9.600.000 R. 13.600.000 R.
	refugo 340.000 arr.	a \$700 =	238.000.000 R. = 664.441 2/3 fl.	idem	
	folhas 80.000	a 1\$400 =	112.000.000 R. = 311.266 2/3 fl.	idem	3.200.000 R.
Pelles . . . .	30.000 peças	a 2\$200 =	66.000.000 R. = 183.425 fl.	2% do valor	1.320.000 R.
Arroz . . . .	80 000 arr.	a \$400 =	32.000.000 1/3 R. = 88.933 1/3 fl.	2% do valor	640.000 R.
Café. . . . .	10.000 arr.	a 5\$500 =	55.000.000 R. = 152.854 fl. 10 K.	2% do valor	1.100.000 R.

Valor total: 4.546.680.000 réis, ou 12.635.931 fl. 30 Kr.

Somma dos direitos pagos: 198.220.800 réis — 550.910 fl. 52 2/5 Kr.

**ASSUCAR NA BAHIA, DE 1.º DE OUTUBRO DE 1817 ATE' SETEMBRO DE 1818**

Quantidade que de 511 engenhos da Bahia deu entrada na alfandega	Quantidade que foi vendida e se considera como exportação de 1818	Valor de toda a importação (sacra) para a Bahia, preço médio do assucar mascabado e branco calculado 2\$000	Valor da exportação activa	IMPOSTO PUBLICO DO ASSUCAR		RECEITA PUBLICA		
				Dizimo do productor	Direito de exportação do expedidor	Da exportação activa de 1.155.000 arrobas.	Do resto não vendido (30.000 arrobas)	Total (de 1.185.000 arrobas)
29.628 caixas (cada uma em média, pelo menos de 40 arrobas) ou 1.185.000 arr.	28.878 caixas ou 1.155.000 arrobas (não vendidas: 30.000 arrobas)	2.370.000.000 Rs. = 6.586.625 Fl. (restante): 60.000.000 Rs. = 166.750 Florina	2.310.000.000 Reis = 6.419.875 Fl.	10 %	Subsidio: 45 Rs. por arr. Donativo: 360 Rs. por caixa . Novo imposto: = 160 Rs. por caixa.	231.000.000 R. 51.970.000 R. 10.200.000 R. 4.530.000 R. 297.700.000 R. = 827.357 Fl. 55 Kr.	6.000.000 Rr. 1.350.000 R. 240.000 R. 110.000 R. 7.700.000 R. = 21.399 Fl. 35 Kr.	237.000.000 R. 53.320.000 R. 10.440.000 R. 4.640.000 R. 305.400.000 R. = 848.757 Fl. 30 Kr.

**ALGODÃO NA BAHIA, DE 1.º DE OUTUBRO DE 1817 ATE 30 DE SETEMBRO DE 1818**

Quantidade de algodão emprensado que entrou	Quantidade já vendida e considerada como exportação de 1818	Valor de toda a importação (sacra) para a Bahia, calculada a 8\$000 por arroba, ou 22 florins e 14 kr.	Valor da exportação activa	IMPOSTO PUBLICO DO ALGODÃO		RECEITA PUBLICA		
				Dizimo do productor	Direito de exportação do expedidor	Da exportação activa de 234.000 arrobas.	Do resto não vendido (16.000 arrobas)	Total (de 250.000 arrobas).
45.077 saccas (cada sacca em média, pelo menos, 177 ½ lb. ou .. 250.000 arrobas)	42.277 saccas ou 234.000 arr. Resto não vendido: 16.000 arrobas	2.000.000.000 Rs. = 5.558.333 fl. 20 K. (do resto): 128.000.000 Rs. = 355.733 fl. 20 K.	1.872.000.000 Reis = 5.202.600 Florins.	5 %	Subsidio: 600 rs. por arroba. Novo imposto: 100 rs. por fardo.  Total .....	93.600.000 140.400.000 4.222.700 238.222.700 R.  = 662.060 Fl. 9 35 — Kr. 40	6.400.000 Rs. 9.600.000 Rs. 285.000 Rs. 16.285.000 Rs. = 45.258 Fl. 43 ¾ Kr.	100.000.000 R. 150.000.000 R. 4.507.700 R. 254.507.700 R. = 767.319 Fl. 39 18 — Kr. 40

## VIAGEM Á COMARCA DOS ILHÉOS E VOLTA Á BAHIA

Os arredores da Bahia são ricos de lindas paisagens.

O terreno accidentado do promontorio, revestido de fertes plantações, eleva muitas vezes o espirito pelo espectaculo que offerece sobre a immensa superficie do Oceano.

### Bellezas naturaes da Bahia

As ilhas da bahia, cobertas de eterna verdura e de campos ennobrecidos pela constante cultura, encantam-nos pelo cunho idillico.

Entretanto, não se encontram ahi a mutação romantica das vistas, nem a opulencia e o vigor da frondosa floresta virgem, nem aquellas formas grandiosas de serras, o que tudo reunido torna o Rio de Janeiro um dos mais lindos logares do mundo.

No Reconcavo já se tornaram raridade as velhas matas virgens (77).

---

(77) Pena é que não se procure, enquanto é tempo, conservar um trecho de mata virgem pertencente ao Estado, em ponto mais proximo á Capital. Talvez para os lados de S. Roque ou Jaguaribe ainda se pudesse encontrar mata virgem verdadeira, plaçabae e muitas outras bellezas.

Nos arredores de Ilhéos não mais existem as lindas florestas descritas por *Martius*. Tudo se procurou devastar, por vezes inconscientemente, sem se guardar, ao menos, uma reserva de madeira para o reparo das propriedades.

Foi-nos preciso ir aprender a conhecer o aspecto das florestas não profanadas, em outros pontos da Provincia e açoitámos, de bom grado, o convite do Marechal Felisberto Caldeira para, em sua escuna, visitar a Villa de S. Jorge dos Ilhéos, em cujos arredores possui aquelle Senhor um grande engenho de assucar.

Porém, ainda existem matas no interior. Em Areia, Camatú, Valença, etc., encontram-se grandes extensões de florestas, que se distanciam cada vez mais com as derrubadas.

Seria de grande interesse geral, que os governos puzessem cobro a tamanho vandalismo, procurando, por meio de leis coercitivas, regulamentos e fiscalisação, evitar uma tal calamidade. A destruição systematica das florestas já tem conccorrido para esterilizar grandes tractos do territorio bahiano, transformando-os em savanas e charnecas improductivas, cobertas de fetos e sapês.

Nem se pense ser inesgotavel a nossa reserva de matas. Ao espirito observador e previdente que se der ao cuidado de estudar a distribuição das matas e de compará-las com as immensas extensões de terras estereis, no interior do Estado, immediatamente se imporá a necessidade da refflorestação. E' por demais conhecida a noção da benéfica influencia das florestas sobre a regularisação das estações e o regime das aguas.

E' de fastimar que, mesmo em nossa Capital, não se tenha mais gosto esthetico, ou mesmo, respeito pelas gigantescas e bellissimas arvores. As mangueiras, gamelleiras e outros representantes da flora estrangeira e indigena extasiam os nossos hospedes forasteiros, muito mais do que tudo.

De bom grado, retiro a minha mal aparada penna, para ceder logar ao incomparavel pincel de Darwin.

Vejamos suas impressões escriptas aqui na Bahia, em 29 de Fevereiro de 1832: "Que delicioso dia! Mas o termo delicioso ainda é por demais fraco para exprimir os sentimentos do naturalista que pela primeira vez vagueia por uma floresta brasileira. A elegancia das ervas, a novidade das plantas parasitas, a belleza das flores, o verde deslumbrante da folhagem, mas sobrepujando tudo, o vigor e o esplendor da vegetação encheram-me de admiração.

Estranho misto de ruidos e de silencio reina por toda parte revestida de florestas.

Os insectos fazem tal ruido, que se os ouve mesmo de bordo do navio, fundeado a muitas centenas de metros distantes do litoral; entretanto, dentro, na mata, parece reinar silencio geral. Quem quer que aprecie a Historia Natural sente, num dia como este, um prazer, uma satisfação tão intensa que não poderá experimentar outra igual".

De volta para Europa aqui esteve, de novo, Darwin, durante quatro dias, tendo escripto o seguinte: "Sinto-me feliz de ver que não é somente o sentimento da novidade que me faz admirar a natureza tropical. Os elementos dessa natureza são tão simples que é realmente util menciona-los, como prova de circumstancias insignificantes que reunidas formam o que se pode chamar bello, em toda a expressão do termo. Pode dizer-se que este pais é uma planicie tendo cerea de 300 pés de altura, todo recortado de valles de fundo chato. Essa conformação é notavel num pais granitico, mas, é quasi geral, em todas as camadas mais molles de que são constituídas, ordinariamente, as planicies. Toda a superficie é coberta de magnificas arvores; aqui e acolá se vêem campos cultivados no meio dos quaes se elevam casas, conventos e capellas.

Convem recordar que nos tropicos o luxo brilhante da natureza não se apaga, ainda mesmo nas vizinhanças das grandes cidades; de facto, as obras artificiaes do homem desapparecem sob a poderosa vegetação das sêbes.

## Noite de luar

A deliberação do nosso amavel patricio Snt. C. F. Schlüter, de Hamburgo, de nos acompanhar, decidiu-nos a esta pequena viagem e, em a noite de 11 de Dezembro, deixámos a Bahia, em navio de vela, impellidos por fresco terral, sob esplendido luar.

Tambem ha muito poucos logares onde o solo, vermelho brilhante, venha formar contraste com o revestimento verde geral. Dessa planicie avista-se quer o Oceano, quer a bahia orlada de arvores, cujos ramos mergulham no mar, onde se vêem muitos navios e canôas com velas alvas.

A não serem essas paragens o horizonte é muito limitado; existem apenas algumas entreabertas sobre os valles.

As casas e principalmente as igrejas são de architectura especial e muito phantasticas. São todas caiadas e de tal maneira, que illuminadas pelo sol brilhante, ou quando se as vê destacarem sobre o azul do céu, dir-se-ia serem antes palcios encantados do que verdadeiros edificios.

Taes são os elementos da paisagem; inútil, porém, seria pintar o effeito geral. Sabios naturalistas procuraram descrever essas paisagens dos tropicos, designando grande numero de objectos, indicando os traços característicos de cada qual.

Ahi está um systema que pode dar algumas ideias definidas ao viajante que os viu; porém, como se imaginar o aspecto de uma planta no solo que a viu nascer, quando só se a tem visto na estufa?

Quem é que depois de ter visto uma planta escolhida, guardada na estufa, pode imaginar o que ella é quando attinge dimensões de uma arvore fructifera ou forma bosques impenetraveis? Quem, depois de ter visto na collecção de entomologista, as magnificas borboletas exoticas, as esquisitas cigarras, poderia a taes objectos inanimados, associar a musica incessante dessas e o vôo lento e preguiçoso daquellas? Ora, esses quadros são os que diariamente se vêem nos tropicos. E' com o sol a pino, que devemos apreciar o espectáculo; então a magnifica folhagem da mangueira projecta sobre o solo sombra espessa, enquanto os galhos superiores de um brilhantissimo verde, resplandecem sob os raios candentes do sol.

Nas zonas temperadas o caso é inteiramente outro; a vegetação não possui cores tão opulentas, além de que, os raios do sol poente, tintos de vermelho, de purpura ou de amarello brilhante são os que mais concorrem para as bellezas das paisagens.

Quantas vezes não desejei encontrar expressões capazes de traduzir o que sentia, quando passeava á sombra dessas magnificas florestas! Todas as adjectivações são fracas para dar aos que jamais viram as regiões tropicas a sensação dos gosos que ali se experimenta.

Já disse que é impossivel fazer-se idéa do que seja a vegetação dos tropicos pelas plantas encerradas nas estufas; convem, entretanto, insistir sobre este ponto. Toda a paisagem é uma luxuriante e immensa estufa criada pela propria natureza, porém, a posse é do homem, que a embelleza com lindas casas e magnificos jardins. Todos os admiradores da natureza não desejam com vehemencia ver a paisagem de um outro planeta? Pois bem! Em verdade se pode dizer, que o europeu encontrar-á, a certa distancia de sua patria, todos os esplendores de um mundo outro.

Durante meu ultimo passeio procurei embriagar-me, por assim dizer, com todas essas maravilhas; esforçava-me por fixar no espirito impressão, que lem o sabia, deveria se apagar um dia.

A cidade illuminada, as luzes scintillantes, esparsas na costa de Itaparica e os contornos fluctuantes do litoral multiforme se irmanava, formando um bello quadro da noite, que, pelas toadas longinquas das cantilenas dos pescadores, logra não sómente vida, mas ainda, magia' capaz de recordar scenas semelhantes na Europa.

Na entrada da Bahia (Barra) encontrámos uma esquadra de navios de guerra, em virtude dos numerosos piratas de Buenos-Ayres.

### Morro de S. Paulo

Pela madrugada, quando subimos ao tombadilho, vimos a leste o Morro de S. Paulo, monte de granito, de forma conica, revestido de vegetação, o qual por ter algumas centenas de pés, apresenta nessa costa um importante ponto de reparo aos navios que erram a entrada da Bahia.

Está situado numa pequena ilha e possui insignificante fortaleza.

A terra, ao longo da qual viajavamos na distancia de algumas milhas maritimas, é baixa e a costa do continentes cheia de ilhas.

### Mosquitos culicoides

A vegetação sempre verde, especialmente a do mangue, (*Rhizophora Mangle* L.) nas proximidades immediatas do mar, offerece, de longe, aspecto agradavel.

---

A gente se recorda, perfeitamente, da forma da laranjeira, do cacoeiro, da palmeira, da mangueira, da bananeira, do feto arborescente, porém, as bellezas mil, que fazem de todas estas arvores um quadro encantador, devem, mais tarde ou mais cedo, desaparecer da memoria.

Entretanto, como se fôra uma historia ouvida na infancia, elles nos deixam impressão semelhante a que deixaria um sonho povoado de figuras indistinctas, porém, admiraveis".

Que é que mais admira o forasteiro quando aponta ao Rio? São os sumptuosos quadros da natureza: a imponente Bahia de Guanabara, o Corcovado, as matas da Tijuca, etc. — N. T.

Quando se chega bem perto della, se sente a aggressão de densas nuvens de mosquitos, que parecem pôr os ovos na lama do litoral, ahí se multiplicando em quantidade incrível.

Ao meio dia chegámos á Bahia de Camamú, donde começam a se elevar, aos poucos, a costa e a terra interior, até ao sul da foz do Rio de Contas, onde terminam, com altura de 200 a 300 pés, as ultimas projecções da Serra do Mar, cobertas de florestas, estendendo-se da Capitania de Porto Seguro para cima.

## Barra de Ilhéos

Esperavamos fundear, até o pôr do sol, na bahia de Ilhéos, porém, justamente quando observavamos as quatro pequenas ilhas, situadas em frente della, caiu forte sudoeste, que obrigou a escuna a bordejar, durante a noite, diante da barra.

Daquellas ilhas, as duas maiores, vistas de longe, assemelham-se a chapéus baixos: a maior, situada ao norte, está coberta de capões; a menor, tendo como as demais, o solo pedregoso, está revestida de capim e de mato.

Entre ellas corre, por sob a agua, um arrecife, no qual o mar arrebenta com força.

A entrada do porto está entre a ilha septentrional (Ilha Verde) e o continente.

O Rio dos Ilhéos desemboca na bahia, depois de ter feito grande curva para o sul e de formar, ao norte do porto, estreita lingua de terra, na qual está edificada a Villa de S. Jorge dos Ilhéos.

Fundeamos, á madrugada do dia 13 de Dezembro, numa profundidade de 2 braças.

### Villa de S. Jorge dos Ilhéos

A posição da Villa de S. Jorge dos Ilhéos é muito graciosa; a ponta de terra arenosa, em cuja margem occidental está edificada, é ornada de viçoso e ondeante coqueiral, imprimindo essa bella palmeira, como sempre, especial encanto á paisagem.

Ao norte, a ponta de terra se eleva numa collina coberta de densa floresta, (Focinho do Cão, chamado pelos navegantes) encimada pela igreja de Nossa Senhora da Victoria.

Para oeste, a vista repousa, com prazer, sobre a superficie d'agua do Rio dos Ilhéos, que se apresenta em forma de lagôa, ladeada por verdes e apraziveis matas.

Para léste, o Oceano impelle em magestoso movimento suas ondas, ao longo da costa baixa que segue, ora em linha recta, ora recortada de bahias pouco profundas, revestidas aqui de rochedos baixos, acolá de arbustos brilhantes — uvas do mar, *Pisonia*, *Crotonéas* e *Hamelias*, ou da palmeirinha da praia, (*Ariri*, *Cocos schizophylla*, M.), apresentando ora logares de arêa branca e pura, ora verdes prados férteis.

### Fundação da colonia

Quem lançar o olhar cheio de encanto, para essa linda paisagem e se lembrar que, já em 1540, ahí foi fundada uma colonia portugueza, perguntará admirado, porque não se encontra uma cidade populosa e rica, em

vez de algumas ruas cobertas de capim e de cabanas baixas.

Actualmente, toda a aldeia não possui nenhuma casa solida, pois, o Collegio dos Jesuitas, construido de pedras de cantaria e tijollos, em 1723, está deshabitado, abandonado, já ameaçando ruir.

## População

A villa e toda a parochia, presentemente, só contam 2.400 almas, bem que seja aquella a cabeça da Comarca de Ilhéos e a residencia do Ouvidor.

Quanto á educação, applicação e esforço, estão os habitantes dessa região muito atrasados comparativamente aos mineiros, mesmo aos das menores villas situadas muito distantes, no interior do continente e muito afastadas de todos os meios de aperfeiçoamento e de civilização.

## Deficiencia de mantimentos

A indolencia e a pobreza ali andam unidas. Os habitantes de Ilhéos, satisfeitos com o estado de constante ociosidade, sem maiores necessidades, descuidam-se tanto da agricultura que, elles proprios, e, ainda mais, os estranhos que com elles se acham, estão expostos á fome.

Graças aos esforços do nosso prestimoso compa-nheiro, o Sur. Schlüter, que se eucarregou do mister de chefe da viagem e obrigou o juiz local a mandar buscar mantimentos, numa fazenda situada a algumas milhas

de distancia, somente nos primeiros dias da nossa estada, soffremos fome.

Atribue-se, talvez com razão, a visivel preguiça e a rusticidade dos habitantes, á circumstancia de serem elles em grande parte *tapuyada*, isto é, de procedencia indigena.

De mais disto, os portuguezes ahi estabelecidos pertencem ás classes baixas: são marinheiros, carregadores e lavradores aborrecidos do trabalho, que, se considerando iguaes aos privilegiados, não podem elevar a moralidade, nem a industria dessa população decaida.

### Invasão dos selvagens

Outróra (por exemplo, nos annos de 1660, 1670 e 1730) a aldeia esteve exposta a frequentes invasões dos *Botucudos* ou antigos *Aymorés*, chamados *Guerens*, nessas regiões.

Sua decadencia data da expulsão da Companhia de Jesus, que se occupou da catechése das tribus de indios dos arredores e encaminhou a colonização dos mesmos, nas villas de Valença, Serinhahem, (propriamente Santarém), Barcellos e Olivença.

### Influencia educadora dos Jesuitas

Os indios da costa sul da Bahia, que se submeteram á influencia educadora dos Jesuitas, pertenciam á tribu dos *Tapiniquins*. Occupavam a costa entre o rio de S. Matheus (outróra Cricaré) e o Rio de Contas. Perseguidos pelos inimigos, *Aymorés* e *Tupinambás*, tornaram-se verdadeiros amigos dos portuguezes.

Dessa numerosa nação, de quem se exaltam a brandura, a lealdade e a docilidade, originam-se os índios mansos, que moram ao longo da costa, nas villas já mencionadas, em cabanas isoladas.

Seu numero pode ser calculado em cerca de 4.000, em toda a Comarca.

São inoffensivos, porém, pouco operosos, restringindo sua actividade á caça, á pesca e á diminuta cultura do milho e mandioca, de que se nutrem, sem outras necessidades da vida.

### Villa de Olivença

Na villa de Olivença, duas leguas ao sul da Villa de S. Jorge, moram cerca de 800. Dizem, porém, que lá elles já estão misturados aos descendentes dos *Guerrens*. A fiscalização municipal, que lhes dá certa liberdade, é feita por juiz, auxiliado por um só escrivão, sendo este escolhido entre os portuguezes e aquelle entre os índios.

Nesse logar a grande maioria se occupa na fabricação de rosarios de côcos de piaçaba. Informam que mandam, annualmente, para a Bahia, cerca de 1.000 cruzados, importancia desse artigo, posto que no logar de origem custe um rosario apenas 10 rs.

Outros se occupam em fazer cordas, vassouras, esteiras de piaçaba e chapéos de palha de coqueiro, sabendo tambem tingir, com pau brasil e tatagiba, os chapéos de palha e as fazendas de algodão.

### Selvagens do litoral

A constituição physica desses índios do litoral é robusta e a phisionomia muito mais sympathica do que

a dos *Sabujás* e *Cariris*. São bons remadores e nadadores. Quando se resolvem a trabalhar, em casa dos fazendeiros, por um salario diario, adiantam a derrubada das matas com muito geito e perseverança.

Da primitiva lingua não encontrámos nenhum vestigio, pois todos falam máo portuguezs.

Em geral, nos parecia que esses indios, de todos os que tivemos occasião de observar no Brasil, eram os mais assimilados á civilizaçõ européa.

E' notavel que, comparados aos outros, sejam mais prolificos, de modo que se pode calcular, em média, seis pessoas em cada familia.

### **Rio dos Ilhéos**

O rio dos Ilhéos é, em verdade, a fóz commum a tres rios: rio da Cachoeira, o maior, correndo no centro, nascendo na serra Itaraca, cerca de 20 milhas de distancia; rio do Engenho, ao sul, e rio Fundão, ao norte, tendo poucas milhas de comprimento.

São ladeados de extensas matas virgens, que aqui e acolá cederam o logar á piantaçõ, ou a engenhos pequenos, se comparados aos do Reconcavo.

### **Engenho S. Maria**

O unico engenho importante, que occupa 260 escravos, produzindo de 9 até 10.000 arrobas de assucar, quantidade razoavel de generos alimenticios e um pouco de algodão, é o de Santa Maria, no rio do mesmo nome. Pertence ao nosso amigo da Bahia, Snr. Felisberto Caldeira, e devia ser nossa morada, durante a estada em Ilhéos.

Preferimos deixar o litoral o mais depressa possível, para nos internarmos nas magestosas florestas que nos cercavam.

Animava-nos a fazer esta viagem a esperança de encontrarmos em Almada, situada a sete legoas, oesnoroste da villa, alguns patricios, que lá se haviam estabelecido.

## Rio Itahype

Costumava viajar para aquella região, não por terra, porém, pelo rio Itahype (Taïpe), que corre para o mar e desemboca no Oceano, uma hora acima da barra de Ilhéos, tendo fóz muito larga e cheia de baixios. Evita-se entrar nelle pelo mar e prefere-se subir o rio Fundão. Entretanto, se navegava pelo rio Fundão acima, até o ponto em que elle se aproxima tanto do Itahype, que se pode levar a carga, sem grande trabalho, através de estreita faixa de terra e, de novo, reembarcá-la nesse ultimo rio.

## Rio Fundão

As lindas margens do rio Fundão, ora cobertas de luxurioso tapete de relva, ora de areias alvas, sobre as quaes se estendem as hastes rasteiras de uma ipoméa avermelhada, (*Ipoméa Pes Caprae* R. P.), de um capim esquisito (*Stenotaphrum americanum*, Schrank.), ou de arbustos brilhantes, numerosos coqueiros e choupanas esparsas, dando ao logar o aspecto de cultura campestre descuidada, estão no mais saliente contraste com as do rio Itahype, cobertas de escuras e densas florestas, onde

a canôa, com difficuldade, abre caminho por entre troncos de arvores cahidas, ou por entre cerrados juncaes.

Pela primeira vez ahi encontrámos diversas formas vegetaes grotescas, nas quaes notámos grande differença das que possui a vegetação das mattas vizinhas do Rio de Janeiro.

## Flora

Ao longo das margens, existe um *caladium* (a aninga, *Caladium liniferum*, Nees.), que possui haste de forma conica muita pronunciada, com quatro ou cinco pollegadas de diametro, de côr cinzenta, ás vezes brilhante qual marfim e coroada de grandes folhas sagitadas, com bainhas tubuliformes. Estas hastes se dispõem em paçadas impenetraveis. Além disso, grandes prados de *rapatéas* ostentam, por entre as folhas, semelhantes ás do lirio, grandes capitulos de flores amarellas.

Esbeltas hastes de *heliconias* pompeiam bainhas purpureas, côr de braza. Entre espessos ramos de *mimosaccas* de folhas pennadas, oscilla a panicula unilateral do *ubá* (*Gynerium parviflorum*, Nees.). Lianas enroscam-se por entre os alvacentos troncos das imbaúbas em espessos tapêtes ou pendem em compridas grinaldas, formando pontes penseis, nas enseadas dos rios.

Ao variegado esplendor dessas formas de folhas, acrece, ainda, a ornamentação pinturesca de innumeradas flores.

## Fauna

Muitos frangos d'agua, garças, mergulhões, etc. (*Gallinula martinicensis*, *Ardea virescens*, *Plotus melanogaster* e outros) dão vida ás mattas.

A vida tranquilla e o modo de viver dessas especies de aves estão de accordo com o character selvagem da solidão.

## Devaneio

O viajante, remando vagarosamente, se entrega a uma alternativa de admiração e melancolia, até que, de repente, desperta pelo apparecimento de um jacaré, á espreita, ou é perturbado por um bando de lontras, que, roncando, passam com a velocidade de seta.

Bem que o fluxo e o refluxo da maré devessem ser sensíveis na parte superior do rio Itahype, até sua união com a lagôa do Almada, observámos, apenas, a vasante mui fraca, acima da nossa entrada no rio; ella descobre as raizes dos mangues, nas quaes se notam, ao lado de um carangueijo terrestre comestivel, (*Cancer Uçá*, L.), uma especie de camarão do mar, (*Palaemon Guaricurú*, Fabr.), que os habitantes comem, e são muito gostosos, quando guizados com azeite e vinagre (78).

Estes pequenos mariscos e peixes de agua salgada constituem, com as bananas e a farinha de mandioca, os alimentos communs dos habitantes do litoral.

---

(78) Encontram-se, nessa costa, bem assim nas das provincias mais ao norte, além dos já mencionados, ainda varios carangueijos e camarões comestiveis: *Callinectes*, *Grapsus Grapsus*, *Gr. cruentatus*, Lam. etc.

A esta especie de alimentação se attribue a grande fecundidade da população.

### Azolla, Pistia e Lacis

Mais acima, estava o rio em suas enseadas mais profundas e tranquillias, coberto de espessa camada de um féto, *Azolla pinnata*, Lam. e de *Pistia stratiotes* L., plantas raras, das quaes a ultima pode ser comparada á forma gigantesca da nossa *lemna*.

Mais para o interior o rio se torna pedregoso e raso.

Eramos obrigados a arrastar a canôa por sobre rochedos ponteagudos de granito, em cima dos quaes crescia, em abundancia, uma planta notavel (*Lacis fucoides*, M. Nov. gen. t. 2).

Esta planta, segundo nos informaram nossos companheiros indios, é apreciada pelo manatim, (79) que, apesar de muito raro, dizem existir nos rios dessa Comarca.

### Tariri

Depois de termos viajado cerca de cinco leguas pelo rio, deixamo-lo perto de Tariri, colonia abandonada, e atravessámos a floresta, por sobre um terreno accidentado.

Ora perto, ora distante, espumava a nossos pés, num valle profundo, o Itahype, sobre leito de granito. Uma variada successão de vistas de desfiladeiros, cobertos de matas, escuros abysmos, pequenas cachoeiras, recompen-

---

(79) Peixe-boi, *Manatus americanus*.

*savam-nos dos incommodos da viagem por caminhos escabrosos e alcantilados.*

Esquecemo-nos de tudo, quando entrámos na Fazenda Almada, onde as boas vindas foram dadas em allemão e acompanhadas de um germanico aperto de mão.

### **Sr. P. Weyll**

O Snr. P. Weyll teve a coragem de se estabelecer nesse ermo.

Grandes extensões de florestas foram derrubadas, queimadas e plantadas de milho, arroz e canna de assucar.

### **Engenho de assucar**

No valle do Itahype, que, entre grupos pinturescos de rochedos, forma pequena cachoeira, estão os alicerces de um engenho de assucar, para cuja construcção fôra contractado technico inglês.

Em cima do monte, que domina toda a sesmaria de uma legua quadrada, pertencente ao nosso hospedeiro, devia ser construida a casa de morar.

Os esforços preparatorios que foram feitos por dez ou doze escravos negros e por indios, trabalhando a jornal, fizeram conhecer ao corajoso colono a grandeza e as difficuldades da empresa.

Só agora lograra verificar a immensa floresta que chamava sua, da qual esperava o lucro de sua activida-

de, após muitos annos de continuos cuidados e reiterados sacrificios.

A vegetação, pelo vigor do solo novo e virgem, luta contra a acção do homem.

### **Difficuldades da lavoura**

Muitos dos nossos ingenuos camponeses taxariam de temeridade a empresa de oppôr a pacifica agricultura armada de machado e fogo á desordenada força criadora da terra.

Grandes e varias são as difficuldades a que se expõe o temerario agricultor nessas matas desertas, afastado do mundo culto.

Além do penoso trabalho de desbravar espêssas florestas, onde muitas arvores de 10 até 12 pés de diametro occupam dois machados, que trabalham durante dias, onde, por vezes, a queimada é insufficiente: vermes, caracoés, formigas e aves perseguem as plantas de cultura, tanto mais quanto, estas ahi figuram de fracos forasteiros.

### **Paludismo e Mosquitos**

Demais, o recémchegado está exposto, com os seus serviaes, a muitas doenças, como febre palustre e erupções cutaneas, entre outras, vendo-se perseguido pelos mosquitos, que procurando os logares sombrios, os obrigam a fechar, cuidadosamente, as choupanas, durante o dia.

## Negros fugidos

Falta-lhes, muitas vezes, o alimento sadio e habitual, pois, todas as provisões de carne, manteiga, etc. são mandadas vir de longe. Finalmente, os escravos são para elle constante motivo de cuidados, porque qualquer desgosto lhes dá ensejo de fugirem para as immensas matas vizinhas, ou para as casas dos fazendeiros distantes.

As leis, em verdade, punem severamente os brasileiros, que retêm escravos alheios. Entretanto, não é raro acontecer isso. O agricultor incipiente, cujo capital fica em parte improductivo, sente necessidade de braços, justamente no começo dos trabalhos.

## Colonisação estrangeira no sul da Bahia

O nosso amavel hospedeiro chamou-nos a attenção para estas difficuldades, insufficientemente ponderadas na Europa; fez-nos reconhecer quanta força de character e quanta casualidade feliz são necessarias para emprender, naquellas regiões, a colonisação allemã e tornal-a proveitosa, o que nós, raramente, avaliamos com exactidão.

## Srs. Schmid e Borell

Os dois vizinhos do Snr. Weyll, Snr. Fr. Schmid, de Stuttgart, na colonia Luisia e o Snr. Borell, de Neufchatel, em Castel-Novo, se bem que esperançados, fizeram-nos uma descripção igual das difficuldades da colonisação nas matas.

O primeiro cogitava de empregar nas proprias plantações em vez de potassa, as cinzas dos troncos queima-

dos e acreditava ter observado que as cinzas das arvores do local possuem relativamente muito mais potássio. O segundo plantava de preferencia o café.

Todos haviam soffrido bastante de febres palustres; e, com razão, acreditavam que suas novas moradas ficavam livres da influencia das exhalações nocivas das matas, quando estas eram desbravadas nas proximidades, pela colonização constante.

Mas, tanto quanto sabemos até agora, não foi este desejo realizado. Depois de estabelecida uma companhia de allemães, especialmente de colonos de Frankfort, sob a chefia do Snr. Freyreiss, por infelicidade prematuramente fallecido no rio Mucuri, na Capitania de Porto Seguro, foi o Snr. Weyll obrigado a se mudar para lá. Anteriormente, já o Snr. Schmid havia abandonado sua empresa e voltado para a Europa.

### **Guerens e Botucudos**

A região montanhosa e florestal do Almada era, antigamente, habitada pelos *Guerens*, tribu dos *Botucudos*, que, já em pequeno numero, foram obrigados a occupar esse ponto, ao envés das matas do Rio de Contas.

### **Tupiniquins**

Os restantes dos *Tupiniquins* foram para ahi transferidos pelos Jesuitas; mas, tal colonia, decadente desde algum tempo, desapareceu completamente, quando no anno de 1815 se abriu a estrada de Ilhéos para o Rio Pardo. O resto da população foi então enviada para a Villa de S. Pedro de Alcantara, recentemente edificada á margem da mesma estrada.

## O Príncipe Maximilian von Neuwied

Sua alteza, o Príncipe Maximilian von Neuwied, que ha dois annos visitára os solitarios agricultores do Almada, captivando-os com o mais profundo respeito do seu amavel character e com admiração do seu entranhado amor á Historia Natural, fôra, ainda, testemunha ocular dos ultimos *Guerens*.

Depois disso, morreu o velho indio Manoel e apenas alguns indios civilizados, provavelmente da tribu dos *Tupiniquins*, que nem mais sabiam se expressar na lingua de seus paes, ficaram afim de servir de caçadores para os colonos.

## Lagôa do Almada

Guiados por elles, visitámos, com o Snr. Weyll, a chamada Lagôa do Almada, pequeno lago distante cerca de legua e meia do rio Almada, para nordeste, e ligado ao rio Itahype, por um affluente do mesmo.

Era pelo Natal de 1818, quando, satisfeitos, seguimos rio abaixo, em busea daquella formosa lagôa.

## Natal

Envês do commovente repique de sinos e canticos festivos, que resoam nesses dias de inverno, na Europa christã, ouviamos, remando por entre perfumosas ramagens floridas e grottescas cercas de aningas, o assobio

dos frangos d'agua e os berros dos *barbados* (80), que repercutiám através das silenciosas florestas.

A idéa da patria exerce real influencia sobre os filhos ausentes e para o viajante é agradável occupação, nesses dias de recordações, comparar o presente com o passado.

Por entre densos bosques de aninga, chegámos á superficie espelhante do lago, situado entre montanhas cobertas de sombrias florestas.

Desembarcámos numa clareira, onde caudalosa fonte, precipitando-se sobre largos socacos, espalhava agradável frescura.

Em frente, despenhava-se outra cascata, em forma de véo, por sobre um muro de granito de cem pés de altura.

(80) Sobre esses interessantes bugios escreve o sabio naturalista dr. Rodolpho von Ihering:

"Bugio ou Barbado ou Guariba dos indigenas, comprehende as varias especies de macacos do Gen. *Alouatta* (singé hurleur do francês) caracterizada pelo grande desenvolvimento do osso hyoide, que funciona com a caixa de resonancia.

Graças a este aparelho emittem uivo ou ronco forte, e, reunidos em bandos, promovem verdadeiros concertos de gritaria na mata.

Principalmente os machos velhos têm grande barba. "Carajá" ou "Bugio preto" *A. caraya*, o macho é preto, a feméa amarello-escura; "Bugio ruivo" *A. fusca* do Brasil meridional até a Bahia (Serra do Mar), sendo os machos ruivos e as feméas de côr bruna, quasi preta".

Diz a respeito o sabio Emilio Goeldi:

"Seu uivo, na Amazonia chamado ronco, de difficil descripção e que se ouve ao longe, ora sai em côro, ora em solo: saltam-no ora de manbã, ora á tarde, principalmente na estação quente e quando ha mudança de tempo.

Tanto que, na Serra dos Orgãos, corre o dictado:

"Guariba na serra  
E' chuva na terra".

Na Fazenda Timbó, situada a uma legua de Amargosa, tive occasião de ouvir, por vezes, nas matas, o barulho que faziam os Cuigós e Barbados, reunidos em grandes bandos, nas manhãs, em que ameaçava mudança de tempo. — N. T.

## Geologia

Todos os montes nas proximidades da lagôa do Almada são de granito (81), que é também a formação dominante das montanhas do litoral da Comarca dos Ilhéos.

Na costa o granito surge aqui e alli, formando grandes arrecifes descobertos, que parecem provar, pelas profundas escavações em forma de bacia e pelos recortes, a união, em tempos remotos, do Oceano com a lagôa.

(81) Não foi somente nas proximidades do Almada que encontrámos a formação granítica, mas ainda, por toda parte, ao longo das margens do Itahype e entre este e o rio da Cachoeira. São da mesma natureza geologica: as montanhas chamadas o Queimado, situadas ao norte da Lagôa do Almada, a serra mais ao norte, que acompanha o rio de Contas até o Oceano, e a ramificação da mesma, chamada Serra Grande, que atravessámos.

Por informação do Sr. Felisberto Gomes, é de natureza granítica, tendo aqui e acolá embasamento trappetico primitivo, a região collinosa e montanhosa, que segue o percurso do rio da Cachoeira, entre as duas mais altas serras — a Serra dos Aímorés e a Serra Itaracá, por onde elle traçou a estrada pela floresta.

Provavelmente esta formação se estende até onde o terreno se acha coberto de florestas virgens.

A direcção mais geral é de N. a S., com pendor para L., porém, estas duas direcções raramente podem ser observadas, por estar a rocha coberta de espessas camadas de solo argiloso, de côr vermelho-parda ou amarello ocreoso. Ahi não existem os pires escarpados, que imprimem á paisagem dos arredores do Rio do Janeiro e das Serras dos Orgãos aspectos tão audaciosos e pinturescos, bem que esta parte da serra litoranea pareça ser, sem duvida, considerada a continuação immediata daquelle ramo septentrional, e, com elle, mereça o nome de Serra do Mar.

O granito apresenta-se sob muitas variedades, ora de estrutura mui densa e grosseiramente granulada, contendo relativamente pequena porção de mica, muitas vezes como granito graphico, ora transformado em gneiss, pela fractura mosqueada, ora semelhante ao *granitello*, (mais ou menos como o de Bracken) pelos grãos finos e distribuição igual das partes componentes.

Muito bonita é uma variedade de coloração hepatica e de estrutura porphyroide.

Nas margens do Rio da Cachoeira, perto de S. Pedro de Alcantara e do Rio Itahype, observa-se a superficie do granito coberta com uma camada compacta e delgada de substancia cinzento-parda ou trigueira e por isso os rochedos, quando molhados, apresentam brilho plumbeo metallico.

Tambem tivemos occasião de observar este phenomeno no Rio Japurá e em outros, do mesmo modo que o Sr. Barão von Humboldt notou nos rochedos do Orenoco.

O revestimento não é proveniente, como a principio cuidavamos, de depositos de materias vegetaes do rio, mas, de oxydo de ferro, como demonstrou meu preado Collega, Sr. Cons. Vogel, num pedaço de granito do Itahype.

Em favor dessa ligação existem provas mais valiosas como: a formação das margens baixas e arenosas para o lado do Itahype e do mar, a S. O., e, principalmente, a existencia de arrecifes externos de coral.

Esses bancos podem ser observados em muitos pontos da lagôa, na profundidade de seis até doze pés e são usados na construcção de casas, pela falta de cal.

## Material de construcção

São quebrados com estacas e alavancas, sendo os pedaços retirados da agua por mergulhadores.

Entre outras coisas, occupam-se com isso os habitantes da proxima fazenda do Padre Domingos; porém, o negocio com este artigo não é muito rendoso, porque os bancos de coral, da grande Bahia de Camamú, são explorados mais facilmente.

Em todo caso, esse oxydo não parece provir da desagregação do rochedo, senão ter sido sobre elle depositado pelo rio. Na formação geral do granito, que pelas frequentes transformações se deveria antes chamar granito-gneiss, encontram-se filões de quartzo unctuosos, cinzento e de feldspatho verde escuro.

Este, ás vezes, contem disseminadamente particulas de magnetito. Perto da villa dos Ilhãos, em diversos logares, o granito se transforma em gneiss preto, sobre o qual se encontra uma formação de hornblenda escura, e de grã fina, já por nós mencionada na Bahia.

Esta estrutura da formação trappetica primitiva tem com sua base a direcção de N. a S. e declina formando angulos de 30° a 40° para L.

Da mesma formação é um diorito verde escuro de grã fina, que apparece nas collinas de granito, entre os rios Itahype e da Cachoeira.

Observámo-lo, porém, em pequena extensão.

Nessa rocha de estrutura mui fina e uniforme estão encerrados, ás vezes, pequenos cristaes de feldspatho.

Na margem do rio Itahype e principalmente nas fazendas Luizia e Castel-Novo, apparece a pedra de cantaria do periodo secundario. Esta é ora de grã fina e de côr branco amarellada, ora de grã muito grossa, porosa, atravessada por fragmentos de grés ferruginoso, contendo, ás vezes, grandes intrusões de lisos seixos de quartzos rolados. — N. A.

## Madréporas

Foram exclusivamente madréporas, que observámos na referida lagôa (*Madrepora cavernosa*, *hexagona*, *astroites* Lam. e outras).

Tambem os bancos de conchas marinhas (82), ligadas com a *areia quartzosa*, apparecem nas proximidades. Não são, porém, utilizados por serem impuros e difficeis de quebrar.

A agua da lagôa, que tem mais de u'a milha quadrada de superficie, é actualmente dôce, provavelmente por causa do rio Itahype, que pouco a pouco expelliu a agua salgada restante, ou que a dulcificou.

A abundancia de pescado na lagôa reúne os moradores vizinhos, que, de tempos em tempos, d'elle se abastecem.

(82) Os bancos de conchas marinhas apparecem não só no continente, mas ainda, em maior extensão, no litoral.

Os casculhos só pertencem ás conchas marinhas de especie ainda existentes, como por exemplo: a *Ostrea edulis*, especies do genero, *Tellina* e *Faciolaria*. São geralmente pouco modificadas. Muitas vezes a substancia unitiva, a areia do mar, é tão abundante, que se pode utilizar esta rocha, que constantemente se forma, como material de construcção; mas, se é maior a quantidade de conchas, fabrica-se a cal.

Bancos de conchas já completamente transformados em marmore foram mencionados na comarca de Ilhéos pelo Snr. M. F. da Camara em seu trabalho, já por nós citado (Ensaio de descripção, fizica e economica da Comarca dos Ilhéos, pg. 308.), porém, não os observámos nos logares que visitámos.

A presença desses bancos de conchas, ainda de coraes, mesmo distantes muitas milhas da costa e toda a formação do solo, nessa latitude, parecem indicar que o mar ahí cada vez mais recua, depositando pouco a pouco no continente, o producto de suas profundezas.

Uma estada mais demorada nessas costas ter-nos-ia, talvez, proporcionado grande colheita, de diferentes especies de coraes.

As especies que colleccionámos na Lagôa do Almada, já por nós mencionadas, juntam-se ainda: *Madrepora Uva*, que ao lado da *Madrepora astroides* e *acropora* observámos nas aguas continentaes de Camamú.

Nas costas mais septentrionaes, principalmente nas de Porto Seguro e dos Abrolhos, costumam os pescadores, que ahí se occupam com a pesca e o preparo da Garoupa (peixe muito gostoso, que é salgado e exportado para longe), pescar, frequentemente, grandes e preciosos coraes. — N. A.

## Piabanhas, Acaris e Piaus

Costumam salgar ligeiramente os peixes (*Piabanhas*, *Acaris*, *Piaus*, etc.), depois de escalados, para fazel-os seccar ao fogo, sobre *giráu*.

Este modo de preparar, chamado *moquém*, na lingua geral, foi aprendido com os primitivos habitantes do Brasil, tendo-se ainda o cuidado especial de orientar os quatro lados do *giráu*, exactamente para os quatro pontos cardeaes. Não pudemos averiguar a razão de ser desta pratica.

Os indios do Almada affirmavam-nos conhecer, perfeitamente, as doze leguas de caminho da nossa actual morada para Ferradas, recentemente elevada á categoria de villa de S. Pedro de Alcantara.

Resolvemos confiar-nos á sua guia, para visitarmos aquella região.

O Snr. F. Schmid e um patricio nosso, o Snr. Scheuermann, que, vindo da Bahia, se achava hospedado em casa do primeiro, resolveram acompanhar-nos nessa empresa.

Então carregámos de mantimentos os indios, o nosso Custodio e um criado europeu; munimo-nos das mais necessarias armas, de facões e penetramos, seguindo cuidadosamente os passos do guia, na profunda escuridão da mata.

O terreno é muito desigual e nas regiões mais baixas, em parte pantanosas, a vegetação de *heliconias*, *rapatéas*, *bromelias* e plantas arborescentes, com folhas agudas, oppõe obstaculos quasi insuperaveis, ao proseguimento da viagem.

## Cobras venenosas

São frequentes pequenas cobras venenosas, que se encontram, ás vezes, escondidas nas cavidades dos pés de gravatás. Por isso o nosso guia evitou as baixas muito profundas.

Quanto mais subiamos as collinas, tanto mais limpa e desprovida de baixos arbustos encontravamos a mata.

Raramente vimos aflorar o granito nas ladeiras ou no leito dos riachos, mas, ordinariamente, uma camada espessa de barro escuro, quasi preto, cheia de numerosos fragmentos de raizes.

O capim e as ervas são raros nesse solo, porém, os troncos de especie de arvores não classificadas, se elevam magestosamente a uma altura de 150 pés, formando pela ramificação espessa abobada de folhagem.

Muitos destes gigantescos vegetaes se distinguem, ainda, pelas ramificações que se irradiam dos pontos mais baixos dos troncos, para apoiarem cada vez mais ao solo o immenso péso.

Essas irradiações, salientes na base do tronco, são tanto *prolongamentos delle para baixo, como o são das raizes para cima* e, não apenas raizes sahidas do solo, como á primeira vista se poderia pensar. Seu crescimento começa quando a arvore attingiu altura consideravel; são revestidas de epiderme e casca, como o resto do tronco, que está fóra da terra, porém, prolongam-se sempre para baixo, nas próprias raizes e são tantas, quantas as raizes principaes.

## Sapupema

Elevam-se, ás vezes, a uma altura de dez a doze pés; o tronco cilindrico assenta sobre uma piramide pro-

fundamente sulcada, o que difficulta bastante a derrubada, porque o machado tem de cortar, pelo menos, superficie dupla. Estas fórmas esquisitas de tronco, no Brasil, chamadas *cepo-apêba*, (corruptela de *Sapupema*, (83) isto é, raiz chata), são empregadas especialmente como taboas, para o que muito se prestam, por terem superficies planas.

Innumeras são as fórmas de plantas sarmentosas de hastes rectas ou serpentiformes, de *gravatás*, de *áruns*, de *fétos* e de magnificas *orchidéas*, que cobrem os altos troncos nos logares humidos.

Taes formas phantasticas, muitas vezes enganadoras, excitam a imaginação do viajante e, não raro, inculcem um sentimento de mêdo, para o qual predispõe o tetrico silencio das matas.

Do effeito que produzia a influencia constante dessa temerosa solidão sobre a alma humana, deram provas nossos guias indios.

Caminhavam á nossa frente, com passos curtos, apressados e pareciam ter todos os sentidos absorvidos no silencio do ambiente.

## O selvagem na mata

Cada lufada de vento, que movia as copas tranquilas, cada ruido que fazia um animal, era percebido pelos indios, que dirigiam para todos os lados os pequenos olhos eseuross e as orelhas acabanadas, apreendendo, de uma vez, todos os actos que se desenrolavam nesse grande espectaculo da natureza, através do qual passam, aproveitando-os consoante suas necessidades. Ora cha-

---

(83) Sapopema — raizes chatas, que se alargam e levantam em torno do tronco, e nelle deixam grandes espaços separados. — N. T.

mavam os papagaios dos galhos, imitando-lhes o grito, ora espiavam os esquilos que fugiam pelos ramos, ora pegavam uma paca ou coati, a entrar nas tocas.

Com agilidade apanhavam na madeira pôdre, enquanto andavam, larvas de grandes besouros, que consideravam excellente iguaria, ou quebravam uma haste nova de *costos*, para matar a sêde, chupando-lhe a seiva.

Assim, se utilizavam para seu proveito, de tudo que os cercava, e seguiam o caminho com segura presteza.

Posto que, para evitarmos as baixadas pantanosas, fizessemos uma volta aos outeiros, os nossos guias indios conservaram sempre fielmente a direcção tomada de S. S. E.

Orientaram-se, com segurança, através da immensa floresta.

Depois de termos descansado, ao meio dia, na margem granitosa de um limpido riacho da floresta e de terem os guias, por diversas vezes, usado o frasco de cachaça, surgiram entre elles varias duvidas sobre o *caminho mais curto, procurando então raciocinar, em vez de se guiarem somente pelo instineto, até aquelle momento dominante.*

Perderam a calma e a segurança.

Depois de nos terem guiado por algum tempo, quebrando, para não errar a volta, as pontas dos galhos por onde passavamos, paravam e cahiam em meditação melancolica, da qual só podiamos despertar-os pela affirmação de que a sua orientação estava de accordo com a nossa bussola.

### Sentido da orientação no selvagem

Assim, esses abandonados filhos das florestas mostravam, mesmo em seu proprio elemento, aquella fra-

queza mental e falta de confiança em si mesmo, que são as características do índio.

### Noite na floresta

Nesse interim anoiteceu; começou a chover lentamente e cada vez mais forte. De subito a noite nos envolveu com seu véo impenetravel. Fizemos alto perto de um riacho e, em poucos minutos, armámos o rancho que cobrimos com folhas de algumas palmeiras derrubadas, arranjando para leito espêssa camada de fétos.

Os indios construíram, cada um para si, abrigo semelhante, ou procuraram tirar grandes pedaços de cascas de arvores, com que se cobriram.

Estavamos bastante providos de mantimentos e de café, porém, nos esquecemos da vasilha para prepara-lo.

A capacidade inventiva dos nossos guias encontrou recurso para isso. Uma folha nova, inteira (*Patioba*), (84) da palmeira pati (*Cocos botryophora*, M. t. 83. 84), tendo cerea de quatro pés de comprimento, foi amarrada em forma de canôa por baixo de uma vara e, cheia de agua, foi collocada sobre o fogo.

Para admiração nossa, a agua chegou a ferver sem que a panella vegetal se arrebetasse, de modo que, em nossa ceia idillica, nos não privámos, nem mesmo, da reconfortante bebida arabica.

As fogueiras de bivaque, accêsas com o fim de nos proteger das feras, ameaçavam a cada momento se apagar, por causa da humidade do material combustivel; e, por não mais poder o nosso tecto de folhas resistir á chuva, passámos em claro a maior parte da noite.

---

(84) *Patioba*—pati=palmeira; ob=folha.

## Vagalumes

Com particular belleza e brilho appareciam os vagalumes (*Elater phosphoreus* e *noctilucus*, Fabr.), que, de vez em quando, enxameiavam ao redor de nós, principalmente quando cessava de chover. Esses animaes podem augmentar ou diminuir a luz phosphorescente, que se irradia de dois pontos amarellados do thorax, ora brilhante e avermelhada, ora pallida, como o luar. Transfixados por alfinête, conservam o brilho, por espaço de cinco a oito dias, até morrer. Abrindo estes pontos amarellos, o Dr. Spix convenceu-se de que a phosphorescencia emanava de um pequeno sacco, situado no thorax, cheio de substancia sebacea, semelhante ao phosphoro derretido, sobre a qual se espalham os ramos das trachéas do insecto. Elle é de opinião que os animaes, por incio das trachéas, fazendo entrar correntes de ar, podem, voluntariamente, augmentar ou diminuir a luz.

As pesquisas do Dr. Spix pareciam evidenciar não haver relações entre o órgão da phosphorescencia e os órgãos genitales.

## Cigarra

Outro phenomeno das florestas, que novamente nos chamou a attenção, foi o agudo ziozar de uma grande cigarra (*Tettigonia tibicen*, Fabr.), que se pode comparar ao som das pequenas cornetas de Nuremberg, que servem de brinquedo ás creanças. Esse ruido não provém do attrito das azas, mas da dilatação e contracção, determinadas por meio de fortes feixezinhos muscula-

res, de um aparelho proprio, em forma de tambor, situado no abdomen do animal.

### O nascer do sol na floresta

Ao nascer do sol observámos que sobre a floresta baixou densa neblina. Então, o nosso olfacto foi muito vivamente impressionado, pelas emanações das materias vegetaes em decomposição. Tacs effluvios mephiticos têm cheiro especial e infelizmente produziram logo, sobre o nosso companheiro de viagem, Snr. Schlüter, desaccostumado a elles, assim como sobre o nosso criado branco, recentemente chegado de Portugal, uma influencia malefica.

### Febre terçã

Ambos foram acomettidos de violento calefrio e febre terçã, que não mais os deixou, durante toda a viagem. Em geral, tacs febres são mais frequentes nessa região das florestas litoraneas; entretanto, não assumem caracter tão maligno, como as do interior do paiz.

Molhados e cansados, continúamos, até meio dia, a viagem através da floresta tão espêssa quão inhospita, por sobre montes, riachos e arvores pôdres cahidas. Emfim, os indios reconheceram algumas *picadas*, que nos teriam passado despercebidas, porque mais se assignalavam pela mutilação das arvores e dos arbustos, que pelo solo privado de plantas rasteiras. Chegámos a uma estrada larga, bastante limpa, em parte, e soubemos que

era a chamada estrada de Minas, ou do Rio Pardo, ha poucos annos aberta de Ilhéos, até aquelle ponto limítrophe de Minas Geraes, porém, actualmente, não mais transitada.

### Estradas de Minas ou do Rio Pardo

O fim dessa empresa, realisada pelo Snr. Marechal Felisberto Caldeira, que dispendeu quinze mil cruzados de sua propria fortuna, era fazer participar o litoral de Ilhéos, onde não ha criação de gado, da abundancia dos sertões da Barra da Vareda, Valo, Ressaque, etc., a leste do arraial do Rio Pardo, e, abrir caminho mais curto, menos sujeito aos incommodos da sêcca, da falta de agua e de mantimentos, para o transporte dos productos do interior para o litoral. Essa obra penosissima foi executada por parente do mencionado patriota Snr. Felisberto Gomes da Silva, mui digno official, que tivemos o prazer de conhecer na Bahia e cuja morte por mão traiçoeira, durante as desordens politicas de 1882, naquella cidade, nós e seus numerosos amigos devemos todos lastimar.

Em toda a extensão da estrada derrubaram a floresta, na largura de, pelo menos, vinte pés; removeram os troncos e arbustos; construíram ponte e seccaram fossos, trabalhos extremamente difficeis e perigosos.

Para animar o trafieo da nova estrada, que atravessa, em grande parte, florestas antigamente desconhecidas, habitadas pelos indios *Camacans*, se fizeram plantações de milho e mandioca. Tudo se empregou para tornar a obra de utilidade publica; porém, grandes obstaculos frustraram as bemfazejas intenções do emprehendedor patriótico.

## Conducção do gado

A pastagem nesta mata virgem é tão escassa que o gado, muitas vezes, chegava ao litoral completamente extenuado. Abi faltava a conveniente conducção para a Bahia. Os vaqueiros soffriam, frequentemente, de febres ou eram perseguidos pelos indios bravios. Todas estas circumstancias concorriam para que os sertanejos seguissem com suas boiadas e cavalhadas a estrada por Conquista, ou marginassem o rio Gavião, estrada essa mais comprida e sujeita á sêcca, porém, já bem praticada. Sua Alteza, o Snr. Maximilian von Neuwied, sentira quanto abandonada estava essa estrada dentro de poucos annos, quando por ella transitára até os limites de Minas Geraes.

Com poucas horas de caminho, tivemos ensejo de nos convencer dos rapidos progressos com que a vegetação zomba do esforço humano. Imaginámos, então, as difficuldades que nesse caminho soffreu aquelle augusto viajante.

## Villa de S. Pedro de Alcantara

O logarejo, que em honra ao actual Soberano do Brasil traz o nome de Villa de S. Pedro de Alcantara, chamado antigamente As Ferradas, consta de seis ou oito miseraveis choupanas de barro, de uma pequena igreja da mesma construcção, alguns telheiros abertos, onde, ao chegar, encontrámos três familias de *Guerens*, immigradas do Almada e alguns individuos, mulheres e crianças da tribu dos *Camacans* (85). Presentemente os

(85) *Camacans* de — *cuan* — *akan*, que significa: cabeça enrodilhada. — N. T.

ultimos constituem o grosso da população e contam cerca de sessenta a setenta habitantes. Numero igual morreu de febres malignas, ou se dispersou, logo após a fundação da aldeia. Nem mesmo encontrámos a população restante completa, pois, quasi todos os homens estavam, havia oito dias, numa excursão ás florestas de Minas, aonde foram buscar taquara, para suas flechas e uma planta, para envenenar as pontas das mesmas. Todos estes indios foram aldêados, graças aos esforços de um venerando sacerdote do convento dos Capuchinhos na Bahia, frei Ludovico Liorne, (de Livorno) e instruidos nas elementares doutrinas da Igreja, como tambem na agricultura.

### Fr. Ludovico Liorne

Se houvesse alguém capaz de conseguir converter aos sentimentos de mansidão e tornar susceptiveis á voz da religião esses irrequietos e incultos filhos da floresta, deveria ser o digno ancião.

Da nobre phisionomia desse homem, cujos cabellos e barba encaneceram no benemerito officio de pastor das almas, transpareciam tranquillidade e serenidade.

Seu porte nobre o exalçavam como um ser de especie mais elevada sobre os tímidos selvagens, que pela confiança nelle depositada, se preparavam para receber as primeiras scentelhas dos sentimentos religiosos. Se taes meios de humanizar não attingirem á meta, então se deve desesperar, em geral, da possibilidade de elevar á verdadeira condição de homem, esses decahidos filhos da America.

Ainda assim, quão insignificantes nos pareceram os progressos dos *Camacans* na cultura, quando o digno

missionario nos desenrolou, deante dos olhos, o quadro de sua vida e de suas acções!

Havia poucas semanas que u'a mulher, na raiva do ciume, matára o proprio filho; outra exhumára os restos mortaes do filho mui querido, ha poucos meses fallecido, raspára os ossos, cosinhára as partes carnosas, bebera o caldo e, de novo, enterrára os ossos limpos, envolvidos em folha de palmeira.

Que horrendos excessos de sentimentos, que ultrapassam quasi os limites do humano! (86)

A nação dos *Camacans* (às vezes escripto *Camacães* pelos portuguezes e tambem chamados *Mongoios*, *Mon-goyós* ou *Monxocós*) habita entre o Rio de Contas e o Rio Pardo.

O numero total é calculado em duas mil pessoas. porém, não pode ser este um calculo exacto, pois se acham espalhados em cabanas separadas ou em pequenas rancharias nas florestas e, em parte, mudam de residencia. Falaram-nos das florestas do rio Gravatá em Minas-Novas, como sendo a região por elles preferida e onde diziam existir seis aldeias.

## Rio Gongugi

Em Minas-Novas, nos foram elles citados entre as tribus que deviam habitar os desertos da fronteira leste e o interior de Porto Seguro; entretanto, lá foram contados entre as tribus menos espalhadas e extensas. Pa-

---

(86) Essa maneira citada, de se entregar á dôr, está em relação com os costumes de algum outro povo? Relativamente aos persas encontro mencionado um habito, o *akcheh*, que consta do seguinte: depois do nascimento de um filho, matam um cordeiro e preparam um caldo; amigos, parentes e pobres, delle se servem, porém, de forma alguma a mulher e o marido que recolhem, cuidadosamente, os ossos e os enterram em lugar limpo, perto de agua corrente. Morier. *Zweite Reise in Persien*, p. 116, da traducção.

rece mais provavel que, actualmente, o maior numero se ache collocado entre as nascentes do rio da Cachoeira e do rio Gongugi (87), um dos confluentes do rio de Contas. Uma parte mora mais para oeste, nas proximidades de Conquista, ao pé da Serra do Mundo Novo. A' Sua Alteza, o Principe Maximilian von Neuwied, que alli os observou em viagem, através das matas virgens de Ilhéos, assim como tambem a parte destacada delles, a que se chama *Menians*, na villa de Belmonte, devemos importantes informações sobre seus costumes e particularidades, as quaes concordam com o que a respeito observámos em S. Pedro de Alcantara.

Os *Camacans*, que lá vimos, nos pareceram uma raça humana robusta e sã, de thorax largo e musculoso, de côr escura, pardo-avermelhada ou côr de cobre.

### Camacans, Cariris e Sabujás

O tipo mais alto, dentre elles, media cinco pés e seis polegadas, segundo a medida parisiense. A phisionomia em nada differia da dos outros indios. senão talvez, por ser a fronte menos inclinada e mais alta que a dos *Cariris* e *Sabujás*, indubitavelmente mais decadentes. Não usavam cortar os cabellos, que eram de comprimento extraordinario e sempre em desalinho. Apenas em alguns homens existia barba e essa mesma pouca.

Em seus movimentos, todos possuiam aquella agilidade caracteristica e elegancia propria dos aborigenes americanos.

Os homens andavam completamente nus ou vestidos de calças curtas de algodão, forneidas pelo missionario.

---

(87) No texto Crugunby. — N. T.

## Tacanhoba

No primeiro caso, observámos que traziam sobre as partes genitae a *tacanhoba* (88) especie de cartucho feito de uma folha de palmeira (*patioba*). Notava-se que jamais deixavam de cuidadosamente amarra-la ou de muda-la, quando appareciam deante do missionario. Consideravam-se completamente vestidos e pensavam que assim absolutamente não feriam a moral.

As mulheres vestiam saias multicores de algodão e com prazer, se encarregavam dos diversos trabalhos e obrigações no lar do missionario christão, a quem se dedicavam com muito respeito.

## Industria dos selvagens

Sabiam fazer bem, saccoes de algodão e, de fibras de palmeira, *capangas de caçador e curtos aventaes quadrados*, que preferiam ás vestimentas europeas, collocando-os ao redor dos quadris.

Tingiam de vermelho todo este material com sementes de *urucú*, (*Bixa Orellana*, L.); de preto, com os frutos do genipapeiro (*Genipa Americana*, L.); e de amarello, com madeira (*Broussonetia tinctoria*, Kunth.).

Tambem sabiam fazer louças.

## Armas dos Camacans

As armas dos *Camacans* são arcos e flechas, que sómente na guerra costumam envenenar com o extracto

(88) *Tacanhoba* = *takonha* — membrum genitale; *eb* = folha. — N. T.

de uma trepadeira. Os arcos medem sete a oito pés de comprimento, tendo um sulco longitudinal na parte anterior. São feitos da madeira escura, de uma grande leguminosa — *baraúna*. As flechas, de quatro pés de comprimento, têm, como é eomum nas tribus indigenas, pontas simples ou em forma de arpão, conforme se destinam á caça grossa, á pequena, ou á guerra.

Para as caçadas de pequenos passaros servem-se tambem de uma flecha com cinco ou seis pontas

Uma vara espontada e bastante polida, de madeira avermelhada, é, ás vezes, entregue ao chefe na guerra, como bastão de commando.

## Patachós

Desde o anno de 1806, quando o Coronel João Gonçalves da Costa conseguiu pacifica-los, são indios considerados como amigos dos portuguezes. O odio mortal que reina entre elles e as tribus anthropophagas dessas regiões, os *Patachós* (*Cutachos*) e os *Botucudos*, aproxima-os dos portuguezes, não obstante serem, como todos os indios, desconfiados e timidos.

Não encontrámos, nessa tribu, costume algum pelo qual se distinguisse dos seus vizinhos, a não ser no modo de dormir.

Não usam rêdes, porém um *giráu* de varas, que foram de folhas seccas e pelles de animaes.

Este costume parece indicar que os *Camacans*, antigamente, não viviam nas matas, mas nas campinas, pois que tambem se encontra este costume em regiões outras do Brasil, por exemplo, nas Provincias de Pernambuco e do Pará, nos chamados *Indios camponezes*. Justifica-

se tal uso por ser mais frio o clima dessas regiões, assim como o das rêdes, pela humidade das florestas.

## Usos e costumes dos Camacans

Os indios *Camacans*, do sexo masculino, attingem a puberdade aos quinze ou dezeseis annos, porém, só mais tarde, é que costumam tomar mulher, a quem vigiam com muito ciume e castigam cruelmente, quando ha quebra da fidelidade conjugal.

Diversos pretendentes a uma noiva decidem a contenda por meio da seguinte prova: — vencerá quem alcançar maior distancia correndo e carregando um tóro de madeira, — pesando oito ou nove arrobas.

Possuem esta usança de commum com os *Cajapós* aos quaes muito se assemelham em outras coisas.

As mulheres, eujas regras nada offerecem de especial, têm partos faceis e, em vez de usarem a cadeira apropriada para esse fim, occultam-se na areia, á margem do rio, e findo o trabalho do parto, voltam immediatamente ás occupaões domesticas. Amamentam os filhos durante três a quatro annos.

Esses indios indistinctamente enterram os cadaveres das crianças em qualquer lugar, porém, os dos adultos são sepultados na mata e, ás vezes, de cócoras, segundo nos informaram.

## Crenças vagas e idéas da immortalidade

A sepultura é coberta com muitas folhas de palmeira e, de vez em quando, os indios collocam carne fresca em cima. Quando a carne é comida por algum animal

ou quando desaparece por outros motivos, acreditam que agradou ao morto e evitam, por muito tempo, o uso daquella qualidade de caça (89). Este habito, encontrado bastante diffundido na maior parte das tribus selvagens, pode confirmar que ha noção, embora muito vaga, da immortalidade da alma. Talvez esteja em relação com a ideia pouco desenvolvida da metempsichose.

Os *Camacans* attingem idade avançada. Vimos um homem de cem annos, cuja cabelleira basta ainda não era completamente branca, mas apenas grisalha.

## Doenças

A mortalidade augmenta na convivencia dos brancos. Succumbem, principalmente, de bexigas e de outras febres agudas. A colonia perdera, ultimamente, devido a essas doenças, parte de seus membros, por isso tivemos occasião de receber o esqueleto de um homem desta tribu. A principio receámos ferir as idéas e sentimentos dos indios com pesquisas de tal natureza, mas com espanto nosso elles mesmos trouxeram o que desejavamos.

(89) Devem ser muito obscuras as idéas que esses homens abandonados têm a respeito da immortalidade, se quizermos julgar pelas declarações de um indio, que perdera a mulher e fôra consolado pelo missionario.

Não era capaz de conceber uma separação da alma do corpo.

— A' pergunta: onde está, agora, sua mulher? Resposta: está na igreja onde foi enterrada.

Para lá desejava levar-lhe carne de porco ou outra qualquer comida, até que ella escolhesse o que mais a agradava.

Acrescentava que aos mortos aprazia, especialmente, a carne de cobra e, por isso, se evitava, com muito respeito, qualquer encontro com as cobras.

A' vista deste tão baixo grau de desenvolvimento intellectual, não nos devemos admirar que o piedoso missionario já se satisfizesse quando podia persuadir seu tutelado de visitar a igreja, onde as mulheres, prostradas no chão e os homens, em pé, immoveis como estatuas, mal podiam fazer idéa das formas do culto.

## Craniometria

O cranio desse homem caracterisava-se pela grande solidez e pelo peso da substancia ossea, pelo forte desenvolvimento do maxillar inferior e pela grande proeminencia das bossas frontaes, o que determina que a linha facial, traçada da junção inferior dos maxillares á extremidade superior do osso nazal, forme com o diametro horizontal da cabeça um angulo muito menor ( $68^{\circ}$ ), do que o formado com o referido diametro horizontal e uma das linhas tiradas pelas protuberancias frontaes ( $76^{\circ}$ ).

O rosto dos *Camacans*, não raro, mostra notavel desenvolvimento do labio superior.

O pescoço, curto e musculoso, não deixa sobresair a laringe. A par disso, a fala parece um murmurio indistincto e monotono, durante o qual os labios pouco se movem e as arcadas dentarias mal se tocam.

## Linguagem dos Camacans

Os sons nasaes e guturaes são muito communs na linguagem dos *Camacans*. A's vezes, as palavras, compridas e ligadas entre si, adquirem imprecisão esquisita na accentuação, surgindo o som, por assim dizer, do interior do peito, ficando, porém, abafado na bocca.

Dizem que a lingua, bem que pobre e acanliada, é muito energica.

Com as poucas palavras que possuem, os *Camacans* foram parcimoniosos, quando depois, ao penetrarmos em suas cabanas, desejámos informações sobre os diversos utensilios do seu pobre lar.

Um rapaz occupava-se em depilar as sobrancelhas de algumas crianças, desfiguração geral, contra a qual o missionario lutara, em vão, até aquelle momento.

Uma india desenhava arcos na fronte e nas faces de seus filhos e uma grande cruz vermelha no peito, porém, o interprete não conseguiu que nos dissesse coisa alguma sobre o motivo da escolha deste ultimo desenho.

## O urucú-orellan

Os *Camacans*, especialmente as mulheres, preparam a côr vermelha com as sementes do urucú (*Bixa Orellana*, L.), triturando-as na agua fria até que se precipite o tegumento colorido. Reduzem esta substancia, o *orellan*, a pedaços quadrados, que deixam secar ao sol e utilizam-na como tinta cosmetica, depois de moe-la de mistura com oleo de ricino ou com uma gordura animal.

## Agricultura

Os assumptos agricolas, em que são iniciados pelo pastor christão, cumprem tambem, especialmente, ás mulheres e, assim, têm sido plantadas diversas roças de milho e mandioca. Isto, entretanto, não satisfaz o abastecimento e, por occasião da nossa visita, o governo mandara fornecer, gratuitamente, no engenho S. Maria, dez arrobas de farinha de mandioca a cada pae de familia.

O estado precario em que se achava a colonia e especialmente as condições intransitaveis da estrada de Minas, (que foi o que motivou a colonização ali) fazem reccar que dure pouco tempo.

## Catechése

O venerando Frei Ludovico cogitava de, pessoalmente, penetrar nas florestas do oeste, para chamar ao altar os *Camacans* dispersos. Era, talvez, uma tarefa por demais difficil para o intrepido ancião.

Elle nos relembrava a idéa da humanidade em todo o seu esplendor, o que em vão buscavamos nos seus tutelados; tinha a alma em constante elevação, pela viva consciencia da dignidade do seu difficil mister, e, ainda mesmo na velhice, conservava enthusiasmo sufficiente para sentir as bellezas do divino Dante e do nobre Tasso, obras que, como thesouros da sua bibliotheca, nos mostrava com sereno prazer.

Taes factos diminuiam a aversão que sentiamos á influencia da Europa no Novo Continente, onde a nossa civilização semeou tantos elementos de destruição.

Compenetrados destes sentimentos despedimo-nos do excellente religioso.

## Rio da Cachoeira

Descemos o Rio da Cachoeira, na occasião, com muito pouca agua, até uma pequena correnteza, entre rochedos de granito: o Banco do Cachorro.

Novamente penetrámos na mata virgem (90).

---

(90) Nas florestas do Almada, futuros viajantes terão oportunidade de observar em floração e frutificação as mais notaveis madeiras brasileiras de construção e tinturaria, preenchendo assim uma lacuna sensivel, pois, até hoje, muito poucas dentre ellas estão classificadas. As chamadas madeiras ou paus de lei (cujo corte é prohibido aos habitantes ou só permittido em casos especiaes) apparecem como arvores de altura tão prodigiosa e de floração relativamente tão passageira, que ás tentativas do viajante para conseguir as flôres muitas vezes falham.

Jacarandá branco e preto, Aderno e Pau d'Arco são considerados como as melhores madeiras para chão; Vinhatico, Piqui e Putumujú são proprias para cons-

Ahi passámos uma noite chuvosa, debaixo de miseravel rancho.

Finalmente alcançámos as hospitaleiras cabanas do Almada, onde poderíamos ter demorado, não só pela franca amabilidade dos habitantes, como tambem pela riqueza da floresta em plantas notaveis. Desejavamos, porém, voltar para a Bahia na escuna que nos havia trazido a Ilhéos e logo nos teríamos despedido dos nossos patricios, se nos não tivesse sobrevindo obstaculo imprevisto.

## A fuga do guia

O indio Coroado Custodio, que havia oito meses nos acompanhava desde o Prezidio de João Baptista, em Minas, desaparecera, quando iamos partir. Voltara ás florestas de sua tribu, segundo informações, aliás equivoocas, dos indios do Almada.

truções hydraulicas, as duas ultimas principalmente para rodas d'agua; Sapucaia, Jequitibá e Jataby (Jatui) ou Quebra Machado são empregadas para grandes canoas em que os habitantes de Ilhéos navegam nos rios e tambem são exportadas para os estaleiros da Bahia; Angelim, Loiro, Giboja, Maçaranduba e Sucupira servem para construções de casas e moendas.

Páo de estopa (uma especie de *Lecythis*) fornece, em grande quantidade, estopa muito resistente e fibrosa, que serve para calafetar os navios.

De plantas officinaes existem: a noz-moscada, a biquiba (*Myristica officinalis*, Mart.), uma especie de pseudo salsaparrilha (*Herreria Salsaparrilha*, Mart.), e uma leguminosa (provavelmente do genero *Myrospermum*), que fornece balsamo bastante semelhante ao verdadeiro balsamo peruviano, que os selvagens trazem para o litoral dos Ilhéos, dentro das pixides novas da sapucaia. Mais frequentemente, porém, levam para Porto Seguro e Espirito Santo, donde é expedido para a Bahia.

Talvez pertença a essas florestas aquella arvore, por mim desconhecida, da qual se recolhe uma resina em pequenos pedaços de cor amarella, muito bonita e de grande transparencia, que nos mostraram na Bahia, com o nome de: Bren-Lacre do Sertão ou Breu de Imbirugú. E' esta mesma substancia que transformada em hastesinhas brilhantes, os selvagens do Rio Tocantins costumam trazer penduradas nas labios e nas orelhas.

Segundo as pesquisas do nosso amigo Dr. Buchner esta resina, não obstante sua cor e transparencia, não se presta para charão, porque é muito molle e, dissolvida em alcool, apenas forma uma camada insignificante. — N. A.

Provavelmente, a vista do estado primitivo dos *Camacans* lhe despertára os sentimentos de nostalgia, de que o consideravamos tanto menos capaz, quanto não só eram inequívocas as provas de dedicação que nos havia dado, como era, ao mesmo tempo, grande o desejo de ver o paiz, onde, como costumava dizer, todos os homens eram pallidos e usavam calças.

### **Poder do atavismo**

Nesta resolução de nos acompanhar para a Europa havia grande parte de vaidade, porque muito se ufanava da admiração que iria causar. Entretanto, como ficou demonstrado, taes considerações nada conseguiram contra o poder dos velhos habitos e do atavismo do pensamento.

Durante alguns dias mandámos procura-lo pelos indios. E, como estes não no trouxessem, vimo-nos forçados a desejar-lhe feliz viagem, pela estrada deserta, que vae para o Rio Pardo.

Deixámos o nosso amavel hospedeiro; viajámos pelo Itahype abaixo e, depois de um dia de penosa viagem por causa da pouca agua existente no rio e do calor oppressivo, chegámos á Villa de S. Jorge, onde, com grande pesar, não mais encontrámos a escuna, por não havermos chegado no prazo marcado.

### **Naufragio dos colonos suissos e hollandêses**

No porto estava uma lancha muito pequena, que nos foi offerecida para voltarmos á Bahia. Era a mesma

embarcação, que ha pouco havia conduzido para Mucuri uma colonia de familias suissas e hollandêsas sob a direcção do Snr. Freireiss; abalroára num arrecife das proximidades de Porto Seguro e fizera agua, tendo, porém, as pessoas chegada ao ponto de destino, com perda apenas de carga.

A narração deste desastre, que nos serviu de mais uma prova das muitas infelicidades dos colonos allemães no Brasil, não recommendava a viagem de mar, precisamente na occasião em que na costa reinava o noroeste.

Por esse motivo, depois de termos esperado, em vão, durante muitos dias por outra lancha, resolvemos voltar para a Bahia, a pé, pela costa.

Antes de empreendermos essa viagem, tivemos occasião de ver a maior parte da população reunida numa festa nacional, durante a primeira semana do anno (91!).

(91) A festa, nos primeiros dias do anno, que presenciámos na Villa de Ilhéos, é, provavelmente, analoga aos divertimentos populares, porventura restos das Saturnaes, que se celebram no Pais de Galles, durante a semana do Natal e nas quaes São Jorge e seu adversario pagão falam em verso. Semelhantes representações tambem são desempenhadas em verso, no norte da Inglaterra e na Escocsia, pelos chamados *gwizards*, que vão de casa em casa e representam o adversario pagão, comicamente com o nome do animal de gala.

Os actores brasileiros, porém, não se mostraram tão eloquentes como se diz serem os actores populares inglêses. Só no banquete festival tornaram-se mais e mais ruidosos, acompanhando a musica da dança com estrophes destacadas de canções populares.

Cantam, ordinariamente, acontecimentos da propria terra, ás vezes de invenção do proprio dançarino.

Grande numero dessas estrophes são muito chistosas, outras, porém, lascivas. Ouvimos acompanhar o *Landum*, entre outros, dos seguintes versos:

Entendo, que Vossa Mercô m'entende,  
Entendo, que Vossa Mercô m'engana,  
Entendo, que Vossa Mercô já tem  
Outro amor a quem mais ama.

Tambem os seguintes versos, que já fizemos conhecer no appendice musical, ouvem-se cantar na Provincia da Bahia, em danças semelhantes.

Huma Mulata bonita não carece rezar;  
Abasta o nimo, que tem, para sua alma salvar.  
Mulata, se no mundo pudera formar altar,  
Nelle te collocaria, para o povo te adorar,

## Alardos festivos

Rapazes fantasiados de mouros e de cavalleiros christãos, acompanhados de musica de pancadaria, atravessavam as ruas até a espaçosa praça, onde se achava implantada uma arvore, ornada com as armas portu-guêsas, semelhante a arvore de Maio allemã.

Um combate violento entre os dois partidos proporcionava ensejo ao cavalleiro fantasiado de S. Jorge, de fazer brilhar as fidalgas virtudes do padroeiro de Ilhéos.

Os dois partidos esqueciam, segundo o costume verdadeiramente romantico, suas hostilidades num banquete ruidoso, festejado pela dança lasciva — *lundú* — e pelo immoral batuque (91 A).

A 6 de Janeiro de 1819, deixámos o pobre logarejo, lindamente situado, e seguimos a pé pela costa, em direcção ao norte.

Atravessámos, em canôa, a foz do rio Itahype e caminhamos ao longo da costa interminavel.

O Oceano, com bramido ritmico, rolava immensas ondas sobre as dunas e molhava, de vez em quando, as nossas pegádas.

Atravessámos diversos riachos fundos, que serpçavam por entre a areia para o Oceano.

---

(91 A) Tambem a Tonda (acompanhada com o bater dos pés) e a Bahiana são, na Provincia da Bahia, danças nacionaes que se assemelham ao *Landum*, de rythmo, porém, diverso. Todas estas danças voluptuosas são acompanhadas pelos dançarinos, por um sibilar sempre crescente, estalidos de lingua, gemidos e palavras entrecortadas. — N. A.

## Testudo Midas

Num desses encontrámos uma grande tartaruga do mar (*Testudo Midas* L.), provavelmente, occupada na escolha de logar onde pudesse pôr ovos, pois escapou ás nossas perseguições, arrastando-se apressadamente para a agua e mergulhando, o que, provavelmente, não teria feito, se estivesse pondo, porque é sabido que esses animaes não se perturbam na occasião da postura. Os ovos não são, como dizem, tão gostosos como os da grande tartaruga fluvial, que nos foi tão util, durante a viagem pelo Rio Amazonas.

Pouco a pouco anoiteceu e a viração fresca e viva soprou, com gaudio para os viajantes cansados.

A lua surgiu brilhante no firmamento limpido e as labarêdas dos roçados distantes, nos quaes se queimavam as florestas, enrubeciam o céu, nos longes do poente.

## Saudades e recordações da Patria

Assim caminhavamos pela agradável fresca da noite, com o coração dividido entre os gozos indiziveis de uma noite tropical e as felizes recordações da patria, para a qual o Oceano, com sua intermittente voz de trovão, nos fazia volver o pensamento.

Felizes daquelles a quem o viajante pela narração de taes momentos recorda semelhantes vibrações da alma!

A's duas horas da madrugada, chegámos á pequena fazenda Memoam e não foi de balde que pedimos agasalho.

Entre bosquezinhos de palmeiras da praia (*Diplazium maritimum*, M. t. 77.), na encosta de uma

collina espêssamente revestida de arvores, encontram-se cabanas baixas, cujos inoffensivos habitantes, descendentes de índios e brancos, vivem da pesca.

### Ponta do Ramos

Pela fresca da manhã, depois de termos caminhado legua e meia, encontrámos outra colonia de índios mansos na Ponta do Ramos.

Elles sabem fazer, com as fibras da palmeira *tucum* e de um gravatá, excellentes rêdes de pesca, bastante apreciadas em todo o paiz.

Uma india, provavelmente a Hygea dessas regiões, compadeceu-se do estado de saude do nosso amigo, o Snr. Schlüter, e preparou uma beberagem com o succo de um pequeno limão verde, sal e agua.

O effeito deste remedio foi tão feliz, que cortou o accesso de febre vindouro.

Meia legua ao norte da Ponta do Ramos, eleva-se u'a montanha de cerca de 600 pés de altura; avança para o mar, que nella se quebra com fragor, e é pelos habitantes chamada de Serra Grande.

### Serra Grande

Chegados á planicie norte, continuámos nosso caminho nessa direcção, ora por sobre dunas, onde florejavam Surubéas de caules esquisitos, Kielmeyeréas grandifloras e arvores do balsamo (*Kielmeyera corymbosa* e *Humirium floribundum*, M. Nov. Gen. t. 72 e 199.) ora por entre palmeiras da praia, cujos côcos, maduros nessa época, attrahiam as araras e outras aves.

## Conchas

Na praia encontrámos numerosas conchas (*Murex Trapesium* e *Morio*, *Donax cuneata*, *denticulata*, *Maetra striatula*, *Voluta hispidula* e *Oliva*, *Lam*, etc.) e seixos de quartzo de tamanha transparencia, que, á primeira vista, simulavam topazios.

Mais notavel ainda para nós era a existencia de poderosos bancos, tendo 5 a 6 pés de altura, compostos de substancia molle e preta como carvão (92), que comprimida entre os dedos os ennegrecia e observada com cuidado, se revelava composta de carvão e grãos de *quartzo*.

## Carvão de pedra

Para os naturalistas que admittem formação autonoma do carvão no mar antediluviano, seria esse phenomeno de altissimo interesse, se isoladamente observado; mas, como já tivessesmos observado a existencia do carvão de pedra de excellente textura vegetal, abaixo do nivel do mar, proximo á Bahia, era facil explicar aquelles bancos: são camadas de carvão, quebradas pelo mar e unidas á areia da praia.

Se bem que em nossa viagem, prolongada até muito depois do sol posto, nos vissemos novamente cercados

---

(92) O aspecto dos estensos bancos de carvão de pedra desfeito, e conglomerado com a arêa do mar, situados entre a Serra Grande e a fazenda Tejuipe, comparado com o apparecimento de ricas jazidas de bellissimo carvão follaceo nas immediações da embocadura de Tapagipe e de um lignito, no grês carbonifero que, mui perto da cidade da Bahia, se acha depositado sobre rocha de hornblenda e granito, apparecendo immediatamente na praia, levão a concluir que a formação carbonifera ahí prepondera, em grande estensão; e, pesquisas mais minuciosas, relativas ao carvão de pedra utilizavel, terão resultado favoravel.

de todo o esplendor de um luar tropical, sentimo-nos tão cansados pela marcha na arêa frouxa, que chegámos á fazenda Tejuipe, indifferentes a todos esses encantos, e ahí, passámos o resto da noite, cruelmente perseguidos por numerosos mosquitos.

### Villa do Rio de Contas

O terceiro dia de viagem, que terminou como os precedentes, nos conduziu á Villa da Barra do Rio de Contas, geralmente chamada Villa do Rio de Contas.

Esse lugar é um dos mais novos do litoral.

O escrivão da municipalidade, (93) em cuja casa fomos amavelmente hospedados, mostrou-nos o documento da fundação, datado de 27 de Janeiro de 1732 e assignado pela Senhora D. Anna Maria de Athayde, donataria do que outrora constituia, e ainda hoje forma, a Capitania dos Ilhéos.

Apezar da boa situação, de ter grande ancoradouro com calado para escunas, sumacas e outras pequenas embarcações e do solo fértil dos arredores, a villa só lentamente cresce em população e riqueza.

Nosso hospedeiro, que como escrivão da camara, se julgava competente em assumptos de economia nacional, queixou-se da falta de cuidado no fornecimento de escravos baratos para os colonos.

Na sua opinião, seria de interesse para o governo adiantar aos recém-vindos de Portugal esses capitães

---

(93) Nas villas brasileiras o escrivão é geralmente a autoridade que possui alguns conhecimentos dos negócios jurídicos, pelo que, muita vez, também se occupa do cartorio dos orphãos e, communmente, é encarregado por muitos annos ou por toda a vida, enquanto os demais: o thesoureiro, o procurador da Camara, os três vereadores e o juiz ordinario são eleitos annualmente. Havendo dous juizes ordinarios revezam-se mensalmente.

vivos, pois, como brancos deviam ter o direito de não lavar a terra com as próprias mãos.

Procurou convencer-nos de que os habitantes, sob pena de morrerem de fome, eram forçados ao trabalho exclusivo de pesca, visto como, segundo a letra da lei, não podiam occupar-se da agricultura, senão proporcionalmente ao numero de escravos que aliás não possuíam.

Semelhantes opiniões, que frequentemente se ouvem no Brasil, indicam o gráo em que se acham a industria e a burguesia. São tanto mais singulares, quanto não raream as pretensões democraticas, certamente precoces.

Neste ponto tem o Rio de Contas largura consideravel: gastámos sete minutos, numa pequena canôa, para attingir a margem opposta, que fica ao norte.

Na fóz do rio estavam fundeadas diversas pequenas embarcações e uma escuna com destino á Bahia.

Esses navios levam dos districtos do alto Rio de Contas para a Capital, um pouco de toucinho, fumo, couros e pelles; em troca, trazem os generos de necessidade da Capitania.

O rio acima só é navegavel no percurso de algumas leguas, porque para leste, ha logares rasos e pedras, com pequenas correntezas.

Ao norte da Barra do Rio de Contas até a villa de Maranhú, se estende uma costa plana e arenosa.

## **Pulsações do mar**

Ahi chegámos ao amanhecer e, apreciando um magnifico nascer do sol, caminhámos pela praia, divertindo-nos em observar as pulsações do mar, cujas septimas e decimas primeiras ondas nos pareciam attingir á maxima altura.

## Marahú

Marahú (94) está situado na margem sul de um braço de mar, cerca de meia legua de largura, começando ao norte da grande Bahia de Camamú e cercado para leste, de restingas baixas, em parte completamente desertas.

Na ponta norte, um tanto elevada, dessas restingas, Ponta do Mutá dos navegantes, existia antigamente uma pequena fortificação, hoje abandonada.

A villa, onde chegámos depois de algumas horas de viagem, não tem importancia. Pouco tem augmentado a população nos ultimos decennios e pouco tem progredido, apesar de cercada de fertilissimos terrenos.

## Lavoura do cacaeiro

Em sua parochia se contam cerca de 1600 homens, entre os quaes muitos de procedencia indigena. As melancias, afamadas pela doçura, são exportadas para a

(94) Sobre Marahú diz o Dr. Alfredo Martins:

"Marahú, séde do municipio, é situado á margem direita do estuario de Marahú.

A povoação foi elevada á freguezia em 1717, desmembrada de Camamú, e foi elevada a villa em 17 de Junho de 1761.

Villa de pequeno commercio, tem duas igrejas, a Matrix cujo orago é S. Sebastião e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

A população é de 3693 almas.

O municipio possui a fabrica da Companhia Internacional de Marahú, que produz brasolina, (oleo proprio para queimar) velas, acido sulphurico e sabão: occupa cerca de 450 trabalhadores, tendo um capital de 10.000:000\$000, é situada na povoação chamada Petrolca; além desta povoação, tem as de Quitunço, Tremembé e Barra.

Antes do estabelecimento da fabrica, a producção do municipio era piçaba, estircas, farinha, pouco cacau e frutas.

O commercio faz-se com a capital por lanchas. Hoje além dos productos da fabrica o municipio pouco produz."

Isto foi em 1893; hoje, com a extincção da Companhia Internacional de Marahú, o logar está decadente. — N. T.

Bahia. Além disso, a região produz farinha de mandioca, arroz, feijão, milho e muito se presta á lavoura do cacauero, em virtude da grande humidade do clima, pois, é raro se passarem quinze dias sem chover. Como relata M. F. da Camara, (95) o ouvidor da Comarca em 1780, que então residia na vizinha villa de Cayrú, e ao mesmo tempo tinha a fiscalização sobre o córte das especies de madeiras pertencentes á corôa (madeiras de lei), era tambem o encarregado do plantio do cacauero. Essa cultura teve inicio feliz; porém, actualmente, quasi não existe mais vestigio della nas villas maritimas da Comarca, apenas encontrando-se, como em Camamú, alguns pés de cacau, cujo aspecto florescente demonstrava, sem duvida, sua adaptação facil á região.

Algumas canelleiras, plantadas naquella epoca, pareciam desenvolver-se bem.

## Barcellos

Na outra margem do braço de mar, que largamente invade o continente, está a pequena villa de Barcellos, que visitámos no mesmo dia, na esperanza de podermos embarcar para a Bahia. A metade dos actuaes habitantes, cerca de 150, são indios mansos.

Ha dois juizes: um escolhido dentre sua propria gente e o outro dentre o restante da população.

Mostram grande obediencia á administração municipal, que data do tempo dos Jesuitas. Assim, não foi sem proveito, que nos dirigimos ao chefe, da mesma côr, para conseguirmos uma canôa bem tripulada, que

---

(95) Ensaio de descripção fizica e economica da Comarca dos Ilhéos, nas Mem. Economicas da Acad. R. das Sciencias de Lisboa, Vol. I. 1789, p. 316. - N. A.

nos levasse a Camamú, porque o navio guarda-costa esperado não havia chegado. Offereceram-nos, em verdade, de muito bom grado, para pernoitar, uma casa situada na parte alta da villa, sobre uma collina coberta de capoeira e convidaram-nos para uma dança festiva, que os indios iam realizar em honra a um santo português, S. Gonçalo de Amarante. Preferimos, porém, aproveitar a vazante, que começava, para alcançarmos, ainda durante a noite, a villa de Camamú.

As experiencias anteriores nos tinham convencido de que uma prolongada demora entre esses indios do litoral, não só não nos informaria sobre a lingua primitiva e sobre os costumes dos seus antepassados — os *Tupiniquins* —, como tambem não nos forneceria observações outras interessantes; pelo contrario, a vista deste estado de meia cultura, no qual os males da civilização ainda são maiores do que os beneficios, transformara a nossa curiosidade em aborrecimento.

## Colonias de indios

Assim, pois, não quizemos visitar as outras colonias indigenas que podiamos encontrar no caminho perto da costa: em Serinhehem, Valença, Jiquiriçá e Nazareth das Farinhas.

As primeiras destas duas villas de indigenas pertencem ainda á Comarca dos Ilhéos; as outras, limitadas ao sul pelo rio Jiquiriçá, á da Bahia.

Iamos largar do porto de Barcellos, quando nossos indios, que já haviam tomado os remos, subitamente deixaram a canôa com grande alarido e correram em perseguição de um animal, que appareceu entre os mangues.

Era um *guaximim* (*Procyon cancrivorus*, Ill.), que costuma espiar as praias, á tardinha, para pegar os camarões e caranguejos, que na baixa mar ficam entre as raizes dos mangues do litoral.

## Villa de Camamú

Só com difficuldade reunimos, de novo, os remadores da canôa e viajámos, beirando a praia, em direcção ao norte, até que, á meia noite, chegámos á Villa de Camamú (96), molhados pela chuva e pela agua que penetrava na canôa.

---

(96) Quizera, a proposito de cada logar visitado por Martius, dar algumas informações, se não receasse com isto entediar o leitor destas minhas desvaliosas, e despretenciosas notas; entretanto, de referencia a Camamú, onde tive a dita de nascer, direi algumas palavras.

Como a cidade de Camamú, outras muitas localidades bahianas tão ricas e futuras jazem esquecidas, abandonadas e até ignoradas. E algumas já foram bem prosperas.

A Comarca de Camamú terá sua epoca, assim como vae tendo a de Ilhéos, que lhe não é superior em cousa alguma.

Que linda bahia, que apraziveis ilhas e, como remate a tantas bellezas, — que soberbo panorama o de seu estuario descortinado do alto da Cidade!

São de indescriptivel encanto as marinhas, os espetaculos do nascer e pôr do sol, com as fugazes cambiantes de luz a se reflectirem por sobre o Oceano e a farfalhante copa dos coqueiraeis agoitados pela viração, as phantasticas miragens representando ilhas e arrecifes suspensos das aguas e o continuo zour das ondas a se desfazerem em franjas de branca espuma, orlando as praias.

Seria para desejar que na estação do estio os habitantes desta Capital por lá pudessem veranear, assim como no Morro de S. Paulo, se para isso contassem com segura, confortavel e rapida navegação a vapor.

Ter-se-ão muitas estações balneares iguaes a Guarujá em Santos e, certamente, superiores a Pocitos, em Montevideo.

Era filho de Camamú o Cons. Ramiro Affonso Monteiro, uma das glorias da Faculdade de Medicina da Bahia, onde por longos annos illustrou, sempre com maior brilho, a Cathedra de Clinica Medica.

Tambem nasceu em Camamú o illustrado e humanitario clinico Dr. Alfredo Martins da Silva, que deu grande impulso e desenvolvimento, infelizmente desaparecidos depois de sua morte.

Da Pequena Geographia da Comarca de Camamú, trabalho do Dr. Alfredo Martins, publicado em 1893, faço as seguintes citações:

“Cidade de Camamú, situada á margem esquerda do rio Acarahy, aos 13° 53' 27” de latitude Sul e 5° 37' 40” de longitude Este (meridiano do Rio de Janeiro).

A Bahia de Camamú que deo o nome á Comarca e á Cidade é a segunda em vastidão no Estado da Bahia e a terceira do Brasil; modo da Ponta dos

Esse logar é, sem duvida, o mais importante e o mais populoso de toda a costa da Bahia, ao sul da Capital.

Contam-se na villa para mais de 6000 pessoas, havendo, proporcionalmente, muitos brancos e poucos indios.

Castelhanos á do Mutá cerca de 26 kilometros e tem de fundo 33 kilometros; tendo na maior largura, da Cachoeira Grande ao Cauby 94 kilometros".

Posse muitos canaes, portos, rios e ilhas dentro as quizes se destacam a Ilha-Grande de Camamú muitissimo aprazivel e a ilha de Quiepe, fóra da bahia, dividindo a entrada em duas barras: a do Norte e a do Sul.

Na ilha de Quiepe existe um pharolête com luz de acetyleno e carga para muitas semanas.

A luz é branca e de curtos lampêjos intermitentes. O terreno para o assentamento do pharolête foi offerecido ao Governo Federal pela Viuva do Dr. Alfredo Martins, por influencia do Capitão de Corvêta Nuno Alvares Pirajá da Silva.

Fronteira a Quiepe está a Barra-Grande.

Quando ahí estivo ainda pude ver as ruinas de uma antiga fortificação, talvez uma bateria.

Ignorava a existencia de fortificações na ilha de Quiepe e de um pequeno forte na ponta do Mutá, o que só vim a saber depois da leitura da Corographia do Snr. Domingos Rebello.

Julgo que talvez de futuro sejam estas contribuições de algum valor para o estudo das antigas fortificações da Bahia. Assim diz o Sr. Rebello: "Ilha Quiepe, que tem alguma fortificação abre duas barras desiguas para a Bahia de Camamú, a qual está pouco mais de meia legua ao Norte da mencionada ponta do Mutá e cinco leguas ao Sul da Boypeba.

Ilha de Camamú ou das Pedras, está perto de duas leguas ao Poente de Quiepe, quasi no centro da Bahia de Camamú, cuja ilha é de figura circular, alta, provida de agua, com mais de meia legua de diametro e bem povoada. Esta ilha, que fica defronte da entrada do rio Acrahy, que vem do Poente e da embocadura do rio Marahú, que vem do Sudoeste, he hoje quasi só conhecida pelo nome de ilha das Pedras, alludindo ás do seu primitivo nome, pois que só nella se encontram (pedras) e com abundancia.

Estas pedras são de cõr ferruginosa, pesadas como chumbo e facels de trabalhar; algumas têm vênias de prata, mas em pouca quantidade, que não íaa conta continuar sua extracção.

Os pescadores da costa do Sul fazem dellas as chumbadas de suas rêdes o lhas.

Ilhas dos Tubarões está a três leguas a Noroeste da Ilha de Quiepe e é maior que a ilha de Camamú, baixa, abundante de agua, com muitos coqueiros e outras lavouras e grande povoação. Fica perto da embocadura do rio Serinbaen".

Esta ilha é bastante desgastada pelo mar, especialmente a parte fronteira á entrada da barra.

Em 23 de Junho de 1850 foi a Camara de Camamú desmembrada da de Ilhéos e constituiu uma nova, com os termos de Camamú, Marahú e Barra do Rio de Contas.

Em 8 de Agosto de 1881 foram os termos de Marahú, Barcellos e Rio de Contas desmembrados da Comarca de Camamú para organizarem outra nova, a Comarca da Barra do Rio de Contas, só installada em 1889.

## Acarahy

A margem septentrional do Rio Acarahy, onde está situada a villa, eleva-se em collinas alcantiladas, das quaes se goza bella vista sobre o grande estuario, distante uma legua, mais ou menos, da Bahia de Camamú.

Ainda em 1890 foi a Comarca de Camamú despojada do termo de Santarém elevado a Comarca, ficando Camamú comarca de um só termo.

Com a reforma judicial de 3 de Agosto de 1892 ficou a Comarca de Camamú composta dos termos de: Santarém, Igrapiuna, Camamú, Barcellos e Marahú, que formam municípios, tendo por sede a Cidade de Camamú.

Em 1893 a população da Comarca era avaliada em 27.321 almas. O município constava de uma só freguezia: a de N. S. da Assumpção.

A freguezia criada por Carta Regia de El-Rei D. Sebastião em 1576, foi elevada a villa com a criação do município a 22 de Maio de 1693, por Carta Regia de D. Pedro III de Portugal e elevada a Cidade por acto do Governador Dr. José Gonçalves da Silva, a 22 de Junho de 1891.

A freguezia foi propriedade dos Jesuitas, que fundaram a povoação. Em 1893 possuía o município uma população de 13.028 almas e as seguintes povoações: Acarahy, Pinaré e Arraial da Conceição.

Aos sabbados fazem-se feiras no Acarahy e Pinaré.

Algumas destas feiras são hastante concorridas, principalmente nas vespersas das grandes festividades do anno.

O principal artigo de produção era a farinha de mandioca; hoje, porém, com o desenvolvimento da lavoura do cacau, vae este genero figurando em quantidade mais avultada, e aquelle tendendo a decrescer na exportação de Camamú.

O cacau é do proprio município, vindo tambem algum do Rio de Contas.

E' de lastimar que as perigosas estradas, mormente na inverno, impossibilitem quasi por completo o transporte dos generos de exportação, constituindo mesmo verdadeira temeridade o viajar escoteiro.

Assim é que os agricultores do interior preferem remetter o cacau para os entrepositos á margem do Rio de Contas, donde é depois transportado rio abaixo, por canoës, até o logar chamado Pancada.

Dahi para a Capital é o transporte feito por lanchas e barcaças.

Além da farinha de mandioca e do cacau, o município produz milho, côcos, azeite de dendê, piçaba, abacaxis, bananas, madeiras, ipecacuanha, etc.

O fumoahi prospera.

Bem que em pequena quantidade, o café tambem figura entre os generos de exportação já mencionados, e, como se vê da minuciosa narrativa do sabio *Martius*, de longa data se faz o plantio do café em Camamú, cujas terras fertilissimas nada deixam a desejar.

A par da fertilidade do solo está a riqueza mineral.

Poderosas jazidas de turfa, schistos betuminosos, lignito e asphalto lá se acham, desafiando os competentes a lhes demarcarem os limites e calcularem o valor.

Até hoje não se encontraram os depositos, fontes de petroleo; entretanto, nas margens dos rios e por sobre as aguas dos pantanos, muitas vezes se nota evidente camada de petroleo.

Diz o Dr. Alfredo Martins:

Varios indícios: pequenas ilhas, muitas vezes pedregosas e cobertas de alguns *cactos*, ou recifes completamente estereis, muitos bancos de coral, em parte, quasi descobertos e toda a formação do litoral fazem crer que, em tempos mais remotos, o nivel da agua era mais elevado.

"No municipio de Camamú existem petroleo e carvão de pedra na parte leste, conforme diz José Francisco Thomaz do Nascimento, que descobriu em 1854, já se tendo verificado vestigios de naphia transudando pelas fendas das pedreiras, nas margens do rio Acaraby.

O solo é argiloso e em alguns logares tem kaolim amarellado.

Nas ilhas Grande e Pequena de Camamú existe ferro".

Isto mesmo já mencionei citando Domingos Rebello.

Diz o Snr. Ignacio Ferreira que os schistos amarellos são proprios para a fabricação da naphthalina.

Todas as vezes que se torna opportuno, volto a insistir sobre o carvão de pedra na Bahia, chamando a attenção para tão importante assumpto, por considerar possivel a existencia de jazidas, não só nas proximidades da Capital, no districto de Pirajá, Rio Coagepe, etc., mas, ainda, e com maiores visos de possibilidade, no sul do Estado: Camamú, Murahú, etc.

Mereceria para mim a sagração de verdadeira data nacional o dia em que se descobrissem ricos jazidas de bom carvão de pedra, podendo abastecer todo o Brasil e libertando-o, assim, de mais esta escravisação ao commercio estrangeiro, que lhe tem custado tantas fabulosas e amargas humilhações.

A riqueza florestal é admiravel; mas, infelizmente, vae sendo desbravada sem obedecer a uma orientação superior e intelligente, que venha esclarecer os ignorantes e refrear aquelles que têm como divisa: "*Après moi le déluge!*"

A cidade de Camamú é edificada parte no alto e parte no sopé da collina.

A Igreja matriz, de N. S. da Assumpção, Padroeira de Camamú, é o maior templo da cidade e passa, actualmente, por serios reparos promovidos por alguns filhos do logar, auxiliados pelos donativos de seus conterraneos. Tem mais duas Igrejas: a de Senhor do Bomfim e a de S. Benedicto.

Consultando o precioso trabalho da Padre Simão de Vasconcellos "*Chronica da Companhia de Jesus e do Estado do Brazil*" encontrei a seguinte informação sobre a historia da fundação de Camamú: "Em Novembro do mesmo anno (1561) passou o padre Provincial a empresa para a parte do Sul; e na passagem chamada Macamamú, deseseis leguas da cidade, fértil de terras, abundante de rios, fundou a quinta povoação de muitos mil arcos, congregados de outras mais pequenas de logares distantes e quasi inacessiveis e poz-lhe o nome por N. Senhora da Assumpção, presidindo-a de dois religiosos, com todas as outras".

Explicando a etymologia da palavra Camamú, diz Martius no seu trabalho "*Beitrag zur Ethnographie und Sprachenkunde Braziliens: Camamú (Bahia)? — an (Caa-cama-nú) arbor Myrtacea, fructu globoso eduli?*"

Mais plausivel é que seja uma corruptela de Macamamú, tribu de selvagens habitantes da região, Indiens Tupiaquina macamamus, como diz Mouchez.

Camamú enviou soccorros á cidade de Lisboa por occasião do terremoto, no tempo do Marquez de Pombal.

Quando da invasão hollandesa foi saqueada por corsarios desta nacionalidade.

De referencia a Camamú escreveu o historiador brasileiro Francisco Adolpho de Varnhagem em sua monumental Historia Geral do Brasil:

Camamú exporta para a Bahia: muita mandioca, arroz, milho e consideravel quantidade de café.

A casca de mangue, de importancia para o cortume devido á grande riqueza em tanino, é extrahida dos manguesaes do litoral da Bahia de Camamú e exportada para a Bahia.

## Mangues

No Brasil distingue-se o mangue vermelho do mangue branco; aquelle (*Rhizophora Mangle*. L.) dá a melhor casca de cortume, em pedaços grossos e pesados; este (*Avicennia nitida*, *tomentosa* e *Conocarpus erecta*, L.) dá pior casca, em pedaços mais delgados.

O uso destas cascas, quer para o cortume, quer para colorir de vermelho escuro as louças de barro, quando cozidas, parece ter sido importado das Indias Orientaes pelos portuguezes, visto como, informam Rumph e Reede, são lá empregadas para o mesmo fim.

O pó da casca do mangue vermelho é tambem applicado em cataplasma, para revigorar a tonicidade das partes enfraquecidas.

---

"Koen se viu, pois, obrigado a partir com os navios que consigo tinha, no dia 1.º de Outubro (1640) e passou as aguas da Bahia, informado por uns pescadores que tomou; como seria imprudente entrar ou conservar-se por ahí, resolveu accommetter a Camamú, que invadiu e incendiou no dia 17, seguindo viagem depois de ter feito aguada.

Dirigiu-se ao Espirito Santo e logo ahí se apoderou (no dia 27) de quatrocentos e cincoenta caixas de assucar".

O commercio com a capital é feito por meio de lanchas e pequenos barcos. Camamú era considerado outrora um dos centros de construcção naval para as embarcações de pequena cabotagem.

Possuia bons carpinteiros e as lanchas ahí construidas eram apreciadas pela qualidade das madeiras, solidez e bom acabamento da obra.

A navegação a vela está hoje a se extinguir e a navegação a vapor é quasi nulla. Rogo ao Governo patriótico da Bahia que lance suas vistas para aquellas paragens dignas de melhor aproveitamento; e, se o fizer, affirmo que em epochas não remotas, certamente, aquella riquissima Comarca habiana representará papel notavel, no futuro economico do Estado. — N. T.

A pequena embarcação, em que viajavamos de Camamú para a Bahia, estava carregada de casca de mangue, que, exposta desde algum tempo á decomposição, no porão, exhalava cheiro pestilencial.

Quando nos recolhemos sob o tombadilho, por causa da chuva, ennegreceram as moedas de prata que tínhamos no bôlso, o que nos causou grande admiração. Acreditamos, por isto, dever existir na casca uma certa porção de enxofre, que pela putrefacção se tivesse desprendido como gás sulphidrico.

Uma analyse chimica da casca, neste sentido, seria interessante.

Entretanto, o mau cheiro não foi o maior incommodo que soffremos na viagem para a Bahia.

Achámos, ainda mais desagradavel, a morosidade do nosso mestre de lancha, que, apesar de nos ter prometido levar á Bahia no praso habitual de 24 horas, gastou tres dias completos, demorando-se em alguns logares para negociar.

O viajante europeu nessa costa não tem que esperar considerações, mas só desprezo dos filhos de Neptuno, a cuja mercê a sorte o atirou.

E' obrigado a supportar, como supposto inglês, todos os caprichos de um odio nacional, que esses marinheiros não podem, nem querem dissimular.

## **Ilha das Flores**

A primeira demora que devíamos fazer, pelo gosto do mestre, era na pequena ilha das Flores ou do Chiqueiro, na sahida da Bahia de Camamú.

Essa ilha está coberta de ferteis plantações e proporcionou abundante colheita de deliciosas goiabas. Com

ellas os habitantes, de origem indigena, preparam gostosas goiabadas.

### Goiabeiras e coitezeiras

Os fructos da coitezeira (*Crescentia Cujete*, L.) são partidos ao comprido, cuidadosamente limpos, seccos e transformados em lindas cuias.

Na superficie externa escura da cuia gravam com estiletos ou facas, diversas figuras, representando flores, animacs e homens. as quaes se destacam pela côr branca.

De todas as figuras que vimos no Brasil feitas pelos indigenas são estas as melhores quanto ao desenho e, pelo seu character, aproximam-se mais ou menos do gosto chinês.

Dizem que os indios se servem do decocto da casca de diversas *myrtaceas* e de um barro preto, fino, para tingil-as. Produz-se, provavelmente, uma combinação de tanino com oxido de ferro.

Depois de termos sido forçados a permanecer na Ilha das Flores, durante uma noite chuvosa, numa cabana humida, chegámos, no dia seguinte, á fóz do Jaguaripe.

### Jaguaripe e Nazareth

Muitos barcos carregados de mantimentos e de caixas de assucar, que deseem da Villa de Jaguaripe e do arraial de Nazareth das Farinhas para dahi navegarem pela chamada Barra Falsa até á Bahia, movimentam o

canal. Desde então continuámos a viagem acompanhados de embarcações de todos os tamanhos.

Nas proximidades do mar, as costas do continente e das numerosas ilhas estão em grande parte cobertas de mangues; para o interior se vêem extensas plantações e propriedades cuidadas, ao pé das collinas, que se elevam suavemente, cobertas de capueira e de palmeiras esparsas.

### Itaparica

Chegando á ilha de Itaparica, desembarcámos no meio da praia do lado de oeste e seguimos a pé, através de lindas regiões bem cultivadas, até á villa, onde encontrámos commoda hospedagem, e pudemos gozar da tranquillidade idillica dessa bella ilha, que muito agradavelmente contrastava com o ruído da vizinha Capital.

### Bahia

De volta á Bahia encontrámos muitas cartas da patria e do Rio de Janeiro.

Já de Minas Geraes haviamos communicado a Sua Exa. Imperial e Real Embaixador Austriaco, o Sur. Barão von Neveu, o nosso desejo de atravessar a Provincia mais septentrional do Brasil — o Pará. Pedimos recommendações officiaes para lá, assim como para as Provincias por onde tencionavamos passar.

O real governo luso-brasileiro havia mandado com a superior liberalidade, com que auxiliava todos os passos da nossa expedição, cartas de recommendação aos

governadores das differentes Provincias, por onde deviamos passar.

Essas cartas ali encontrámos. Entre ellas, porém, não se achava nenhuma para o Pará, em razão, segundo nos explicou o Snr. Barão von Neveu, de ter recentemente apparecido um édicto real, fechando aos estrangeiros as provincias das fronteiras: Pará, Rio Negro, Matto Grosso e Rio Grande do Sul e de não haver elle pedido para nós uma recommendação para o Pará.

Esta noticia devia, consideravelmente, alterar o nosso plano de viagem, traçado depois de termos atravessado a fronteira de Goyaz.

Convencidos, como estamos, do interesse que nos devia despertar a navegação pelo rio Tocantins até o Pará, desejavamos viajar da Bahia, através da Provincia do mesmo nome, até o rio S. Francisco e atravessal-o perto da Villa do Rio Grande, para penetrarmos nos districtos do rio Preto, pelo Duro, ponto de entrada de Goyaz até Natividade e Porto Real, onde deviamos embarcar no Tocantins para o Pará.

Como este plano não poderia ser executado sem a permissão e recommendação do governo luso-brasileiro resolvemos approximarmo-nos, quanto possivel, da meta desejada da nossa viagem por via terrestre e aguardar, no Maranhão, a licença de viajar pela Provincia do Pará.

Numa petição feita ao ministro de S. Magestade Fidelissima, que entregámos aos cuidados do nosso venerando e illustrado amigo, Snr. Barão von Neveu, fundamentámos o desejo de estender nossa viagem até o Pará, pela importancia scientifica de uma comparação do pais, feita desde o tropico de Cancer até o Equador, e pelo facto de termos neste intuito empreendido a presente viagem.

O dinheiro necessario para a continuação da viagem havia chegado depois da nossa volta de Ilhéos e só nos não appareceu o desenhista, cuja vinda da Baviera nos tinha, entretanto, sido annunciada em diversas cartas.

Bem que sentissemos sua falta, como companheiro para nossa futura viagem, parecia-nos em todo caso conveniente, esperando-o, não mais alterar o plano da segunda expedição, que agora queriamos iniciar da Bahia. Preparámos nossa partida, entregando o material de Historia Natural, até aquella occasião colleccionado, numa quantidade consideravel de caixas, aos cuidados dos Srs Meuron e Schlüter, afim de ser remettido para Hamburgo.

S. Ex., o Snr. Governador Geral, Conde de Palma, multiplicou as provas do seu interesse scientifico, não só pelas cartas de recommendação ás autoridades do interior de sua Provincia, como ainda, ao Governador da Capitania do Piauhy.

Seja-nos, agora, permittido consignar nossos sinceros agradecimentos ao notavel estadista e magnanimo hospedeiro, Snr. Marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes.

## VIAGEM PELO SERTÃO DA BAHIA A JOAZEIRO, Á MARGEM DO S. FRANCISCO

Os vapores, que actualmente ligam a Bahia aos principaes logares da costa do Reconcavo, já se achavam em construcção quando partimos daquella cidade. Mas por não estarem ainda promptos, tivemos de viajar, a 18 de Fevereiro de 1819, num dos barcos communs de transportar assucar para a Villa de Cachoeira, onde chegámos cerca de meia noite.

### Villa de Cachoeira

A nova organização de nossa caravana encontrou difficuldades, porque o transporte commercial para o interior é feito por meio de burros, guiados quasi que exclusivamente por sertanejos, e estes, em virtude de uma prolongada secca, ainda não haviam chegado.

Deu-nos muito trabalho reunir o numero necessario de burros (97). Estes animaes, que em grandes tropas

---

(97) Mais uma vez e com razão, se occupa o naturalista Martius com os seus animaes, pois que, naquella epoca eram o unico meio de transporte para os sertões brasileiros.

Numa das passagens do primeiro capitulo desta obra, Martius compara o burro com o camêlo — *Schiff der Wüste* — metaphora muito usada na lingua allemã. — N. T.

são importados das provincias do Rio Grande do Sul e São Paulo para a Bahia, marginando o São Francisco, são muito mais fracos que na região do Sul, pelo grande esforço da viagem ou pela influencia do clima completamente differente.

E' por isso que uma carga commum não chega ahí a sete arrobas, como em São Paulo, mas apenas a quatro.

No Chile e em Buenos Ayres um burro regular carrega quatro quintaes. Destarte a força museular desse animal, muito util e commum na America do Sul, parece diminuir, consideravelmente das mais dístantes latitudes para o Equador.

Entregámos a chefia da caravana, novamente organizada, a um mestiço de São Paulo, que serviu de arreeiro na comitiva do Snr. Conde de Palma (D. Francisco de Assis Mascarenhas, é o nome completo deste estadista, distincto pela feliz administração em diversas Provincias) e por elle designado para o nosso serviço.

Era um homem colossal e dos mais fortes que vimos no Brasil. Ninguem poderia suppôr que tivesse de ser elle a primeira victima a enlutar o nosso empreendimento.

Durante os preparativos tivemos occasião de conhecer mais precisamente o logar da nossa estada.

## Clima e salubridade

A Villa de Cachoeira goza de mais constante clima e mais salubre que a vizinha Capital. Não obstante soprarem as brisas do mar, não se soffrem, como na Bahia, tão nocivas mudauças de temperatura.

O ar é secco, mais quente e mais tranquillo. Durante a nossa estada observámos, pela manhã, entre 6 e 7 horas, temperatura de 17° a 19° R.; ás 10 horas de 21°

até 23° R.; ao meio dia, de 25° R. e ao pôr do sol, de 21° a 30° R.

## Doenças

Febres intermittentes, diarrhéas, gota e hydropisias são as doenças dominantes. Mas, em geral se gaba o logar pela situação saudavel e dizem que, especialmente, os negros são ali muito fecundos.

A maior parte da população bebe, sem inconveniente, a agua do Paraguassú, a qual só produz febre perto da nascente.

## Civilização

As condições sociaes e a civilização nessa rica villa se parecem ás da Bahia, pois, entre os habitantes se encontram muitos portuguezes.

A escola de latim forma bons discipulos.

## Orphanato

Para a fundação de um orphanato os habitantes haviam subscripto a importante somma de 22:378\$000.

## Entrudo

O carnaval, que, segundo os costumes portuguezes, põe toda a população em movimento, coincidiu com o tempo da nossa estada.

Sem duvida não se notava uma daquellas grotescas mascaradas do carnaval romano ou veneziano, porém, o bello sexo porfiava em causar embaraço aos transeuntes por uma batalha de gracêjos.

Todas as janellas estavam occupadas por senhoras que atiravam *laranjinhas* (esferas de cêra cheias de agua) e pareciam muito contentes de poder esquecer por alguns dias a etiquêta rigorosamente observada.

## Paisagens

No districto da Villa de Cachoeira encontram-se paisagens, que, pelo verde luxuriante das collinas, pela variação dos bosques e pela diversidade de vistas sobre o magestoso rio, são de particular encanto.

## Pitanga e Caquende

Dois pequenos regatos, Pitanga e Caquende, que rapidamente descem das collinas, offerecem banho frio e sombra frondosa de loureiros aromaticos e logares idillicos de descanso, junto das cachoeiras espumantes.

O europeu observa com prazer como a cultura do solo ennobrece o caracter da paisagem.

Cerca de uma hora, a leste da villa, foi descoberto o grande bloco de puro cobre, pesando 2.666 libras, que se acha guardado, desde 1782, no Real Gabinete de Historia Natural de Lisboa.

Visitámos o logar e encontrámos, muito perto do rio Paraguassú, uma baixada coberta de capim e capoeira, onde fazem grandes blocos soltos de granito, e contornada, ao norte, de um banco da mesma rocha.

Apesar de todas as pesquisas, nada encontramos na formação actual, que permittisse a hypothese de uma relação genetica daquella colossal massa de metal com a formação da montanha.

No granito, além dos seus três componentes principais, observámos, raramente, pedaços de *schorl*. Nenhuma especie, porém, da familia do cobre.

Notámos tão poucos vestigios de uma formação de veio ou de deposito metallico, que a origem tellurica do bloco nos pareceu muito duvidosa.

### Meteorólitho de Cachoeira

O exterior da massa de metal, que tivemos occasião de ver mais tarde em Lisbôa, (98) é o de um bloco roliço, sem ligação provada com a formação da montanha e

(98) A primeira noticia sobre o bloco de cobre de Cachoeira foi dada por D. Vandelli nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, como se segue: "Um bloco de puro cobre foi encontrado num valle, a duas leguas de Cachoeira e a quatorze da Bahia.

Peza 2616 libras, é de forma rhomboedrica irregular, tendo muitas depressões e saliencias,

A maior altura do bloco é de 3,2'', a largura na base de 2'6'' e a maior espessura de 10''.

A côr exterior é amarello escuro tendo aqui e acolá manchas verdes azuladas, resultantes da oxydação do cobre; na base, manchas amarellas formadas pelo limonito. Em diversos pontos e principalmente na base notam-se pedaços maiores e menores que, á primeira vista, parecem ferro oligisto (*ferrum micacium*), todavia examinados ao fogo, reagiram como ocre de cobre, dando uma onça 6 ½ oitavas de cobre puro.

Uma analyse chimica não revelou nem prata nem ouro e sim 97% de cobre puro.

No mesmo lugar encontrou-se um outro pedaço muito menor do mesmo metal. Examinando o bloco chamou-nos, especialmente, a attenção, a superficie cheia de ligeiras escavações que faziam erer ter o metal passado por fusão superficial.

Semelhantes cavidades tambem se encontram no meteorólitho do Bendegó, de Rasgata, na Columbia, no Agram e no de Elbogen ou o chamado burgrave maldito, o qual presentemente se acha em Vienna, no Imperial Gabinete de Historia Natural.

O bloco era em alguns logares coberto de azinhavre e de limonito, quando o visitámos em Lisboa.

Foi polido num ponto onde se via a côr de latão.

A seguinte inscripção mostra que uma analyse posterior á do Snr. Vandelli revelou a existencia de ferro na mistura: Maria I et Petro III, imperatibus,

lembra especialmente a existencia de semelhantes grandes massas de cobre no Canadá e em Connecticut.

E' de grande importancia, neste particular, o apparecimento das maiores massas de cobre, até hoje conhecidas, sobre formações de montanhas de constituição diferente: no Brasil, sobre o *granito*, na America do Norte, sobre a formação *trappetica secundaria* e sobre o *antigo grés vermelho*.

## Estradas

Da villa de Cachoeira partem três estradas reaes: a da Muritiba, que segue pelo porto de S. Felix para S. O. até o districto do Rio de Contas e de lá para Minas Geraes, Goyaz, etc.; a de Belém, que liga Cachoeira á parte sul da provincia; e a de Capoeiruçu, que segue em direcção O. e N. O. para a comarca de Jacobina, para a Estrada Real do Gado, por onde são conduzidas as boiadas do Piahy.

*coprum nativum mineræ ferri mixtum ponderis libr. MMDXVI in Bahiensi Præfectura prope oppidum Cachoeira detectum et in Principis Museo P. MDCLXXII.*

Vergl. uber gediegene Kupfermassen: Bruce Journ. S. 148. Silliman Northamer, Journ. I. S. 55 III S. 203.

No Brasil são conhecidos os seguintes logares onde se tem encontrado cobre: no Ribeirão de S. Domingos, no Pé do Morro, Comarca de Serro Frio, Provincia de Minas Geraes e Primeiros Campos, na Serra de Curaçá, no Termo de Pambú, ao sul do Rio S. Francisco, Provincia da Bahia.

A triste situação da nossa caravana na Villa Nova da Rainha, impediu-nos de visitar o logar onde se achava a jazida de cobre; entretanto, tivemos occasião de nos convencer, pelos pedaços que actualmente estão no Museo Brasileiro de Munich, que, em Primeiros Campos, aquelle metal apparece sobre o granito como chlorureto de cobre e chalcopyrite (esta, côr de azinhave mui finamente reniforme encerrando rutilito). Em Minas Geraes são conhecidos como jazidas de cobre os Arraiaes de Pinheiros, Catus Altas de Itaperava e Inficionado. — *Martius.*

Aproveito-me do ensejo para sobre o mesmo assumpto augmentar esta nota transcrevendo o que li em Domingos Rebello: "Na Villa de Cachoeira, em distancia quasi de tres quartos de leguas no sitio Mamocabo á margem do rio, achou-se ha mais de vinte annos hum pedaço de cobre nativo finissimo, ou ouro muito baixo, pezando 52 arrobas e 2 libras: o outro pedaço muito mais pequeno; os quaes devem existir no Museu de Lisboa, para onde foram remettidos naquella mesma occasião; e tocraõ a oitocentos réis". — N. T.

Tomámos o ultimo caminho quando deixámos a Villa de Cachoeira, a 27 de Fevereiro. Subimos o morro ingreme de Capoeiruçú, em cujo cimo de 700 pés de altura, pouco mais ou menos, sobre o nivel do mar, attingimos o planalto secco e montanhoso, através do qual iamos, agora, fazer diversas jornadas penosas.

## Geologia

Nas proximidades da villa, a montanha, formada de *gneiss* de côr amarella e avermelhada, estende-se de N. a S., com irradiações para N. E. e S. O. e declina para O., em camadas de um pé e meio até dois pés de espessura.

Na base, como em diversas alturas da montanha, observámos no *gneiss* filões, onde a *mica* foi substituida pelo *ferro oligisto* e pela *pyrite magnetica*.

Esta pedra, chamada esmeril, é usada pelos habitantes para amolar ferramentas.

Até uma legua distante de Cachoeira, ha, dos dois lados das estradas, muitas chacaras, vendas e ranchos de trabalhos dos negros. Vêm-se extensas plantações de café, capim, mandioca e de algumas hortaliças.

## Feira da Conceição

Depois a lavoura escassêa cada vez mais, até que perto da Feira da Conceição, duas leguas distantes da villa, desapparecem todos os vestigios de uma população industriosa e o viajante, de novo, se acha em pleno sertão.

Pernoitámos nesse logarejo, formado de pobres choupanas de barro, e nelle passámos o dia immediato, para arrumar a bagagem e organizar a caravana.

A nossa expedição foi alvo de viva curiosidade por parte dos mulatos e negros, habitantes desse pequeno povoado, que só estavam habituados a ver na estrada, as boiadas do Piauí.

Acharam mui perigosa a viagem pelo sertão naquela epocha do anno e nos aconselharam de desistir, porque as chuvas regulares de Setembro até Fevereiro haviam faltado e, por isso, a carencia geral de agua havia despojado as estradas.

Acostumados, porém, como estavamos, a não confiar em taes affirmações, quasi sempre exaggeradas, não mudámos de proposito e procurámos informações exactas sobre os pousos onde pudessemos encontrar agua.

Todas as noticias eram accordes em que precisariamos fazer uma viagem de sete dias, por terreno quasi completamente privado de agua, até a Fazenda do Rio do Peixe, onde começariamos a encontra-la em fontes e riachos e em que somente a teriamos, nos logares recommendados como pousos, convindo não nos afastarmos do caminho para procura-la. Affirmaram-nos mais, que não encontraríamos nas caatingas queimadas pastagem para os animaes de carga e que a marcha lenta por tão arido deserto poderia ser perigosa para toda a tropa.

Em taes condições só nos restava fazer provisão de milho, de grande quantidade de rapaduras, (com que se costuma em taes circumstancias mitigar a sêde dos animaes de carga) e de uma *borracha* com agua para nosso uso.

O districto, em redor da Feira da Conceição, foi por nós explorado com muito interesse, do ponto de vista botânico.

## Altitude

O terreno apresentava a mesma característica, que, d'ahi em diante, observámos em toda a viagem pelo sertão. A planície, que se eleva de 600 a 700 pés acima do nível do mar, declina, formando baixas pouco profundas, nas quaes, durante o inverno, se junta agua salgada, de que nem mesmo o gado se utiliza.

Noutros logares se vêem em diversas direcções, series de oiteiros, cujas encostas se elevam suavemente.

## Geologia

A unica formação que encontrámos foi *gneiss granítico* ou *granito granulado*, ás mais das vezes de côr avermelhada ou amarellada, tendo alguns côr escura e outros branca. Esta rocha aflora em grande extensão, ou está coberta por uma camada delgada, composta de barro avermelhado, que parece provir de sua decomposição.

Em redor se encontram esparsos fragmentos de *granito* e *areia fina granitosa*. Humo verdadeiro só se encontra em algumas baixas, ás vezes misturado com barro fino e pegajoso, geralmente de côr preta, que se chama *massapé*. Nosso excellente amigo, Snr. da Camara, externou a hypothese de ser o *massapé* o residuo de uma *formação trappetica desagregada*. Para verificar o fundamento desta opinião procurámos alguns logares baixos, onde se achava *massapé* plantado de canna e não descobrimos formação outra a não ser a granítica.

## Lavoura

O cannavial, plantado em Maio do anno passado, estava mui viçoso e bom de ser cortado. E', porém, costume esperar-se o mês de Outubro do segundo anno para o primeiro corte.

Achando-se os engenhos de assucar mais distanciados das plantações que os do litoral, prefere-se a cultura da canna da India á da pequena especie bastarda, pois os colmos cortados podem esperar sem desvantagem muitos dias de viagem, emquanto a chamada canna da terra, já no segundo dia, entra em fermentação desfavoravel á producção do assucar.

A não serem essas baixas isoladas, de *massapé*, o districto pouco se presta á agricultura.

Nos logares mais baixos e humidos encontram-se pequeno bosques, semelhantes aos capões de Minas Novas.

## Flora e suas particularidades

As planicies mais altas e as collinas são despidas de toda a vegetação ou cobertas de alguns cactos e ervas, de uma cerrada capoeira, ou de arvores baixas.

Todas essas plantas pertencem á formação da caatinga, pois, durante a secca, perdem as folhas, que de novo as revestem, por occasião da entrada da estação chuvosa.

Somente nas baixas humidas as folhas se conservam, durante todo o anno. No resto do districto a vida das folhas depende tanto da humidade, que, ás vezes, segundo affirmam, se passam dois ou três annos para que as arvores, aparentemente mortas, reverdeçam.

O lenho jamais fica sem seiva durante a queda das folhas, somente perde a flexibilidade nos ramos e galhos, que morrem por completo, e segrega continuamente substancias gommosas, resinosas e outras semelhantes. prova de que a vida da raiz e do tronco, sujeita a uma fraca periodicidade, é independente até certo ponto da elaboração da seiva vegetal nas folhas, o que se dá sempre depois de certos periodos cosmicos.

O rebentar das folhas depois da chuva se dá num espaço de tempo muito curto, quasi como por encanto.

## Caatinga

Convencemo-nos, muitas vezes, desta singularidade da vegetação da caatinga, encontrando no meio do sertão queimado, onde todas as plantas estavam sem folhas, trechos de florestas e prados que pompeavam o mais bello verde primaveril.

Taes regiões, segundo nos informaram, haviam recebido chuva parcial e assim se anteciparam aos districtos vizinhos no desabrolhar dos botões.

A marcha do desenvolvimento dos botões, que em nosso clima exige algumas semanas, completa-se em um a dois dias e o lenho dos novos brôtos repousa inteiramente durante muitos mêses, até que os botões se abram.

Parece que essa particularidade dos vegetaes da caatinga depende tambem da organização das folhas, que são, mais do que em qualquer outra região, guarnecidas por espêsso revestimento de pellos brancos ou por um tecido relativamente mais delgado e secco.

A estructura das raizes e dos caules é, talvez, mais apropriada ás condições do solo, do que nos ensinaram as observações anteriores.

## O imbuzeiro

Um exemplo do que acabámos de dizer nota-se no imbuzeiro (*Spondias tuberosa*, Arr), cujas raizes horizontalmente distendidas, intumescidas perto da superficie da terra, formam tuberculos nodosos e cheios de agua desde o tamanho de um punho até ao de uma cabeça de criança.

Algumas vezes abrimos esses esquisitos reservatorios afim de procurar agua para os sedentos animaes de carga e, por vezes, encontrámos mais de meio litro de liquido numa só raiz.

A agua era, ás vezes, clara, ás vezes um pouco opalescente. Se bem que morna e de gosto resino-balsamico desagradavel, algum tanto amarga, era, entretanto, potavel (99).

A fauna parecia ter completamente abandonado esse deserto adusto. Só observámos vida e movimentação nas casas de cupim, de forma conica, tendo ás vezes cinco

(99) Esta arvore notavel já foi descrita num folheto raro, publicado no Rio de Janeiro, por Manoel Arruda da Camara: "Dissertação sobre a utilidade de se estabelecer hortos botanicos no Brazil, e cuja traducção se acha como supplemento na obra: *Koster's Travels in Brazil, from Pernambuco to Sears*, London, 1816-4". As regiões sylvestres deste sertão safaro possuem, principalmente, as especies de arvoreds já citadas e com ellas, muitas myrtaceas, meliaceas, malpighiaceas e sapindaceas.

Estas arvoreds são, muitas vezes, cobertas com tufos de especies parasitas de loranthos e viscos.

No carrasco predominam: paulinias, sidas, hibiscus, tetraceas e innumera quantidade de crotons secos, de folhas pelludas; do permio surge, como representante das palmeiras: o alicuri, *Cocos coronatus*, M.

A mutamba, *Guazuma ulmifolia*, Lam., dá numerosos frutos que, embora duros, servem, entretanto, de apetecida forragem para os animaes carqueiros que viajam.

Grandes extensões se acham cobertas de espessas touceiras de gravatás sylvestres. Nos logares arenosos e pedregosos encontram-se disseminadas algumas arvoreds rasteiras, especialmente do genero *Cassia*, *Stylosanthes*, *Evolvulus*, *Convolvulus*, *Richardsonia*, *Echites*. Outras regiões ainda mais desnudas, são exibem as formas bisarras das gigantescas hastes dos *Cereus* ou os *Melocactus*, parecidos com turbante. — N. A.

pés de altura. Aves e mammiferos pareciam haver emigrado para regiões mais ricas de agua.

## Feira de S. Anna

Por taes logares monotonos, continuámos a 1.º de Março a viagem de cinco leguas e meia até o arraial da Feira de Sant'Anna.

Os moradores desse pobre logarejo já nos mostravam o tipo exacto do sertanejo.

O fim de nossa viagem, tal como lhes expunhamos, parecia-lhes incrível. O interprete fez-lhes ver, com palavras convincentes, que havia qualquer intenção secreta nessa expedição.

“Como acreditar que por causa de besouros e plantas, possa alguém se expor a morrer de sede?” dizia elle. “Estes senhores procuram os blocos de prata de Monte Santo e, sem duvida, não supportariam gratuitamente os incomodos de uma tal viagem”.

Estas e outras observações nos convenceram do quanto era divulgada a lenda da riqueza mineral da região e nisso achámos especial interesse, porque havíamos resolvido visitar o meteorólitho do Bendegó, que dera motivo a taes boatos, como soubemos depois.

A agua potavel, conservada em cacimbas, tem geralmente gosto salgado e produz febre palustre, quando é bebida sem correctivo (100). Comtudo, fomos obrigados a encher a nossa borracha.

A conselho dos moradores dividimos a tropa em duas partes, afim de que os animaes de carga, que che-

---

(100) Era opinião corrente naquella epoca, mas desculpavel. Hoje apesat dos grandes progressos da parasitologia, ainda ha quem erradamente assim pense.  
— N. T.

gassem depois, encontrassem agua novamente collectada nas fontes quasi seccas.

O Dr. Spix adiantou-se com a maior parte da tropa e eu segui depois do sol posto, continuando a viagem de cinco leguas, á luz das estrellas.

Duas leguas a noroeste da Feira de Sant'Anna, encontrámos o pequeno arraial de São José, abandonado por quasi todos os habitantes, em virtude da falta de agua.

### **Formigas e Santa Barbara**

Abandonadas quasi estavam tambem as fazendas Formigas, S. Barbara e Gravatá, onde novamente se reuniram as duas tropas.

Não foi sem receio que repousámos um pouco, pois era de temer que, continuando a sêcca, só com a metade dos animaes de carga attingissemos o extremo de tão terrível deserto.

### **Gravatá**

A agua, que encontrámos nas cisternas do Gravatá (immundos buracos na areia granitosa), foi adoçada com rapaduras e distribuida, em cuias, aos burros. Os pobres animaes pareceram mal satisfeitos e ficaram com a cabeça baixa, perto das nossas fogueiras, resfolegando durante o resto da noite.

No dia seguinte continuámos a viagem por mais de seis leguas.

A floresta, em grande parte sem folhas, porém, mais alta e cerrada do que até agora e muito semelhante ás

caatingas de Maracás, suavizava de certo modo o tormento do calor, com a sombra que offerecia. Mas não se encontrava agua em parte alguma.

## Umbauba

Topámos alguns habitantes anciosamente occupados em recolher agua das cavidades existentes entre as folhas de gravatá. Esta agua, apesar de emporcalhada por insectos e ovos de rãs, era uma delicia para os miseraveis sertanejos. Na fazenda Umbaúba comprámos um pote de agua por um florim. Distribuida pela equipagem, essa pequena quantidade não pareceu matar a sêde, senão torna-la ainda mais insupportavel.

Nossa gente indignava-se contra os habitantes e affirmava que elles nada queriam ceder de suas provisões, nem indicar as fontes e cisternas.

## Genipapo

No Genipapo, outra pequena fazenda, os nossos homens entraram na casa de um velho, apesar dos nossos protestos, e se apoderaram de um pote de agua, que estava escondido em baixo da cama.

O velho affirmava, em vão, estar quasi cego e que o seu unico filho ia todos os dias buscar agua a três horas de distancia; o nosso arreeiro e seus ajudantes, sem prestarem attenção, esvasiaram o pote que enxameava de vermes.

A' noite se fizeram sentir as consequencias da criminosa violencia, porque todos foram accommettidos de forte accesso de febre,

## Patos

Na fazenda Patos, onde pernoitámos, os animaes encontraram uma pequena pôça de agua verde, para a qual se precipitaram com avidéz.

Animaram-nos com a noticia de que a maior difficuldade estava vencida, porque no logarejo chamado Coité, seis leguas distantes de Patos, uma fonte abundante manava do rochedo.

Chegámos a esse logar da promissão na noite de 4 de Maio.

Quão grande foi, porém, o nosso terror, quando o vimos de perto!

## Horrores da sêcca

Numa escavação de 12 pés de profundidade produzira-se uma fenda na rocha de granito, onde se achava uma pessoa aparando com uma cuia a agua que gotejava.

Mais de trinta pessoas, mulheres e moças, estavam reunidas ao redor dessa fonte do deserto, para descerem por ordem, como determinava o juiz local, que se achava presente, e homens com espingardas, para em caso de necessidade fazerem valer, á mão armada, os direitos dos seus.

Não se podia contar com agua sufficiente para os animaes cansados e, quando pedimos um pouco para as pessoas, obtivemos a arrogante resposta: "Aqui só existe agua para nós e não para inglêses vagabundos!"

Um soldado reformado forneceu-nos, por dinheiro algumas medidas de agua; nos aconselhou continuar a

viagem na mesma noite, por não poder elle nos garantir e por ter caído, havia pouco, uma trovoadá a noroeste de Coité, e talvez perto da estrada.

## Coité

Resolvemos seguir este conselho, apesar de se terem recusado ao serviço diversos animaes nossos e de terem sido dois dos nossos companheiros accommettidos de febre violentissima. Parecia-nos que maior demora nos ameaçaria de uma desgraça geral.

E, na impaciencia do desespero, fizemos tocar a tropa.

A 1 hora da madrugada parámos em Cisterna, distante quatro leguas de Coité.

Homens e animaes estavam esgotados pelo enorme esforço de uma continua marcha, mas a preocupação do dia seguinte não nos permittiu dormir. Além disso, o arreeiro, victima de um abatimento mortal, era objecto de nossa angustiosa compaixão.

Ao amanhecer encontrámos nossa equipagem immersa em grande apathia; muitos animacs de carga estavam tristes ao redor de nós e outros, dispersos pelo cerrado, andavam a correr perseguidos pela sêde.

Nas cisternas não se encontrava uma gota de agua. Nós mesmos lambemos o orvalho dos lisos lagêdos de granito e reconfortámos os animaes com rapaduras.

Dois dos animaes não puderam mais nos acompanhar e só a muito custo fizemos seguir os outros.

Quando, finalmente, as nossas difficuldades pareciam ter attingido ao auge, vimo-nos felizmente salvos.

## Imbuzeiro

No Imbuzeiro, distante algumas leguas de Cisterna, chovera bastante e o proprietario havia recolhido o bem-fazejo elemento em escavações feitas ás pressas.

Reconfortámo-nos de tal modo, que, felizmente, pudemos chegar no dia 6 de Março, á fazenda Rio do Peixe. limite deste terrivel districto.

## Rio do Peixe

O riacho Rio do Peixe estava secco, apenas conservando uma serie de poças separadas, cuja agua era salgada e muito repugnante.

Entretanto, é digno de nota que dahi em diante achámos a vegetação menos secca, o ar mais humido e a agua mais frequente, não só em cisternas como em fontes de rochedos.

No decurso da viagem fomos diversas vezes surpreendidos por chuvas passageiras. Estas alternativas do clima pareciam estar em relação com a superficie montanhosa do paiz.

Depois da serra pouco elevada, perto da Feira de Sant'Anna, achámos o terreno plano, elevando-se suavemente ou alternando em oiteiros ondulantes e em baixas.

## Serra do Rio do Peixe

Antes, porém, do Rio do Peixe, o caminho nos conduziu a uma segunda serra, pelos habitantes chamada

Serra do Rio Peixe, em cujo dorso e flancos existiam gigantescos blocos isolados, de *gneiss*, de formas grotescas; e, d'ahi em diante, a região se tornou mais accidentada. Em todo o districto, por onde atravessámos, encontrámos o *gneiss* e o *granito*, como formação dominante.

A direcção dessa rocha varia de N. a S. e de N. O. a S. E., com camadas pouco inclinadas, quasi subvertidas, não se observando, muitas vezes, estratificação alguma.

Sómente em poucos logares, como na Fazenda Gravatá e entre Jurema e Umbaúba, apparece a formação de *hornblendá* sobre o *granito*.

Toda a vegetação é uma caatinga espessa, cujos troncos não excedem de 30 a 40 pés de altura.

Cactos armados de longas cerdas brancas ou de ameaçadores espinhos formam, aqui e acolá, impenetraveis palçadas.

*Os esforços e perigos passados haviam alterado consideravelmente a nossa saúde.*

Nós mesmos soffremos de diarrhéa constante, que attribuímos á agua salgada; o arreeiro e um dos seus ajudantes foram atacados de violentos accessos de febre quotidiana; os demais queixavam-se de dôr de cabeça e vertigem.

Só foi poupado um criado, de origem francêsa, contractado na Bahia, que quasi foi victima de um desastre de outra natureza. Quando juntava os animaes, perto da fazenda, dispararam do mato um tiro, que felizmente não o attingiu, mas desconfiámos não ter sido dado sem intenção criminosa.

Os habitantes não pareciam ter bôa vontade em que nos demorassemos por alguns dias e já haviam começado a brigar com aquelle criado por motivos futeis.

## Temperamento do sertanejo

Familiarizado com o temperamento violento e viagativo dos sertanejos, que infelizmente, por vezes, costumam terminar suas rixas com um tiro de espingarda, proseguimos, no dia immediato, nossa viagem.

Por uma entreaberta da floresta monotona e sem folhas, observámos diante de nós uma comprida serra em sua quasi totalidade coberta de matas. Era uma parte da chamada Serra da Itiúba (101).

Esta montanha, ramificando-se, atravessa em consideravel estensão, a parte noroeste da Capitania da Bahia, tomando varias denominações em diversos districtos.

Forma o *divortium aquarum* entre o rio de S. Francisco, a oeste, e os pequeninos rios, quasi ou completamente seccos, a leste, os quaes desembocam no Oceano, ao sul de S. Francisco; sendo entre elles o de maior curso o rio Itapicuru.

Perto do arraial de S. Antonio das Queimadas, três leguas distantes do lugar chamado Rio do Peixe, encontramos o rio deste nome; mas, por causa da continuada secca, estava tão reduzido, que o leito se compunha de uma serie de poças.

Todos os rios da região são pobres de agua e seccam em havendo falta continuada de chuvas.

Então, apenas um leito pedregoso, largo e irregular indica a direcção e a séde.

(101) No texto: Tiuba (Thiuba). A serra da Itiúba é, pela fertilidade do seu solo e excellencia do clima, um dos muitos logares do interior da Bahia talhados para servirem de sanatorios.

Localidades congeneres na Europa não lhe seriam superiores, se as nossas fossem servidas por viação rapida, segura e barata. Têm fama as uvas, batatas e mangas de Itiúba. — N. T.

As fontes surgem por entre as fendas e formam poços claros e rasos.

Durante os meses húmidos, os riachinhos se enchem de agua de chuva, em virtude da formação especial do terreno, sulcado por innumerous pequenos valles, que se communicam. Estas cheias são de tamanha rapidez, que, dentro de oito dias, se vê um leito secco e pedregoso occupado por torrente caudalosa.

### Falta de humo

A falta de humo, a espessura, a solidez e a formação plana dominante da rocha favorecem a rapida fluencia das aguas, que actua sobre as condições do solo e, por sua vez, sobre a periodicidade dos rios.

Não ficando humidade na terra, falta agua para a desagregação das folhas cahidas e de outras materias organicas. Dá-se, antes, decomposição ao ar livre, que propriamente putrefacção, e d'ahi provem o facto de se formar pouco humo.

Os ventos dispersam a poeira produzida pelas materias organicas e o rochedo desnudo fica sem aquelle revestimento, que se presta, especialmente, para attrahir a agua atmospherica e, destarte, favorecer o brotar de fontes perennes.

As especies vegetaes presentes parecem de accordo com as condições geologicas referidas, pois, as folhas são relativamente mais raras e de estructura mais secco do que nas florestas virgens do litoral.

E' a agua de chuva o mais importante factor biologico para districtos tão pobremente dotados.

Nem os altos pincaros das montanhas, nem as compactas formações geologicas favorecem a attracção da humidade atmospherica.

Só a *periodicidade das estações húmidas e seccas* produz semelhante effeito, que facilmente explica porque se não pode dar o melhoramento do solo, neste ciclo de agentes nocivos.

Taes factores indicam as condições da cultura possível para essa região.

Só depois de muitos esforços, poder-se-á obter uma agricultura proveitosa, alliada á criação de gado, que representa a mais importante fonte de renda dos habitantes.

Procuremos dar uma descripção geral das relações ahí existentes entre o solo, o clima e a vegetação.

Seja-nos permittido fazer uma ponderação sobre as causas primarias que criaram o estado actual, qual a de ter a montanha perdido sua primitiva cobertura de terra por uma poderosa e extensa inundação do Oceano.

Os indícios seguintes parecem justificar a supposição: a *successiva declividade do districto em direcção ao mar*; o curso regular dos valles rasos, inclinados para a mesma direcção; a estensão de superficies rochosas desnudas; o arredondamento de muitos blocos de granito isolados, que se acham esparsos, ora nos altos, ora nas baixas; e, principalmente, a quantidade de sal existente no solo dos districtos situados mais para oeste.

O facto de se encontrar uma vegetação florestal completamente diversa daquella das matas virgens das montanhas de granito do litoral, não mais pode causar estranheza, admittindo-se tal hypothese. Deveria ser considerada eomo formação vegetal secundaria, pois, em verdade, não se assemelha, nem em altura e poder vegetativo, nem em pujança e particularidades de formas, á vegetação de uma éra muito remota.

## S. Antonio das Queimadas

S. Antonio das Queimadas, pequeno arraial com cerca de 600 pessoas, parecia ter soffrido sêcca muito recente.

Affirmaram-nos que durante três annos não chovera nas plantações de diversos habitantes e que estes tinham sido obrigados a emigrar.

O milho, que até então sempre encontrámos nas fazendas, não mais podia ser obtido, mesmo por enormes preços, de modo que, se felizmente estávamos livres da sêcca, tínhamos que recear a fome.

O logarejo está situado num valle pouco profundo, entre os contrafortes da Serra da Itiúba.

Seus habitantes, entre os quaes se acham, relativamente, muitos portuguezes, tentam, além da criação de gado, a cultura do algodão.

Deixámos o arraial a 8 de Março e nos aproximámos da Serra da Itiúba, galgando-a lentamente.

## Rodeador e Bebedouro

Na fazenda Rodeador, a uma legua de Queimadas, encontrámos *gneiss* avermelhado, estendendo-se de N. N. E. para S. S. O. e, perto de Bebedouro, uma legua adiante, *granito* branco em jazidas dispostas mais ou menos de N. declinando para O. em direcção a S., declinando para E.

Quanto mais nos aproximavamos da Serra da Itiúba, tanto mais, frequentemente, surgia no *granito*, em vez de *mica*, um *pistacito* grosseiro, côr de alho, ora em grânulos disseminados, ora atravessando a rocha, em forma

de faixa. Esse componente accessorio se encontra com frequencia nessa rocha.

Delgadas camadas de *hornblend*a *schistosa* apparecem em diversas direcções entre o granito.

Na subida dos contrafortes, que se elevam suavemente, caíram alguns aguaceiros. A' tardinha abrandou a temperatura, porém, quando parámos na fazenda Olhos d'Agua fazia, de novo, calor oppressivo e o ceu, para oeste, era de côr violacea, indicando trovoadas.

## Trovoadas

A's 7 horas, já completamente escuro, começou a soprar um vento que nos parecia indicar o começo da tempestade.

Para resguardar da chuva a nossa bagagem, escondemo-la depressa sob os arbustos.

Nessa occasião tivemos ensejo de observar um dos mais notaveis phenomenos que podem chamar attenção dos phitophysiologos.

## *Euphorbia phosphorea*

A vegetação é quasi que exclusivamente constituida por uma *euphorbia* arbustiva sem folhas (*Euphorbia phosphorea*, Mart.), de cujos galhos, quando sacudidos e arranhados pelas caixas de bagagem sobre elles empurradas com violencia, surdia um latex branco phosphorescente.

Não confiámos no que viamos, senão quando por varias vezes provocámos o phenomeno, attrictando as arestas agudas dos ramos.

A phosphorescencia durava alguns segundos e era mais forte do que na madeira pôdre, porém menos viva do que a aureola luminosa das fiôres do dictamo.

Durante o phenomeno o thermometro marcava 20° R. e o electrometro de Volta não indicava o menor vestigio de electricidade atmospherica.

Observando em diversos caules e ramos, obtivemos sempre o mesmo resultado.

Mas, uma hora depois, quando a temperatura baixou a 16° R., o phenomeno não mais se reproduziu.

Até o Rio de S. Francisco encontrámos a planta em abundancia, formando muitas vezes densas e impenetraveis sebes. Depois, não tivemos mais a felicidade de observar a phosphorescencia e, por isso, chamámos a attenção dos futuros viajantes para o assumpto.

## Serra da Itiuba

Da fazenda Olhos d'Agua, subimos a Serra da Itiúba, cujo dorso atravessámos numa altura de cerca de 200 pés, acima da base da montanha.

A rocha é granito avermelhado, não estratificado, que, ás vezes, se transforma em *sienito* por conter muita *hornblenda* preta ou esverdeada, encerrando tambem camadas e veios muito pequenos da mesma substancia. A desaggregação dá-se sob a forma de grandes pedaços conchoides, escamosos. A estrada passa por sob despeñhadeiros abruptos, onde taes rochas, isoladas e desordenadamente dispostas, umas sobre as outras, ameaçam ruir. A propriedade, que têm de tinir fortemente, quando nellas se percute, é considerada pelos habitantes como prova de sua riqueza em metal. O som produzido por certos pedaços é realmente tão claro e penetrante, que

nos causou admiração. Explica-se muito simplesmente pela união íntima das partes componentes (o que sempre se dá onde existe *horneblenda*) e pela densidade resultante.

A montanha está revestida de florestas até o cume e as arvores, longe de diminuírem em grossura e altura, augmentam; e assim pudemos observar (o que sempre se confirmou no decurso da nossa viagem para o norte), que as florestas occupam de preferencia os altos, enquanto as capoeiras e os prados se acham no fundo dos vales, justamente o contrario do observado no interior das provincias do sul, que atravessámos, onde o capim domina os montes mais altos e as florestas as baixadas.

### Panorama do alto da Itiuba

Do alto da Serra da Itiúba se descortina estenso panorama para leste.

Apenas algumas montanhas, das quaes a mais alta é a Serra de Aracuanha, *divortium aquarum* entre os rios Itapicurú e Jacuhy, limitam a vista sobre estensa e monotoná caatinga, que parece confundir-se com o horizonte.

Quando descemos pelo lado oeste da montanha, encontrámos uma boiada de 300 rezes, que, vindas do Piahy, haviam feito viagem de 100 leguas, destinando-se á Bahia.

Os vaqueiros queixavam-se de não ter encontrado boa agua desde a travessia do S. Francisco e as noticias, que lhes demos, das condições actuaes do local lhes causaram desespero. Resolveram desviar-se do caminho que havíamos tomado, e viajar marginando o Itapicurú ou o arraial de Serrinha, pois a estas duas direcções vão

ter as chamadas estradas do gado, que todas se reúnem á que atravessámos, a varias distancias de Cachoeira. Não obstante ter soffrido muito pela falta de agua, estava o gado, em maior parte, são e forte, por ter ainda encontrado joás, imbús e salinas, em muitos logares.

## Os cactos

As boiadas, que viajam, se aproveitam da abundancia de cactos. Esses vegetaes esquisitos e aphillos, dotados da capacidade particular de attrair e condensar a humidade atmospherica, servem de refrigerante aos animaes sedentos. O gado vaccum tira com o chifre ou com os dentes uma parte da casca e chupa a seiva mucilagínosa, um tanto amarga, que se conserva nessas extraordinarias fontes vegetaes, mesmo na mais sêcca estação.

Nessa occupação os animaes, não raras vezes, se ferem nos espinhos compridos e uos pellos causticos de que são armados os cactos, vendo-se, ás vezes, os focinhos inflammados e até gangrenados.

E', pois, um dever de piedade do sertanejo, para com as boiadas sedentas, facilitar um meio de obterem a seiva do caeto. Assim, costumam, com os facões, cortar as hastes ou talha-las lateralmente. As fructas dos cactos tambem se comem, mas não tanto como no sul da Europa.

## Tapera

Descemos do alto da montanha para a fazenda Tapera, situada na encosta de montes de granito massigo, num valle em forma de bacia. Ahi nos foi offerecida,

numa espaçosa casa, hospedagem mais commoda do que podíamos esperar.

O retiro tranquillo da familia durante a estação sêcca lembra a solidão dos nossos agricultores no inverno.

### Pedras sonantes — Phonolithos

Tambem muito nos falaram de pedras sonantes e dos cumes da montanha dos arredores, onde de tempos em tempos se ouviam roncões.

As rochas phonolíticas observadas, eram blocos redondos de *granito cinzento*, assentados sobre estreita base os quaes se transformam em *sienito* pela grande quantidade de *hornblenda*.

### Bôa Vista

A 10 de Março, chegámos á planície situada a oeste da Serra da Itiúba, para d'ahi, na fazenda Bôa Vista, sobre uma collina isolada, ponto magnifico de observação. apreciarmos o curso daquella serra destacada, cujas irradiações, situadas mais para o sul, são encobertas por diversas collinas que a precedem. As do norte se dirigem para leste, ramificando-se em busca de Monte Santo.

Para oeste, os ramos mais externos reúnem-se ás montanhas dos arredores da Villa Nova da Rainha, de modo que, por vezes, todo o maciço da montanha de granito, nesta parte noroeste da Provincia da Bahia, é communmente chamado Serra da Itiúba.

## Villa Nova da Rainha

Um longo dia de marcha nos conduziu através de um terreno queimado, ao primeiro termo da nossa difficil e perigosa viagem — Villa Nova da Rainha.

Os animaes todos se recusaram, successivamente, a trabalhar neste ultimo dia, de modo que fomos obrigados a levantar constantemente os que se deitavam, alliviar os pisados e fazer voltar á estrada os que, por fome, se desviavam para o mato, com o fim de procurar folhas verdes.

Podiamos, entretanto, nos considerar felizes, pois tinhamos attingido onde esperavamos encontrar, com a nossa tropa, alimentação e conforto.

Estas esperanças não se realizaram.

Villa Nova da Rainha, chamada Jacobina Nova, foi sempre uma aldeia pobre, cuja prosperidade depende do commercio entre a Bahia e a Provincia do Piauhy. Acha-se, pela absoluta falta de chuvas, num estado de consternação, num abatimento e calamidade, de que até então não podiamos fazer idéa.

Vimos grandes plantações de feijão, milho e mandioca todas queimadas pelo sol violento, como entre nós acontece pela acção extemporanea da friagem.

Campos, estorricados pela grande sêcca, haviam ficado sem plantação desde alguns annos, deixando ver fileiras de troncos sem folhas e sem vida.

Nada podia mais concorrer para diminuir as esperanças exaggeradas de muitos immigrants europeus irreflectidos, do que o aspecto de uma vegetação assim assolada.

## Sêcca

A calamidade havia flagellado os arredores de Villa Nova em grande extensão. Muito gado havia perecido de fome e sede e uma parte dos moradores abastados mudaram-se para o Rio S. Francisco, de onde presentemente se importavam todos os mantimentos por preços exorbitantes.

Para garantir as necessidades da nossa tropa, que quasi não achava pastagem alguma nos montes vizinhos. pedimos providencias ao Capitão-Mór, que residia a algumas leguas da villa.

Com difficuldade nos forneceu elle duas medidas de milho, cerca de 30 a 37,06 litros cada uma (102), pelas quaes pagámos 20\$400 e cerca de uma medida de 37,06 litros de farinha de mandioca, pelo que pagámos 7\$200, ao todo: 76 1/2 florins.

Tamanha pobreza agricola, como a que ahi observámos, nos parecia tanto mais inesperada, quando os arredores da villa se prestavam a qualquer cultura; pois. a aldeia é rodeada a S. O. e N. de montanhas (Serras do Mocó, do Gado Bravo, ou da Alegria, da Maravilha e do Mamão), que em seus valles têm caatingas altas e camada de humo relativamente espessa.

## Viagem a Monte Santo

Para executarmos o plano, de ha muito traçado, de procurar o meteorólitho do Bendegó, perto de Monte Santo, deveriamos dahi partir.

---

(102) Medida antiga usada na Alemanha e na Austria. Esta medida varia muito de capacidade nos diferentes estados, podendo ser de 5 a 60 litros: a que se usava na Baviera, patria do sabio viajante Martius, era de cerca de 37 litros e 6 decilitros. — N. T.

O nosso hospedeiro na Bahia, o Snr. Felisberto Caldeira, nos animou a fazer esta excursão e nos traçou o mesmo roteiro, pelo qual elle e o Snr. A. F. Mornay, no anno de 1811, visitaram o logar.

Informados de ser a estrada pela fazenda Camuciata, margeando o rio Itapicurú, pela falta de agua e pelas emanações malignas do rio quasi secco, mais perigosa, do que a estrada para Villa Nova, só nos restava este ultimo caminho.

Deixámos os animaes de carga e a bagagem na villa, aos cuidados do juiz local e, escoteiros, empreendemos essa excursão de umas 20 leguas, em cavallos alugados, acompanhados por um sertanejo conhecedor do caminho. A 16 de Maio saímos da villa, ás 9 horas da noite, e viajámos á luz das estrellas, durante duas horas, até a pobre fazenda Joá.

## Joá e Pouso

Pela madrugada montámos de novo, para termos tempo de dar de beber aos animaes no Pouso, outra pequena fazenda, distante três leguas.

## O alicuri

Ahi observámos a pobreza e a miseria em toda sua plenitude. Os habitantes eram obrigados pela falta absoluta de mantimentos, consequencia da sêcca, a preparar da medulla dos espiques da palmeira *Alicuri* (*Cocos coronata*, Mart.) uma especie de brôa, que não é mais rica em principios nutritivos do que o pão dos norman-

dos, feito de cascas de pinheiro. Os velhos caules são rachados longitudinalmente e, depois de batidas e sacudidas as fibras lenhosas, extrae-se o amido entre ellas existente. Esta farinha, naturalmente misturada de muitos fragmentos de fibras, em seguida reduzida a bolas e cozida em agua, é comida, assim, ou depois de secca ao sol.

Pode-se, facilmente, imaginar quão indigestas e pobres em principios nutritivos devem ser estas miseraveis brôas, de gosto amargo, incapazes de fermentar, pela absoluta falta de gluten ao lado do amido. Alguns dias depois de preparadas não valem mais que pó de serra.

### A imbuzada

O caminho sobe pouco a pouco, até a fazenda Cocho d'Agua, situada na encosta leste da serra da Itiúba. Até lá encontrámos diversos trechos de caatinga, onde havia abundancia de imbuzeiros (*Spondias tuberosa*, Arr.), carregados de fructos que lembram as ameixas (*Rainha Claudia*). Os moradores deram-nos, como refresco, a imbuzada, especie de sopa agri-doce, preparada do succo desta fructa com leite quente e assucar mascavado.

A formação dos contrafortes, como da propria Serra da Itiúba, é em geral de *granito-gneiss*.

A rocha é completamente descoberta. Aqui e acolá se encontra nas baixas pouco profundas, uma camada de argilla avermelhada, com 3 a 4 pés de altura, que os sertanejos costumam cavar até a profundidade de alguns pés, formando caldeirões e tanques, para conservar agua de chuva.

Em taes escavações encontram-se muitos ossos de animaes antediluvianos, bastante estragados e tão dispersos que difficilmente se pode contar com o achado de um esqueleto completo.

## Ossos de animaes antediluvianos

Os ossos, que colleccionámos em estado de se poder reconhecer, foram o maxillar inferior, uma vertebra dorsal e um pedaço de omoplata de um mastodonte (103).

Outras partes, especialmente costellas e tibias, são commumente desenterradas pelos sertanejos.

Não fomos tão felizes, porque todos os pedaços que encontrámos estavam completamente desfeitos.

(103) Seria assumpto de grande interesse para um naturalista, que se demorasse por mais tempo no interior do Brasil, a investigação minuciosa dos restos de animaes primitivos.

Pelas diversas informações que a respeito pudemos colher, devem ser estas as formas de animaes até hoje encontradas neste grande paiz: um mammoth, ao qual devem pertencer as presas encontradas em diversos lugares de Minas Geraes, como Itacambira, Villa de Fanado, Formiga e Brejo das Almas.

Nas grutas salitrosas e nos depositos de margã de S. Antonio de Curvello e em Tamanduá tambem costumam apparecer ossos gigantescos.

Futuros pesquisadores decidirão se estes restos pertencem ao animal de Ohio (*Mastodon giganteus*, Cuv.) ao *Mastodon Humboldtii*, Cuv., ou a uma especie ainda não descripta.

O maxillar inferior e o omoplata encontrados em Caldeirão, situado entre a Serra de Tiuba e Monte Santo, pertencem indubitavelmente a esta especie.

Além dos lugares já mencionados, são conhecidos ainda os seguintes: na Provincia da Bahia, diversas grutas nas proximidades do Rio Salitre, principalmente perto de sua nascente no Morro do Chapéo, na Fazenda Almas, onde tambem costuma apparecer sal ammoniaco; em Pernambuco, numa lagõa na encosta sul da Serra do Pão de Assucar, perto do Rio S. Francisco (segundo Cazal).

Os grandes restos de ossos medindo quasi um pé, todos sem o revestimento cortical, achados nas immediações do Rio de Contas, parecem, por causa do extraordinario volume, pertencer a um animal da ordem dos desdentados, *Megatherium*, de 12 pés de comprimento e 6 de altura, encontrado no Paraguay e que é o ornamento do gabinete de Historia Natural de Madrid. Devia filiar-se ao mesmo ou a uma especie analogã o *Megalonyx*, que descobrimos na Lapa Grande em Formigas.

Se considerarmos o *habitat* de todos esses animaes num districto tão extenso (de 17 a 10 grãas de Latitude Sul), nos valles e baixadas cheias de margã e

## Barriga-Molle

Na vizinha fazenda Barriga-Molle, foram desenterrados dos tanques ossos semelhantes, que apparecem em grande quantidade, como affirmam os habitantes.

Diligentes pesquisas, feitas nesse sertão bem pouco conhecido, enriqueceriam a sciencia com especies da fauna antediluviana e com muitos outros factos importantes.

## Cocho d'Agua

De Cocho d'Agua subimos a Serra da Itiúba por um desfiladeiro muito ingreme, estreito e, ás vezes, tão serrado que eramos obrigados a abrir, a facção, o caminho para os animaes.

Não alcançámos a fazenda Morro, situada do lado opposto, na entrada da Serra da Itiúba e nos contentamos em pernoitar ao ar livre.

---

argilla, não nos poderemos furtar ao pensamento de que elles pereceram e foram transmitidos á posteridade de um modo inteiramente diverso ao do elephante jubado (*Elephas jubatus*, Cuv.) e o primitivo rhinoceronte. (*Rhinoceros antiquitatis*, Cuv.) do norte da Asia.

Emquanto que lá, as quedas rapidas de gelo resfriaram de subito a região tropical quente, sepultando os seus habitantes nos gélos polares e na terra congelada, parece que as especies de animaes gigantescos do Brasil foram aniquiladas pelo dessecamento gradual dos pantanos em que viviam.

D. Vandelli informa que os ossos fosseis achados nas proximidades de S. João d'El-Rei, como se deduz de suas pesquisas, são corados de azul pelo phosphato de ferro. — Vergi. Mem. da Acad. R. de Lisboa. Vol. I S. 259 — N. A.

\* \* \*

Tenho visto pedaços de ossos de animaes primitivos, provenientes de diversos pontos do interior da Bahia: na fazenda Tiririca, em Maracás, etc.

Acha-se no Museu Nacional do Rio de Janeiro, o esqueleto completo de um *Megatherium americanum* Cuv., encontrado numa caverna em Jacobina — Bahia — Carlos Schretner. Diz J. Branner ter sido encontrado na Coatinga do Moura.

E' uma das melhores curiosidades daquelle Museu. — N. T.

O capim alto e secco, protegido por um couro de boi, nos offereceu bôa cama.

Cobria-nos o firmamento recamado das constellações do sul.

Era quente e agradavel a noite. Numerosas cigarras, inoffensivos animaes que os antigos veneravam, ziniam monotonamente, nos convidando ao somno.

### Morro, Pindova, Pilar, Caraiba e Siloira

A 18 de Março, continuámos a viagem pelas bem modestas fazendas: Morro, Caldeirões, Pindova, Pilar, Caraiba e Siloira.

Atravessámos ás pressas esta região, que se estende plana e coberta da caatinga quasi impenetravel.

Ora grupos de rochedos, grotescamente arredondados e superpostos, produzem a mutação do quadro, ora causam espanto interminaveis paliçadas de hastes de cardos, completamente revestidos de cerdas brancas, entre os quaes serpêam estreitos caminhos.

A formação geologica dominante é de *granito*, que aflora em superficies planas ou ligeiramente abauladas (lages e lagêdos). Aparecem jazidas de *hornblend*a preta e veios de um *schisto* pardacento, de grandes folhas.

### Mundo Novo e Pedra Vermelha

De Siloira, onde fizemos a sesta, viajámos, á noite, até Mundo Novo e Pedra Vermelha, onde chegámos ainda em tempo, para mandar cavar um tanque, no qual

descobrimos um condilo gigantesco de femur, tendo 7 pollegadas e 3 linhas de diametro.

### S. Gonçalo e Caldeirões

Na fazenda S. Gonçalo, situada ao lado, e em Caldeirões, por onde passámos, tambem dizem foram encontrados ossos.

Pedra Vermelha está situada perto de um contraforte da Serra da Itiúba, da Serra de Cassucá, que rodeámos, para finalmente vermos o tão almejado Monte Santo.

Cerca de meio dia chegámos ao arraial de Monte Santo, quadrado de casas de barro, baixas, situadas a leste da montanha, que subimos depois de meio dia.

### Monte Santo

Monte Santo surge das planicies accidentadas, isolado, sem ramificação, e prolonga-se cerca de uma legua de S. a N.

A altura maxima deve ser, segundo algumas das nossas observações barometricas, de mais ou menos 1716 pés, sobre o nivel do mar e de 1000 pés, sobre o arraial.

Todo o monte é formado de *schisto micaceo* em camadas de meio a um pé de espessura, dirigindo-se de S. a N. e inclinando-se em fortes angulos para L.

A formação é de côr avermelhada ou branca, contendo, ás vezes, *disthenio* branco e esverdeado, disseminado em pequenas quantidades.

## Geologia

Tal estrutura geologica nos lembrava a de Minas Geraes, especialmente a da Serra do Caraça, e, a semelhança entre as formações ainda maior seria, se as amostras de um *oligisto* muito abundante e de grã fina, que nos apresentaram no arraial, como provindo de um filão existente na montanha, fossem verdadeiramente della oriundas, como aliás era provavel.

## Flora

No cabeço do monte a vegetação tambem é de aspecto differente ao da vizinhança e semelhante á de Minas: observámos ao lado dos *Cactus polygonus*, *hexagonus*, *Candelabrum*, M., etc., diversas especies de *Rhexias*, formando charnecas; de *Baccharis*, *Echites*, *Orchideas* crassifoliadas, sobre os rochedos; uma *liliacea* de flores brancas, (*Vellosia plicata*, Nov. Gen. fl. 9) e diversos capins de côr verde escura.

Chegando ao cimo da montanha, vimos em derredor de nós a paisagem até muito ao longe, distendida como tapête, não possuindo assim os encantos da mutação, que se costuma observar das alturas. Apenas offerece, á vista, uma vasta planicie coberta de caatingas monotonas e irregulares, de rios, actualmente seccos; e, limitada ao N. L. e O., por diversas compridas serras.

O aspecto dessas montanhas era para nós do maximo interesse, no que dizia respeito ao meteorólitho do Bendegó.

Esboçámos no Atlas um panorama da região que dará ao leitor verdadeira representação de toda a montanha visível.

Em direcção ao S. vimos a terra elevar-se em collina baixa, declinar pouco a pouco e confundir-se com o azul longinquo do horizonte.

Sombras de nuvens, que passavam, projectavam listas escuras, que se moviam sobre a parte mais distante do nosso ponto de observação, se destacavam superficies estereis muito illuminadas, junto a collinas sombrias.

Tinhamos a O. o extenso maciço da Serra da Itiuba, no qual se distinguem três ordens principaes, collocadas uma atraz da outra. A mais proxima era a escura Serra de Cassucá, junto á qual se destacava a N. O. e a N. a Serra da Pedra Branca e, adiante desta, a Serra Grande.

### Riacho Bendegó

Entre as duas corre o riacho Bendegó, no qual foi encontrado o meteorólitho.

Ao S., apresentavam-se diversas serras muito extensas e aparentemente mais baixas: a mais afastada, numa distancia de dez leguas, a Serra de Mainasse e a sua continuação, a Serra do Cumbe; diante dellas, a Serra do Caixão e a Serra de Manoel Alves; mais além, para O, terminando na planicie, a Serra da Lagoinha.

### Observações geologicas

O aspecto destas serras é sempre o mesmo. Dorsos arredondados e extensos, sem flancos escarpados, nem abismos ou rochedos abruptos, são, em certos pontos, aplanados pela força das enxurradas, sulcados por corre-

gos despidos de toda a vegetação, que se prolonga aos valles ou ás collinas formadas pelos cascalhos acarretados. Além disto, quer os dorsos, quer os flancos, são revestidos por vegetação de caatinga ou por um capim alto.

Uma inspecção geral, feita do nosso ponto de observação, parecia provar, á evidencia, que em todas essas montanhas não se tinha passado alteração em virtude de catastrophes neptunianas, nem vulcanicas.

Os contôrnos arredondados e uniformes dos montes, a regular alternativa de collinas, montes e valles, a falta de vestigios de vulcões extinctos, a estratificação imperturbada das camadas geologicas, tudo emfim, antes mesmo de termos visto o proprio objecto da nossa pesquisa, punha de lado qualquer hypothese de ter a massa metállica surgido por modificações telluricas.

Depois deste exame, fomos logo levados a considerar o ferro do Bendegó como estranho ao local e a pensar que, por forças naturaes impellidas em acção contraria, fôra atirado sobre essa terra tranquilla, desde a sua emersão. Isso nos deu a impressão extraordinaria com que a magestade dos elementos domina o espirito humano.

Muito lucrámos com esta convicção.

A' tardinha, descemos satisfeitos para o arraial pela estrada larga, calçada e ornamentada por muitos Passos da Historia da Paixão de Jesus.

## Fr. Apollonio

Esse logarejo deve seu desenvolvimento, muito especialmente, ao fervor religioso de frei Apollonio, capuehinho italiano do convento da Bahia, que erigiu os

mencionados *passos* na montanha e no alto da capella de Santa Cruz, della fazendo um ponto de romaria muito frequentado. Já, de ha muito, havia crença popular, que Monte Santo santificava os visitantes; e, conjunctamente, se conservou a lenda, que certos peregrinos predestinados viriam arrancar do poder do demónio, que burlava com suas artes qualquer pesquisa, os thesouros de prata pura, consagrados á Igreja e occultos nos arredores.

### **Suppostas minas de prata**

Contam, entre outras, a historia de um sertanejo, que, ha mais de cem annos, promettera ao então Governador Geral da Bahia, fornecer duas arrobas de prata por semana se lhe elle alcançasse o titulo de Marquês das Minas; que o Governador guardára o titulo para si proprio, tendo o sertanejo morrido na cadeia da Bahia, sem descobrir o segredo. Essas suppostas minas de prata estão, segundo alguns, situadas no proprio Monte Santo, segundo outros, na Serra Grande ou na Serra da Pedra Vermelha. Talvês o descobrimento do meteorólitho do Bendegó tivesse renovado e dado vulto a taes boatos.

### **Srs. Mota Botelho e João Dantas**

Depois da precedente inspecção que fizemos do terreno, proseguimos viagem a 20 de Março, para visitar o descobridor do meteorólitho, Snr. Domingos da Mota Botelho, em sua fazenda Anastacio seis leguas ao N. de Monte Santo. Este honrado sertanejo fôra prevenido

da nossa vinda, por ordem do Snr. Felisberto Caldeira, pelo sargento-mór do vizinho districto, Snr. João Dantas, do Camuciata, e já havia providenciado no sentido de mandar roçar alguns trechos do caminho, que estavam completamente cobertos de capoeira.

O caminho até a fazenda Anastacio eleva-se gradativamente e passa sobre granito, alternado com gneiss, sobre o qual se acham, frequentemente esparsos, blocos erraticos de hornblendas.

### Meteorólitho do Bendegó

Através da vegetação da caatinga, cada vez mais densa e ao lado de altos cactos, Domingos da Mota nos conduziu para o N., cerca de duas leguas além de sua fazenda. Quando chegámos a uma baixada menos encapoeirada, vimos com alegria e surpresa o fito dos nossos desejos no riacho Bendegó, (104) actualmente secco. O meteorólitho não foi encontrado no lugar em

(104) O uranólitho do Bendegó está hoje no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Lá o vi e apresento os dados que pude colher sobre a composição chimica, densidade e peso:

Ferro. . . . .	95,1
Nickel . . . . .	3,9
Outros elementos . . . . .	1,0
Peso (Kilogrammas) . . . . .	5,360
Densidade (Lutz) . . . . .	7,56

À margem do Itapicuru encontram-se diversas fontes thermaes de real valor therapeutico para as doenças de pelle, do estomago, figado etc. Destacam-se a fonte do Fervento, a do Cipó, etc.

São fontes de longa data conhecidas e lastimo que até hoje sejam de difficil aproveitamento, pela falta de transporte e recursos de toda a especie. Em certas condições, é mais facil aos doentes a viagem para as fontes congêneres em Minas o S. Paulo, pela difficuldade da viagem ao Cipó.

As aguas já foram analysadas. A primeira providencia racional que se está impondo é a viação para o lugar e não o engarrafamento das aguas, como dizem já se haver tentado.

Hoje a estancia hydromineral das Caldas do Cipó pertence ao Dr. Genesio Salles que se esforça por lhe imprimir orientação moderna. — N. T.

que hoje se acha, porém, cerca de 150 passos para O. e a alguns pés mais acima.

Lá o encontrou entre os matos o nosso guia, quando rapaz, em 1784, na occasião em que procurava uma vacca desgarrada. O uranólitho tinha seu eixo longitudinal orientado de N. N. E. para S. S. O.

O governo foi logo sabedor da existencia desse bloco de metal, que a principio se cuidou ser de prata e, por ordem do governador D. Rodrigo José de Menezes, o capitão-mor Bernardo de Carvalho tentou transporta-lo. Fizeram um carro baixo sobre o qual puzeram, com difficuldade, o bloco e, em vão, tentaram remove-lo com seis juntas de bois.

Um anno mais tarde, com vinte juntas de bois levaram a carga até o riacho, de onde não mais puderam tira-la, ficando o carro enterrado na areia frouxa e impedido por um rochedo collocado na frente. Ainda encontrámos o bloco de metal repousando sobre a trave principal do carro, parcialmente coberto de areia, que mandámos remover, para conhecer todo o formato desse notavel objecto.

Ahi estava o bloco com seu grande eixo dirigido de E. N. E. para O. S. O. (105).

## Descripção

A forma irregular lembra a de uma sella alongada. A extremidade, dirigida para L, é dividida em duas pontas muito afastadas, enquanto a extremidade voltada para O. é mais estreita e simples. O lado do S. é o mais largo, o lado do N., que se reúne em

---

(105) A seguinte narração do que observámos, deve ser comparada á que A. F. Mornay sobre o mesmo assumpto relatou in *Phil. Trans.* 1816. p. 270.

Quando visitámos o Bendegô, não tínhamos noticia alguma da communicação do nosso predecessor, feita com muita verdade real. — N. A.

cima com o do S., formando angulo obtuso, apresenta em baixo uma escavação profunda, que augmenta em largura para O. e é limitado para L. por uma protuberancia muito saliente, em forma de pé.

A superficie não offerece, em ponto algum, planos rectilíneos; é muito irregular e ora suavemente arqueada ou em corcova, ora cheia de ligeiras depressões, escavações, conchoides ou buracos sem saída.

Taes orificios são hemisphericos, cilindricos ou conicos, tendo meia polegada até duas de profundidade, e um quarto até quatro polegadas de diametro; dirigem-se verticalmente para o centro da massa metalleica ou estendem-se ao longo das principaes faces.

São mais abundantes no lado voltado para o S. em numero superior a trinta.

Na grande chanfradura da base do bloco, que se termina para o S. numa aresta aguda, não se observam taes cavidades.

Entre as escavações a superficie apparece irregular, encrespada ou canelada, ou em depressões esparsas, ou pequenos planos discoides, tendo de uma até seis linhas de diametro, provenientes da queda dos fragmentos escamiformes oxidados.

A côr do meteorólitho é pardo-escuro em sua mor parte e côr de ocrea nos logares cobertos de ferrugem.

O maior comprimento do bloco é de 80 polegadas, pela medida parisiense; a maior largura transversal no lado S. é de 43 polegadas e meia; a maior altura na extremidade L. é 34 polegadas e meia e no de O., onde o ferro repousa na terra, é de 25 polegadas. O maior diametro da espessura, em baixo, na grande escavação, é de 37 polegadas e para a frente, na extremidade oeste, é de 34 polegadas.

Admittindo como peso especifico deste ferro 7,731, podia todo o bloco pesar cerca de 17,300 libras parisiens-

ses, se o seu volume fosse calculado em 31 a 32 pés cubicos, por conseguinte devia ser uma das maiores entre todas as massas conhecidas de ferro meteorico. Nos orificios do bloco se acham fragmentos de um *quartzo* granuloso, muito duro, indicando pela forma e maneira de cohesão (na superficie ora maior ora mais fraca do que no interior) terem sido ligados por uma força que agiu subitamente.

A superficie desses pedaços de *quartzo* apresenta-se ligeiramente arredondada ou angulosa; por fóra são de côr escura de ferrugem, attingindo tal côr profundidades differentes, mas desapparecendo para o centro, que é quasi branco.

Uma ferrugem, fina como poeira, cobre as fendas, as escavações e as partes da superficie menos expostas á chuva. Vestigios outros da influencia constante da atmospherá sobre o ferro encontrámos, não no lugar em que o meteorólitho presentemente está, porém no ponto em que foi primeiramente achado.

Observámos, numa extensão de seis braças quadradas, diversos fragmentos destaeados, esparsos pelo solo. Este consta de uma camada muito delgada de terra fina, secca, de côr clara de ocre, misturada de *granito* em pó, tendo em baixo um *granito* compacto e avermelhado.

No riacho Bendegó o *granito* é mais cinzento, com listras esbranquiçadas.

Como blocos erraticos, encontram-se esparsos pedaços do *quartzo* já mencionado, de *horneblenda* escura, de *schorl* preto e de uma pedra semelhante ao *epidoto*, que revelou pela analyse chimica a mesma composição que o bloco de ferro, porém oxidado e hidratado.

Esta substancia apresenta-se em pedaços lisos de diversos tamanhos, ora escamiformes, ora compactos.

Nos logares accessiveis do bloco de ferro, não mais encontrámos vestigios desta substancia, porém, julgámos ser ella a crosta do mesmo bloco, que se despregou pelo abalo, pela mudança de temperatura ou talvez, pelos esforços empregados por occasião da primeira remoção.

Descobrimos o *granito* em diversos logares, mas não encontrámos em parte alguma coisa que se assemelhasse a uma jazida de ferro, de modo que, a nossa opinião, já anteriormente formada sobre a origem meteorica da massa, foi confirmada.

Depois de termos firmado esta convicção, era de grande importancia para nós, levarmos alguns fragmentos desta colossal massa de ferro meteorico.

Encontrámos, porém, difficuldades inesperadas.

As nossas limas e serras inutilizaram-se antes de penetrar algumas linhas na massa. Por meio de cunhas tambem não se poudo effectuar a fragmentação das partes isoladas por buracos ou sulcos, de sorte que só nos restava a acção de repetidas martelladas. Com effeito, o bloco tinha de maneira diversa em differentes logares, o que parecia indicar um grau desigual de cohesão, talvez mesmo a existencia de fendas no interior. Mas, depois de martellar o dia inteiro, não obtivemos um só pedaço, pois todas as saliencias, que se podiam separar mais facilmente, já haviam sido cortadas por um artista, que tinha forjado o ferro e o achára muito util para seu mister.

Depois de tantos sacrificios nada podia ser mais desagradavel do que a insufficiencia dos nossos recursos. O embaraço augmentou pelo facto de se não encontrar uma gota de agua, numa distancia de duas horas de viagem e de sermos, por isso, obrigados a mandar, diariamente, dar de beber aos nossos cavallos, na fazenda Anastacio.

No segundo dia fizemos sobre a massa metálica uma grande fogueira, que mantivemos por 24 horas. Graças a isso e ao premio promettido ao mais feliz trabalhador obtivemos, por fim, no terceiro dia, diversos fragmentos, pesando algumas libras, dos quaes o maior está guardado no Museu de Munich.

Cortando esses pedaços, notámos a estructura crystallina de toda a massa e uma especie de superficie de secção conchoide em certas partes do interior, o que dava motivo a pensar tivesse havido fusão superficial e união intima das mesmas, que primitivamente estavam menos aconchegadas.

Sobre os fragmentos viam-se particulas de *pyrite magnetica*.

A massa não contém nem *chrysolitho*, que communmente se encontra nos blocos de metal meteorico, nem os outros componentes.

Na fractura radiada, feita pela picareta e pela liagem, os pedaços são côr de prata.

A estructura indica uma crystallização incompleta e algumas superficies do cristal provam pertencer á forma octaedrica (106).

(106) O granito de Bendegó, sobre o qual se descobriu o meteorólitho, consta, em sua massa principal, de um feldspatho, as mais das vezes, vermelho côr de carne e de côr escura, nos pontos onde apresenta maiores superficies lisas e transparencia.

O quarizo, que na mistura constitue cerca de um terço da massa de feldspatho branco-pardo transparente, é tão intimamente unido que muitas vezes parece transformar-se em feldspatho.

Existem apenas vestigios de mica e ao revêz desta, ha pouco *pistacito*, indistinctamente crystallizado, e muito pouca *hornblendta preta pardacenta*.

O bloco de ferro do Bendegó possui propriedades magneticas. O eixo magnetico segue a direcção do seu comprimento e o polo norte apparece na parte superior da extremidade, que está orientada para leste, e o pólo sul muito distinctamente na extremidade oeste.

A propriedade magnetica, que se não encontra mais nos pedaços que trouxemos, foi com razão explicada por Wollaston, em suas notas supplementares ao relatório de Mornay (Phil. Trans. 1816. S. 232), como sendo resultado da posição, pois todo o ferro que fica em posição vertical desenvolve pouco a pouco o magnetismo.

Neste particular, mais importante ainda devia ser o ferro meteorico por causa de sua estructura crystallina.

Emquanto os sertanejos contractados nas fazendas vizinhas se occupavam em cortar pedaços do meteorólitho, trabalho que faziam invocando a cada martellada o auxilio de um santo, fizemos alguns passeios a cavallo aos logares mais proximos.

---

Depois que a chimica demonstrou que muitos corpos, segundo sua origem por via humida e por via secca, apresentam duas especies de systema de crystallisação, accresce o interesse no que respeita á estructura crystallina de taes substancias, ás quaes attribuímos origem extra terrena.

Neste sentido induzi meu cunhado e amigo, Snr. Friedr. Fickentscher, e o Snr. Wollaston a examinarem chimicamente o meteorito do Bendegó, assim como as figuras de Widmann (Widmannstüdtenschen Figuren), que apparecem sobre as superficies polidas e rugosas dos meteoritos e aqui apresento o resultado de suas pesquizas.

A superficie (de duas polegadas quadradas), polida e corroida pelo acido azotico diluido, mostrava veias cada vez mais escuras com a dissolução progressiva do ferro, veias que, se entrelaçando de varios modos, sulcam o resto da massa côr de estanho.

Estas linhas, por sua pequenez, se differenciam das que apresentam os ferros do Mexico, de Agram, de Lenarto e de Elbogen.

São, muitas vezes, tão delicadas que só é possível vê-las com a lupa, sendo sua maior espessura de meia linha.

Entre as linhas escuras, o resto da massa metallica apresenta-se côr de estanho. Em alguns logares, examinando-se com a lente, notam-se, apezar de muito pequenas, formas octaedricas e tetraedricas.

Não se conseguiu uma impressão clara sobre o papel, certamente por causa da pequenez das superficies das cristaes.

As riscas pretas, produzidas pela corrosão, tambem se differenciam das que se observam nas supra mencionadas massas de ferro, porque não revelam nenhum parallelismo e os pontos metallicos por ellas separados apparecem riscados nas direcções as mais variadas, pelo que apresenta toda semelliança com o chamado — *Moirée metallique* —.

A propria massa, que forma as linhas escuras, mostra-se desigual; a maior parte della é molle, terrosa, castanho-escura; dá um pó amarellado e reage como sesqui-oxydo de ferro hydratado; outra parte apenas perceptivel nas veias espessas, resiste ao corte da faca e pela raspagem fornece um pó metallico brilhante, amarello sujo, que é atrahido pelo iman e tratado pelo acido azotico desprende hydrogenio sulfurado; assim, revela todos os signaes da pyrite magnetica.

Visto ter sido o pedaço estudado retirado da superficie da grande massa de ferro, é provavel que o sesqui-oxydo de ferro hydratado provenha da pyrite magnetica pela acção do ar.

O peso especifico do ferro meteorico, determinado num fragmento pesando 173,2 grãos, completamente homogeneo, livre de todo revestimento de oxydo, depois de lavado com acido chlorhydrico diluido, era de 7,731.

Para expellir as bolhas de ar ferveu-se principiramente o ferro em agua distillada, resfriou-se depois a 10° R. e pezou-se.

Fazendo actuar o acido chlorhydrico sobre o ferro, desprende-se um cheiro de hydrogenio sulfurado, que, to-lavia, mais tarde é substituido propriamente, pelo hydrogenio desprendido do ferro.

Dos mesmos pedacinhos foram destacados pequenos fragmentos para analyse e completamente dissolvidos no acido chlorhydrico, não mais se desenvolveu hydrogenio sulfurado.

## A barriguda

Por entre os arbustos baixos e sem folhas, notámos os grossos troncos das barrigudas (*Bombax ventricosa*, Arr.), que, despidos de folhas, se destacavam como enormes columnas.

O sulfureto de ferro apenas existe em camada delgada.  
 Fez-se a analyse chimica não só do ferro como da crosta oxydada.  
 Os resultados divergem um pouco dos do Sr. Wollaston.  
 O ferro metallico contem segundo a analyse de Wollaston:

Ferro . . . . .	96,1
Nickel . . . . .	3,9
	100

Segundo Fickentscher:

Ferro . . . . .	91,90
Nickel . . . . .	5,71
Combinação particular (semelhante á graphite) dos dois metaes com o carbono e o silicium (1) . . .	0,46
	98,07

(1) Também tentado o methodo de pesquisa de Wollaston que se baseia na propriedade do oxydo de nickel desempenhar o papel de acido, em presença dos corpos basicos, deu muito menos desse metal. Para se evitar que o oxydo de nickel assim proceda, convem, se elle costuma vir acompanhado de oxydo de ferro ou outro corpo basico, precipita-lo como sal, no qual o ammoniaco dissolve completamente, a combinação de nickel. Snr. Fickentscher, por este motivo empregou o seguinte methodo de analyse: a dissolução obtida com acido chlorhydrico fervente foi separada do residuo proprio, que será descripto mais adiante, fervida com acido azotico, até que todo o ferro oxydasse e depois, se precipitasse então pelo carbonato de potassio. O precipitado lavado, foi dissolvido com ammoniaco, e depois, então, tratado como de costume. O oxydo de nickel obtido continha ainda um pouco de oxydo de ferro que foi completamente separado, dissolvido em excesso de acido oxalico, o qual dissolveu apenas muito pouco oxalato de nickel, porém completamente o ferro. O pó escuro que ficou, quando se fez a dissolução no acido chlorhydrico, é evidentemente u'a mistura de duas substancias diferentes. Uma parte facilmente se deposita e muito se assemelha com a graphite; a outra, mais preta e fosca, precipita-se mais lentamente. Mechanicamente não se separavam as duas partes: o todo era visivelmente atrahido pelo iman. Ustulado na capsula de platina inflammou-se a porção mais preta e estinguio-se em meio minuto. Em seguida, a massa tornou-se, em parte, de cor escuro-avermelhada, porém não soffreu diminuição alguma de peso, entrando oxygenio para o carbono. O acido chlorhydrico dissolveu a porção escura ferrosa e deixou a substancia graphitica pura, a qual importava em quasi metade do total. O acido azotico actuava tão pouco sobre ella, como o acido chlorhydrico; a agua regia, porém, dissolveu-a completamente produzindo effervescencia. Pelo disseccamento ficou um deposito amarello, semelhante a esmalte, o qual dissolvido

## Inscrições em rochedos — Pictografias

Em cima de um rochedo pendente, perto da terminação da Serra de Anastacio, encontramos series de

Na verdade, segundo o resultado apenas aproximado da analyse, a substancia insolúvel no acido chlorhydrico e semelhante á graphite, consta de:

Nickel . . . . .	0,14	} em 100 grãos de ferro meteorico.
Ferro . . . . .	0,16	
Silicium . . . . .	0,06	
Carbono . . . . .	0,10	
	<hr/> 0,46	

As massas semelhantes a minerio de ferro, consideradas como substancia da crosta do meteorólitho, são exteriormente de um castanho-escuro, aqui e acolá salpicada de amarello e de estrutura irregularmente schistosa.

Na fractura schistosa observam-se, frequentemente, pontos que têm as côres do iris.

Toda a superficie é muito pouco brilhante.

A fractura transversal é mais distincta, escura e de brilho ligeiramente metallic; a estria é amarello-escura; é rija como o limonite e dá faiscas quando percutida com o aço.

Só um pedaço do tamanho de três polegadas apresentava alguma polaridade apreciavel.

Os fragmentos menores foram todos attrahidos pelo iman, antes e depois da ignição.

A dissolução das massas finamente pulverisadas faz-se lentamente.

A solução dava azoto, quando aquecida com acido azotico, e a côr escura verdeliz virava em vermelho amarelado.

A analyse revelou em 100 partes:

Oxydo de ferro . . . . .	87,60	} Segundo } 95,9
Nickel . . . . .	3,80	
Acido sulfurico . . . . .	0,28	
Silica . . . . .	1,03	
Argilla, oxydo de manguez		traços.
Agua perdida na ignição	8,62	Oxydo de chromo e oxydo de cobalto não puderam ser descobertos.
	<hr/> 191,33	

Na boa collecção de mineraes do Snr. Heuland, de Londres, tive occasião de ver uma grande quantidade de pedaços de ferro meteorico, entre os quaes as massas compactas apresentavam grande semelhança externa com o meteorólitho do Bendegó.

n'agua dava um liquido esverdeado, que deixava precipitar pequeno deposito esponjoso e alvo.

Tratado por excesso de carbonato de potassio, obteve-se um sedimento amarelado escuro, embaciado, sobre o qual repousava um liquido avermelhado, do qual nenhum reactivo poudo separar cousa alguma. A causa da coloração era provavelmente o acido mangânico.

O precipitado foi depois decomposto em oxydo de ferro e oxydo de nickel.

desenhos primitivos, grosseiros e esquisitos, que sem duvida provem dos antigos aborigenes dessa região. Consistem em linhas rectas, curvas, circulos, pontos, estrellas e parece, pela distribuição em serie, que tiveram uma significação para os indios, sendo agora de muito difficil decifração.

A consistencia, o peso especifico e os vestigios de cristallisação deviam ser propriedades physicas pelas quaes elles particularmente se differenciavam dos outros.

Seria interessante pesquisar a relação entre a pyrite magnetica e o ferro metallico em todos os ferros meteoricos até hoje conhecidos. (2)

(2) A unica massa de ferro, cuja origem meteorica a experiencia demonstrou foi a que, em 1751, caiu em Hraschina, no condado de Agramer, Hungria (v. Schreibers); as restantes, segundo a opinião dos physicos, massas de ferro igualmente meteorico, que se conhecem, são 2) a de Lenarto, condado de Sarosser, Hungria (Tehel, Sennowitz); 3) a de Elbogen (a chamada maldito Burgraf v. Schreibers); 4) a de Brabin, na Polonia (Langier); 5) a de Bitburg, perto de Tréveris (Gibbs); 6) varios encontrados na margem direita do Senegal, mui grandes massas (Adanson, Compagnon) O' Hara, Colberry); 7) a do cabo da Boa Esperança, achada nas proximidades do Rio Schwarzkopf (Barrow, von Dankelmann, van Marum); 8) a descoberta ao norte da Bahía de Baffin (Ross); 9) a encontrada nos arredores do Rio Vermelho, na Luisiânia (Gibbs); 10) varios blocos na Serra branca, perto de Villa Nueva de Hnaxuquilla, no Mexico (Man. Ant. Valdes, Chladni); 11) as de Xiquipileo, perto de Toluca, no Mexico (os mesmos); 12) a de Durango, Mexico (v. Humboldt); 13) de Zacatecas, e 14) a de Charcas, Mexico (Sonnenschildt, Chladni); 15) a de Tocavita, em S. Rosa, na cordilheira oriental dos Andes, na Columbia (Mariano de Rivero, J. B. Boussingault); 16) as de S. Rosa; 17) as de Rusgatá, em Zipaquirá (os mesmos); 18) a de Bendegó (Mornay, Spix, Martius); 19) a de Chaco, Gualumba, em Tucuman, perto de Otumba á margem direita do Rio La Plata (Rubin de Celis). A essas massas compactas accrescentem-se ainda as de estrutura ramificada; 20) a do Rio Jenisey, na Siberia (Stehelin, Pallas), 21) a saxonica, em Gotha (Chladni); 22) outra, talvez da Bohemia (Howard, Bourdon); 23) a norueguêsa? (Chladni); 24) a de Eibenstocker (Lehmann). Aqui, ainda se podem citar, como problematicas, já pela ausencia de nickel, já por propriedades outras: o meteorolito de Aix la Chapelle, da collina de Brianza milanêsa, de Gröskamsdorf, na Saxonia, de Cilly, em Stiermark, de Florac, na França, de Leadhill, na Inglaterra e o chamado Polfels (rocha polar) dos mongóes, na Asia Oriental. Consultar Chladni-Meteoros igneos e corpos que com elles caem. Vienna, 1819.

#### Fontes.

Mornay menciona em seu relatório sobre o meteorolito ferreo do Bendegó, varias fontes mineraes, á margem esquerda do Rio Itapicurú, a respeito das quaes o Sr. Felisberto Gomes Caldeira nos chamou a attenção. Estão ellas situadas a 7 legoas para Oeste de Camuciátá, perto da Fazenda Mato do Sipó. A mais quente (Mãe d'agua) é clara, porém, de sabor sulgado, um tanto ferruginoso e sem cheiro. Conforme fez ver Mornay, essa agua tinha 30, 67° R, enquanto a atmosphera marcava 23, 78° e 27, 11° R. Acredita-se ser esta fonte efficaz nas doenças do fígado, na arthrite e no rheumatismo chronico.

Eram feitos com tinta rubra, provavelmente preparada com um barro vermelho misturado com urucú e triturado no óleo, parecendo pelo aspecto datar de muito tempo.

Dos arredores desta fonte, obtivemos, na Bahia, varios pedaços de uma brecha do tamanho de um punho e cujo cimento é formado de granulações finas. Os grãos de angulos agudos são, na maioria, de quartzo branco acinzentado, além de feldespatho branco e molle. A composição parece pertencer á formação de grês estratificado. Além disso, no districto, entre Monte Santo e o Rio Itapicuru, surgem numerosos colinas de basalto, de que nos certificámos, não somente pela relação feita pelos viajantes citados, mas ainda, por fragmentos de brechia que obtivemos.

As outras fontes em parte thermaes, de agua mineral, de que tivemos noticias, no Brasil, são: 1) na Fazenda Brejo da Pracida, á margem oriental do Rio S. Francisco, na encosta oriental do prolongamento da Serra da Villa do Rio de Contas (do Morro das Almas), fonte salina; 2) as Caldas de Frei Reinaldo, ou de S. Felix, a 10 legoas do arraial de S. Felix, em Goyaz; 3) as fontes thermaes no arraial de S. Cruz, em Goyaz; 4) as fontes sulfurosas no Rio Mozambo; 5) uma no pequeno arraial das Caldas da Rainha; 6) a ferruginosa acidula de Baependy todas três, na Comarca do Rio das Mortes, em Minas Geraes; 7) as fontes perto do Repisto de Insuá, em Matto Grosso; 8) as do arraial de N. S. do Rosario, na provincia de S. Catharina.

Das proveitosas palestras entretidas com o illustrado Dr. Theodoro Sampaio, colhi interessantes informações sobre o uranólitho do Bendegó.

E' com a maior satisfação que transcrevo a carta em que aquelle scientista se refere ao celebre aerólitho bahiano:

"Bahia, 22 de Agosto de 1916. — Meu caro e illustre amigo Dr. Pirajá.

A proposito do meteorito do *Bendegó*, sobre que temos conversado algumas vezes, occorre-me lembrar do que aqui se segue e que ora offereço ao amigo a titulo de informação.

O meteorito a que *von Martius* se refere na sua relação de viagem, estava, pode-se dizer, perdido para a sciencia, depois que o sabio bavaro o examinou e descreveu. Por um lamentavel erro de graphia, que bem não sei como explicar, tinha-se até perdido a noção do lugar.

Pela eliminação do acento tónico na ultima syllaba do nome indigena, passou-se a chamar riacho do Bendigo, e assim se encontra em alguns mappas, o pequeno sub-affluente do Vasa-Barris, riacho que ninguem, naquella região das caatingas, jamais viu.

Achava-me em S. Anna do Sobradinho em 1884, em trabalhos de melhoramentos do Rio S. Francisco, quando recebi do nosso sabio e pranteado amigo Orville Derby, então empenhado em descobrir o paradeiro do meteorito, carta em que me pedia de averiguar e dizer onde se achava, no sertão entre o Itapicuru e o Vasa-Barris, o lugar Bendigo.

Por felicidade minha, havia ente os empregados da commissão de melhoramentos quem conhecesse o lugar e, para logo, corrigiu o erro da denominação que era Bendegó e não Bendigo, e me deu outras informações de referencia ao meteorito ou pedra de ferro, como elle o chamava, á distancia para alcançar-se a estação da estrada de ferro, em Queimadas; ás difficuldades dos caminhos.

Transmitti tudo isso a Derby que assim se habilitou a solicitar da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e della obteve o transporte do bello especimen que ora curiquece o nosso Museu Nacional. Derby, como se sabe, escreveu importante monographia sobre a estrutura e composição chimica do meteorito, e aquella Sociedade fez imprimir o relatorio dos engenheiros Carvalho e Humberto

Não queremos de modo algum tentar explicação desses desenhos, porém, o leitor que observar a copia fiel no Atlas, se inclinará a não reconhecer nelles um divertimento de mãos inexperientes, grosseiro e sem significação, mas achará justificada a supposição de representarem um pensamento, que seu auctor procurou simbolizar por aquelles signaes (107).

Muito proximo a esse rochedo, havia grandes montões de cacos de louça de barro vermelho e de fabricação muito grosseira, primitiva, vestigios bem evidentes de que ahi existiu uma aldeia de indios.

Nada é mais incerto do que as informações dos habitantes sobre os indios, os quaes mudaram as moradias, quando ainda eram independentes, sendo por isso designados por diversos nomes.

Saralva, encarregados de transportar a pedra através dos nossos invios sertões, operação que realisaram com mestria admiravel.

Eis como se tornou a achar o perdido meteorite e o que pôde nas cousas, ainda as de maior vulto, a simples eliminação de um accento tonico.

Queira dar as suas ordens a quem, com toda a estima é seu amigo e admirador mui sincero. — *Theodoro Sampato*". — N. T.

(107) Algumas das figuras que se acham no rochedo da Serra do Anastacio podem, sem duvida, ser comparadas a certos caracteres achados na Siberia e a caracteres cartaginôses; entretanto, é provavel que todos elles não tenham significação alphabetica, merecendo consideração apenas como symbolos geraes.

Em todas as numerosas tribus de selvagens, que tivemos occasião de conhecer no Brasil, não descobrimos vestigio algum de escripta.

Entre elles, a lingua não dispõe de signaes materiaes, que os conduzisse pouco a pouco a uma especie de escripta, a menos que se não utilisassem dos dedos da mão e do pé como numeros.

As relações numericas são pelo selvagem indicadas pelo encurtamento ou pela distensão dos membros e, muitas vezes, são apenas symbolizadas por estes gestos. Assim, é muito pouco provavel que as suas primeiras tentativas de escripta se refiram a numeros.

Ficámos indecisos sobre se os traços daquella inscripção, dispostos em fileiras ou em grupos, podem ter tal significação ou se deviam ter outra.

As esculpturas sobre os rochedos, que encontramos nas margens do rio Japurá, sobre as quaes falaremos depois, indicam, sem duvida, um alto grão de cultura; assim como aqui predomina o traço recto, lá existe, constantemente, a linha curva, terminando-se por espiral nas duas extremidades, cujo original, talvez fosse o remoinho das aguas produzido pelas remadas.

Vergl. C. Spassoy de antiquis quibusdam scripturis et inscriptionibus in Sibiria repertis. Petrop. 1822, und Hunter Memoirs of a Captivity among the Indians, of North America. Lond. 1823. — N. A.

Seria assim trabalho perdido inquerir qual a tribo que ali habitara.

### Aracuyás, Opacatiarás etc.

Entre os mais velhos sertanejos de quem colhemos informações (em Villa Nova da Rainha, onde os ha muitos, achava-se um ancião de 103 annos) andam de bocca em bocca os nomes de *Aracuyás*, de *Opacatiarás*, *Chacriabás*, *Pontás*, *Masacarás*, e *Chocós* ou *Chucurús*. Ainda é possível, porém, precisar as moradas de poucas destas tribus. E' provavel que todas aquellas, cujos nomes se terminam em *ás*, fossem hordas de uma tribo maior, que habitava as caatingas da região e que durante os mezes seccos descia para o Rio S. Francisco, onde vivia da pesca.

### Missões franciscanas

Quando os colonos europeus, entre 1674 e 1700, se espalharam da Bahia para a Provincia do Piahy e, mais tarde, no principio do seculo passado, começaram a viajar de Minas Geraes pelo rio S. Francisco a baixo, diversas missões foram fundadas á margem desse rio, pelos Franciscanos da Bahia.

Os *Pontás* e *Masacarás* foram aldêados em Joazeiro, na Villa Real de S. Maria, na Villa de N. S. da Assumpção e em Québrobó; os *Chucurús* em Ororobá.

Essas tentativas de civilização não tiveram bom exito e os indigenas estão quasi completamente extinctos, ou misturados com portuguezes e mestiços.

O mesmo pode dizer-se da missão do Sahy, perto de Villa Nova, de que não encontrámos mais vestígio algum.

### Chacriabás

A tribo mais numerosa e ainda não amiga dos habitantes é a dos *Chacriabás*, que vive nos desertos, entre as nascentes do rio Gorguea e do rio Grande, confluentes do São Francisco. São perigosos aos colonos vizinhos e ás tropas, que viajam da villa de Pilão Arcado, pelo Duro, estação límitrophe, para a Provincia de Goyaz.

Em Monte Santo nos despertou a attenção a phisionomia de muitos habitantes, que pelos largos malares, olhos pequenos e obliquos, cabellos lisos e compridos indicava procedencia indigena.

Entretanto, esses mestiços datam de uma epoca em que não eram conhecidos os mencionados nomes, porém, pelo nome de *Tapuia*, se distinguiam todos os indios que moravam no interior, dos *Tupiniquins*, mais numerosos no litoral, abrangendo ainda diversas pequenas hordas que se relacionavam com os forasteiros.

O sertão da Provincia da Bahia, como o da vizinha Provincia de Pernambuco, recebeu sua actual população de modo diverso do das Provincias mais ao sul Minas e S. Paulo.

### Bandeiras

Os colonos penetravam pouco a pouco do litoral para o interior, impellidos unicamente pelo amor á independencia, e suas empresas procediam todas de indi-

viduos isolados, de forma que se tornava prudente o cruzamento com os índios, que viviam esparsos.

Os recém-vindos encontravam tanto menor resistencia hostil, quanto as correrias dos *Paulistas* e *Mineiros*, que escravizavam os índios ali domiciliados, espalhando o medo e o terror, lhes faziam desejar a paz.

Muito differente era o que se passava em Minas e São Paulo, onde as incursões hostis dos europeus contra os índios mais numerosos, só foram feitas por grandes bandeiras, havendo necessidade de proteger, á mão armada, as colonias situadas nos logares ricos de ouro.

Como consequencia dessa hostilidade gabava-se o mineiro de sua pura descendencia européa.

Do mesmo modo que no interior da Bahia, formou-se a população de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, sendo, por isso, muito grande o numero das pessoas de côr.

Nas Provincias situadas mais ao norte, Maranhão e Pará, repetiu-se no litoral facta semelhante. Entretanto, no interior se encontram os brancos misturados com os índios, que os sobrepujavam em numero (108).

---

(108) O viajante não encontra em parte alguma oportunidade de colher informações seguras sobre a historia mais remota de alguns districtos.

Os documentos mais antigos, guardados nos archivos das municipalidades, referem-se á fundação dos logares, aos privilegios a elles concedidos pelo governo e ás pessoas que a elles se ligam. Porém debalde, se procurará esclarecimento certo sobre o estado do districto antes do periodo dos maiores estabelecimentos.

As combinações do historiador (colligidas dos poucos documentos das primeiras testemunhas oculares) podem apenas dar resultado de tanto menos valor quanto aquelles que, sem critica historica, fossem escriptos com pouca referencia á lingua e ao estado primitivo dos índios.

E' despido de todo o fundamento historico aceitar a opinião de que a nação dos Tupis tenha habitado entre o Rio de S. Matheus (outrora Cricaré) e o Rio de S. Francisco, as mais das vezes para Leste, e que a nação dos Tapuujas, sua inimiga, tenha habitado mais para Oeste.

Com effeito os Tupinaes (Tupinazes), ou Tupinambases e os Tupiniquins devem ser considerados como tribus aparentadas, porém, não se pode dizer o mesmo dos Tapuujas (ou Tapaujus), pois outrora, em todo o Brasil, chamava-se Tapuujó, como ainda hoje, a todo o incola primitivo não civilizado e inimigo dos recém-chegados.

Por uma narrativa, que aliás se não baseia em documentos, de diversos sertanejos, deve ter sido Garcia d'Avila um dos primeiros conquistadores do

Na fazenda Anastacio, onde tocámos na volta da excursão ao rochedo das inscrições, immolou-se um cabrito a Plutão pela bonita dádiva, o que para nós, seus sacerdotes famintos, foi de bom proveito.

Guiados pela luz das estrellas, chegámos tarde ao nosso pouso, junto do bloco metallico, e, como nas noites passadas, nos deitámos sobre a arêa, onde, acostumados a uma cama qualquer e satisfeitos com o feliz exito da aventura, passámos uma noite tranquilla.

## Mocó e Pedra Branca

Levantámo-nos ainda com o luar, na manhã de 23 de Março; despedimo-nos com indescriptivel sentimento, daquella singular testemunha muda de um mundo outro e nos puzemos a caminho para as fazendas Mocó e Pedra Branca, afim de inspeccionar a mina de ferro que lá se dizia existir.

Viajámos por uma caatinga cerrada que, por vezes, mal nos permittia a passagem e, ao meio dia, alcançámos aquellas fazendas, depois de termos atravessado montes e valles.

Mostraram-nos minérios de ferro, que verificámos serem pedaços de *ferro oligisto* compacto e, como não fossem encontrados na formação da montanha, mas, somente como blocos erraticos, deixámos de proseguir as pesquisas.

Algumas leguas a O. dessa fazenda, deve existir formação calcarea, segundo as informações dos habitantes; e, na Serra Branca, dizem que existe uma gruta

---

sertão da Bahia, e a muitos portuguezes ter deoada fazendas, que fundava nas regiões usurpadas aos Tapuujos.

Dizem que o seu solar é a Torre de Garcia d'Avila, proxima do Rio Pojuca, á beira mar, e que muitas fazendas da Capitania da Bahia, pelo interior do sertão, até o Termo de Pambú, pagavam á casa da Torre um fóro annual de 10\$000. — N. T.

de estalactites, o que achámos muito provavel, attenta á semelhante existencia de cal, perto do rio S. Francisco, entre Salgado e Urubú.

De volta, deixámos, á esquerda do caminho, a Serra da Tromba, montanha revestida de floresta e sustentando em seu cimo isolados penhascos escarpados.

## Terremotos

Os sertanejos falam muito de rumores subterraneos, que frequentemente se ouvem, acompanhados até de terremotos. Se o phenomeno é veridico, deverá ser explicado somente pelas correntes de ar (109).

Em muitos logares no Brasil ouvimos falar de estrondos das serras e encontrámos muito espalhada a crença popular de nellas se acharem escondidos grandes thesouros.

Em Monte Santo ainda recebemos peças, para a nossa collecção de restos de animaes antediluvianos: muitas vertebraes dorsaes e phalanges de um masto-

(109) Entre Villa Nova e Joazeiro, o granito, que se apresenta ora em fractura granulosa, ora fibrosa, consta, ás mais das vezes, de feldspatho vermelho côr de carne, predominante, e de quartzo branco.

Mica ha muito pouca ou quasi nenhuma.

O pistacito compacto e cristallino atravessa a rocha formando muitas faixas. Nas variedades granuladas não são raros os cristaes de nigrina. Na formação dominante os vejos e jazidas de granito, de granulos grosseiros, são enfeitadas com cristaes de verdadeira turmalina, que se caracterizam por faces perfectas.

O schisto hornblendico escuro tambem forma jazidas no granito gneiss e apparece, ás vezes, nas superficies das camadas com o pistacito compacto.

Encontram-se, como seixos rolados, grandes pedaços de fibrolitho (bucholito, faserkiesel, sillmanito) de lindos quartzos, ágata, de chalcedonia branco cinzenta, porosa e de um quartzo muito bonito, verde côr de alho, grosseiramente granulado ou de um quartzo filamentoso violeta e verde, cuja coloração verde provém do ferro.

Não acho que seja sem importancia assignalar que, em região alguma do Brasil, tão frequentemente se fale de montanhas que estrondam, indicando com isto sua riqueza metallifera, como nos arredores do Brndegó e de Monte Santo.

Lady Maria Cratun (Journal of a Voyage to Brasil, pg. 155), faz menção de um oliteiro de forma conica, o Morro da Conceição, nas proximidades do logar em que foi achado o bloco de cobre puro de Cachoeira, onde dizem que muitas vezes se ouvem ruidos como de explosão. — N. A.

donte, encontradas perto da fazenda Cançanção, uma legua distante.

Dahi voltámos pelo mesmo caminho, e, a 25 de Março, depois de fatigante viagem, chegámos á Villa Nova da Rainha.

O deploravel estado em que encontrámos os nossos animaes de carga, diminuiu de muito o prazer que tivemos pelo bom exito da empresa.

Depois de terem sido por muitos dias escassamente alimentados com a provisão de milho, acharam pastagem na Serra do Gado Bravo, onde havia chovido, porém, quer o capim novo (*babugem*), quer as ervas venenosas que nascem com elle, produziram effeito nocivo sobre os animaes, já enfraquecidos por muitos trabalhos.

Quando os procnrámos na serra, alguns estavam mortos e os restantes estavam tão doentes, que fomos obrigados a deixa-los sob os cuidados do arceiro, afim de trata-los.

## Serra do Gado Bravo

A Serra do Gado Bravo é u'a montanha baixa de *granito*, coberta de espêssas caatingas e de pastagens viçosas, nos valles irrigados.

Em muitos logares se encontra deposito de *argila* vermelha aurifera, mas, pela falta de agua sufficiente não proseguiram as tentativas feitas para a lavagem do ouro. Despedimo-nos, com prazer, de Villa Nova da Rainha, onde observámos, alliada á pobreza dos habitantes, a devassidão, que é uma das consequencias do isolamento onde a lei ainda não fez sentir os seus ef-

feitos. Em quatro dias realizámos a viagem até Joazeiro.

Fizemos seis leguas de estrada através de caatingas, semelhantes ás que já havíamos atravessado; enfretanto, depois, perto de Riachinho, num largo valle formado de Rochedos de granito, alguns dos quaes se destacavam pela forma conica e ponteaguda, e, dahi em diante, nos circumdava uma vegetação mais baixa e rala. Nella parece dominar uma tendencia á ramificação, porém, o aspecto geral está mais de accordo com o dos tableiros de Minas Geraes.

São trechos da vegetação das caatingas que ali se encontram. Muito caracteristica e surpreendente era a abundancia de cerradas cercas de cactos aphylls, cobertos de longos pellos brancos, tão bastos que, de longe, pareciam muralha de cabellos. As redondas copas dos joazeiros, quasi que as unicas folhagens verdes existentes, nos offereciam sombra refrigerante para a sesta. A agua tornou-se novamente escassa e fomos obrigados a traze-la em borrachas.

## Serra do Riacho e Serra da Encruzilhada

Exceptuando duas baixas cadeias de montanhas (a Serra do Riachinho e a Serra da Encruzilhada) não encontramos outras elevações. Apenas observámos redondos blocos de granito, no terreno ligeiramente inclinado para N. O.

A rocha apparece sempre como *granito gneiss*. muitas vezes contendo *pistacito* e, disseminadamente, jazidas de *hornblend*a preta.

Blocos erraticos de um *quartzo* esverdeado muito bonito, de *fibrolitho*, de precioso *schörl* no *quartzo* e

de opala commum, eram os unicos objectos que nos podiam interessar no caminho monotono.

A região estava secca e parecia morta.

Seguimos apressada e cuidadosamente nossa estrada. Perguntámos a um cavalheiro que encontrámos a extensão desse deserto. "Até o rio S. Francisco, — allí está farto de tudo!" foi a resposta — e accrescentou hesitante: "tem farinha e agua".

## A carnaubeira

Em Carnahibas, quatro leguas distante de Joazeiro, vimos pela primeira vez a carnaubeira, (110) palmeira cerifera do Brasil, cujas folhas redondas, em forma de leques, são o ornamento característico das baixadas.

O sol poente do dia 30 de Março purpureava a copa dos arvoredos, quando, cerea de meia hora antes

(110) A carnaubeira (*Corypha cerifera*, Arr. (Mart. Palm. t. 49, 50) uma das mais bonitas palmeiras de leque, é notavel, não só por sua particular disseminação nos terrenos humidos das Províncias de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piahy e Ceará, onde ella empresta á paisagem um cunho encantador muito proprio, mas ainda, pelas multiplas applicações que offerece. Dos espiques, tambem empregados como vigas e ripas na construção das casas e jangadas, pode extrahir-se amido fino, pela raladura na agua.

Os côcos ainda verdes, do tamanho da azeitona, são amollecidos por decocções repetidas, depois cozidos com leite e, assim, muito apreciados pelos sertanejos.

Quando maduros, servem de alimento ao gado, que muito os aprecia e são, muitas vezes, o unico recurso, quando ha falta de outras plantas.

As palmas novas são cobertas de pequenas escamas esbranquiçadas, que moderadamente aquecidas fundem-se num corpo semelhante á cêra e do mesmo modo que a cêra de abelhas, pode ser empregada para a illuminação.

Descora-se admiravelmente pelo acido azotico, adquirindo mais flexibilidade e maior utilidade pelo addicionamento de cêra de abêlha ou de sêbo. (Vergl. Man. Arruda da Camara, discurso sobre a utilidade da instituição dos jardins, e Brande in Phil. Trans. 1811 pagina 261). E' interessante, que as pequenas escamas dos espiques das diversas palmeiras, comparaveis ás escamas externas das outras arvores, pela maior parte, contenham uma substancia semelhante á cêra de abêlhas.

Encontra-se esta substancia, entre outras, em diversas palmeiras, especialmente, na palmeira cerifeira dos Andes—*Ceroxylon Andicola*, Humb.—Esta substancia, pela sua natureza, muito se assemelha á rezina molle.

(Vergl. Boussingault in Annales de Chimie. Vol. 29 p. 330). — N. A.

do termino de nossa viagem, passámos rapidamente de um solo queimado e esteril para viçoso tapête de relvas e flôres.

Depararam-se-nos alegres manifestações de vida: acacias em flôr, muitas de *caparidéas*, o *marimari* (*Geoffroya spinosa*, L.) carregado de fructinhas douradas, uma *convolvulacca grandiflora* e arbustiforme, prenunciavam as proximidades do bemfazejo rio. Descortinou-se a paisagem, e, ao longe, esplendeu o magestoso S. Francisco, ondulando placidamente.

### Rio S. Francisco

Sentimos o poder ditirambico do verso pindarico: Ἀριστὸν μὲν ὕδωρ “a agua é o que ha de melhor” — para reanimar o nosso espirito extenuado e, após tantas desventuras e tribulações, chegámos á margem do hospitaleiro e abençoado rio.

## ESTADA EM JOAZEIRO

### Joazeiro

O arraial de Joazeiro, pequena aldêa de 50 casas com 200 habitantes, deve sua origem á missão, que antigamente houve nos arredores, e sua actual importancia ao transitto pela estrada do Piauhy, que nessa altura atravessa o rio.

O S. Francisco (III) separa as duas capitánias, Bahia e Pernambuco, e o posto Registo, situado á mar-

---

(III) Julguei de bom alvitre transcrever a descripção completa do Rio S. Francisco, feita por Manoel Ayres Casal, presbytero secular do Grão Priorato do Crato, na sua *Corographia Brasílica*, 2.<sup>a</sup> ed. 1845. Martius citou, apenas, alguns trechos desta descripção.

O rio S. Francisco, que he o maior da provincia e recolhe huma grande parte dos que a região tem sua origem na vizinhança da serra da Canastra. Depois de largo espaço contra o nordeste, em que recolhe varios ribeiros por hum e outro lado, recebe pelo esquerdo o rio Bambuhy, que vem da raia, e traz consigo o rio da Perdição, que principia na serra da Marcella; he este o primeiro abundante que o engrossa. Obra de 8 legoas abaixo se lhe junta pela margem direita o rio Lambary, em que rega o extenso termo da villa de Tamanduá; e cousa de outras tantas ao norte recolhe pela esquerda o rio Marmellada, que vem da serra dos Quatys. Cinco legoas abaixo se lhe incorpora o consideravel rio Parú, que vem do sueste com mais de 40 legoas de curso, e passa pela villa de Pitanguí; segue-se o Paraupôba, que não tem menos de 60, e a sua origem mui perto da villa de Queluz: suas adjacencias são povoadas de gado grosso. Sete legoas abaixo da confluencia do Paraupôba fica a do Andayá, que vem da raia correndo ao longo d'huma extensa e pouco alta cordilheira, cuja porção — meridional tem o nome de serra da Saudade, e a septentrional o da serra dos Quatys, e traz consigo o rio Funchal. Este rio, ao qual dão para mais de 30 legoas de extensão, he abundante de pedras preciosas, entre as quaes ha muitos diamantes.

Pouco abaixo desagua, tambem pela esquerda, o rio Borrachudo, pouco inferior ao precedente, e corre tambem ao longo do lado occidental d'huma cordilheira denominada serra das Araras, que fica parallela com aquella outra.

Cinco legoas adiante sahe pelo mesmo lado o rio Abayté, que he consideravel, e formado por dois do mesmo nome, que se unem muito acima da sua embocadura, e cujas origens distão mais de 30 legoas huma da outra: hum vem do sudoeste, e traz o ribeirão do Chumbo, que rega a base de hum morro, onde ha

gem norte do rio em frente a Joazeiro, pertence a Pernambuco.

O chefe desse posto, Snr. Manoel Luiz Ferreira, antes da nossa chegada, havia mandado preparar uma casa para nos hospedar. Graças a seus cuidados e aos do Capitão-Mór, Snr. Manoel Luiz da Costa, que morava em Sento Sé, situado a vinte horas rio acima, se tornou mais agradável do que podíamos suppor, a nossa demora nesse logarejo, motivada pela doença dos animaes de carga.

A propria região em que nos achavamos exercia influencia reconfortante sobre o nosso espirito, pois o magestoso S. Francisco espalha todos os beneficios de um

---

huma rica mina de metal, que lhe dá o nome. O terreno medio d'entre as origens dos Abaytês ha hum bosque denominado Mata da Corda, que exige braços agricultores, com varios intervallos de campina, onde pastão numerosas manadas de gado vaccum, cujos donos vivem longe. Ora de 16 legoas mais adiante se encontra a grande cachoeira de Pirapora; e, depois de 4, a confluencia do consideravel rio das Velhas, originalmente Guayenhy, que na lingua dos aborigenas significa o mesmo, e cuja origem está na vizinhança de S. Bartholomeu, 6 milhas, ao poente de Villa Rica. Tem grande numero de cachoeiras, tortuosidades, e mais de 60 legoas de curso. O Paraúna, o Pardo, o Curmataty, que se lhe unem pela direita, e o Bicudo pela esquerda são os seus maiores tributarios.

Pouco abaixo sahem o Jequetaty e o Paculy, ambos pela direita: suas adjacencias são povoadas de gado grosso. Mais adiante sahe o grande Paracatú, cujas principaes cabeceiras são o rio Escuro, e o da Prata, incorporado com o dos Arrepellidos, que limita por algum espaço as duas provincias. Estes rios unem-se poucas legoas acima do Corrego-Rico, que passa junto da villa de Paracatú: aqui toma elle este nome. O seu maior tributario he o rio Preto, que sahe da lagoa Feia, vizinha ao arraial dos Coiros na provincia de Goyaz, e depois de ter recolhido grande numero de ribeiras junta-se-lhe pela margem esquerda, quasi em igual distancia das confluencias onde toma e perde o nome.

Pouco abaixo do rio Preto entra no que o recolhe, pela margem direita, o rio do Somno, rico em pedras preciosas, e incorporado com o rio das Almas, que se lhe une pela direita. O Paracatú é navegavel até hum pouco abaixo do mencionado Corrego-Rico, e sua agua crystallina he tão leve, que nada largo espaço sobre o que a recolhe. As terras d'um e outro lado são povoadas de gado. Ora de 6 legoas ao norte desagua, pelo mesmo lado, o consideravel Urucuya, navegavel por espaço, crystallino, estreito, profundo, e tão rapido, que em todo o tempo atravessa o de S. Francisco, e vai roer o terreno da sua margem oriental. Tem principio na raiz do Goyaz. O rio de Santa Rita, que se lhe une pela direita, e o Claro pela esquerda, são os seus principaes tributarios; e ambos atravessam terrenos agrestes, povoados do gado vaccum.

Segue-se o rio Accary, o Pardo, o Pandeiro, o Salgado, o Pindalyba, o Itacaramby, e o Japoré: todos desaguão na margem occidental. O Pandeiro vem de mui longe, atravessando grandes mattas de boa madeira com muitos cedros, onde se podem estabelecer numerosas colonias para cultivar o seu fertilissimo terreno. Suas

grande rio e, ainda mais, lembra aos viajantes allemães o Rheno, lá onde elle sae dos montes que o constingem, deslizando da cidade de Bona, através de fertéis planícies.

Durante a nossa estada o rio estava com pouca agua, por causa da longa sêcca nas regiões do sul. Nesse anno não havia transbordado.

### Enchente e vazante

Costuma encher no fim de Janeiro e crescer pelo menos durante dois mezes; vaza muito mais rapido do que enche, deixando os barrancos ingremes da margem da enchente num estado de grande fertilidade, de modo que, rapidamente, se cobrem de capins verdes e outras plantas.

As segundas margens mais altas, que os sertanejos chamam *vazantes*, elevam-se de 10 a 20 pés, afastando-

---

aguas são excellentes. Poucas legoas abaixo do Japoré desagua na margem oriental o consideravel rio Verde: e poucas legoas tambem mais adiante sobre o Carinhonha, que he volumoso e navegavel por grande espaço. Tem principio nas chapadas de Santa Maria, perto da raja de Goyaz: sua corrente he rapida, suas aguas crystallinas, e conservão-se por grande espaço sem se confundir com as do de S. Francisco depois de ter entrado n'elle. Acabaremos a descripção d'este magnifico rio, quando tratarmos da provincia de Pernambuco, limitada por elle, como todos os mencionados, que o engrossão, são abundantes de pescado: os doirados, os sorubins, os mandins, e as piranhas, são os melhores. Junto á margem direita do rio de S. Francisco, e obra de 5 legoas abaixo da confluencia do Bambuby, está a lagoa Feia com forma circular, e perto de 300 passos de diametro, d'agua verde negra, que he hum viveiro de sucuris e jacarés.- Nenhum reptil, nem ave se atreve a beber n'ella. Menos de meia legoa para o norte ha outra, com o nome de lagoa Verde, estreita, com mais de 6 milhas de comprimento, e habitada dos mesmos viventes: ambas desaguão para o mencionada rio <sup>(1)</sup>.

O rio de S. Francisco, cuja descripção interrompemos na confluencia do Carinhonha, d'onde até entrar no oceano só recolhe cinco outros de nome: o das Razo,

---

(1) Sucuriú, e Sucury só na côr se differença: o primeiro he anegrado, o outro pardo: ambos tem duas grandes unhas junto á extremidade da cauda, com as quaes se segurão nas raizes, ou pontes de pedra debaixo d'agua, quando querem prender algum animal: e os dentes pontudos, e inclinados para as fauces, de sorte que a preza não pode escapar-lhe, ainda que o monstro queira largal-a. Tem-se morto Sucuriú d'oitenta palmos de comprimento. He possivel que estas cobras sejam uma mesma casta com as sucuriabas d'outras provincias.

se muito do rio em certos pontos, onde, durante a cheia, formam numerosas ilhas e penínsulas. O rio tem, por essa occasião, a largura de uma a duas leguas.

No estado de vazante, em que o encontrámos em Joazeiro, podia ter a de 2000 pés.

o Patámirim, o Verde pela direita, o Corrente, obra de 30 legoas abaixo do primeiro, e o Grande, obra de 40 legoas abaixo pela esquerda, continú d'aquella paragem contra o septentrião com amíudadas, e pequenas tortuosidades, largura assás consideravel, formando grande numero de ilhas, e algumas correntezas, que não impedem a navegação. As margens são baixas, e em parte tão raxas, que com as grandes cheias ficam submergidas por mais de 2 legoas.

Abaixo da confluencia do rio Grande vai declinando para leste até lesteeste, conservando a mesma largura por maior espaço até a aldêa da Vargem Redonda, onde termina a navegação de cima e as terras lateraes começam a elevar-se. Seu alveo estreito, e a corrente começa a ser despedida por entre margens de rocha azul, ou anegrada, e como invertisada até a pequena aldêa do Canindé (termo da navegação de baixo), que fica obra de 20 legoas abaixo daquell'outra.

N'este intervallo ha varias cachoeiras grandes, das quaes a mais famosa he a de Paulo Affonso, onde o rio corre mui apertado. Entre ellas ha passagens de canoa no verão.

No Canindé continua a correr por entre ladeiras de muita pedra, pouca terra, mesquinbos vegetaes, e 100 braças para mais de altura, e margens ainda de rocha com largura d'hum tiro de funda, por espaço de 3 legoas até a boca do rio Jacaré, onde de todo acaba a penedia. O seu leito n'esta paragem he semeado de recifes com apparencia dos resquícios d'hum majestoso dique demolido.

Trez legoas abaixo está a pequena ilha do Ferro, onde as ladeiras começam a diminuir de elevação, e o rio a augmentar de largura, e a ter corôas de arêa branca, onde passeão garças brancas, ou cinzentas; onde se ajuntão legiões de morgulhões negros (que formão como hum tresmalho, e cercão os peixes nos remanços de pouco fundo, e onde não ha piranhas), e onde as gaiotas, e outros passaros aquaticos fazem suas posturas em covinhas, e crião seus filhos depois que o calor do sol os faz nascer.

Seis legoas abaixo da ilha do Ferro está a de Oiro, tambem pequena, alta, e de rocha, coroada com huma hermidã de N. Senhora dos Prazeres; e são 4 as unicas que se encontrão no espaço de 30 legoas do Canindé até a villa de Penêdo, onde findão as rollinas que bordão a margem esquerda.

Meia legoa abaixo do Villanova acabão as collinas da margem direita: e o rio começa a repartir-se, formando grande numero de ilhas geralmente raxas, povoadas de matos viçosos, de aspecto agradável, de terreno fertil, onde se cultiva algum arroz, milho, mandioca, canas de assucar, hortaliças. Algumas são arenosas, outras de barro pardo, com huma camada d'outro negro por cima, e d'hum pó de grossura; e em cima d'esta outra de terra amarellada de 3 para 4 palmos de altura. Todas fição submergidas com as grandes cheias. As canafistulas, formosas em quanto carregadas de flôr encarnada, e que dão por fructo huma vagem commumente de 2 palmos de comprido, e grossura proporcionada, são aqui em grande quantidade, e continuão por ambas as margens até 10 legoas acima da villa do Penêdo. Este rio, tão profundo no interior do continente, desagua por duas bocas muito iguaes: a do norte, que he a principal, tem meia legoa de largo; e tão pouco fundo, que as sumacas só entrão com o preamar, e esperão as maiores marés para sahir.

A navegação de cachoeiras acima he feita em barcas, e ajójos, que são duas ou mais canoas amarradas com travessas por cima. Tudo o que desce o rio abaixo, he desembarcado na Vargem Redonda, districto da freguezia e julgado de Taracatú, o transportado em bestas, ou bois de carga, ao porto do Canindé, ou das Piranhas,

A sua agua pareceu-nos de sabor mais desagradavel que em Salgado, tendo a côr suja e mais esverdeada do que lá.

## Jacarés e piranhas

Muitas vezes tomámos banho no rio, o que é menos perigoso do que em Minas, porque os jacarés e a temível piranha (112) apparecem menos frequentemente.

Só uma vez corremos perigo, pela presença de um jacaré que repousava junto a nós, estendido sobre a arêa e julgamos ser velho tronco de arvore.

O rio é ahí menos movimentado do que no sul; os peixes mais saborosos só descem em grande quantidade até Sento Sé; a lontra raramente apparece.

Nas lagôas, esparsas pelos matos das margens, existem, sem duvida, muitos jacarés, porém, poucas giboias.

A agricultura não parece tão favorecida como no districto sul que o rio atravessa.

que fica meia legoa abaixo. A navegação d'aquí para o Penêdo só he feita em ajôjos, e sempre a veia para cima. O vento reina favoravel das oito horas do dia até a madrugada seguinte, não sem alteração, segundo a idade da lua, e a variação do tempo: sempre cresce de tarde, e muitas vezes acalma antes de meia noite.

Quando este he forte a corrente diminue, e o rio sobe hum palmo. He mais piscoso das cachoeiras para riba. Dizem os homens antigos, que esta differença começara com a extinguidora pesca das *tapogens*, injustamente apoiada pelas camaras, que tirão d'este abuzo consideravel rendimentos, que desaparecem sem deixar ao publico signal do em que se dispenderão, segundo o eco dos povos.

Os mais deliciosos peixes d'este rio são sorubins, que tomão a grandexa d'hum homem; mandins, que crescem até 4 pés de comprimento com grossura proporcionada, e tem mui grandes barbas; pirás, de 2 pés de comprimento; piranhas, que são curtas e largas, com dentes agudissimos, e fataes a todo o vivente, que podem alcançar. Nenhum d'estes pescados tem escamas; camurins, com huma risca branca nos lados; camurupins, ambos corpulentos e escamosos.

Os caens, por hum instincto natural, em quanto as aguas estão barrentas, só bebem nas pontas, onde são correntes, com medo das piranhas, que só andam em agua morta. — N. T.

(112) Piranha—pira=peixe; ãi=que corta. Theodoro Sampaio: ou piraná =tesouras — Barbosa Rodrigues, *Serrasalmo piraya*, Cuv. — N. T.

As esperanças do agricultor são destruídas pela sêcca prolongada ou pela inundação inesperada.

Esta circumstancia e o temperamento particular do sertanejo bahiano, pouco inclinado ao trabalho, podem ser as causas de se contar sempre com o auxilio de mantimentos de Minas Geraes, não só ahi, como em todo o percurso do rio através da Provincia.

Os productos locais provêm da criação vacum e cavallar, para o que é favoravel a região: couros, sêbo, carne do sol, um pouco de fumo e, principalmente, o sal de cosinha, extraído nas proximidades do rio.

Todos esses artigos não permitem prescindir da importação.

Além disso, a região ainda é devedora industrial de Minas.

Reina, por isso, pobreza incrível na maior parte da população.

Ricos são somente alguns grandes fazendeiros, em cujas propriedades ha agregados. Dominam a industria de todo o districto.

A facilidade com que provêm ás necessidades com o producto de suas salinas, tenta-os ao jogo, a que são muito affeitos.

Numa noite vi um sertanejo perder no jogo com um viajante mineiro, o carregamento de mil saccos de sal.

## Navegação do São Francisco

A navegação do S. Francisco se faz em barcas simples, em ajoujos (canôas amarradas transversalmente), rio acima até Malhada, Salgado e S. Romão em Minas Geraes, caminho que permite visita a duas villas:

Pilão Arcado e Barra do Rio Grande; e, rio abaixo, até o porto da Vargem Redonda, num percurso de cerca de cinquenta leguas.

Ahi começa o rio a romper uma cadeia de pedras calcareas, por entre as quaes continua a correr, cerca de doze leguas, muito estreito, impetuoso e profundo.

### **Cachoeira de Paulo Affonso**

Forma diversas corredeiras e cachoeiras, entre as quaes a mais vistosa é a cachoeira de Paulo Affonso.

Sem duvida, nesse percurso através da montanha, alguns logares são navegaveis, porém, o rio só permite navegação ininterrupta da aldeia Canindé em diante, trinta e poucas leguas a oeste da villa de Penedo, situada sete leguas da foz do rio, no Oceano.

Entre Vargem Redonda e Canindé ha uma picada por onde as cargas são transportadas em burros até o logar do embarque.

### **Penêdo e Canindé**

A interrupção da navegação é tão prejudicial ao commercio que até agora só é feita propriamente entre Penedo e Canindé (navegação de baixo) e é completamente independente da que se faz na região superior do rio (navegação de cima).

Assim é que, as regiões situadas acima das cachoeiras recebem mantimentos, quasi que exclusivamente, pela estrada da villa de Cachoeira.

Finalmente, a dar credito ás informações verbaes de diversas testemunhas oculares, aquelles obstaculos á navegação podem ser removidos, pelo menos em parte, restando a esperança, que um estado de maior civilização e commercio mais animado proporcionem ao Brasil o gôzo completo do magestoso rio.

A circumvizinhança de Joazeiro é plana e monotoná; falta-lhe a vida florida e alegre da vegetação, que torna tão encantador o districto de Salgado.

## O marimari

O solo formado de terra vermelha, barrenta, misturada com grãos de *granito* ou *areia*, está coberto de capim, de matos diversos, especialmente, de *marimari* (*Geoffroya spinosa*. L.) e de *mangue branco*, semelhante ao *salgueiro*, (*Hermesia castaneaefolia*. Humb.), denominação aquella dada pelos sertanejos (113).

---

### (113) FLORA MEDICINAL DA BAHIA, PERNAMBUCO E PIAUHY.

Nas provincias da Bahia, Pernambuco e Piauhv são empregadas, como remedios e para fins economicos, muitas plantas usadas em S. Paulo e Minas Geraes de que já tratámos. A enumeração de algumas outras de valor, principalmente medicinal, que, no percurso da viagem, por aquellas provincias, conhecemos, devia achar aqui o logar apropriado.

1 — No interior da provincia da Bahia, vegeta uma especie de *Dorstenia*, differente das descriptas, p. 280) que se recommenda pela propriedade excitante e diaphoretica da raiz, usadas como aquellas — *Dorstenia opifera*, Mart. No país é conhecida como planta contra erva.

2 — *Sebipira* ou *sipopira* — Na Bahia e Pernambuco se dá este nome a uma grande arvore da Familia das Leguminosas, cujo cortex grosso, cor de ocre claro-amarellada, de textura interna fibrosa e externa granulosa, tem sabor um tanto acido e adstringente. O mesmo é particularmente identico ao da casca da alcornoque, que tambem apresenta semelhantes caracteres physicos.

Pelo exame chimico praticado por meu amiao Dr. Buchner, ella encontra tanhao, que azuleja pelos saes de ferro, albumina e um pouco de mucilagem.

Sua acção parece exercer-se, especialmente, nas manifestações cutaneas e dos vasos lymphaticos. Empregam-se em lavagens e banhos nas manifestações cutaneas chronicas; contra a *hydropsia* e a *syphile* tomam-se, internamente, grandes doses

Pequenas fazendas, afastadas do logarejo e situadas á margem do rio, são separadas por cereas extensas de pranchas, de espinheiros, e guardadas por grandes cachorros, que tornam perigoso o mister do botânico.

## Ilha do Fogo

No meio do rio está a pequena ilha do Fogo, sobre a qual se destaca um rochedo de *granito* em forma de piramide.

Pés de gravatás selvagens, da altura de um homem, providos de compridas espadices (*Puya saxatilis*, Mart.) com o aspecto da espadana neo-hollandesa (*Xanthorrhoea hastilis*, Bill.) imprimem á paisagem cunho particular.

Nessa ilha, como em outros logares da margem, o rio apresenta uma formação muito nova, constante dos

---

em decoctos. Já Piso a gabava contra a syphile, em varias especies de manifestações cutaneas e tumores dos pés.

Sebipira, genero ainda não descrito, da tribu das Cassiás, tem os seguintes caracteres: Calyx tubuloso-cylindricus subaequaliter 5—dentatus. Corolla 5—petalas, subpapilionaceas, petalis erectis unguiculatis planis crenulatis.

3 — Duas arvores da mesma familia das leguminosas fornecem excellente vermifugo nas sementes dos fructos. São: a *Geoffroya vermifuga*, Mart., e a *Geoffroya spinulosa*, Mart. Ambas são chamadas angelim, no sertão de Minas e Bahia.

Dá-se  $\frac{1}{2}$  drachma da semente pulverisada, como dose para adulto. A casca destas arvores tambem tem egual propriedade, hem que mais atenuada.

4 — O *arsenal therapeutico* dos sertanejos bahianos é extraordinariamente rico de cascas vegetaes, que encertam bastante tanino e, assim, em condições analogas, como a nossa casca de carvalho, são empregadas aqui e ali, na malaria, em vez da quina. A estas pertence a aroeira, *Schinus terebinthifolia*, Raddi, arvore regularmente alta que se acha propriamente nas capoeiras. O extracto da casca poderia, talvez, substituir a terra catechu das Indias Orientaes. Não tem cheiro, nem sabor adstringente e, conforme a analyse do Dr. Buehner, contém, principalmente, muito tanino, dando reacção azul pelos saes de ferro. A este extracto assemelha-se, em propriedades chimicas, o que se pode preparar com as sementes de quasi todas as especies de *araticum*—anona.

seixos rolados que acarreta consigo e de *peróxido de manganéz* misturado com terra, que é o cimento da brecha.

O *granito* é a formação dominante numa circumferencia de mais de legua. Nos pontos mais proximos não se apresenta vestigio algum de formação de sal, que constitue a riqueza da região.

Para observa-la, fizemos uma excursão de seis leguas ao rio Salitre, pequeno tributario do S. Francisco, onde em diversas fazendas, distantes quatro leguas daquelle rio, se extrae o sal.

O caminho toma a direcção oessudoeste, ora mais perto, ora mais distante do S. Francisco, através do taboleiro e da espessa vegetação marginal do alagadiço.

Quando deixámos a formação de *granito*, encontrámos uma *dolomite* amarello-esbranquiçada, aflorando em grandes bancos, que pouco se elevam do solo.

## Rio do Salitre

A principio pensámos que o sal se produzisse sobre essa rocha, mas, quando nos aproximámos do rio

---

Nelle o citado chimico encontrou, a par com o tanino, tambem albumina vegetal endurecida.

A casca escura e fibrosa de uma arvore que os sertanejos chamam catinga branca é igualmente mui rica de tanino, com o qual se acha muita substancia extractiva. O infuso alcoolico da casca a retém, do mesmo modo que o aquoso.

A planta chamada quixaba e duas outras do genero *Acacia*, pão de colher e jurema possuem na entrecasca extraordinaria quantidade de tanino. A casca desta, ultimamente foi divulgada na Allemanha, com a denominação de *cortex adstringens brasiliensis*, pelo Snr. Schimmelbusch. Numa prévia pesquisa chimica (publicada in Brandes Archv. Jahrg. III. I. p. 2 fl.) iformou o Snr. Schelmeyer que ella contém, especialmente tanino, (dando reacção azul e verde pelos saes de ferro) combinado com substancia extractiva um pouco de resina e muito se assemelha á da ratanhia, do ponto de vista da constituição chimica. Dr. Merrem a empregou com bastante proveito no fluor albus-leucorrhœa — e na gonorrhœa, para a qual se recommenda, pelo facto de ser facilmente digerida, jamais constipante, e pouco irrita. Dose: pó, 1 escropulo até  $\frac{1}{2}$  drachma, 3 ou 4 vezes ao dia; decocto, uma

do Salitre, encontrámos uma formação completamente differente da primeira, lembrando, sob muitos pontos de vista, a existente nas proximidades de Villa Velha, perto do Rio de Contas.

A formação fundamental é um *schisto micaceo*, de camadas mui tenues, encerrando grãos de *quartzito* cristallino e muitas palhêtinhas de *mica* branca ou pardo-clara. Numa extensão ainda maior, aflóra *argillite* primitiva, que se transforma, ás vezes, em *mica*, estendendo-se de N. a S., declinando para L. em angulos de cerca de 40°; ora é de côr verde-escura, de estructura folheada, impregnada de cristaes de *magnetite*, ora côr de carne vermelho-pallida ou azulada, misturada de maior ou menor porção de *chlorito* em pequenas palhêtas.

---

onça para uma libra de agua; reduzido de metade pela cocção. se usa uma colher das de sopa, de 2 em 2 horas.

Tambem applicam uma tinctura e um decocto concentrado, em injeções.

5 — *Para tudo* — Chama-se, na Bahia, a casca de uma arvore, muitissimo parecida com a *Canella alba*, e, talvez, oriunda da *Canella axillaris*, Nees A. M.

E' de sabor aromatico activo, ardente, picante, amargo; todavia, de aroma um pouco menos puro que o da verdadeira casca de canella branca, da qual tambem se distingue, por não serem os fragmentos enrolados, terem maior espessura, superficie desigual e fendida.

Faz parte dos excellentes remedios excitantes, diaphoreticos e diureticos. Recommenda-se em infusão, principalmente nas febres adynamicas.

6 — *Mangabeira brava*, *Hancornia* (mais correcto *Willughbeia*) *pubescens*, Nees A. M. Esta arvore vegeta no planalto quente do sertão da Bahia e Pernambuco. O extracto feito da casca nova, leitosa, não tem cheiro; é de côr escuro-amarellada, de sabor, a principio adocicado, e depois muito amargo.

E' inteiramente solúvel n'agua e depois se apresenta como liquido amarello turvo que, pelo sabor e cheiro, se parece com a solução de extracto da raiz de taraxaco. Os principaes elementos são: substancia extractiva, amarga, albumina e um pouco de tanino. Usado, prudentemente, em pequenas doses, é esplendido remedio contra o turgitamento dos órgãos abdominaes, particularmente do figado, a ictericia e as dermatoses.

Cito mais alguns especimens da riquissima flora samfranciscana:

1 — Costuma crescer muito perto da villa de S. Amaro, uma arvore de folhas ternadas, cuja casca nos foi trazida, em grande quantidade, como sendo a verdadeira angustura, da qual, porém, se differencia pela côr tirante, muito mais a castanho do que ao amarellado, de textura mais fibrosa, e pelo menos pedaços maiores de casca mais fina. Provavelmente pertence á *Evodia febrifuga*, S. Hif. *Esenbeckia*,

Vieiro de *hornblend*a pardacenta, brilhante e finamente granulada, jazidas de *diabase* verde, compacta (mistura de *albite* e *hornblend*a) e de uma primitiva pedra calcarea cinzenta, misturada com pequeninas *granadas* e muitas folhinhas de *chlorite* encontram-se nesta formação, que apparece perto da fazenda Aldeia, onde fizemos nossas observações, numa serie de collinas baixas, ao longo do rio Salitre.

## Salinas

Na planicie, artificialmente escavada entre esses oiteiros e o rio Salitre, numa extensão de cerea de

---

*Juss.*, ou a *Ticorea febrifuga*, St. Hilaire. Serve, pela pureza da substancia amarga, para ser recommendada contra a febre, atonia gastrica, etc., como a verdadeira angustura ou a casca de cascailha. Nós mesmos usamo-la frequentemente em decocto, juntando casca secca de laranja e um pouco de canella,

2 — De igual modo excellente, é a casca de uma arvore, que se encontra na provincia do Piahy, de preferencia, nas matas que margeam o Rio Itahim, e, já no seculo passado, fôra enviada para Lisboa, pelo Governador D. Diogo de Souza, com o nome de quina do Piahy.

A arvore pertence ao genero *Exostema*. deu-lhe o nome daquelle que primeiramente a tornou conhecida: *Exostema Souzanium*. O cortical dessa arvore apresenta-se em pedaços rhatos, de rasca fina.

A cuticula é esponjosa, pardo-cinzenta; a camada interna, da rôr da casca da *Cinchona* regia, tem textura decididamente fibrosa, friavel.

O lenho é branco-amarellado e compacto. O sabor é puro e intensamente amargo, um tanto mucilaginoso e não deixa de ter o aroma característico das verdadeiras especies de quina. Por estes caracteres, ella facilmente se differencia da chamada quina do Rio de Janeiro, cuja casca de côr mais vermelho-escura mais se aproxima da chamada *Calisaya*, do que com a da planta mãe, *Buena hexandra*, a qual meu presado amigo Sr. Dr. Hohí ensinou a conhecer.

Geralmente os medicos portuguezes e brasileiros costumam considerar a *Coutarea speciosa*, Aubl. (vergl. p. 143) como sendo a planta mãe da quina do Rio de Janeiro.

Esta casca foi, porém, muito communmente confundida com a quina do Piahy, razão pela qual, os resultados clinicos observados em Portugal e países outros, ainda carecem de mais minuciosa verificação, principalmente no que diz respeito á differencição dessas duas especies principaes. Sem duvida as observações chemicas sobre a quina do Rio de Janeiro, nas Memorias da Acad. de Lisb. III, II, p. 96, se referem á casca da *Buena*. O mesmo, porém, não se pode asseverar das observações de *Compartiti*, vertidas a portuguezes: Observações sobre a propriedade da quina do Brasil, por J. Ferreira da Silva, Lisb. 1801, 4., e das numerosas observações do

60.000 pés quadrados, e ao longo do rio Salitre, em muitos logares semelhantes, se extrae da terra o sal que, tendo algumas pollegadas de espessura, jaz sobre a rocha.

Essa terra é amarella côr de oca, fina, ás vezes quasi pulverulenta ao tacto, misturada com residuos vegetaes e com seixos rolados, trazidos pelas enchentes dos rios.

Fragmentos de *quartzo*, de *hornblend*a e da *brecha*, por nós já observada na ilha do Fogo, nella se encontram com frequencia.

Logo que as chuvas e as inundações dissolvem as partes salinas e sobrevem o calor do sol, essa lixivia se evapora e apparece uma efflorescencia alva, espêssa ou

Jornal de Coimbra. A *Quinographia portuguezsa*, por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Lisb. 1799, 12, considera a *Coutarea*, planta mãe da quina de Pernambuco e traz o desenho de um *Solanum*, differente do *Solanum Pseudo Quina*, St. Hil., como planta matriz da quina do Piauhy.

A estas falsas especies de quina, ainda acrescenta outra, chamada quina, de Camamú, semelhante á *Allamanda*, cuja planta matriz apresenta desenhada e classificada, como *Coutinia illustris*. E' lastimavel que multiplas duvidas e confusões, no tocante ás varias qualidades de quina brasileira, não tenham induzido a se fazer investigação completa e official.

Finalmente já de ha mais tempo o governo tem ligado grande importancia ao descobrimento das qualidades de quina indigena.

Em 1808, Pedro Pereira Correira da Senna fôra agraciado com a patente de Major por ter descoberto uma especie de quina, provavelmente a *Strychnos Pseudo-Quina*, St. Hil.; além disto teve permissão de exportar os preparados da casca, livres de impostos, para as colonias portuguezsas na Africa.

Em Portugal e no Brasil, chamam Agua de Inglaterra, as infusões vinosas e alcoolicas de quina.

No Brasil ainda se importa, annualmente, grande quantidade. Em 1813 a Universidade de Coimbra recebeu o encargo de fazer o estudo comparado, chimico e therapeutico, entre a quina do Rio de Janeiro e a do Perú. Dessas investigações parece resultar ser a casca da quina brasileira efficaaz, especialmente em decocto, e, muitas vezes, substituir a do Perú.

3 — *Remedio de vaqueiro* — *Ocymum incanescens*, Mart. E' uma erva rasteira, frequente nas capoeiras secas da provincia da Bahia e se revela, pelo aroma activo, semelhante ao do basilico; proclamam-no remedio estimulante.

Usa-se o infuso da erva e das inflorescencias como sudorifico e diuretico, nos resfriamentos. Igual virtude e uso possui a *Segurelha*, *Ocymum gratissimum*, L.

4 — *Junça* — Nas pharmacias da Bahia, se conhece com este nome uma raiz nodosa, revestida de fibras e de escamasinhas; ó de sabor aromatico-acrimonioso, ardente, um tanto amargo.

E' prescripta em tisanas, tal qual a raiz da quina ou da salsaparrilha. Provavelmente pertence a uma planta da familia das *Cyperaceas* ou das *Xyridáceas*.

delgada, que crepita sob os pés e em que se podem distinguir, com a vista desarmada, as pirâmides rectangulares ôcas e os cubos de sal.

Quanto mais delgada é a camada de agua, quanto mais rapida é a evaporação de um logar, tanto mais cêdo apparece esse deposito. Por isto, só podiamos presentemente observa-lo nas pegádas do gado, onde os logares mais ricos já haviam sido trabalhados.

Como sempre, na terra e no mar, o sal não apparece isolado, senão de mistura com gêsso, chlorureto de calcio, chlorureto de magnésio. O salitre tambem é encontrado nas efflorescencias.

O centro dessa producção de sal não se limita á região do rio Salitre, mas estende-se d'ahi, das salinas

5 — *Colunga*, *Simaba ferruginea*, St. Hil., é pequena arvore, cuja casca e raizes são bastante ricas de principio extractivo amargo. Ambas são empregadas em decocto, em pó, muita vez, com os mais decisivos proveitos, na febre terçã, na *hydropsia* incipiente e na *dyspepsia*.

Usa-se do infuso em *clysters*, contra o relaxamento do recto e diarrhéas asthenicas. A arvore cresce nos taboleiros dos sertões das provincias de Pernambuco e Minas Geraes.

6 — Nos altiplanos do Parará e nas campinas seccas, muito proximas de Oeiras, encontrei frequentemente a *Krameria Ixina*, Loeff., vegetando agrestemente. O Brasil tambem possui aquella raiz muito adstringente, conhecida pelo nome de *rathania* das Antilhas, de grande efficacia contra as diarrhéas chronicas, hemorragias passivas, etc. e, provavelmente reputada igual á da *rathania* peruviana — raiz de *Krameria triandra*.

7 — A erva, *Agermonia mexicana*, L. possui acrimonia caracteristica, e, triturada, se emprega em cataplasmas, para amadurecer e limpar os abscessos. Os sertanejos consideram-na muito boa para a doença syphilitica, chamada boubas.

Na Bahia, um medico me asseverou que, ahí no pais, assim como tambem affirmára Bory de S. Vicent, na ilha de Bourbon e na França se attribue ao çumo das sementes dessa planta a virtude de impedir a queda dos cabellos e promover-lhes o renascimento.

8 — *Spigelia glabrata*, Mart. Nov. Gen. et Spec. II. p. 127. t. 193. Na provincia da Bahia muitos medicos conhecem esta planta, com o nome de *Espigelia* e empregam a raiz, de sabor e cheiro semelhantes á da valeriana, como excitante, sudorifico e vermífugo.

Nas provincias do Norte do Imperio dizem apparecer a verdadeira *Spigelia anthelmia*, L., que é applicada como vermífuga. Finalmente, o pais, além disso, é bastante rico de anthelminticos energicos, dentre os quaes apenas aquí menciono a *andiroba*. A casca dessa arvore, encontradiça no Piahy e no Maranhão, de cujos fructos se extrae o oleo carapa (vede infra, pag. 876), costumam prescrever na pro-

situadas mais ao sul, sobre o grande valle do S. Francisco, até a Villa de Urubú, numa extensão de mais de três graus de latitude e numa largura de 25 a 30 leguas.

O districto é limitado a L. pela continuação da Serra das Almas (a Serra da Chapada, Morro do Chapéo, etc.) e por diversas montanhas isoladas, de pedra calcarea, que, como em Minas Geraes, encerram grandes nitreiras.

Os rios que nascem nessas montanhas e o desaguam no São Francisco, (o Paramirim, Rio Verde e Rio do Salitre) todos acarretam elementos salinos.

porção de um drachma, pro dosi, com os mercuriaes ou com purgativos drasticos, como Iubricida.

9 — *Sapê ou capim pêba*, isto é, capim molle, *Anatherum bicorne*, Pal. Beau. Esta erva que apparece frequente na maior parte do Brasil, nos logares desflorestados e nas proximidades das habitações, ahí faz as vezes da nossa raiz de grama.

10 — *Camarú*, *Physalis pubescens*, L. e outras especies. As fructas podem ser comidas.

O decocto das folhas é ligeiramente diuretico, resolvente e preferencialmente reccitado pelos sertanejos, nos resfriamentos acompanhados de complicações gastricas.

11 — Na provincia do Piahy nos foi mostrada uma arvore, de nome Pequê, que parece pertencer ao genero *Caryocar*, L., e foi classificado *Acanthocryx pinguis* por Manoel Arruda da Camara. Os caroços do fructo, consta que pela utilidade e pelo sabor, se parecem com os da sapucaia. Começa-nos tal qual se foram amendoas e delles extraem oleo muito fino.

12 — *Pavonia diuretica*, St. Hil. Como varias outras malvaceas, tambem esta planta que, não raro, apparece no valle do S. Francisco, contém grande quantidade de principios muciluginosos. O sumo desse vegetal é ministrado, de mistura com mel, na dysuria, estranguria; e, externamente, o applicam em cataplasmas.

13 — Além das varias especies de palmeiras, cujas palmas dão lias conhecidos por tucum, ainda me foram apresentadas, na Bahia, três plantas que podem substituir o canhamo e o linho, visto a resistencia das fibras do liber: *Urena sinuata*, L., chamada carrapicho, *Lopimia malacophyla*, Nees et M., chamada malvaesca ou guachima, na Bahia, oigema no Pará, e a *Bromelia variegata*, Arr., Carôá dos sertanejos. Das duas primeiras servem-se das hastes; da ultima, porém, se utilizam das folhas macerando-as na agua, ou na arêa humida das margens dos rios, até que o tecido cellular conjunctivo das fibras amolleça completamente, para ser retirado, depois de batido e esfregado.

Isto mais facilmente se dá com as duas primeiras plantas, do que com a ultima, cujas fibras, se não forem cuidadosamente retiradas, uma a uma, ficam differentemente resistentes, angulosas ou chatas, cheias de fiapinhos, um tanto rijas, de côr esverdeada e não se comparam, embora tendo igual espessura, ás do malvaesca. Estas depois do primeiro preparo, têm côr amarello-clara de ocre, porém, adquirem

Para O., as montanhas afastam-se ainda mais do rio. O terreno é uma planície monotona, arida, coberta de capim ou de arbustos baixos.

Vêem-se nas baixas, principalmente depois das chuvas, surgirem crostas brancas de sal e os logares

completamente pela maceração continuada, a côr do nosso linho. O fio é bastante fino, igual; e, embora não tão flexível como o do linho, todavia, é do mesmo modo resistente e muito duradouro.

Ao microscopio apresenta-se roliço, igual, lizo e, em intervallos de algumas polegadas ordinariamente ligado ao que lhe fica junto, por outro accessorio. O fio do carrapicho, de côr semelhante ao mencionado é, porém, um pouco mais grosso, menos flexível e, ao microscopio, apresenta mais numerosos pequenos fios transversaes. Não resta duvida que, estas plantas, depois de convenientemente manipuladas, substituirão, por completo, o canhamo e o linho.

Um escriptor portuguez tambem já se occupou deste assumpto. Vêde—Man. Arruda da Camara — Dissertação sobre as plantas do Brasil, que podem dar Linhos, etc. — Rio de Janeiro, 1810; e José Henriques Ferreira, nas Memorias Economicas da Acad. R. de Lisboa, Vol. I, p. 1.

14 — *Dentre as plantas toxicas* cito a *Euphorbia cotinifolia*, L., e a *Paullinia pinnata*, L., porque notei em Pernambuco e Piahy serem ellas utilizadas pelos habitantes de procedencia indigena, para tontear os peixes menores, que de ventre para cima vêm á tona d'agua.

Para isso dependuram no rio ou na lazôa, um môlho de erva. Ainda uma vez teremos ensejo de voltar a tratar deste habito usado no Pará e Rio Negro, onde ainda se servem de outras muitas plantas, para o mesmo fim.

De varias especies de mandioca e até da mandioca venenosa commum, Maniot utilissima, Pohl., se servem os sertanejos da Bahia e Pernambuco, para apanhar pombas e outras aves.

Entre Joazeiro e Oeiras, encontrâmos, em muitos logares dos campos secos, vasos de barro, enterrados, e cheios de agua de mandioca.

Os passaros que, impellidos pela sêde, bebem o dito liquido, começam logo a tremer, não podem voar e são pegados á mão.

\* \* \*

Seria exceder os limites deste relatorio, se quizesse apresentar aqui todas as demais plantas medicinaes observadas em minha viagem pelas provincias da Bahia, Pernambuco e Piahy. Assim, menciono ainda, rapidamente, alguns remedios caseiros, muito conhecidos no sertão: o alecrim do campo, *Lantana microphylla*, Mart., em infusão, como chá excitante: camarál (!) e Maria-preta, duas especies de compostas, usadas em compressas como excitante e estimulante. A uma especie de *Lycopodium*, *L. hygrometricum*, Mart., que, em occasiões de sêcca se enrola como novello, tal qual a Rosa de Jerichô, se attribue a propriedade de restituir o vigor viril. Entre as plantas aconselhadas contra as picadas de cobras, tambem se ouve citar o manacá de Piso, *Franciscea uniflora*, Pohl., bem assim o cangambá ou gerataca.

A respeito desta ultima planta chamada no Pará mercurio vegetal, ainda nos occuparemos depois. Na Bahia e Pernambuco se conhece o emprego dos pellos da fava mucunã, *Stizolobium urens*, P., como anthelmintica.

(1) Será o camará-japo de Piso ou a Moquinha polymorpha. Fam. Composita? — N. T.

onde isto mais frequentemente se dá (lagôas, salinas) são chamadas minas de sal pelos habitantes, que affluem, annualmente, de perto ou de longe, para aproveitar a offerta da natureza. Algumas dessas salinas estão muito distantes do rio, como, por exemplo, no lado de L., a da Batateira, 12 leguas, as do Brejo da Prazida 15, no lado de O., as do Brejo Secco 7, da Pindoba 4, do Brejo do Zacharias 6, das Salinas Grandes 12; outras como as de Casa Nova estão na margem do rio.

Do mesmo modo estão mais proximas das margens as salinas do Sargento Paté, dos Abreus, da Aldeia, no rio do Salitre e as do Pacuhy e Baixa Grande, no riacho Pacuhy, tributario do primeiro.

As salinas de Suruá, tambem situadas a L., distam do rio quatro leguas e são notaveis por terem nas proximidades grande tanque. muito piscoso, communicando-se com o São Francisco por meio de um canal.

A maior parte das salinas é propriedade de ricos fazendeiros do S. Francisco. Mas outras, principalmente as situadas a O., onde diversas regiões do paiz deserto ainda não possuem dono legal e onde os limites dos districtos do sal são apenas conhecidos, pertencem em usufructo a quem as descobre.

O processo para se extrair o sal é muito simples. Raspam-se a terra e as crostas de sal formadas na profundidade de uma pollegada sobre ella, servindo-se para isso do peciolo da palma da carnaubeira; lixivia-se tudo com agua de chuva ou do rio; a decoada é exposta immediatamente ao sol para crystallizar.

Faz-se isto em gamellas de madeiras, sendo uma destinada á solução turva do sal, outra á solução decantada e prompta para crystallizar, — ou num couro de boi (*banguê*), distendido sobre quatro estacas, tendo no centro concavo uma cobertura pela qual a lixivia

goteja para outro couro não perfurado ou para uma gamella.

Afim de immediatamente reter, por meio dessa operação, as impurezas insolúveis, se cobre o orifício com folhas de palmeira e por cima destas se colloca uma camada de arêa limpa.

O vaso, em que se procede á crystallização, tem um pé de profundidade e recebe diversas crostas que se precipitam á proporção de formadas á superficie da lixivia.

Num *banguê* se extraem de 60 a 120 libras de sal, gastando-se para isso duas a três semanas, conforme a estação.

Continua-se, geralmente, a juntar lixivia, até que o vaso de crystallização fique repleto de sal. Retira-se então o sal; quebra-se; secca-se completamente ao sol e delle se enchem saccos rectangulares de couro, (*surrões, bruacas*), cujo peso é de 30 a 40 libras cada um. Costuma-se espalhar, novamente, a terra lixiviada sobre as salinas, donde reabsorve pouco a pouco o sal. Em certas regiões a terra, cavada na profundidade de dois pés até a rocha fundamental, ainda fornece sal, depois de ter repousado por algum tempo.

Talvez a producção seja renovada, em parte, pelas enchentes, dos riaehos vizinhos, pois todos acarretam mais ou menos particulas de sal. Não é, porém, de certo esta a unica das causas que devem ser pesquisadas mais aprofundadamente.

A extracção faz-se nos menses seccos de Junho, Julho, Agosto e Setembro, depois que as chuvas preparam a efflorescencia do sal.

Em diversas lagôas muito ricas se trabalha quasi todo o anno e em suas margens estabeleceram os sertanejos importantes fazendas, onde ao mesmo tempo cuidam da criação do gado cavallar e vaccum. Nas outras

salinas construíram cabanas, habitadas pelos proprios donos, durante a extracção do sal.

Aos trabalhos das salinas se juntam os vendedores ambulantes, pescadores e um commercio animado se faz, geralmente, entretido pelo sal, que serve de moeda corrente.

Os magistrados e parochos, que raramente apparecem nesses desertos isolados, tambem se encontram em taes feiras e recebem suas esportulas e *jura stolæ*, pagas exclusivamente com o mesmo producto.

Um prato de sal vale 20 a 40 rs.; um sacco 300 a 400 rs. Aproveita-se o tempo do preparo do sal para a pescaria, que rende mais nos menses seccos.

Os peixes grandes são tratados, salgados, secados; dos pequenos se extrae o azeite.

O producto vende-se no mercado aos negociantes de sal de Minas Geraes, que ahi se acham na occasião, ou vae para os armazens, do rio S. Francisco e de lá para todas as partes do interior do Brasil.

S. Romão e Barra do Rio das Velhas, em Minas Geraes, são os principaes emporios do commercio para S. Paulo, Goyaz e Matto Grosso; para as regiões do norte, as Províncias da Bahia, e Pernambuco, para uma parte de Goyaz e Piauhy; os principaes emporios são: as villas da Barra do Rio Grande, Pilão Arcado e o arraial de Joazeiro.

A producção de todas as lagôas pode ser calculada annualmente, em mais de 35.000 saccos. Dizem que se extraem annualmente no rio Salitre mais de 2.000 arrobas.

Que este commercio põe em circulaçào um capital muito importante para as condiçõe da região, se deduz do facto de se quadruplicar o preço do sal desde o seu logar de extracção, até os mencionados emporios do sul, onde se compra o sacco por 12 a 16\$000,

O salitre cada vez mais se encontra com o sal, á proporção que se avança do rio S. Francisco para L., em direcção ás montanhas calcareas.

A quinze leguas acima, pelo rio Salitre, dizem que existem grandes grutas calcareas, cheias de terra preta, da qual se extrae o salitre, assim como das proprias estalactites pulverizadas, do mesmo modo que em Formigas e em logares outros de Minas Geraes.

A terra, segundo affirmam, contem, ás vezes, até  $\frac{3}{4}$  de seu peso de salitre.

## O salitre

Quando o salitre e o sal de cozinha se acham juntos na mesma terra, o processo de extracção é o seguinte: lixivia-se a terra e evapora-se a lixivia ao calor até um certo gráu. Destarte se separa a maior parte do sal de cozinha, porque tendo este a mesma solubilidade na agua quente e fria, não pode continuar dissolvido, quando diminue o volume de agua.

A lixivia restante, mais rica de salitre, se cristalliza pelo resfriamento, em prismas do mesmo salitre, e a lixivia-mãe pode ser aproveitada pela evaporação ulterior, para se obter o resto do chlorureto de sodio. O que resta da lixivia-mãe concentrada, contendo azotato de calcio e azotato de magnesio, se decompõe pela lixivia de potassa e se obtem, pela evaporação e cristallização a frio, o salitre restante.

O commercio do salitre para a Bahia, Villa Rica e Rio de Janeiro era muito importante, antes de ser prohibida a sua exportação do Brasil.

Dizem que ultimamente este ramo de negocio foi de novo permittido.

Ha necessidade de se fazer uma exploração scientificamente orientada do material existente em abundancia. Merece que o governo a institua.

## Os Masacarás

De volta do rio Salitre para Joazeiro, encontramos alguns indios da tribu dos *Masacarás*, os unicos restantes da missão que ali outrora existiu, segundo affirmação do nosso guia.

Eram de organização robusta e, em seus costumes, iguaes aos demais indios.

Estavam tão deshabituaados á lingua de sua tribu decadente, que só com difficuldade pudemos tomar nota de um pequeno vocabulario.

O som das palavras era rouco, aspero e desagradavel. Falavam lentamente, sem accentuação animada e pareciam ter perdido toda a energia moral, pela grande dependencia em que se achavam dos estrangeiros.

Em Joazeiro, durante algumas semanas, tivemos occasião de exercer a profissão medica.

De perto e de longe vinha grande numero de doentes, que soffriam, principalmente, de febres intermitentes e de cirrhose hepatica, em consequencia das febres.

Esta doença apparece, ordinariamente, durante a vazante do rio, isto é, de Março até Maio; não tem um character tão maligno como no S. Francisco em Minas, e, ás mais das vezes, se mantém nos limites de uma simples terçã, que é combatida por vomitivo, para o que se servem os habitantes, não só do tartaro emetico, senão tambem de algumas raizes.

As diarrhéas são frequentes e, durante os meses mais frios e seccos, de Abril a Setembro, quando sopra o vento léste, não raramente se transformam em disenteria, que faz muitas victimas.

Nesse periodo, de alguns annos a esta parte, apparece, ás vezes, o *coup*, outrora desconhecido ahi, como na Bahia.

Em certos annos, independente das enchentes, como parece, se manifestam febres tiphoides epidemicas.

Os negros escravos levados da Bahia para Piauí, por Joazeiró, são, ás vezes, portadores de escorbuto.

Vimos alguns casos de hemiplegias, amauroses e hidropisias.

Observámos numa senhora, ainda moça, uma doença muito interessante: consistia no crescimento, por baixo da pelle dos braços e joelhos, de compridos cabellos, que, finalmente, sahiam pela suppuração e, apesar de extraídos, se reproduziam de tempos em tempos.

### Doença de Wolosez

Esta doença, que, segundo dizem, apparece frequentemente ahi, me fazia lembrar a doença de Wolosez, commum no rio Don, no Tscherkask e noutras regiões do sul da Russia, e que consiste no crescimento de cabellos nas feridas.

Talvez a manifestação desta formação pathologica de cabellos, em dois paizes afastados, que, entretanto, se relacionam pelo facto de ser a sua superficie rica de saes efflorescentes, lance alguma luz sobre a relação de causalidade da mesma.

A situação erma, do logarejo pouco povoado, se prestava para nos imprimir as mais benéficas sensações de um agradável repouso, o que só mui raramente acontecia.

Com tal disposição de animo dirigimos com satisfação as nossas vistas, durante as longas noites, para as estrellas do hemispherio sul, que brilhavam com extraordinario esplendor num ceu sem nuvens.

### Contemplações scientificas

Enriqueciamos o espirito dos mais elevados pensamentos, contemplando, do profundo silencio que nos cercava, os infinitos mundos luminosos do firmamento austral: *Argo*, scintillando muito ao longe, o magestoso *Centauro* e as quatro brilhantes estrellas do *Cruzeiro do Sul*.

### Encantadoras maravilhas da Patria Brasileira

Parecia-nos luzirem com duplicado fulgor os gigantescos soes: *Sirio*, *Espiga* e *Alphard*. Com mais affeição demorámos os nossos olhares sobre *Fomahand*, *Antares*, *Acharnar* e *Canopo*, astros que, de tal maneira, não mais poderíamos ver em nossa patria, e, assim, nos impuzemos ao espirito o prazer de se satisfazer com esta contemplação para o resto da vida.

Quem ousará taxar de frivolo este nosso esforço? Entretanto, é o inacessivel, o para sempre perdido, que no homem desperta as mais profundas saudades.

Ainda mais poderosamente do que o brilho daquelle sóes nos impressionou o espirito, o negrume dos espaços celestes, sem estrellas, onde o olhar errante se perde por entre o esplendor dos milhões de mundos do polo sul. Diante delles, imagens mudas do infinito, portas de um segundo firmamento inacessivel aos sentidos humanos, queda o espirito subjugado pelo presentimento da eternidade.

A vida do homem satisfaz-se com a mais variada mutação de sentimentos, pois, quando nos entregavamos, numa daquellas noites tranquillias, ás mais sublimes impressões, tilintaram, subitamente, os chocalhos dos burros que chegavam e o arreeiro Miguel appareceu com o resto da tropa, que haviamos deixado em Villa Nova.

Empacotámos o nosso telescopio Dollond e cuidámos com interesse de continuar a viagem.

### Registo do Joazeiro

A 21 de Abril atravessámos o rio numa grande balsa, que se movimentava por meio de cabos, e pisámos a Provincia de Pernambuco, perto de Registo de Joazeiro.

Actualmente esta passagem do S. Francisco é a mais frequentada de todo o sertão da Bahia e mais importante do que as outras nas villas de Pilão Arcado, Barra do Rio Grande e do Urubú.

Por ahi se faz o commercio interno para Piauhy e Maranhão, como tambem pelos logares já mencionados para Goyaz e Matto Grosso.

O artigo mais importante do transito é o gado de talho para a Bahia. Na verdade, mercadorias européas

e ultimamente muitos escravos, depois que diminuiu o trafico negreiro entre Pará, Maranhão e Pernambuco, com as costas septentrionaes da Africa Oriental, são transportados para as plantações activamente exploradas no Maranhão. Ao governo, porém, dão menores lucros.

## Gado

A quantidade de gado em transito para o talho é calculada, actualmente, em 20.000 cabeças por anno. Antigamente, quando as necessidades do Maranhão eram menores e a estrada do Piauhy para Pernambuco não era frequentada, se contavam, annualmente, 50 a 60.000 rêses.

O governo arrendou a receita dessa alfandega ao maior concorrente, que foi uma familia em Pernambuco, pela contribuição annual de 500\$ a 600\$000.

Outrora a importancia do arrendamento era maior; chegava a 1:000\$000.

Paga-se por um negro novo 100 rs.; por uma cabeça de gado vaccum ou por um poldro bravo 80 rs. e por um cavallo manso 320 rs.

## Travessia Nova

Duas estradas do Piauhy vão ter á Passagem do Joazeiro, que se chama Travessia Nova, e se dirigem para as nascentes do rio Canindé e, por elle abaixo, até Oeiras, ora se aproximando, ora se afastando do São Francisco.

## Travessia Velha

Entre a fóz do riacho Pontal e o arraial Quebrobró, a leste daquellas duas primeiras estradas, mais abaixo do rio, sae uma terceira. A oeste da Travessia Nova, a provincia do Piauhy communica-se com o sertão do rio S. Francisco, pela Travessia Nova. Essa estrada começa perto do logarejo de nome Sobrado, sobre o rio, e segue o curso do rio Piauhy, que attinge, conforme suas diversas direcções, ora em sua nascente, ora mais abaixo.

A Travessia Nova, por onde tambem passámos, é, actualmente, a mais frequentada; porém, como as outras, soffre falta de agua, na estação secca que vai do mês de Agosto a Dezembro.

Todo o sertão, que se estende entre os affluentes occidentaes do S. Francisco, do rio Grande e do rio Pontal e deste, ao longo do S. Francisco, até suas cachoeiras, se eleva muito pouco para O. e N. O.

No tracto de terreno, atravessado pelas mencionadas estradas, reina o mesmo clima quente e secco; e, os poucos riachos que o regam, como tambem o rio Pontal, quasi que desaparecem, annualmente, durante as terriveis seccas.

E' com agua de cisternas que alguns fazendeiros, ahi estabelecidos, provêem suas necessidades e as das tropas que passam. Mas, apesar disso, frequentemente acontece que a metade do gado vaccum e cavallar, que passa do Piauhy, morre de sêde ou de fome, antes de chegar ao S. Francisco.

O districto, que, junto ás regiões vizinhas, se distingue por suas condições phisicas, forma, actualmente, a Comarca do sertão de Pernambuco, com as villas da

Barra do Rio Grande, Pilão Arcado, Symbres, Villa Real de Santa Maria, Flores, da Assumpção e Garanhuns.

## Sertão de Pernambuco

Foi o unico sertão da Provincia de Pernambuco em que tocámos, e, um tanto propositadamente, por causa dos movimentos politicos, que alguns annos antes se deram nessa provincia.

\* \* \*

Attingido o fim deste admiravel e completo relatorio, feito pelo genial sabio e naturalista, do que era a Bahia em 1818 e 1819, pareceu-me indispensavel dizer, em poucas palavras, os fins da sua viagem e as provincias do Brasil por onde passou.

O Rei Maximiliano José, que desde 1815 se mostrára deseioso de enviar uma expedição scientifica ao interior da America do Sul, por prever com o seu alto descortino os grandes proventos que della adviriam para a humanidade, aproveitou o ensejo do casamento da archiduquesa austriaca, Carolina Jos. Leopoldina com o Principe portuguez D. Pedro I, depois Imperador do Brasil, para realizar o seu projecto da expedição scientifica.

O Rei da Baviera obteve da Côrte de Vienna permissão para que alguns membros da Academia acompanhassem a Augusta Noiva ao Brasil.

Spix e Martius tiveram ordem de seguir para Vienna, de lá para Trieste e depois para o Rio de Janeiro.

Multiplos foram os assumptos scientificos de que, por ordem da Academia, deviam se occupar no Brasil: Mineralogia, Geogenia em geral, relações geognosticas das formações das montanhas, riqueza mineralogica, extensão e declinação, pesquisas sobre ouro, diamante e outras pedras preciosas; no dominio da Physica, declinação e inclinação da agulha magnetica e sua variação diaria, phenomenos electricos nos diversos grãos de latitude e longitude; transparencia, côr, phosphorescencia, temperatura e salinidade da

agua do mar em differentes regiões e profundidades, temperatura atmospherica, o phenomeno da *Fata Morgana*, temperatura média e differenças climatericas nos diversos lugares do continente, oscillação periodica do barometro, elevação das terras, vestigios de recuo e de invasão do mar no litoral, correntes marinhas, etc.

Mas, toda esta tarefa era apenas accrescimo á principal incumbencia que lhes foi commettida pela Academia, de estudar o que dizia respeito á zoologia, ao mundo das plantas tropicaes e tudo o que com elle se relacionasse: plantas medicinaes, industriaes, etc.

Por fim não se esqueceu a Secção de Historia e Philologia philosophica da mesma Academia de recommendar-lhe o estudo das linguas, da nacionalidade, das tradições mysticas e historicas, monumentos antigos e modernos, inscrições, moedas, idolos e, especialmente, aquelles que podessem esclarecer o estado de cultura e a historia dos aborigenes, como dos primitivos incolas do Brasil.

Munidos de livros necessarios, instrumentos, pharmacia portatil e mais petrechos de viagem, dirigiram-se Martius e Spix para Trieste, tendo deixado Munich a 6 de Fevereiro de 1817.

Em Vienna conheceu Martius os naturalistas Mikan, Pohl, Natterer, Ender, Buchberger e o jardineiro imperial Schott, que faziam parte da commissão scientifica enviada pela Austria.

Deixaram todos, o porto de Trieste a 10 de Abril nas fragatas *Austria* e *Augusta*.

No segundo dia de viagem foram surpreendidos por grande temporal, que os ameaçou de naufragio, ficando a fragata *Augusta* bastante avariada.

Tendo a fragata *Austria* soffrido menos, foi obrigada a continuar a viagem até Gibraltar, depois de haver passado por alguns reparos em Pola.

A 15 de Junho appareceu, pela vez primeira, aos olhares de Martius, extasiando-lhe o espirito — a esplendida constellação do hemispherio sul — *O Cruzeiro* — o symbolo da paz, o brilhante ponteiro da pendula da eternidade a marcar as horas da noite, gravadas na vasta e scintillante cupola do firmamento.

A' proporção que se encaminhava para o sul, dirigia aos astros do hemispherio norte, á estrella Polar, que desappa-

recia no horizonte, embuçada em seu véo de nuvens, um olhar de saudades e de gratas recordações da Patria.

A 14 de Julho chegou ao Rio, onde se demorou alguns meses, seguindo depois para S. Paulo, a 8 de Dezembro.

Visitou Ipanema, classificou e estudou o valor therapeutico de algumas plantas — Contra-herva *Dorstenia brasiliensis* — Coração de Jesus *Mikania officinalis*; seguiu para Minas Geraes, estudou o aspecto geologico da Provincia, foi a Villa Rica, occupou-se, minuciosamente, do estudo da mineração do diamante e da zona diamantifera.

Seguiu para Minas Novas, Contendas, onde fez caçadas, dirigindo-se depois para o S. Francisco.

Visitou a Lagôa dos Passaros, onde em verdadeiros enlevos de admiração, contemplou maravilhado os bandos de pernaltas côr de rosa, gaivotas, garças e marrecas, dispostas em fileiras militares.

No seio dessas aguas placidas e dormentes occultava-se um outro mundo de sêres asquerosos, hiantes jacarés, vorazes piranhas, que lhe fizeram recordar os sublimes versos do incomparavel Dante:

“Che sotto l’acqua ha gente que sospira  
E fanno pullular quest’acqua al summo”

Demorou-se alguns dias na região do S. Francisco, foi a Carinhanha, aos limites da Provincia de Goyaz, voltou a Malhada, de onde partiu com destino á Capital da Bahia, ahi chegando a 10 de Novembro de 1818.

Pela traducção pallida que fizemos poderá o leitor ajuizar do que escreveu von Martius sobre a Bahia de 1818 a 1819.

Atravessando o S. Francisco no Registo de Joazeiro deixou o sabio viajante o territorio bahiano, atravessou uma parte da Provincia de Pernambuco, deixando de visitar sua Capital por causa dos movimentos politicos.

Seguiu para Oeiras, no Piauhy, e dahi para S. Luiz, passando por Caxias.

Demorou-se no Maranhão e viajou por mar até a Capital da Provincia do Grão-Pará.

Demorou-se no Amazonas, onde recolheu thesouros inestimaveis de observações.

Os dois naturalistas Spix e Martius fretaram um navio de três mastros “Nova Amazona” para transporta-los á Eu-

ropa; partiram a 13 de Junho de 1820, depois de se terem despedido de seus muitos amigos.

O sequito que os acompanhou se compunha de dois navios de três mastros, dois brigues e uma escuna armada, que o governo offerecera para escolta-los.

Não mencionando o material ethnographico, o gabinete da Academia de Sciencias de Munich recebeu: 85 especies de mammiferos, 350 de aves, 130 de amphibios, 116 de peixes, 2700 especies de insectos, 80 de arachnideos, outro tanto de crustaceos.

Só o material de botanica orçava por 6500 especies de plantas.

Do excellente e raro livro do Dr. Hugo Schramm — C. F. Ph. von Martius. — Seine Leben und Characterbild, traduzi a seguinte carta reveladora das superiores qualidades de seu nobre espirito. Nessa missiva se refere o sabio bavaro ao naufragio de que foi victima no Rio Amazonas, perto de Santarém; ao modo pelo qual foi milagrosamente salvo e externa os piedosos sentimentos philanthropicos pela infeliz raça dos selvicolas amerindios.

Enriquecendo esta obra de dous valiosos *clichés* do exvoto existente na Cathedral de Santarém — Pará, agradeço a Rvmo. Fr. Rogerino Voges, O. F. M., que tão amavelmente satisfiz este meu desejo, remetendo-me copias photographicas.

Hugo Schramm antes de transcrever a referida carta precedeu-a destas palavras:

“Todas as cartas seguintes, em parte, apenas publicadas em excerpts, foram por Martius dirigidas ao Snr. J. J. Sturz, Consul Geral brasileiro, e, tanto mais aprecio poder publica-las, quanto não somente dão a conhecer as relações do fallecido com o Brasil, e o seu vivo desejo, identico ao de Sturz, de vê-lo *trilhar a estrada do progresso intellectual* e material, mas tambem podem contribuir para dar uma satisfação, embora mui tardia, ao amigo de Martius, curvado sob peso de mallogros sem fim.

Sturz está, hoje, a terminar sua vida, cuja total energia, embora não tivesse outro mandato que não o da viva iniciativa individual, fôra e ainda é consagrada aos interesses do Brasil e da Nação allemã, com a maior fidelidade e desinteresse, quasi como que hostilizando seu proprio bem estar. E,

todavia, elle que fôra mal comprehendido em suas intenções, até calumniado e guerreado, de modo mais vil, por muitos patricios allemães, não recebeu por todos os seus immensos sacrificios, (estes montam, fôra as privações dos ultimos 11 annos, passados entre cuidados e inquietações com sua pobre familia, pois que esses não se podem avaliar em moeda, pelo menos, a 32.500 thalers, cerca de 180 contos actualmente) outro consolo que o de sua consciencia tranquillã. Oxalã, as seguintes cartas, como que vozes do sepulcro, às quaes poderiam, a respeito, se ajuntar grande numero de certas outras de reconhecimento de autoridades ainda vivas, produzam o desejado effeito, tanto no Brasil, quanto na Allemanha. Entretanto, Sturz, mesmo depois de demittido do serviço publico do Brasil, suspendera, aos poucos, a correspondencia com Martius, em attenção às relações deste com o governo brasileiro.

Meu carissimo amigo!

Tendo que responder a varias noticias interessantissimas devo começar minha carta com os meus sinceros agradecimentos. Tudo o que o Snr. me relatou de referencia á colonização, não cahiu em terreno safaro e, de minha parte, farei o mais que puder para auxiliar os seus planos. Assim, pois, esperemos antes de tudo, que se apresente uma razão accetivel para, publicamente, tratar a questão da colonização. Logo que isto se der, não demorarei e empregarei todos os meios.

Entretanto, tenho reunido grande copia de apontamentos a respeito das razões pelas quaes os camponeses allemães se vêem obrigados a emigrar.

A elevação dos impostos indirectos, principalmente, dos municipaes, a carencia de livre movimento em todas as condições ruraes e a sempre crescente redução dos bens de raiz são os motivos mais essenciaes que determinam a emigração dos nossos camponios. Accresce a isso que, as cartas dos que precedem, energicamente convidam a segui-los e tambem a pressão dos direitos senhoriaes correspondem, cada vez menos, ao espirito do seculo e desperta certa animosidade.

De referencia às tristes consequencias da emigração para a America do Norte, relativas aos interesses dynasticos e monarchicos da Allemanha, somos bem da mesma opinião, o que tambem nos ha de estimular para uma acção conjuncta.

Portanto, apenas espero mais communições do Senhor, afim de encetar o que convem.

Foram-me bastante interessantes suas communições a respeito do apparecimento de diamantes em Sincorá. A phisionomia daquella região me fizera tanto recordar a do districto dos diamantes que, desde então externava ao Snr. da Camara a minha suspeita, que ahi deviam ser encontrados diamantes.

Publicarei nos "*Gelehrten Anzeigen*", uma noticia, a respeito. Ultimamente se realizou o meu, de ha muito, vivo desejo de dar á pobre e abandonada raça dos indios, um documento real do meu interesse.

Aqui mandei fundir em ferro e doirar um Christo crucificado, de tamanho natural, para o qual serviu de modelo uma esculptura de *Albrecht Durer* e despachei-o para Hamburgo, donde será remettido para o Pará, ao bispo de lá, com o pedido de o mandar collocar na igreja de Santarém, junto com o quadro commemorativo annexo.

A obra sahiu excellente e a contemplei com profunda emoção, pensando no modo pelo qual, só por um verdadeiro milagre, fui salvo do Rio Amazonas, perto daquella cidade.

Se a contemplação daquelle Crucifixo, em alguns devotos, despertar uma piedosa commoção, terei, tambem eu, feito alguma coisa pela infeliz raça americana, á qual sinto nada mais poder dedicar, a não serem votos piedosos. A' proporção que envelheço é sempre mais intenso o meu interesse por aquella raça abandonada.

A isto se liga uma longa serie de considerações philosophicas e religiosas das quaes o começo é doloroso e o epilogo consolador.

Entretanto, são estas cousas da vida intima, sobre as quaes não posso falar a todo mundo, tão sinceramente, como ao meu nobre amigo Sturz, entusiasta por tudo que diz respeito ao bem da humanidade.

Assim, tambem peço de não dizer, a ninguem, cousa alguma deste assumpto.

Em vista da insensata confusão de idéas, teria, ao contrario disso, talvez necessidade de defender o meu genuino protestantismo, que é inteiramente christão. Pois, entre catholicos e protestantes, ha muitos que não sabem como se pode desenvolver no cerebro e no coração de um naturalista, a idéa do Salvador do mundo, a ponto de ser a base de sua

existencia espiritual; e a isto se chama a philosophia do seculo XIX...

Aqui temos novo ministro da justiça e ainda se fala de mais outras mudanças, entretanto, até agora sem autoridade.

Logo que souber de alguma cousa que possa ter influencia immediata sobre os seus interesses, não deixarei de lhe participar.

Agora ainda tenho um pedido.

Em 7 de Janeiro de 1845, a Academia remetteu uma caixinha com o atlas topographico da Baviera á legação dos Estados Unidos da America do Norte, em Berlim, aos cuidados do Snr. Fay, *Chargé d'affaires*, e escrevi ao Snr. Wheaton ser esse um exemplar de permuta, destinado ao Departamento Topographico, sob a direcção do Coronel Abert, em Washington, em retribuição do que, a Academia esperava mapps de lá.

De Berlim, porém, jamais obtive aviso, e, cartas norte-americanas ainda não accusaram a chegada da caixa.

Como o caro amigo, sem duvida, tem relações com o Embaixador norte-americano, peço muito encarecidamente se informar deste negocio e opportunamente me dar noticia.

Se, nesta occasião, a favor da nossa Academia, puder fazer sentir que alto apreço ligámos ás publicações de estatística, etc., lá publicadas pelo governo, muito me obrigará.

O Conego Barbosa tambem solicitou por meu intermedio ser membro correspondente daqui e, talvez, o seu actual silencio se baseie nisto, e eu ainda não pude fazer passar a minha proposta, embora bastante conveniente.

Só recebi o primeiro fasciculo das Memorias do Instituto e tambem me faltam as continuções regulares da Revista Trimensal, possuindo-as, apenas, até o numero 21, Abril de 1844.

Se, opportunamente, me puder fornecer as continuções, lhe ficarei muito penhorado.

Peço recommendar-me, cordialmente, á Exma. Esposa, e ao Snr. Visconde de Abrantes.

Tambem me permitto de confiar ao seu cuidado de amigo, uma carta para o Dr. Lallemand. Toda a minha familia lhe cumprimenta com muita amizade.

Schwanthaler espera, sempre, a promessa em questão. Abraço-lhe em espirito.

Seu amigo muito grato e affectuoso,

MARTIUS

Munich, 30 de Maio de 1846.

\* \* \*

Terminando estas notas, sinto-me satisfeito por ter corrido, como brasileiro e na medida de minhas exiguas forças, para amortizar a divida de gratidão do Brasil á excelsa memoria daquelle grande vulto — Carl Friederich Philipp von Martius. — N. T. — Pirajá da Silva.

## OPINIÕES A RESPEITO DESTES LIVROS

“ATRAVÉS DA BAHIA” e *Através da sciencia*.  
— Entre von Martius e o Dr. Pirajá da  
Silva. — (Do *Diario da Bahia*, de 27 de  
Setembro de 1916).

Já era tempo de uma reparação á tremenda injustiça do olvido. Um sabio bahiano resgata, no carinho dessa ternura infinita do homem de sciencia pelo genio da sciencia, a divida immensa de gratidão da Bahia á memoria de Von Martius. Felizes os que podem sentir senão comprehender esse goso moral intenso, tanta vez commovente, em que a alma do sabio se refina, nos seus mais apurados estremecimentos, até a ficção do convivio intimo dentre os que desapparecem, no culto do homem pelo homem, alongando-se através de todos os tempos e distancias.

Von Martius merece esse culto e a ternura desse carinho.

Nenhum brasileiro pode recusar-lhe ao architecto ousado dessa obra colossal que se chama a “Flora Brasiliensis” trabalho por certo estupendo, “assombrosa maravilha da mentalidade humana”, na phrase do Dr. Pirajá e com a qual, no dizer do eminente sabio bahiano, o sabio bavaro erigiu monumento perenne ao nosso paiz, “onde viveu por algum tempo e sempre encantado e fanatizado pelas grandiosidades do Brasil, por elle amado como sua segunda patria”.

A lembrança do Dr. Pirajá, vertendo para a nossa lingua, em traducção elegante, a obra de Von Spix e Von Martius, na parte referente á Bahia, para figurar no 5.º Congresso Geographico, não podia ser mais feliz nem mais oportuna. Melhor serviço lhe não fôra dado prestar, neste momento, ás letras patrias e á Bahia principalmente, arrancando do olvido esse trabalho notavel, entre nós geralmente ignorado, até mesmo no seio das classes mais cultas, por não ter sido trasladado a "linguas mais accessiveis ao nosso meio", como explica o Dr. Theodoro Sampaio. Martius tambem notára, desde aquelle tempo, a influencia já preponderante da literatura franceza e ingleza sobre nós. Em Coimbra e Edimburgo é que se treinava a nossa mocidade colonial. Antes tivera escripto, como fez a "Flora Brasiliensis", na mesma lingua, em que Tacito immortalizou a sua patria germanica sob Trajano.

Em 1817, a Bahia folheava Thucydide no original e se recrcava com as recitações das onomatopéas latinas de Virgilio. Tinha philosophos como Ferreira França e sabios como Cayru'.

Um dia, porém, Martius teria o accesso triumphante que, no seio das nossas letras, outro sabio lhe acaba de dar, recommendado pelo prefacio de Theodoro Sampaio e affectiva revisão de outro cientista da nomeada de Oscar Freire.

Repona nessa lembrança a gloria de um grande serviço prestado pelo Dr. Pirajá, de envolta á circumstancia, verdadeiramente emocionante, que o facto desperta, de vel-o trazer a Martius redivivo e immortal, depois de quasi um seculo de esquecimento, ao primeiro Congresso Geographico que se reúne na Bahia e, talvez, em um daquelles mesmos sitios, cheios de esplendor e claridade em que, dentre almêdas perfumadas das laranjeiras e "densas cercas apara-das de pitanga", que ornavam então os nossos pomares, "on-

de não havia falta de frutos, de todas as especies”, pomos sazonados sob as benções do calor dos tropicos, o olhar do scientista se confundiu na sensação de deslumbramento da alma do poeta, que pairou absorta e extasiada por sobre os nossos panoramas. Martius tinha, de facto, tambem uma alma de poeta. Penetra as nossas selvas e rompe os nossos sertões sem esquecer a Pindaro, no original grego, ao avistar “o magestoso S. Francisco”. Ora falla em Shakespeare, Schiller, Racine e Calderon de La Barca, ora em Dante e Tasso, bons camaradas da sua bagagem classica que certamente lhe mitigavam as agruras da jornada.

O Congresso Geographico, dentre os seus fecundos resultados, teve mais este: a elle compareceu tambem Martius, “Através da Bahia”, conduzido pela inspiração do talento que o transplantou do seu monumento da lingua de Goethe para o bronze da lingua de Camões. E, nesse certamen scientifico, coroado no exito da sua magnitude, nenhuma memoria á notabilissima obra do sabio se sobrepoz. Ninguem disse mais sobre a Bahia.

Lede esse livro attrahente e em cujas paginas se sente ainda esse perfume da terra virgem do Brasil, livro cheio de interesse e que se desfolha nos mais encantadores flagrantes e instantaneos da nossa natureza e dos nossos costumes, nas duas primeiras decadas do seculo passado, e verificareis essa verdade.

A Bahia ahi se depara luxuosa, no relevo immutavel dos seus aspectos e encantos e nas condições do seu meio physico social e economico. A natureza e o homem; o homem selvagem e o homem civilizado, geographia physica e geographia humana, politica e economica, eis ahi, nas suas linhas geraes de observação scientifica, a obra de Martius. Foi como surgiu elle no actual Congresso de Geographia, coberto ainda da poeira do massiço das nossas rochas e da humidade das nossas matas.

Ahi se perfilam, no ceu azulado da nossa terra, as suas serras e montanhas, marulham as suas cachoeiras e cascatas, farfalham as suas folhas, sopram as suas brizas, deslizam os nossos rios; a vida trepida por toda a parte.

O martello do geologo bate, de instante a instante, sobre o granito e sobre o quartzo; esmaga crystaes, desagrega aqui a pirite, pulverisa ali o gneiss, adiante porphyro, basalto, diorite e não cessa nunca; através das cumiadas, das planicies, dos valles, das grotas e dos chapadões, por entre argilas, ocas e schistos; cáe sobre todos os stratos, fende todas as camadas; de vez em quando tritura marmores e alabastro e o olhar do sabio tudo devassa.

O ouro, o cobre, o manganez, o nickel e as gemas mais preciosas das entranhas da nossa terra, jazidas mineraes de toda a especie, desde as formações carboniferas, brilham e reluzem deante dos seus olhos.

Classifica todas as formações por onde passa; desenterra fosseis, verifica identidades geologicas, formula hypotheses, descreve rios, encadeia serras e montanhas, mede altitudes e profundidades, faz observações meteorologicas, anota climas e temperaturas.

A travessia de Martius pelos nossos sertões desperta e aguça viva curiosidade, absorve, empolga. A todo o momento ocorre uma surpresa, se experimenta uma emoção. Elle a communica e faz a quem o lê companheiro de jornada que de logo, se familiarisa com os seus processos e methodos de saber ver e penetrar. E' como investigamos com elle a origem do enorme bloco de 2.616 libras de cobre, encontrado nas formações graniticas de Cachoeira; e, mais tarde, nas catingas de Monte Santo, muito antes de exame, uma observação geral da zona, sem alterações em consequencia de catastrophes neptunianas, "os contornos arredondados e uniformes dos morros, a regular alternativa das collinas, montes e valles, a falta de vestigio de vulcões ex-

tinctos, a extractificação imperturbada das camadas geológicas, já nos auctorisa a concluir com elle sobre a natureza extranha ao local do meteoritho do Bendegó.

Nada escapa ao sabio. Não lhe passam despercebidas as diversidades climaticas, botanicas e geologicas das regiões visitadas.

Percorre matas virgens, intactas, do Almada e do Cachoeiras, no sul da Bahia colonial e tala catingas, taboleiros e carrascos nas zonas do interior.

Aqui, dentro do seu envoltorio atmosferico, saturado de vapores d'agua, os gigantes florestaes se erguem e lutam contra a propria uberidade nativa e a "desordenada força creadora", projectando "ramificações da *sapopema*, que se irradiam dos troncos, para apoio cada vez maior do seu immenso peso", assentando-se "sobre *verdadeiras* pyramides, profundamente sulcadas" ou mechanicamente predispostas, que lhes forma o embasamento de estabilidade e resistencia.

Ali é a flora despida nos estios, lutando contra a natureza sobre um solo arido, desnudado, ás vezes, de todo o humus, até á rocha primitiva, de formação plana, expessa e solida, favorecendo a rapida fluencia das aguas e desfavorecendo os factores biologicos de fermentação e decomposição das materias organicas.

Por ahi, nesse meio em que as rochas desafiam á acção mechanica e chimica da transformação da crosta da terra, as especies se enrijam na luta pela vida, segregando resinas e latex, umas, outras como as cactaceas se abastecem das proprias reservas de humidade, passa o sabio encontrando as relações existentes entre o solo, o clima e a vegetação com uma maestria e profundeza dignas de nota.

Os nossos rios caracteristicos dessa região, as variedades das nossas catingas, do carrasco aos geraes e serrados compactos; as migrações da fauna, as enchentes subitas e

o reverdecimento repentino da flora, secca, queimada e morta nos seus aspectos, são quadros e mutações de "encantamento", que estimulam a curiosidade á pesquisa do sabio.

"Os horrores da secca" lhe não impedem a travessia; marcha impavido como um batalhador da sciencia, avido do conhecimento dessa natureza phantastica, vária e tumultuaria nos seus contrastes.

Em Ilhéos, por entre esbeltas hastes de *heliconias* que pompeiam suas bainhas purpureas côr de braza; espessos ramos de mimosaceas de folhas pennadas, oscillando a panicula unilateral do ubá, lianas que se enroscam por entre os alvos troncos das umbaúbas, em espessos tapetes ou pendem em grinaldas formando pontes penseis nas enseadas dos rios; o vemos, arrastando a canôa que o transporta "por sobre rochedos ponteagudos de granito".

Depois, regressando a pé, ao longo da costa, até esta Capital, de onde a sua vista "se espraia por sobre grupos de verdes ilhas da formosa enseada ou repousa, com saudade, sobre a superficie azulada e immensa do oceano, que o sol poente recama de scintillantes irisações".

A descripção feita daquella zona se enfeixa num quadro grandioso e colorido, de belleza e verdade scientifica do scenario, desde o primeiro plano, entre a madrépora e os bancos de coral do recorte da costa.

O poder de observação do sabio galga intensidades maximas. Elle é, além de naturalista, antropologo, historiadore, philologo e tem envergadura de estadista. E' através desse golpe multiplo de vista que estereotypa a Bahia colonial. Pode-se assim imaginar a importancia do trabalho notavel que é a viagem de Martius entre nós.

As nossas antigas fazendas e povoações, das cidades e villas de hoje, surgem nesta obra numa frescura primitiva adoravel e encantadora daquelles tempos.

A pesca, a lavoura, as industrias e o commercio; navegação, estradas geraes, governo, religiões, raças, população,

milicia e fortificações diversas, instrução, architectura, letras e artes; ideaes e aspirações, politica e partidos, o nosso *folk-lore*, tudo se esbate no conjunto das projecções do scientista.

Sente-se, na descripção de Martius, a sensação longinqua da elaboração vertiginosa de uma grande civilização que se desdobra deante dos nossos olhos. Ao mesmo tempo, nessa distancia de quasi um seculo, o sentimento de um estagio, de um descanso, de uma parada dessa vertigem de marcha que a mudança da capital da metropole colonial teria fatalmente de operar no impulso do grande desenvolvimento inicial da terra do Salvador, pela dispersão consequente do braço, da intelligencia e do capital, forças e energias da sua grandeza.

E' uma pagina extraordinaria da nossa historia esse livro inteiramente novo para nós, que surge como um inédito, como que escripto para ser lido um seculo depois, retirado á poeira das bibliothecas, como um filão precioso dentro de uma montanha.

Martius esteve na Bahia 5 annos depois de inaugurado o nosso Theatro S. João, então o unico das duas Americas. Já inaugurada, desde 1811, encontrou uma bibliotheca com 12 mil volumes. A nossa cathedral era o mais nobre edificio de architectura do Brasil, onde o grande sabio vê ricas decorações e quadros de valor, dos mestres hespanhóes. Admira-se da nossa Bolsa de Commercio, com asseio europeu e sala artisticamente preparada. Menciona as Docas reaes, providas de todo o necessario para equipar e armar, em pouco tempo, diversos navios de guerra, depois a fabricação da polvora para a armada nacional.

Martius se deixou então fascinar do nosso progresso e interessa-se, com profunda sympathia, pelo nosso futuro.

E' assombrosa a minucia com que detalha todas as nossas culturas, desde os cereaes até o algodão, o cacau, a

canna de assucar, o café, o fumo, fructas e outras, particularizando terrenos, modos de trabalho, rendimento, produção, preço e exportação. Faz mais do que tudo isso: organiza estatística. Arrola 511 engenhos com uma produção commercial de 30.000 caixas de assucar e uma exportação, em 1807, de 1.200.000 arrobas, cerca de 27.000 caixas e, em 1818, de 29.575.

A exportação do algodão se elevava a 40.000 balas, o fumo a 20.000 quintaes, o arroz de Ilheus a 12.000. A exportação de couros curtidos e salgados variava entre 14 a 30.000 pelles; a cachaça de 10 a 11.000 pipas, a do café, limitada a poucos districtos, subia a 12.000 arrobas.

Calculando o valor total da exportação em 1.300.000 florins; comparando esta somma com o valor da safra, mostra então Martius que ella prova a riqueza da Bahia, e acrescenta que poucas praças existem com tão ricas e grandes casas commerciaes. Em seguida, assignala o facto de muitas destas guardarem, segundo os costumes, um thesouro de 400 a 500.000 cruzados em especie, "retirados á circulação" e pondera que "a Bahia era sem duvida a praça commercial mais activa de todo o Brasil".

A meio dessa situação geral de prosperidade, de uma affirmação economica indisputavel, é que Martius como homem de sciencia e como sociologo, nos julga, tomando para base de apreciação o criterio seguro da lei do progresso, deixando no "precioso escritorio" da sua obra, dados e observações de valia inestimavel que reune ao estudo das formações ainda estuantes do esboço definitivo da vida nacional.

Elle vê a nossa sociedade de então através dos mesmos processos do geologo e do botanico.

Vae a todas as camadas sociaes, desde o escravo até o senhor. Faz a anatomia do organismo colonial e lhe estuda as funcções, como physiologista e como psychologo.

Em visita á Igreja da Conceição da Praia, sem estylo puro, mas de *fachada grandiosa*, extranha ver a Leda com o seu cysne junto ao retrato de um marechal.

Em uma bibliotheca em Ilhéos descobre Tasso e Dante. Frequenta o nosso Theatro e nota que o clima é por demais quente para assumptos tragicos, explicando a preferencia do nortista pelas representações alegres da comedia humana e fixando sempre ideias nitidas de particularidades e conjuncto.

Depois de presenciar, o que chama o spectaculo da promiscuidade das raças, no alarido das tradicionaes festas do Bomfim, e depois do fastigio sumptuoso das procissões, em uma synthese brilhante de valor descriptivo á Salustio, o philosopho admirado, "*como num espelho magico, vê passarem deante dos seus olhos, representantes de todos os tempos, toda a historia da evolução do genero humano, com as suas mais elevadas idcias, suas lutas, seus gráus de progresso e de decadencia e este spectaculo unico, que mesmo Londres e Paris não podem offerecer, augmenta ainda de interesse, considerando-se o que poderá trazer o quarto seculo para um paiz que, em tres apenas, pôde assimilar todas as orientações e gráus de educação, pelos quaes o genio da humanidade conduziu o velho mundo através de millenios*".

#### SUETONIO AULO

\* \* \*

("A Polytechnica", revista mensal da Escola Polytechnica e do Instituto Polytechnico da Bahia, n. 1, vol. I, Março de 1917).

ATRAVÉS DA BAHIA — *Excerptos da obra "Reise in Brasilien"* — Tradlados a portuguez por dr. Manoel A. Pirajá da Silva

e pelo dr. Paulo Wolf — Imprensa Official do Estado — 1916.

Este livro, de 230 paginas, e feito, em 1916, para ser apresentado, como o foi, ao *Quinto Congresso Brasileiro de Geographia*, é, no que interessa á Bahia, uma traducção, não raro explicada e commentada, da grande obra de VON SPIX e VON MARTIUS, *Reise in Brasilien*, da qual, em decisivo e justo parecer, logo disse o Dr. PIRAJÁ DA SILVA que era "um precioso escriptorio, onde, ha quasi um seculo, se acham guardadas valiosas observações, inestimaveis joias, recolhidas em terras do Brasil por aquelles sabios alle-mães".

Prefacia a interessante obra o DR. THEODORO SAMPAIO, illustre nome brasileiro da lista dos mais activos scientistas, enaltecendo, com o nome mundial de CARLOS FREDERICO PHILIPPE VON MARTIUS, o do seu traductor, o DR. PIRAJÁ DA SILVA, digno, em verdade, pela sua cultura e saber, de todos os louvores:

De VON MARTIUS disse o DR. THEODORO SAMPAIO, entre outras, as seguintes palavras:

"VON MARTIUS que, por campo de suas notabilissimas investigações scientificas, elegeo o nosso Brasil, acabou amando-o tão profundamente, porque tambem tão a fundo o conheceu, como ninguem, que ao serviço inestimavel, que nos prestou, divulgando, encarecendo os thezouros da nossa natureza incomparavel, quiz, na previsão do nosso futuro, traçar-nos a trajetoria que a sua visão das cousas antevia.

Viajou largamente através do nosso paiz e o fez numa epoca (1817-1820) em que a terra virgem, em sua mór parte ainda não devassada pelo cultivador rude, offerecia ao viajante todos os encantos e galas da intacta natureza".

Depois é que refere o DR. SAMPAIO as viagens de VON MARTIUS "pelos sertões da Bahia", accrescentando que "essa parte das suas relações de viagem, que tanto nos interessa, jamais se verteu para o português, ou para lingua mais accessivel ao nosso meio latino".

O illustre SR. DR. PIRAJÁ, elle assim o julga nesse importante trabalho de 1916:

"Esta relação de viagens de VON MARTIUS, traduzida agora, é um bello serviço que o DR. PIRAJÁ DA SILVA presta ás lettras patrias".

O livro traduzido é, em verdade, interessantissimo, qualquer que seja o aspecto por que se o considere, nas suas observações, o de admiravel precisão, ou nos estudos apurados, e rigoroso valor scientifico e indiscutivel utilidade pratica.

A obra comprehende: — *Viagem de Malhada; Estada na Cidade do Salvador; Viagem á Comarca de Ilheus; Viagem pelo sertão da Bahia a Joazeiro, á margem do S. Francisco; Estada em Joazeiro.*

Em cada capítulo abundam as ideias e os conceitos da competencia, servindo aos interesses da verdade, e sente-se nos registos conservados a reconhecida competencia do sabio, que, decifrando e ensinando o segredo das nossas riquezas, "ergueu em sua imperecivel obra um verdadeiro monumento á nossa Patria".

O livro em que, digno um do outro, se ajuntam os nomes de VON MARTIUS e PIRAJÁ DA SILVA, precisa ser lido, senão estudado, por todos os brasileiros que se felicitam de conhecer o que é nosso e sabem prezar a sciencia.

Prof. Eng. ARLINDO FRAGOSO

“Parnamirim, Pernambuco, 28 de Dezembro de 1917.

Muito agradeço a sua delicada e gentil lembrança de mandar-me entregar por seu distincto irmão a tradução por V. S. feita de parte das viagens de Spix e Martius, relativa á Bahia.

Só ultimamente tive noticias dessa publicação que logo solicitei da obsequiosidade de um amigo na Bahia, o Dr. Homero Pires, que a mandou e já tive mesmo occasião de cita-la num artigo.

O exemplar com que V. S. agora me distinguiu tem para mim duplo valor, pela dedicatória.

Felicito V. S. pela sua excellente idéa de traduzir esse repertorio de informações e dados interessantes sobre o nosso paiz.

Pena é que o trabalho não fosse total, isto é, não abrangesse todas as viagens.

O nosso governo devia subsidiar e promover meios para essas traducções.

Pouquissimas pessoas conhecem o allemão e desconhecem, geralmente, obras importantes, como a Historia do Brasil de Handelmann, as Viagens de Spix e Martius e outras muitas do maior valor para os que se dedicam ao estudo das coisas nacionaes.

Desejo a V. S. festas muito felizes e peço creia-me com a maior consideração e apreço.

De V. S.

Att.º, patricio, obr.º, adm.º,

M. DE OLIVEIRA LIMA

\* \* \*

Meu eminente Collega Prof. Pirajá.

Durante o curso lectivo entre a cathedra e a clinica, com as suas exigencias e o seu pesadello, não me sobra um minuto para outros cuidados; mal acaba aquelle começo então a pôr em dia a minha leitura sempre atrasada de outros assumptos e a cumprir deveres não esquecidos.

Por isso só agora vai a expressão do meu reconhecimento á gentileza com que me honrou o meu sabio collega.

Li toda a sua traducção do Martius, porque o grande homem descreveu as cousas com tanta naturalidade (o que mesmo em um naturalista é raro) e tanta sympathia pela nossa terra, que a gente vai sem sentir até o fim.

Já se vê que o vernaculo em que foi vertida é tudo para a attração e esse não o consegue quem quer, mas quem pode.

Parabens sinceros e agradecimento do sempre admirador,

MIGUEL COUTO

55, Marquez de Abrantes, 1.º de Novembro de 1916.

\* \* \*

(Do *Jornal de Noticias*, de 9 de Setembro de 1920).

“ATRAVÉS DA BAHIA” — *Excerptos da obra*  
 “*Reise in Brasilien*” — *Trasladados a portu-  
 guês por Dr. Manoel A. Pirajá da Silva*  
 e Dr. Paulo Wolf. — 1916 — Bahia.

Ha livros que não carecem de datas, se não as da sua publicação, por necessidade rigorosamente chronologica. Porque são livros eternos. E por isso mesmo sempre do dia. A obra de Von Spix e Von Martius é um desses livros que

vencem as idades e as gerações, com o inalteravel frescor das boas idéas e claras concepções. E' uma obra inteiriça de informações sabias, pois nasceu da mentalidade esclarecida de um hospede illustre do Brasil de 1817-1820 e vive ainda através dos tempos na immortalidade das fortes paginas seculares.

Andou, portanto, acertadamente o preclaro espirito de Pirajá da Silva, uma das glorias scientificas do momento intellectual brasileiro, em verter, para o portuguez, o allemão de um livro, que, pelos assumptos e pelos scenarios, pertence de todo em todo á literatura nacional.

Cresce de importancia para nós, a empresa galhardamente levada a exito integral, por incidir nos themes de maior ligação ás coisas e factos da Bahia, o que se denuncia até pelo titulo, significativo, antes do mais, do louvabilissimo intuito patriotico dos sinceros traductores.

"*Através da Bahia*", organizado, em capitulos accessiveis ás intelligencias mais rebeldes ás leituras substanciosas, fixa os typos, costumes, caracteres da fauna, flora, sociedade do litoral e interior do Estado, desde a capital até Carinhanha, e dahi pelos geraes planaltos até as costas do sul, descrevendo o homem, o tempo e o clima, em aquellas condições da civilização incipiente das terras de Santa Cruz.

E' notavel a mostra primeira do movimento libertario nas informações de Von Martius, quando trata dos attritos dos naturaes com os estrangeiros nesta cidade.

E do ponto de vista do progresso religioso e artistico, duas maneiras eloquentes da avaliação mental de um povo que começava a impor-se no conceito dos povos, convem dizer que os registos do livro preciosissimo subministram elementos capazes de um juizo critico respeitante á influencia da Fé e da Arte na formação cultural da Bahia. Vejamos, por uma transcripção rapida, o estado d'alma religiosa, neste passo acerca da Igreja da Conceição da Praia:

“Quando deixamos este edificio (Bolsa) um sacristão, pardo, vestido com uma pequena capa vermelha, convidou-nos, com a insistencia habitual aos mestiços, para assistir á festa da vizinha Igreja de N. Senhora da Conceição. (114) Seguimo-lo através de uma multidão de curiosos e subimos as escadas para o portal desse templo, que está edificado á beira mar. Sem duvida não é de um estylo puro, todavia merece mencionado com distincção entre as igrejas da Bahia por ser grandioso na fachada e construido de pedra de cantaria européa.

Um espectáculo insolito esperava-nos na entrada da igreja; as paredes estavam cobertas de fileiras de gravuras multicores sobre cobre, inglêsas e francêsas, com as quaes se pretendia augmentar, senão a devoção, pelo menos a affluencia dos curiosos. Causou-nos muita extranheza ver ahi: “Leda com o Cysne” junto a um quadro do “Marechal Blücher”; a entrada triumphal dos “Alliados em Paris” junto á “Resurreição do Senhor”; os retratos de um grande monarcha e do seu primeiro ministro ao lado do “Amor e Folia” e uma taverna hollandêsa, copia da obra de Ostade. O publico parece não achar inconveniencia no desarrazoado arranjo e depois de olhar taes gravuras, dirige-se em grupos cerrados para a igreja e para as caixas das esmolas”.

Sobre theatro da epoca, vejamos isto: “No theatro (São João) raramente se reunia uma assembléa proporcional á população do lugar, só nas occasiões de festas se enchem as tres ordens de camarotes do espaçoso edificio, de senho-

---

(114) Da Igreja de N. Senhora da Conceição da Praia, diz Domingos Rebello: “A Matriz de N. Senhora da Conceição, defronte do Arsenal, em hum pequeno largo, é muito grande: magnifica, e de muito valor por ser toda de cantaria européa, tanto por dentro como a face de fóra, edificada em 1623 tem todas as suas alfaias de tóla de ouro; assim os paramentos de celebrar em festividades, como cortinados e colzas de todas as tribunas e coro; e muita prata; tem carneiros para sepulturas de mortos.

Posso affirmar que depois de minuciosa busca que procedi na Igreja da Conceição da Praia, graças á obsequiosidade do seo Rvd. Vigario Sr. Christiano Muller, verifiquei não mais existir nem tradição dos taes quadros a que se refere von Martius. — N. T.

ras e cavalheiros luxuosamente vestidos, e a platéa, com uma multidão variada de homens de todas as cores e classes.

Antes de começar a representação, poderia a apreciação ironica do espectador occupar-se com a pintura do panno de bocca, achando no assumpto da mesma uma allegoria desfavoravel aos bahianos.

Um mulato de gigantesca estatura, empunhando na esquerda o caduceu de Mercurio, está numa attitude de importancia assentado sobre uma caixa de assucar, com a destra estendida, apontando ao espectador admirado a offuscante riqueza de um dourado cofre aberto. A seus pés, algumas creanças, representando os genios, brincam com o globo e os emblemas de Minerva.

Neste theatro trabalham principalmente artistas de côr. Os brancos só raramente em papeis de personagens estrangeiras.

Os sacerdotes e as sacerdotisas das musas, que de Portugal fazem as suas romarias para o templo de Thalia no Rio de Janeiro, são muito bem acolhidos ahí, mas não podem exigir do publico uma seriedade constante. O clima é por demais quente para os assumptos tragicos e, além disto, o nordestista prefere para o seu divertimento ligeiras representações engraçadas e alegres ás grandiosas representações de um Calderon, Shakespeare, Racine ou Schiller. Estes nomes são raramente ouvidos pelo grande publico da Bahia. Costumase representar a traducção de uma comedia ou dramas modernos, francêses ou hespanhoes e depois uma trivial pantomima para divertir a platéa”.

O espaço não comporta considerações que nos suggerem estes dois aspectos da obra de Martius — o religioso e o artistico. Mas ahí ficam a despertar o interesse da leitura, que a excellente traducção do preclaro Professor Dr. Pirajá da Silva proporciona aos amorosos das tradições da Bahia de

antanho. Reputo o seu trabalho simplesmente monumental.

CARLOS CHIACCHIO

\* \* \*

*D'O Estado de S. Paulo*, de 12 de Dezembro de 1916).

*Correio da Manhã* — Entrevistou o Sr. José Bonifacio ácerca do projecto sobre a commemoração do centenario da independencia.

Disse o Deputado mineiro:

“Os poderes federaes têm o dever de providenciar a tal respeito, e certamente nenhum governo, nenhuma situação politica tomará a responsabilidade da indifferença diante da grande data que marca a passagem do centenario da fundação do Brasil como nação livre.

Se taes festejos têm de se effectuar no quatrienio proximo, sob a direcção e as vistas de outro governo, nem por isso devem os directores politicos da actual situação desinteressar-se deste assumpto, de que todo o povo cuidará expandindo-se em manifestações pelo notavel facto”.

Depois de alludir a alguns artigos do seu projecto, o Sr. José Bonifacio refere-se ás obras estrangeiras cuja traducção, em resumo, o governo vae mandar organizar:

“Como você sabe, ha livros de grande valor a respeito do nosso paiz e das suas riquezas, escriptos por Burmeister, o Principe Maximiliano, Johann Pohl e von Martius, que são pouco conhecidos e lidos. Entendi ser conveniente determinar a sua traducção, em resumo, fazendo-se uma publicação official — “A natureza do Brasil” — para ser vendida pelo preço do custo.

Vi, ultimamente, nesse genero, um trabalho de distincto lente da Faculdade de Medicina da Bahia, o Dr. Manuel

Pirajá da Silva; era a traducção do von Martius, "Viagens no Brasil", mas só com relação ao Estado da Bahia.

O projecto estabelece concurso para a execução de quadros sobre assumptos nacionaes, mencionando a proclamação da Independencia, o periodo do Primeiro Reinado, da Regencia, do Segundo Reinado, as glorias militares e navaes da guerra do Paraguay, allegoria á lei 13 de Maio, á proclamação da Republica e ao Centenario da Independencia.

A cultura artistica pela pintura terá occasião de se revelar consagrando na têla qualquer desses admiraveis assumptos.

Tudo isso importa um valioso estimulo aos nossos artistas, sendo grande serviço ao progresso artistico que ficará mais uma vez patenteado nas obras que forem apresentadas, e na Exposição de arte retrospectiva, pintura, esculptura, gravura, moveis, architectura, musica, que será inaugurada com a Exposição Geral de Bellas Artes a 7 de Setembro de 1922.

— No projecto dispôs V. Ex. igualmente sobre dois monumentos?

— Consta do art. 8.º e ahi se estabelece que será annunciado concurso aqui e no estrangeiro para a erecção dos dois monumentos: um consagrado ao Imperio e outro á fundação da Republica destinado ao Pantheon Brasileiro

Considero que o Brasil deve bastante ao Imperio, embora deva muito mais á Republica, sob cujo dominio os surtos do seu progresso têm sido maiores e mais brilhantes.

O monumento de homenagem ao Imperio impõe-se pela justiça e nelle devem ser collocados os despojos dos ex-imperadores.

O monumento á Republica, destinado ao Pantheon, será o sepulcro dos nossos grandes homens, acompanhando-se o que têm feito outros paizes cultos. A França tem o seu Pantheon onde se lê esta inscripção: "Aos seus grandes

homens, a Patria agradecida." Desde 1885, depois dos funeraes imponentes, elle encerra os restos de Victor Hugo; guardava já os de Voltaire, Marechal Lannes, Lazare Carnot, Berthelot, Emile Zola, Sadi Carnot e outros notaveis filhos dessa gloriosa nação.

A Inglaterra tem em Westminster o tumulo dos seus estadistas e a Allemanha, na Collina de Brenberg, deposita os gloriosos germanicos, prestando-lhes culto devotado e incessante.

Num desses monumentos disse eu que serão guardados os restos mortaes dos ex-imperadores, porque noutro artigo o projecto determina a trasladação dos cadaveres de D. Pedro de Alcantara e sua esposa D. Thereza Christina. No Brasil hoje em dia toda a opinião publica reclama essa homenagem; as corporações e os congressos scientificos, diversas municipalidades, a imprensa dos varios Estados, todos se têm manifestado em favor desse acto de justiça, satisfazendo os desejos, sempre expressos, dos ex-imperantes. O proprio Congresso já uma vez incluiu autorização ao Poder Executivo para fazer essa trasladação.

— "V. Ex. alludiu em seu trabalho, como uma das fórmas de commemoração, a ensino primario obrigatorio".

— Já é tempo de se tornar obrigatorio o ensino primario; por isso e como um meio de reduzir o numero de analphabetos, em caminho para sua completa extincção, inclui o dispositivo que autoriza o governo federal a entender-se com o dos Estados, para que estes votem a obrigatoriedade da instrucção primaria. Sei que não será facil a obtenção destas medidas, sobretudo porque ha Estados que desejam garantir até a "*liberdade de defender a ignorancia*"; mas dia virá em que esses mesmos se convencerão da necessidade de reagir contra o analphabetismo pela imposição da frequencia á escola.

Acaso esses Estados não punirão o pae que maltrata physicamente os filhos e os castiga deshumanamente?

Se os punem em tal caso, deverão reprehendel-os e punil-os quando maltratam moralmente os filhos, afastando-os das escolas que os poderes publicos dão gratuitamente.

A obrigatoriedade escolar não offende principio algum republicano, nem infringe preceito algum da Constituição. Paizes de fórmula politica igual á do nosso já a estabeleceram ha muitos annos.

Na Republica norte-americana mais de 30 Estados votaram e respeitam a lei da obrigatoriedade do ensino. O que domina nesse paiz, expresso em dispositivo legal, é o pensamento de um superintendente escolar de Connecticut: "O pae que para tirar proveito dos filhos os priva da instrucção, commette um crime que a lei penal deve reprimir. Elle zomba de seus filhos privando-os dos meios de se desenvolverem, e zomba do Estado, privando-o outrosim da força, da riqueza e da garantia que só resultam do cidadão intelligente, virtuoso e instruido".

Sou francamente pela obrigatoriedade do ensino primario e fazendo-lhe tal declaração recordarei, para terminar esta palestra, o seguinte conceito do Sr. Ruy Barbosa: "Discutir hoje a legitimidade juridica da instrucção obrigatoria seria já uma lucubração méramente didactica. Esse principio está hoje victorioso, por assim dizer, em toda a superficie do Universo civilizado e, segundo a mais irrefragavel das induções experimentaes, não ha possibilidade de instrucção popular sem a sancção da coercitividade legal".

\* \* \*

JOHN C. BRANNER.  
President Emeritus

Stanford University, California, May 6, 1919,  
Illm.º Sr. Dr. Pirajá da Silva, Areal de Cima n.º 23,  
Bahia, Brasil.

Recebi a sua estimada carta de 2 de Abril a respeito de certas publicações nossas. Sinto dizer que a edição de algumas já está esgotada, mas daquellas de que ainda restam exemplares mando uma collecção, hoje, pelo correio, com os meus cumprimentos respeitosos.

O artigo sobre a geologia de Sergipe foi traduzido para a lingua portugueza por Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles e publicado em Aracajú por Laudelino Freire no anno de 1899.

De 1915 para cá não publiquei muito porque andei muito occupado com os deveres administrativos da presidencia da universidade, com o trabalho sobre o mappa geologico do Brasil, e com os transtornos da guerra na Europa.

Chegou e agradeço tambem o livro "Através da Bahia". E' uma obra importante e bem feita. Tenho admirado muito que as viagens de Spix e Martius não fossem melhor conhecidas no Brasil. E' um serviço precioso que tem feito. As notas infra-paginas tambem são preciosas.

Acho muito engraçada a historia do accento tonico por nosso amigo Sampaio á pagina 207. A pagina 193 acha-se uma nota sobre o esqueleto do *Megatherium* no Museu Nacional. E' verdade que dizem no museu que o tal esqueleto foi encontrado em Jacobina, mas é erro. Veio de uma fazenda chamada Catinga do Moura, que fica ao oeste da Serra do Tombador, e uns quarenta kilometros a oeste de Jacobina.

Agradecendo de novo o livro, e com lembranças ao amigo Sampaio.

Am.º e Cr.º

J. C. BRANNER

UNIVERSIDADE DO BRASIL  
BIBLIOTECA

*\* Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Graphica da «Revista dos Tribunaes», Rua Xavier de Toledo, 72 — S. Paulo, para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 118 — São Paulo, em março de 1938.*